



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Mariana Barbosa Cassiano

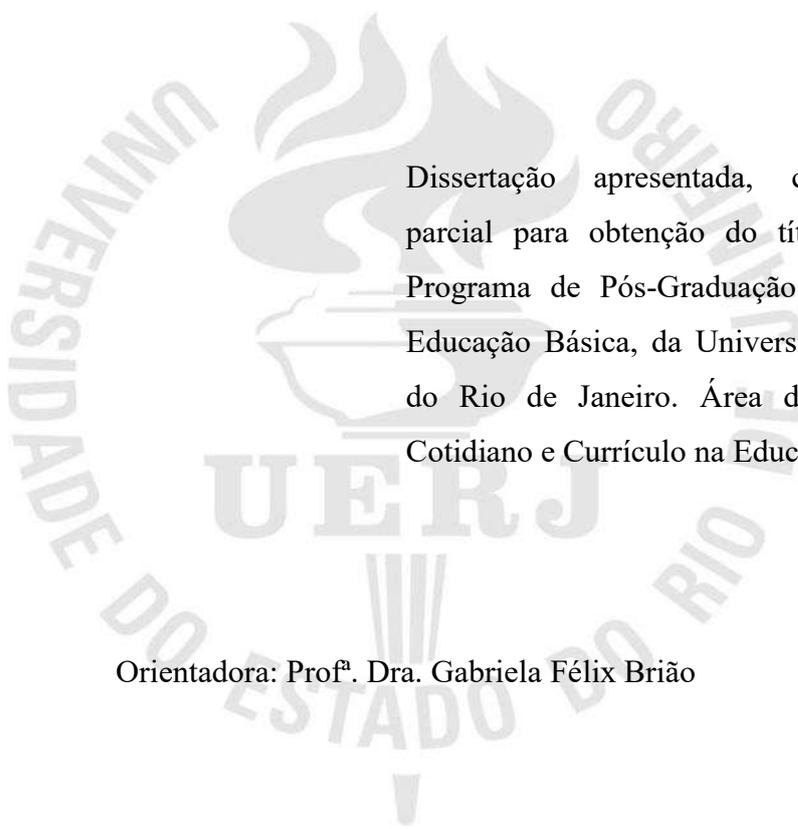
**Movimentos itinerantes em marcha: justiça social e matemáticas menores
na Educação de Jovens e Adultos**

Rio de Janeiro

2024

Mariana Barbosa Cassiano

**Movimentos itinerantes em marcha: justiça social e matemáticas menores
na Educação de Jovens e Adultos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidiano e Currículo na Educação Básica.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Gabriela Félix Brião

Rio de Janeiro

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

| | |
|------|---|
| C345 | Cassiano, Mariana Barbosa |
| | Movimentos itinerantes em marcha: justiça social e matemáticas menores na Educação de Jovens e Adultos. / Mariana Barbosa Cassiano - 2024. 257 p. : il. |
| | Orientadora: Gabriela Félix Brião. |
| | Dissertação (Mestrado) - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP/UERJ. |
| | 1. Matemática - Educação e Ensino - Teses. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Justiça Social. I. Brião, Gabriela Félix. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. CAP/ UERJ. III. Título. |
| | CDU 371:51 |

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Barbosa Cassiano

**Movimentos itinerantes em marcha: justiça social e matemáticas menores
na Educação para Jovens e Adultos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidiano e Currículo na Educação Básica.

Aprovada em _____ de _____ de 2024.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Gabriela Félix Brião
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Gabriela dos Santos Barbosa
Universidade do Estado do Rio De Janeiro

Profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio
Universidade Federal de Minas Gerais

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esse texto a todos os invisíveis da sociedade, com suas histórias não contadas, que, ao lutarem por um pedaço de pão, lutam também por dignidade, justiça e por paz.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que, com seu infinito amor, colocou em meu coração o desejo de ser professora e me deu forças para cursar o mestrado e pesquisar sobre um tema tão caro em minha vida e missão enquanto cristã.

Agradeço à minha mãe, que incansavelmente leu meus textos, não só os que aqui deposito. Àquela que, desde sempre, acreditou em mim primeiro, para que eu também pudesse acreditar. Obrigada por seu amor e sua dedicação. Obrigada por ser minha melhor amiga e minha leitora mais entusiasmada.

Ao meu pai, que, mesmo de forma tímida, sempre se mostrou orgulhoso de cada conquista e passo meu dado em favor dos que mais necessitavam. Obrigada por me ensinar sobre gentileza e solidariedade e por me cativar a olhar o mundo através do olhar amoroso de um Deus fraterno e humilde.

Ao meu esposo, Luan, que se aventurou comigo nesses escritos, desde quando éramos ainda namorados, entendendo meu tempo de estudo e escrita, sempre me ajudando no que fosse necessário. Obrigada por sua amizade, seu cuidado e pelos lanches feitos com tanto carinho enquanto eu virava a noite escrevendo.

À Flavia Streva, à Monike Alves e à Andreia Passos, por suas amizades tão imprescindíveis para minha jornada. Obrigada por serem, para mim, a definição de amor dentro do mestrado. Obrigada pelos momentos de desabafo, cansaço, sonhos e alegrias que vivemos juntas ao longo desses dois anos. Essa dissertação é um pedaço de vocês também.

Aos demais colegas de turma e de orientação, por todas as trocas e ensinamentos que realizamos ao longo desses anos.

À minha orientadora, Gabriela Brião, por ser inspiração para todos nós que desejamos um ensino ético, justo e esperançoso. Obrigada por me apresentar temas tão caros, não só à minha pesquisa, mas à minha vida.

À banca, nas pessoas da Profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio, da Profa. Dra. Gabriela dos Santos Barbosa, do Prof. Dr. Jean Felipe de Assis e da Profa. Dra. Josane Geralda Barbosa, pela disponibilidade em ler esta pesquisa e trazer ricas contribuições, desde a qualificação até aqui, sonhando junto conosco com uma educação para a Paz. Muito obrigada.

À Secretaria de Educação de Nilópolis, nas figuras da professora Cláudia e do professor Leandro, que abriram as portas da EJA para que eu pudesse pesquisar, mostrando-se solícitos e entusiasmados com as propostas do que gostaria de construir.

Às diretoras Erika e Nete, bem como a todo o corpo pedagógico da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria, que cederam não só o espaço para que a escola fosse o lócus da pesquisa, mas viveram este estudo em cada momento dele e sonharam junto conosco pelo dia da exposição. Gratidão pela missão de cada um de vocês, desde os diretores aos professores, às merendeiras, aos auxiliares de limpeza, aos inspetores e às secretárias.

Aos estudantes da EJA da escola Vereador Orlando Hungria, sem vocês nada disso seria possível. Obrigada pelos meses que vivemos, pelos sonhos que compartilhamos e pelas trocas que fizemos. Sou uma Mariana muito melhor graças a tudo o que pude aprender com todos vocês, desde aqueles que pude entrevistar àqueles com quem convivi durante a pesquisa de campo.

À professora Monique por ser, simplesmente, a professora Monique e por me ensinar que não existe docência sem afeto e que a educação é um movimento de esperar.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação Básica - PPGEB, do CAP-UERJ, por todo apoio e pela oportunidade de realizar o mestrado e adquirir inúmeros conhecimentos ao longo desta trajetória com exímios docentes.

Às secretárias do PPGEB, pelo auxílio sempre presente nas demandas apresentadas por nós, discentes.

Além disso, agradeço a todos que cruzaram meu caminho e ajudaram a construir o que sou, fortalecendo minha caminhada para a conclusão desse sonho.

A revolução começa agora
Onde o povo fez história
E a escola não contou
Marco dos heróis e heroínas
Das batalhas genuínas
Do desquite do invasor

Naquele 2 de julho, o Sol do triunfar
E os filhos desse chão a guerrear
O sangue do orgulho retinto e servil
Avermelhava as terras do Brasil

Eu vim cobrar igualdade
Quero liberdade de expressão
É a rua pela vida, é a vida do irmão
Baixada em ato de rebelião

Desfila o chumbo da autocracia
A demagogia em setembro a marchar
Aos renegados, barriga vazia
Progresso agracia quem tem pra bancar

Ordem é o mito do descaso
Que desconheço desde os tempos de Cabral
A lida, um canto, o direito
Por aqui o preconceito tem conceito estrutural

Pela mátria soberana, eis povo no poder
São Marias e Joanas, os Brasis que eu quero ver
Deixa Nilópolis cantar
Pela nossa independência, por cultura popular
Deixa Nilópolis cantar
Pela nossa independência, por cultura popular

Ô, abram alas ao cordão dos excluídos
Que vão à luta e matam seus dragões
Além dos carnavais, o samba é que me faz
Subversivo, Beija-Flor das multidões

Brava Gente! O Grito Dos Excluídos No Bicentenário da Independência
G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis (RJ)

RESUMO

CASSIANO, M. B. **Movimentos itinerantes em marcha:** justiça social e matemáticas menores na Educação de Jovens e Adultos. 2024. 257 f. Dissertação (Mestrado de Ensino em Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa de Mestrado Profissional vinculada ao Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) surge do desejo, enquanto pesquisadora, de contar outras histórias em meu percurso como educadora. São histórias reais, que retratam as memórias de sujeitos excluídos do direito à educação no ensino regular, os quais buscam na escola um espaço de dignificação da vida. Essas histórias estão repletas de saberes e experiências singulares, sobrevivendo em um mundo marcado por inúmeras ausências, mas que nutrem sonhos e aspiram por uma melhor qualidade de vida, rumo à paz social. Este estudo busca vivenciar e experimentar, junto a uma turma da Educação de Jovens e Adultos, as “matemáticas menores”, que emergem e se entrelaçam à margem das salas de aula, nos cotidianos de seus estudantes, relacionando-se com a linha de pesquisa “Matemáticas outras que surgem em uma sala de aula que valoriza a experiência do outro”. Dessa forma, almejamos desenvolver uma análise sobre as contribuições da Etnomatemática na valorização dos saberes dos sujeitos socioculturais, visando à promoção da justiça social e à luta contra as injustiças que afligem as comunidades marginalizadas. Assim, a pesquisa realizada teve por objetivo identificar “matemáticas menores” que florescem das experiências de 11 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria, no município de Nilópolis, no Rio de Janeiro. Adotando a metodologia da História Oral, conduzimos entrevistas semiestruturadas com estudantes de diversas faixas etárias, buscando escutar e registrar suas memórias e narrativas. Damos ênfase à diversidade e à pluralidade sociocultural, buscando ressignificar nosso olhar de neutralidade diante das desigualdades sociais, além de contribuir para a cultura escolar por meio dessa abordagem. No que se refere à análise dos dados, visamos, por meio da criação e da organização de uma exposição itinerante aberta a toda comunidade escolar, dialogar com as narrativas realizadas pelos depoentes e com as trocas de experiências que ocorreram durante o evento, à luz da Etnomatemática e da Filosofia da diferença. Como resultado da nossa pesquisa, observamos que os estudantes da EJA que foram excluídos dos bancos escolares durante a infância possuem saberes e conhecimentos diversos que merecem ser acolhidos, dialogados e visibilizados pela escola. Além disso, consideramos essencial a proposição de espaços, para além da sala de aula, nos quais os estudantes possam trocar experiências com a comunidade escolar, lutar por seus direitos fundamentais e promover a justiça social e a transformação social por meio da educação. Acreditamos que a escola é mais do que um espaço formador, é um território de dignificação da vida humana, onde todos têm o direito a uma melhor qualidade de vida e são respeitados em suas singularidades. Como produto educacional, desenvolvemos dois livros: um livro de fotografias, com imagens registradas durante a exposição, acompanhadas de diálogos entre os depoentes e a pesquisadora; e um livro de crônicas, organizado com doze histórias apresentadas pelos depoentes ao longo das entrevistas ou destacadas pela pesquisadora durante as observações em sala de aula. Destacamos a relevância desta pesquisa no que diz respeito à visibilização das histórias inspiradoras e esperançosas dos estudantes da EJA, bem como sua capacidade de alcançar outros espaços de diálogo e construção. Nossa pesquisa abre caminho para investigações futuras dentro desse campo, visando ampliar a compreensão sobre as “matemáticas menores” na Educação de Jovens e Adultos. Projetamos explorar outras narrativas em contextos diversos, englobando diferentes histórias e participantes, a fim de enriquecer não apenas o conhecimento acadêmico, mas também as experiências individuais dos participantes, como

também contribuir para o entendimento da sociedade em geral. Por fim, reafirmamos a importância de mais pesquisas voltadas para o público da Educação de Jovens e Adultos que tenham como protagonistas os estudantes, suas memórias e seus saberes.

Palavras-Chave: Educação Matemática. Etnomatemática. Justiça social. Educação de Jovens e Adultos. Filosofia da diferença.

ABSTRACT

CASSIANO, M. B. **Itinerant Movements in Progress: Social Justice and Minor Mathematics in Youth and Adult Education.** 2024. 257 f. Dissertação (Mestrado de Ensino em Educação Básica) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The motivation for the development of this Professional Master's research linked to the Basic Education Teaching Program (PPGEB) arises from the desire as a researcher to tell other stories in my journey as an educator. These are real stories that portray the memories of individuals excluded from the right to education in regular schooling, who seek in school a space for the dignification of life. These stories are filled with unique knowledge and experiences, surviving in a world marked by numerous absences, yet nurturing dreams and aspiring to a better quality of life, towards social peace. This study aims to experience and explore, alongside a Youth and Adult Education class, the "lesser mathematics" that emerge and intertwine on the margins of classrooms, in the daily lives of its students, relating to the research line "Other mathematics that arise in a classroom that values the experience of others". In this way, we aim to develop an analysis of the contributions of Ethnomathematics to the valorization of sociocultural knowledge, aiming at promoting social justice and fighting against the injustices that afflict marginalized communities. Thus, the research conducted aimed to identify "lesser mathematics" that flourish from the experiences of eleven students in Youth and Adult Education (EJA) at the municipal school Vereador Orlando Hungria in the municipality of Nilópolis, in Rio de Janeiro. Adopting the methodology of Oral History, we conducted semi-structured interviews with students of various age groups, seeking to listen to and record their memories and narratives. We emphasized diversity and sociocultural plurality, seeking to reframe our neutrality towards social inequalities, in addition to contributing to school culture through this approach. Regarding data analysis, we aimed, through the creation and organization of a traveling exhibition, open to the entire school community, to engage in dialogue with the narratives told by the interviewees and with the exchanges of experiences that occurred during the event, in the light of Ethnomathematics and the Philosophy of Difference. As a result of our research, we observed that EJA students, who were excluded from school during childhood, possess diverse knowledge and understandings that deserve to be welcomed, engaged with, and made visible by the school. Additionally, we consider it essential to propose spaces beyond the classroom, where students can exchange experiences with the school community, advocate for their fundamental rights, and promote social justice and social transformation through education. We believe that school is more than a formative space; it is a territory for the dignification of human life, where everyone has the right to a better quality of life and is respected in their uniqueness. As an Educational Product, we developed two books: a photography book, with images taken during the exhibition, accompanied by dialogues between the interviewees and the researcher; and a book of chronicles, organized with twelve stories presented by the interviewees throughout the interviews or highlighted by the researcher during observations in the classroom. We highlight the relevance of this research regarding the visibility of the inspiring and hopeful stories of EJA students, as well as its ability to reach other spaces for dialogue and construction. Our research paves the way for future investigations within this field, aiming to broaden the understanding of "lesser mathematics" in Youth and Adult Education. We plan to explore other narratives in diverse contexts, encompassing different stories and participants,

to enrich not only academic knowledge but also individual experiences of the participants, as well as contribute to the understanding of society at large. Finally, we reaffirm the importance of further research focused on the Youth and Adult Education audience, with students, their memories, and their knowledge as protagonists.

Keywords: Mathematics Education. Ethnomathematics. Social justice. Youth and Adult Education. Philosophy of difference.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|---|
| Quadro 1 - Pesquisa analisadas no banco de dados da CAPES | 1 |
| Quadro 2 - Questionário para nortear as entrevistas semiestruturadas da pesquisa | 1 |
| Quadro 3 - Estruturação dos capítulos do livro de crônicas | 1 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Município de Nilópolis visto por drone | 68 |
| Figura 2 – Mapa da exposição “Histórias Itinerantes na EJA” | 80 |
| Figura 3 – Poesia: Teimosia - Sérgio Vaz | 81 |
| Figura 4 – Mesa de recepção da exposição | 83 |
| Figura 5 - Livro feito em MDF | 83 |
| Figura 6 – Participação dos visitantes no livro em MDF | 84 |
| Figura 7 – Segunda seção: “o ato de se reconhecer” | 85 |
| Figura 8 – Terceira seção “Descobrir-se matemática” | 97 |
| Figura 9 – Participação dos visitantes na terceira seção | 98 |
| Figura 10 – Participação dos visitantes na terceira seção | 100 |
| Figura 11 – Quarta seção “Cubo do questionamento” | 100 |
| Figura 12 – Respostas da pergunta “A matemática é fácil ou difícil?” | 101 |
| Figura 13 – Respostas da pergunta “A matemática do seu dia a dia é fácil ou difícil?” | 102 |
| Figura 14 – Participação dos visitantes na quarta seção | 103 |
| Figura 15 – Registro da aula de matemática 2ª e 3ª fase | 104 |
| Figura 16 – Quinta seção “Denúncias” | 107 |
| Figura 17 – Participação dos visitantes na quinta seção | 109 |
| Figura 18 - Participação dos visitantes na quinta seção | 110 |
| Figura 19 – Sexta seção “Eu: filha, trabalhadora, mulher, mãe, estudante” | 112 |
| Figura 20 – Imagens referentes à sexta seção | 112 |
| Figura 21 - Imagens referentes à sexta seção | 113 |
| Figura 22 - Sétima seção “A sua cultura é importante para a escola?” | 117 |
| Figura 23 - Participação dos visitantes na sétima seção | 119 |
| Figura 24 – Participação dos visitantes na sétima seção | 122 |
| Figura 25 – Oitava seção “Grito dos estudantes” | 123 |
| Figura 26 – Balões de fala da Oitava seção | 124 |
| Figura 27 - Nona seção “O aprender de dona Vilma” | 127 |
| Figura 28 – Participação dos visitantes na nona seção | 128 |
| Figura 29 – Décima seção “As histórias que a história não conta” | 129 |
| Figura 30 – Frases presentes na décima seção | 130 |
| Figura 31 – Décima primeira seção “Guarda-afetos” | 131 |
| Figura 32 – Participação dos visitantes na décima primeira seção | 132 |

| | |
|--|-----|
| Figura 33 – Registros dos escritos dos estudantes da EJA | 133 |
| Figura 34 – Registros dos escritos dos estudantes da EJA | 134 |
| Figura 35 – Décima segunda seção “Paulo Freire em outras vozes” | 135 |
| Figura 36 - Vozes dos estudantes da EJA: Robson | 136 |
| Figura 37 – Vozes dos estudantes da EJA: Seu Claudionor | 137 |
| Figura 38 – Vozes dos estudantes da EJA: Cláudia | 138 |
| Figura 39 – Vozes dos estudantes da EJA: Genil | 142 |
| Figura 40 – Registro do enunciado sobre resolução de problemas | 144 |
| Figura 41 – Décima terceira seção “Carta aberta” com a participação de dona Eliane e sua identidade | 146 |
| Figura 42 – Participação dos visitantes na décima terceira seção | 148 |
| Figura 43 - Participação dos visitantes na décima quarta seção | 149 |
| Figura 44 – Fechamento da exposição com alguns estudantes e corpo docente da escola municipal Vereador Orlando Hungria | 152 |
| Figura 45 - Capa do Livro de fotografias Histórias Itinerantes na EJA | 156 |
| Figura 46 - Capa do livro de crônicas | 157 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------------|---|
| Bolema | Boletim de Educação Matemática |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| EMC | Educação Matemática Crítica |
| PE | Produto Educacional |
| PPGEB | Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica |
| IFRJ | Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia do Rio de Janeiro |
| PIBIC Jr | Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| Cap-UERJ | Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira |
| LEMAT | Laboratório de Ensino de Matemática |
| HO | História Oral |
| MP | Mestrado Profissional |
| TCLE | Termo de consentimento livre e esclarecido |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 18 |
| “ENTÃO... QUE CAMINHO SEGUIR?” | 18 |
| O ENCONTRO DE ALMAS: A MATEMÁTICA E EU | 20 |
| DEIXA EU TE CONTAR UMA HISTÓRIA | 22 |
| 1 REVISÃO DE LITERATURA | 29 |
| 1.1 COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES)..... | 29 |
| 1.2 REVISTAS E PERIÓDICOS CIENTÍFICOS | 37 |
| 1.3 APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS COM A PESQUISA | 45 |
| 2 ELES FALAM, NÓS DIALOGAMOS | 50 |
| 2.1 O QUE SERIAM ENTÃO “MATEMÁTICAS MENORES”? | 50 |
| 2.2 RESSIGNIFICAR O CURRÍCULO NA EJA | 55 |
| 2.3 MARCHA RUMO AO ESPERANÇAR | 56 |
| 2.4 AS SÓLIDAS RAÍZES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | 60 |
| 3 DOS CAMINHOS A SEGUIR | 65 |
| 3.1 DESCREVENDO O AMBIENTE DE PESQUISA | 68 |
| 3.2 SELECIONANDO OS PARTICIPANTES | 70 |
| 3.3 SOBRE O ROTEIRO E DEPOENTES | 71 |
| 3.4 SOBRE OS INSTRUMENTOS E A ENTREVISTA | 74 |
| 3.5 É CHEGADA A ETAPA DE TRANSCRIÇÃO | 75 |
| 3.6 O RETORNO DAS ENTREVISTAS AOS SEUS AUTORES | 76 |
| 4 E NASCE UMA EXPOSIÇÃO: ANÁLISE DOS CAMINHOS TRILHADOS | 77 |
| 4.1 DA CONSTRUÇÃO DA EXPOSIÇÃO | 78 |
| 5 “A VILA NÃO QUER ABAFAR NINGUÉM, SÓ QUER MOSTRAR QUE FAZ SAMBA TAMBÉM”: O PRODUTO EDUCACIONAL | 153 |
| 6 É TEMPO DE TRAVESIA: PRETENSAS CONCLUSÕES | 159 |
| REFERÊNCIAS | 167 |
| APÊNDICE A – ROTEIRO PARA NORTEAR AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS DA PESQUISA | 172 |
| APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O COLABORADOR PATRICK, 26 ANOS | 173 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O COLABORADOR CLAUDIONOR, 74 ANOS | |
| 179 | |
| APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O COLABORADOR SIDNEY, 55 ANOS | 186 |
| APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O COLABORADOR ROBSON, 26 ANOS | 192 |
| APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A COLABORADORA ELIANE, 63 ANOS | 196 |
| APÊNDICE G – ENTREVISTA COM A COLABORADORA CLAUDIA, 48 ANOS | 204 |
| APÊNDICE H – ENTREVISTA COM O COLABORADOR GENIL, 45 ANOS | 212 |
| APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A COLABORADORA GLEIDE, 61 ANOS | 221 |
| APÊNDICE J – ENTREVISTA COM A COLABORADORA VILMA, 55 ANOS | 232 |
| APÊNDICE K – ENTREVISTA COM O COLABORADOR CARLOS HENRIQUE, 49 ANOS | 241 |
| APÊNDICE L – ENTREVISTA COM A COLABORADORA DENISE, 57 ANOS | 249 |
| ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 256 |

INTRODUÇÃO

*“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”,
perguntou Alice.
“Depende bastante de para onde quer ir”, respondeu o Gato.
“Não me importa muito para onde”, disse Alice.
“Então não importa que caminho tome”, disse o Gato.
“Contanto que eu chegue a algum lugar”, Alice acrescentou à guisa de explicação.
“Oh, isso você certamente vai conseguir”, afirmou o Gato, “desde que ande
bastante.”*

Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas

Para iniciar esta pesquisa de mestrado, gostaríamos de apresentar o percurso trilhado pela autora desde sua infância até o ingresso no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB). Compreendemos ser necessária essa apresentação para situar o leitor no contexto social e político do qual a autora faz parte e para evidenciar de que forma suas escolhas e narrativas a levaram até a escrita de uma pesquisa que versa sobre justiça social e matemáticas. Dessa forma, este capítulo será dividido em três seções: “então... que caminho seguir?”, “o encontro de almas: a matemática e eu” e “deixa eu te contar uma história”.

“ENTÃO... QUE CAMINHO SEGUIR?”

Da janela do meu quarto antigo, aquele a que retornei, depois de quinze anos, para novamente ser meu lar, avisto a mesma escada que foi minha companheira durante toda a minha infância e adolescência. Recordo-me das infinitas horas que passava nela, lendo os contos infantis que minha mãe trazia da escola todos os meses, e do tanto que eu fantasiava cada uma das histórias que lia.

Além de fantasiar, eu escrevia. Escrevia poesia, romance, aventuras. Adorava escrever. Sonhava durante a noite sobre o mais novo enredo que eu escreveria no dia seguinte. O problema era que, sempre que eu acordava, já não me lembrava mais sobre o que havia sonhado, e lá ia eu, sentar na escada de casa e virar para a grande mangueira do quintal, pensando qual seria minha mais nova aventura. Minha mãe guarda todos esses meus registros. Desde quando eram desenhos meio rasurados de uma cor só, até quando começaram a virar páginas e mais páginas que ela guardava num CD e imprimia na secretaria da escola em que trabalhava.

Falando em minha mãe, preciso falar dela nessa nova história que estou começando a escrever. Minha mãe é professora. Dona Fatima, sem acento mesmo. Alfabetizadora do Município do Rio de Janeiro. Pelas suas mãos passaram muitos sonhos. Hoje, já aposentada, guarda com carinho o nome e rosto de todos os alunos que passaram por ela. Sente falta por não ter mais notícias de muitos deles e se alegra sempre que alguém aparece solicitando sua amizade e dizendo o quanto ela foi importante para eles.

Pelas mãos da minha mãe, enquanto educadora, passaram muitos sonhos. Os meus sonhos também passaram por seu olhar atento. Trago ela aqui, pois, desde o meu primeiro rabisco ao meu último texto escrito para uma disciplina do mestrado, ela leu todos. Minha mãe sempre me lê. Com entusiasmo. Com um lápis na mão, corrigindo até o que eu sei que já está errado. Ela sempre acreditou em mim, até mesmo quando nem eu sabia o caminho que seguiria. Por isso, ela precisa iniciar o que eu gostaria de contar nessas linhas. Obrigada, mãe.

Sempre fui uma entusiasta da escola. Não faltava nem doente. Não faltava nem se tivesse consulta médica, e a escola aceitasse o atestado médico para justificar minha ausência. Ia ao médico e depois... direto para a escola. A escola para mim era onde eu me encontrava. Como aluna, como ser humano. Gostava do ambiente da sala de aula, de copiar dever, de organizar projetos, de fazer trabalhos bimestrais na quadra... Adorava inovar sempre que podia e era conhecida como “a que mais inventava ideias nas apresentações de trabalho da turma”. Arrancava muitas risadas quando, em vez de seminários com cartazes, convencia meus colegas a criarmos telejornais com câmeras feitas de papelão e microfones feitos de isopor. Era um sucesso!

Nas disciplinas individuais, era apaixonada por português. Sempre que a turma tinha que escrever alguma coisa, já me chamavam. Diziam que era porque minha letra era a mais bonita, mas, na realidade, acredito que era porque sempre fui a que escrevia os textos maiores. Mas eles nunca admitiram. Nas outras disciplinas, sempre fui uma boa aluna, mas nenhuma delas me chamava tanta atenção como português.

Quando terminei o ciclo do ensino fundamental, em 2010, na escola em que estudei desde os meus dois anos, uma colega me apresentou o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), a 10 minutos da minha atual escola na época. Contaram-me que lá eu teria formação de um curso técnico, não teria que usar uniforme e estudaria o dia todo na escola. Assim que soube que poderia estudar sem uniforme, pedi logo à minha mãe que fizesse a minha inscrição. Fiz! E não passei. Nesse momento, começaram algumas das minhas frustrações acadêmicas.

Não era possível uma aluna de “quadro de honra” (classificação que a escola fazia dos melhores alunos de cada turma) não conseguir passar numa prova de concurso como a do IFRJ. Assim eu pensava. Continuei na antiga escola por mais um ano letivo, agora cursando o 1º ano do ensino médio e, ao chegar ao final do ano, novamente fiz a prova do Instituto, agora muito mais atenta e com vontade de passar. Passei! E novos desafios se iniciaram...

Como eu abriria mão do ensino médio que iniciei para começar tudo do zero em uma outra escola? Minha mãe achou logo um jeito de responder à minha questão. Fui transferida para uma escola da rede pública para terminar meu 2º e 3º ano do ensino médio de manhã e à tarde ia para o IFRJ cursar o Médio e Técnico em Controle Ambiental. Parece que meu amor pela escola foi duplicado, pois, não satisfeita com um, concluí dois ensinos médios.

Trago à memória de forma rápida essa história, para justificar a escolha do subtítulo deste capítulo: “então... que caminho seguir?”. Eu nunca soube o que gostaria de fazer, profissionalmente falando. Sempre fui movida pelos desejos dos meus amigos e seus sonhos. Eu mesma nunca participei de conversas na quais dizia claramente qual profissão gostaria cursar, o que gostaria de fazer da vida, minhas preferências etc. Foi no ensino médio (e acredito ter sido uma época perfeita) que o desejo de pensar sobre isso se iniciou.

No IFRJ, escolhemos um técnico para cursar: Química ou Controle Ambiental. No ato da minha matrícula, escolhi Controle Ambiental por achar que seria mais fácil, tendo em vista que meu contato inicial com a química não foi dos melhores, e eu tinha um pouco de dificuldade. Para a minha desilusão, no técnico que eu escolhi não faltavam disciplinas de química, logo não adiantou muito tentar fugir dela na minha matrícula.

A questão central de todo o meu iniciar no Instituto era que, diferente da escola que cursei a minha adolescência inteira, ali eu precisaria correr atrás e mostrar a que vim, que não estava ali de passagem e que gostaria de estudar e... poder trabalhar. Para isso, a escola nos fornece a possibilidade de trabalhar de várias maneiras: bolsas de monitoria, bolsas de iniciação científica, projetos externos, feiras livres, monitorias nos laboratórios de ciências etc. E eu amava a ideia de poder, com dezesseis anos, trabalhar e ganhar duzentos reais todos os meses. O problema era um só: eu não me destacava e tinha dificuldade em todas as disciplinas do meu técnico. Eu tinha que estudar sempre mais do que os meus colegas para compreender conceitos que para eles pareciam mais simples. E foi aí que eu tive que correr atrás...

O ENCONTRO DE ALMAS: A MATEMÁTICA E EU

Foi na escola pública e no IFRJ que conheci dois grandes professores de matemática, Margareth e Vilmar, os primeiros a me chamarem em um canto e dizerem que “*eu era boa naquilo*”. Como assim boa em matemática? A disciplina em que todos os meus amigos tinham dificuldade e de que não gostavam? Não era possível!

Após os professores me convencerem de que eu matematizava bem, passei a criar muitas histórias (sim, eu ainda escrevia meus textos e poesias sempre que podia) que envolviam a matemática e suas formas de pensar e existir no mundo. Até que o professor Vilmar, na época meu professor de Matemática I no IFRJ, convidou-me a participar como bolsista de matemática no PIBIC Jr¹: eu estudaria no contraturno e ganharia uma bolsa de duzentos reais todos os meses. Eu seria uma pesquisadora!

A bolsa de Iniciação Científica se prolongou até o final do meu curso e da minha formação como Técnica em Controle Ambiental, em 2014. Entretanto, em 2013, concluí o ensino médio na rede pública e estava apta a ingressar na graduação ao prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Poderia muito bem esperar mais um ano, já que em 2014 me formaria no técnico, mas a vontade de já ingressar na faculdade era maior do que qualquer coisa. Fiz o Enem e passei para Matemática no mesmo instituto em que estudava no ensino médio técnico. Fazer duas coisas novamente, Mariana? Por que não? Lá fui eu, iniciar a graduação e terminar meu Técnico em Controle Ambiental.

Durante um ano, desempenhei essa rotina. Estudava à tarde no técnico e à noite na faculdade, até que me formei no técnico em 2014 e passei a me dedicar inteiramente à graduação. A cada dia me apaixonando mais pelo ensino de matemática e pela sala de aula. Em 2015, fui apresentada ao Programa Mais Educação² e convidada a trabalhar como mediadora de matemática no contraturno dos estudantes, também ganhando bolsa de monitoria.

Trabalhar no Mais Educação foi essencial para a educadora que sou hoje, pois nada melhor do que, durante boa parte da minha formação na academia, eu ter experienciado a

¹ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (PIBIC Jr) é um programa do CNPq que visa à qualificação de estudantes de nível médio e técnico integrado de nível médio para a pesquisa científica. Nesse sentido, enseja a participação de alunos em projetos de pesquisa que apresentem qualidade acadêmica, mérito científico e orientação adequada. O programa concede cotas de bolsas de Iniciação Científica a Instituições de Ensino e Pesquisa brasileiras. Cada instituição fica encarregada de administrar sua cota sob a supervisão do CNPq.

² O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

realidade da escola pública, seus desafios e seus sonhos. Ter visto tudo isso como aluna não era o bastante, eu precisava vivenciar como professora e assim o fiz. Trabalhar no programa me fez sentir afeto pela disciplina que eu lecionava, contrariando tudo o que diziam para mim sobre o que eu sentiria ao lecionar matemática. Eu sentia vontade de contar histórias aos meus alunos, mostrar a matemática no futebol — já que muitos deles iam para o contraturno para poder jogar bola —, nas artes marciais, que também eram oferecidas, ou nos desenhos e grafites. Enfim, desejava apresentar para eles uma matemática que por mim também estava sendo inventada.

DEIXA EU TE CONTAR UMA HISTÓRIA

Até aqui contei a história da Mariana acadêmica, que amava escola e estudos e que adorava se aventurar em todos os desafios que a educação a faria percorrer. Agora gostaria de contar uma breve história sobre a minha formação social e política e o que me fez desejar escrever essa pesquisa juntamente com a minha orientadora.

Sempre tive alma de missionária, desde criança, minha mãe sempre dizia. Questionava sobre as pessoas que pediam alimento na rua e não eram atendidas, as crianças que vendiam bala na rua em vez de estarem brincando ou indo passear com sua família, os animais abandonados... Meus pais me explicavam que nem todos tinham a mesma oportunidade e que para uns era mais difícil de viver (na época, para mim, isso era sinônimo de se alimentar) do que para outros. O incômodo não passava, mesmo entendendo isso.

Conforme fui crescendo, essa indignação também foi crescendo em meu coração, e a vontade de ajudar a melhorar alguma coisa ia ganhando forma. Sou católica franciscana, participo desde a adolescência da Pastoral da Juventude, movimento jovem da igreja, bem ativo politicamente. Admito ter sido lá que meus primeiros escritos, meio revoltosos para com o mundo e as relações entre os seres humanos, nasceram. Além disso, minha igreja é franciscana, logo Francisco e Clara de Assis, com seus pensamentos de uma civilização mais fraterna e justa, sempre foram muito próximos e caros a mim e aos meus pensamentos.

No ano de 2016, recebi um convite para participar de um projeto chamado Gotas de Misericórdia. Tratava-se de um projeto social de assistência a pessoas em situação de rua, que levava alimentos todas as quartas-feiras às ruas dos municípios de Nilópolis, Edson Passos e Nova Iguaçu, pertencentes à Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. No mesmo ano, meses

depois, iniciei um voluntariado na ONG Deus quer te ver sorrindo³, localizada na comunidade Chatuba de Mesquita — comunidade marcada pela violência e pelo abandono do poder público, também situada na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Nessa ONG, trabalhei com crianças e jovens de diferentes faixas etárias, nas demandas próprias da comunidade. Ao final de cada ano, um pouco antes do Natal, torno-me a Mamãe Noel e junto a amigos levamos alegria e esperança a essas crianças.

Em ambos os projetos, eu me identificava como voluntária e auxiliava no que precisavam, mas em nenhum momento me apresentava como professora, tampouco professora de matemática. Ao longo do tempo e após minha formação na graduação, isso começou a me intrigar. Como poderia dissociar a Mariana voluntária da Mariana professora de matemática? Contarei agora duas das histórias que me fizeram compreender que não poderia haver duas Marianas, mas apenas uma, em sua multiplicidade: atenta para ver e ouvir histórias e esperançosa por dias melhores.

Em um dos dias de missão, encontramos um senhor em situação de rua e, durante uma longa conversa, ele nos contou que trabalhou com carpintaria desde jovem. Aprendeu esse ofício com o pai e sempre trabalhou com ele. Trabalhar com seu pai desde jovem fez com que ele abandonasse a escola, não “terminando o ginásio”, como ele mesmo nos reportou. Ao longo da conversa, ele nos contou que, embora soubesse ler e escrever, não compreendia a forma como os cálculos, que por vezes realizava “de cabeça” ao observar os pedidos de um cliente (fácil e rápido), eram apresentados e exigidos nos documentos ou desenhos entregues pelas empresas às quais prestava serviço.

O resto da história vocês já devem imaginar. O tempo passou, o desemprego veio, a falta de oportunidade também. A solidão de uma vida sem perspectiva tomou conta de seu caminho, e esse senhor acabou parando nas ruas da cidade. Mesmo sendo um excelente carpinteiro, ele era invisível para a sociedade. Não sabiam seu nome, seus dons, o que fizera para estar ali ou o que faltara a ele.

A segunda narrativa que trago aqui talvez tenha sido a que mudou tudo, a que me fez enxergar que eu precisava de mais, além apenas do diploma de licenciatura. Eu precisava pesquisar sobre tudo o que carregava no meu coração. Seu nome é Gabriel. Uma criança de 12 anos. Apareceu para mim vendendo empadas. Vendia para a sua mãe. Ela fazia e ele saía à noite, vendendo-as pelas ruas e restaurantes. Ao nos encontrar, ofereceu suas empadas. Parei o que estava fazendo na hora e perguntei a ele quanto custavam. “*Está na promoção, dona:*

³ Organização não governamental que atende a população carente da comunidade Chatuba de Mesquita, no Rio de Janeiro. Link das redes sociais: <https://instagram.com/ongdeusquertever sorrindo?igshid=YWJhMjJhZTc=>.

duas por cinco reais”, ele me disse. E continuou: “Faço assim, com promoção, porque faltam poucas empadas e, como muitas pessoas me dão uma nota de cinco reais, já estou ficando sem troco. Então, eu faço duas por cinco. Acabo mais rápido também”.

Eu fiquei encantada com o Gabriel! Ele não precisava dizer mais nenhuma palavra. A estratégia que ele encontrou para vender mais e ir embora mais rápido, ajudava-o, ajudava a gente e ajudava sua mãe. Mas ele continuou: *“Sabe, dona, eu adoro matemática. Minha mãe tem dificuldade, ela só usa calculadora, mas eu, eu faço tudo de cabeça. Se eu vender todas as empadas, amanhã minha mãe consegue fazer mais e assim a gente consegue pagar a luz lá de casa”.* Gabriel, além de saber matemática, assumia para si as responsabilidades que deveriam ser tão distantes das crianças, e realizava com maestria. Foi pelo Gabriel que hoje estou fazendo mestrado.

Escrevi sobre essas duas histórias assim que cheguei em casa, em dias distintos, como se fossem tesouros guardados a sete chaves, para que eu nunca esquecesse o que deveria me mover em sala de aula: o outro, suas histórias e o respeito à singularidade de cada ser humano. Esses dois exemplos me fizeram repensar meu papel como educadora matemática e o quanto essas histórias não aparecem nos livros didáticos e nas salas de aula.

A partir dessas experiências, comecei a buscar fontes matemáticas e da educação que me auxiliassem a conectar meus ideais missionários com a sala de aula, ou melhor, com os estudantes; fontes que me ajudassem a compreender a educação para além dos muros da escola. Em 2020, durante a pandemia da COVID-19, fui convidada por uma amiga a me inscrever em uma disciplina isolada como aluna especial de mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica - PPGEb, situado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). A disciplina tinha como título “Matemática nos anos iniciais”.

Nessa disciplina, conheci minha orientadora, Gabriela Brião, e temas que hoje são tão caros a mim e a minha pesquisa como: educação matemática, educação matemática crítica e etnomatemática. A professora Gabriela nos mostrava outros caminhos para trabalhar a matemática dentro e fora da sala de aula, convidando-nos a refletir sobre nossas práticas e sobre nossos desejos para uma educação fora das gaiolas.

Após o período da disciplina, as inscrições abriram para alunos efetivos do mestrado e, em 2021, fui aprovada para cursar o mestrado profissional no PPGEb. Meu projeto de pesquisa versava sobre apresentar histórias matemáticas que não são contadas nas escolas. A ideia inicial da pesquisa era criar livros paradidáticos voltados para a educação básica, que contivessem histórias de contextos sociais variados, como, por exemplo, as histórias do

Gabriel ou a do senhor em situação de rua, narrativas próximas e ao mesmo tempo distantes dos estudantes, invisibilizadas pela sociedade.

Ao longo dos meses, a pesquisa sofreu modificações, sendo necessário filtrar seus participantes. Inicialmente, a escolha seria feita a partir de uma imersão na comunidade da Chatuba de Mesquita, no Rio de Janeiro, com o objetivo de escolher os depoentes da pesquisa. Entretanto, em decorrência da violência que se acometia no local, pensou-se em buscar uma modalidade de ensino que atendesse nossas expectativas e que pudessemos trabalhar dentro da escola. Sendo assim, escolhemos a Educação de Jovens e Adultos⁴ (EJA), mantendo a essência que nos acompanhou desde as primeiras palavras escritas: ouvir histórias e contá-las.

Trago como motivação para a escrita desta pesquisa as duas narrativas que apresentei no início desta seção, refletindo sobre a ausência de histórias como essas nos livros e nas abordagens dentro das salas de aula. Ora, os dois personagens que eu trouxe em minha apresentação inicial estão pelo mundo, na sociedade, e matematizam em seus distintos cotidianos. Por que não há espaços para reflexões matemáticas que estejam preocupadas com a transformação da realidade desses personagens?

D'Ambrosio (2020) diz que a matemática tem assumido um papel de instrumento de seleção, e é verdade. Os estudantes, antes pessoas com raízes e histórias de vida e culturas, hoje são convidados a abandonar seus saberes próprios e individuais para pensar a matemática de forma generalizada e única; por vezes, não lhes é conferido o direito de pensar a partir de suas próprias realidades. Não há espaço para as matemáticas dos excluídos, dos guetos. Não há espaço para as “matemáticas menores”.

A sala de aula nos exige enxergar os estudantes para além de números e classificações. Compreendo que, ao me colocar no mundo como educadora matemática, não o sou apenas nas salas de aula prototípicas (Skovsmose, 2014), não apenas nelas. É imprescindível que enxerguemos a docência como um espaço educativo plural e coletivo, um universo para várias vozes e ideias. Um espaço onde os sujeitos marginalizados, seja pela sua condição social, seja pela raça, pelo sexo, pela etnia, sintam seus saberes acolhidos pela escola e, ao sentirem seus saberes acolhidos, compreendam seus direitos e lutem por eles, utilizando seus conhecimentos de vida e apresentando-os pela escola, a fim de alcançar uma vida digna para si e para a sua comunidade. Sendo assim, não há espaços para olhares neutros. Educar é um ato político! (D'Ambrosio, 2012).

⁴ A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não tiveram acesso ou não puderam dar continuidade aos ensinos fundamental e médio na faixa etária correspondente.

Provocadas pelas narrativas ouvidas e compartilhadas aqui, desenvolvemos um estudo sobre as contribuições da educação matemática na valorização dos saberes menores para a justiça social. Entendo que a educação matemática é uma ferramenta potente para que as pessoas compreendam seus direitos e lutem para que eles sejam garantidos em tempos tão marcados pela violência, preconceitos e desigualdades, em um momento em que as pessoas são tratadas com indiferença, de forma tão egoísta, sendo acometidas de tantas violações à dignidade da pessoa humana.

Para coletar e organizar as histórias, utilizamos a história oral, à luz dos teóricos Nakamura e Garnica (2018), Meihy e Seawright (2021), como metodologia desta pesquisa, a fim de ouvir 11 estudantes da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria, do município de Nilópolis, no Rio de Janeiro. Buscamos destacar as expressivas narrativas dos colaboradores acerca de suas singularidades e experiências de vida e resistência. Resistência que os faz reivindicarem o direito a retomar os estudos. Esses adultos e jovens reivindicam o acesso à educação, pois esse acesso possibilita interlocuções distintas das que eles estão acostumados em seus contextos.

A EJA foi escolhida como núcleo da pesquisa justamente por ser esse espaço de resistência. Entendemos que nessa modalidade de ensino, geralmente, os estudantes possuem idades distintas e campos de atuação diversos na sociedade, o que aumenta a variedade de histórias de vida coletadas. Muitas dessas pessoas matematizam de diferentes formas a partir de seu contexto social, suas raízes ou ensinamentos que foram absorvendo ao longo da vida.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade em nível de ensinamentos fundamental e médio, voltada para jovens e adultos que não tiveram acesso ou precisaram se afastar do ambiente escolar no período regular. Ela busca garantir o direito às pessoas que foram excluídas por inúmeras questões das salas de aula ou que sequer puderam acessá-las. Diante do exposto, surge nosso problema de pesquisa: como as matemáticas menores presentes no cotidiano dos estudantes da EJA podem contribuir para que a escola seja um espaço de dignificação da vida humana?

O objetivo geral dessa pesquisa é identificar matemáticas menores que florescem das experiências de 11 estudantes da EJA da escola supracitada. A partir do contato com os discentes, as entrevistas semiestruturadas foram pensadas e realizadas e, após a transcrição e a análise desses relatos, uma exposição itinerante foi organizada com as narrativas de todos, a partir do uso de recursos sonoros, visuais e textos transcritos de uma forma acessível para toda a comunidade escolar.

Como objetivos específicos para essa pesquisa, temos os seguintes: contribuir para a cultura escolar a partir da pesquisa oral; visibilizar a EJA e seus estudantes; analisar o papel da escola como espaço de dignificação da vida humana na perspectiva dos estudantes da EJA, considerando suas contribuições para a construção de identidades, conhecimentos e cidadania; discutir a importância do registro de narrativas na formação básica para a justiça social; visibilizar os saberes desenvolvidos pelos estudantes em seus contextos socioculturais; e produzir um Produto Educacional (PE) que contribua com a prática docente e com a formação discente ao apresentar novas narrativas colhidas no ambiente escolar.

Como justificativa dessa pesquisa, recorro a uma citação de Freire em *A Pedagogia da indignação* (2022), que encarna toda a motivação por trás da construção desse estudo, desde quando essas ideias residiam apenas no coração e no caderno de rascunho desta pesquisadora:

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos (Freire, 2022, p. 77).

Sempre almejei investigar temáticas que estivessem intrinsecamente ligadas às minhas experiências como ser humano, repletas de singularidades. Buscava me reconhecer, compreender minha jornada enquanto lia a mim mesma, fosse como professora de matemática, como pesquisadora em educação matemática ou como pesquisadora em educação. Identificar-me dentro das narrativas que refletissem minha trajetória e compreender todo o processo da minha formação como cidadã, como cultura, como sujeito cheio de multiplicidades era fundamental para mim. Por isso, o desejo de investigar as práticas socioculturais que emergem na EJA, de analisar a importância da escola em um contexto de exclusão, segregação e violação de direitos, e de explorar o papel dos afetos em um mundo em constante busca por esperança, por esperar.

D'Ambrosio (2012; 2013; 2017; 2020), Claretto (2009) e Fonseca (2020; 2023) são alguns dos pesquisadores que irão amparar o referencial teórico desta pesquisa, por também ansiarem por um ensino de matemática mais dialógico e preocupado com as causas sociais dentro e fora da sala de aula, pois compreendem o compromisso da matemática no desafio de construir uma sociedade justa, digna e para a paz. Trazemos também Gallo (2002; 2010; 2016) e Freire (1996; 2021; 2022; 2023), na perspectiva de pensar o outro como diferença em toda sua singularidade e multiplicidade, ignorando as imposições condicionadas pelos sistemas

opressores, compreendendo que, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2022, p. 77).

A dissertação está estruturada da seguinte maneira: na introdução, oferecemos uma contextualização breve da pesquisa. O primeiro capítulo, “Revisão de literatura”, propõe uma investigação sobre pesquisadores que também abordaram os temas dessa pesquisa. O segundo capítulo, intitulado “Eles falam, nós dialogamos”, busca dialogar com autores que se aprofundaram nos temas aqui pesquisados e se tornaram referências em suas respectivas áreas. O terceiro capítulo, “Dos caminhos a seguir”, detalha a metodologia adotada. O quarto capítulo, “E nasce uma exposição: análise dos caminhos trilhados”, oferece análise e discussão dos dados obtidos por meio do relato de como se deu a organização, a confecção e a apresentação da exposição itinerante.

Por fim, no quinto capítulo, “A vila não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz samba também: o produto educacional”, dedicamos atenção aos nossos dois produtos educacionais: o primeiro, um livro de fotografias que traz imagens da exposição itinerante e mescla textos das entrevistas e da pesquisadora, e o segundo, um livro de crônicas com 12 narrativas dos estudantes. E, no sexto e último capítulo, apresentamos nossas considerações finais. Ao final de nossa dissertação, nos apêndices, constam as 11 entrevistas utilizadas para a construção desta dissertação, em sua integralidade, para consulta.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.
Paulo Freire

Escrever sobre etnomatemática, narrativas e educação de jovens e adultos seria não fundamentado se não dialogasse com teóricos que se aprofundaram nesses temas anteriormente. Desse modo, a fim de melhor compreender de que forma caminham as pesquisas nessas áreas, iniciaremos a revisão de literatura desta pesquisa. Realizar a revisão de literatura é importante para situar os leitores e os autores da relevância dos temas supracitados dentro da área da educação matemática e seu ensino, bem como delimitar a pergunta desta pesquisa. Essa etapa foi realizada entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023.

As plataformas de pesquisa escolhidas para essa revisão foram o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e alguns dos principais periódicos científicos de educação matemática do Brasil. Tendo em vista que a forma de pesquisa mudou de uma plataforma para outra, dividiremos este capítulo em dois subcapítulos, sendo o primeiro responsável por apresentar as pesquisas encontradas pelo banco de teses e dissertações da CAPES, e o segundo, pelas pesquisas encontradas nos periódicos científicos.

1.1 COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES)

Ao iniciarmos a pesquisa no banco de teses e dissertação da CAPES, refletimos sobre quais palavras-chave utilizaríamos para realizar uma melhor filtragem dos textos acadêmicos com os quais gostaríamos de dialogar. Após essa reflexão, buscamos como primeira palavra-chave “educação de jovens e adultos”. O banco de teses e dissertações filtrou 2571 pesquisas que continham “educação de jovens e adultos”. Dentre essas pesquisas, 2212 se dividiam entre dissertações de mestrado acadêmico e de mestrado profissional. A fim de diminuir nosso campo de escolha, estabelecemos como critério de escolha dissertações escritas no período de cinco anos, sendo assim, refinamos nossa busca por textos escritos entre 2018 e 2022, encontrando um total de 741 pesquisas.

Depois de observarmos superficialmente as pesquisas escolhidas, ponderamos ser interessante adicionarmos mais uma palavra-chave à busca, para obtermos resultados mais similares à proposta desta pesquisa. Dessa forma, adicionamos a palavra “etnomatemática” e

encontramos 31 pesquisas, sendo 25 dissertações de mestrado acadêmico e seis dissertações de mestrado profissional. Ao refinarmos nossa busca para textos escritos em um período de cinco anos, encontramos um total de sete dissertações.

Em seguida, realizamos a leitura dos resumos de todas as sete dissertações. Observamos que três dessas dissertações tratavam da formação de professores que ensinam matemática ou versavam sobre o ensino de matemática na perspectiva da metodologia de resolução de problemas. Como nosso objetivo era encontrar dissertações que abordem sobre os saberes matemáticos desenvolvidos por estudantes da EJA, eliminamos essas pesquisas.

Assim, dessas sete, escolhemos quatro para compor nossa revisão de literatura, como mostra o quadro 1:

Quadro 1 – Pesquisas analisadas no banco de dados da CAPES

| SOUZA (2021) | |
|------------------------|--|
| Título | CONVERGÊNCIAS ENTRE A ETNOMATEMÁTICA E A METODOLOGIA DE RECONHECIMENTO DE SABERES: POTENCIALIZAR IDENTIDADES NEGRAS (A CULTURA DAS TRANÇAS PARA ALÉM DA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) |
| Autora | Jorlania Carolina Candido De Souza |
| Universidade | Universidade Estadual da Bahia |
| Tipo | Dissertação de Mestrado Profissional |
| Programa | Programa de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos |
| Objetivo | Promover uma reflexão acerca das convergências entre a Metodologia do Reconhecimento dos Saberes e a Etnomatemática no percurso das Oficinas Temáticas de Matemática que ocorrem na EJA do SESI (polo Salvador). |
| SANTANA (2019) | |
| Título | PRÁTICAS ESCOLARES PARA MOBILIZAÇÃO DA CULTURA MATEMÁTICA DE ESTUDANTES DA EJA POR MEIO DA ETNOMATEMÁTICA |
| Autor | Jorge Alberto dos Santos Santana |
| Universidade | Universidade Estadual da Bahia |
| Tipo | Dissertação de Mestrado |
| Programa | Programa de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos |
| Objetivo | Apresentar a Etnomatemática como possível instrumento de mobilização da cultura matemática de estudantes da EJA. |
| CARVALHO (2018) | |
| Título | O ENSINO DA MATEMÁTICA A PARTIR DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA: PROBLEMATIZANDO O CONTEXTO DA EVASÃO ESCOLAR |
| Autor | José Hélio de Carvalho |

| | |
|-----------------------|--|
| Universidade | Universidade Estadual da Bahia |
| Tipo | Dissertação de Mestrado |
| Programa | Programa de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos |
| Objetivo | Compreender como as práticas pedagógicas, a partir do contexto do aluno, no ensino da matemática na modalidade EJA, contribuem para redução da evasão escolar. |
| PEREIRA (2020) | |
| Título | A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO VIVIDO E PRATICADO NA VIDA DOS ESTUDANTES NA ALFABETIZAÇÃO/EJA: UM ESTUDO ETNOMATEMÁTICO |
| Autora | Valesca Corrêa Pereira |
| Universidade | Universidade Federal de Uberlândia |
| Tipo | Dissertação de Mestrado |
| Programa | Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática |
| Objetivo | Compreender de que modo os estudantes da EJA de uma sala multisseriada (re)significam à noção de tempo a partir de suas experiências. |

A pesquisa de Souza (2021) busca resgatar a historicidade e representatividade dos sujeitos da pesquisa, estudantes da EJA, negros e negras da periferia, bem como analisar os principais aspectos da Metodologia de Reconhecimento de Saberes, empregada pelo sistema SESI na Bahia-Brasil, em convergência com a etnomatemática. A abordagem é de cunho qualitativo, por se preocupar sobretudo com as subjetividades dos sujeitos e de um grupo social. Como metodologia de pesquisa, foi utilizada a pesquisa-ação, uma vez que sua escolha fortalece a pesquisa cujo objetivo é solucionar um problema por meio da intervenção do pesquisador. O lócus da pesquisa é a Escola SESI Reitor Miguel Calmon, situada em um bairro periférico de Salvador chamado Fazenda Grande do Retiro, e os sujeitos participantes foram estudantes da EJA da referida escola.

Dois pontos interessantes a destacar nessa pesquisa foram a apresentação e o desenvolvimento da Metodologia de Reconhecimento de Saberes (MRS), concebida pelo grupo SESI com os estudantes da EJA. Para a MRS, o desenvolvimento de competências está além da aquisição de conhecimento. Segundo a autora, “espera-se que o estudante que percorrerá todo o percurso da MRS possa desenvolver capacidades, aptidões e atitudes para o desenvolvimento pessoal, para o exercício da cidadania e para a empregabilidade.” (Souza, 2021, p. 68).

Souza (2021) realizou dois momentos de investigação. O primeiro se tratou de uma oficina temática sobre a Consciência Negra, na qual o objetivo foi problematizar, através do conhecimento e reconhecimento, os saberes da população negra. Todas as áreas curriculares

participaram dessa oficina, considerando-se um projeto transdisciplinar. O segundo momento de investigação consistiu em uma roda de conversas com mulheres, que aconteceu de forma remota, tendo em vista que, no momento da pesquisa, houve o afastamento das aulas presenciais devida à pandemia de Covid-19. Para guiar essa roda de conversa, a pesquisadora criou um questionário com algumas palavras-chave que norteariam o tema que gostaria de trabalhar: as tranças e as trancistas. O objetivo dessa parte da investigação foi identificar a relação dos estudantes com as tranças no que se refere ao reconhecimento, à representatividade e ao conhecimento matemático.

Como Produto Educacional (PE), a pesquisadora Souza (2021) desenvolveu um mapa mental o qual apresenta cinco competências gerais: C1 – Resolver, C2 – Aperfeiçoar, C3 – Combinar, C4 – Empregar, C5 – Analisar. À cada competência é atrelado um ambiente sociocultural, modo/técnica e desenvolvimento. A escolha por um mapa mental como produto da dissertação se deu por desejar evidenciar a conexão entre a MRS e a etnomatemática, bem como a possibilidade de, se necessário, reorganizar o mapa a partir de novas descobertas.

Um potente resultado para a pesquisa desenvolvida por Souza (2021) foi o reconhecimento de que 60% dos estudantes entrevistados para a segunda investigação disseram que precisavam da matemática para trançar seus próprios cabelos ou de outras pessoas, entretanto não conseguiam observar outras competências matemáticas e temas para além da divisão. Assim, é possível constatar que muitas dessas pessoas utilizam-se das ferramentas matemáticas sem ao menos saber que o estão fazendo, o que implica diretamente no processo de autorreconhecimento e no reconhecimento das suas próprias potencialidades.

Ao longo do capítulo de “abordagem metodológica”, a autora constata inúmeras competências entrelaçadas aos penteados desenvolvidos pelas estudantes trancistas, ressaltando temas como tendência central, paralelismo, proporcionalidade, simetria, teorema de Pitágoras, entre outros conhecimentos matemáticos que as trancistas desenvolviam, mas não tinham conhecimento de que produziam essa matemática em seu dia a dia.

Por fim, encerro a análise da primeira dissertação, trazendo para reflexão uma das falas finais da roda de conversas desenvolvida por Souza (2021), quando ela relata o desabafo de uma participante: *“Nossa, professora, não consigo ser mais a mesma. Agora ninguém me humilha. Posso dizer que trabalho com matemática. Meu Deus, nunca imaginei”*. Pode-se perceber, então, o quanto a etnomatemática é uma abordagem potente como ciência e ferramenta no que se refere à valorização dos saberes culturais dos sujeitos.

A segunda dissertação escolhida, do pesquisador Santana (2019), busca investigar práticas escolares que colaboram para a mobilização da cultura matemática em uma sala de

aula da Educação de Jovens e Adultos. O autor procura apresentar a etnomatemática como uma abordagem teórica facilitadora para esse processo. Além disso, visa desenvolver estratégias de ações didáticas que auxiliem nessa mobilização cultural pelos discentes.

A pesquisa tem como locus o Colégio Estadual Polivalente de Feira de Santana, pertencente ao estado da Bahia. Os participantes dessa pesquisa foram estudantes da turma do tempo formativo II, eixo V, que se refere ao 8º e ao 9º ano do ensino regular. Dos 38 discentes da turma, 24 participaram de todas as etapas da investigação, desde a apresentação com questionário até a elaboração dos vídeos para o documentário, etapa final de avaliação do pesquisador. A idade dos estudantes variava de 18 a 50 anos, sendo a faixa etária de 18 a 30 anos possuidora do maior quantitativo de alunos. 75% dos participantes eram do sexo masculino e 25% do sexo feminino. Além disso, um último dado interessante para a pesquisa foi o quantitativo de estudantes que desenvolviam alguma atividade remunerada. Para o autor, foi relevante verificar que 66,6% dos estudantes desenvolviam atividades remuneradas e 33,3% não desenvolviam.

A metodologia empregada foi a abordagem qualitativa e na forma de pesquisa-ação. Os instrumentos utilizados para bem realizar a análise foram documentos escolares, observação casual, questionários e rodas de conversa. O autor dividiu a pesquisa em quatro momentos. O primeiro consistiu na elaboração e aplicação de um questionário para os discentes com perguntas como nome, idade, sexo, se gostam da disciplina matemática ou não, se possuem facilidades no conteúdo, se fazem uso da matemática em seus meios de vida etc.

No segundo momento da pesquisa, Santana (2019) organizou algumas rodas de conversa temáticas sobre a matemática, sua invenção e uso ao longo do tempo e sua necessidade no dia a dia. Nessa etapa da pesquisa, o autor apresentava um texto motivador que era o ponto de partida para o diálogo e troca entre os participantes. A professora regente da turma também foi convidada a participar da pesquisa, sendo de grande importância para a turma a sua presença na sala de aula, por ser muito querida pelos discentes.

O terceiro momento foi a aplicação de uma atividade investigativa com os estudantes divididos em grupos. A atividade consistiu em verificar os conhecimentos diversos dos discentes sobre um determinado tema (comércio) e as diferentes formas com que eles matematizavam. Por fim, o quarto momento, foi a realização de um documentário que unia todas as etapas anteriores. Esse documentário foi utilizado como produto educacional do autor para cumprir a etapa do mestrado profissional.

Saliento o terceiro momento da pesquisa, a investigação com uma situação-problema sobre comércio, como ápice da investigação, por ter proporcionado espaço para que os

discentes pudessem desenvolver as matemáticas aprendidas e produzidas por eles em seus distintos espaços de trabalho e contextos sociais. Nesse momento, eu me recordei da frase de Paulo Freire (2021), em *Pedagogia do oprimido*, quando diz que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 95).

Com relação à pesquisa de Carvalho (2018), o autor busca compreender como as práticas pedagógicas no ensino de matemática na EJA, a partir do contexto do aluno, contribuem para a redução da evasão escolar. A metodologia utilizada na pesquisa foi a abordagem qualitativa e o procedimento investigativo foi o estudo de caso. Ao longo da dissertação, o autor comenta que optou por esse tipo de percurso metodológico por se aproximar mais de sua intenção para com a pesquisa: observar a construção do conhecimento de estudantes da EJA sobre temas relacionados a educação matemática, a fim de formar cidadãos capazes de intervir de forma ética na sociedade e na economia.

O contexto no qual a pesquisa foi desenvolvida tem como lócus o Colégio Estadual Dr. Luís de Moura Bastos, em Dias d'Ávila, na Bahia, que possui, entre outras modalidades de ensino, a EJA. Todos os alunos residem na localidade ou em bairros vizinhos à escola. A escolha pela turma para realizar a pesquisa aconteceu em comum acordo com o pesquisador e a secretaria escolar, que indicaram ser mais interessante para a pesquisa trabalhar com a turma do 9º ano, denominada na escola como turma A. Os participantes foram os próprios estudantes da turma, sendo sete homens e três mulheres, totalizando dez estudantes participantes. As idades variaram entre 17 e 39 anos. Além dos estudantes, a professora da turma também foi participante da pesquisa. A pesquisa foi dividida em dois momentos.

Com o objetivo de fazer um levantamento dos estudantes da EJA, da historicidade dessa modalidade no estado e na escola, assim como dos documentos essenciais para a construção da narrativa sobre a evasão escolar, principalmente na EJA, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, que consistiu em análises atentas de documentos, livros e relatórios escolares. Essa coleta de dados quis verificar e identificar fatores que causaram a evasão escolar e possíveis soluções.

No segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas em sala com os estudantes participantes. Perguntou-se a eles seus nomes, idade, profissão e foram feitas perguntas ligadas às suas práticas matemáticas dentro e fora da sala de aula. Os encontros foram divididos em quatro momentos. Cada encontro tinha duração de uma hora e trinta minutos e acontecia no tempo regular cedido pela professora de matemática da referida turma.

No primeiro encontro, ocorreram a aplicação do questionário inicial e o levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes. No segundo encontro, foram apresentados aos

participantes dois gráficos e indagou-se a eles se conheciam e sabiam interpretá-los. O terceiro e quarto momentos apresentavam duas situações-problema distintas, que envolviam noções de lógica.

Na primeira situação, era apresentada uma camiseta com dois furos no meio dela. Perguntou-se aos discentes quantos furos a camisa possuía. Ao lado da imagem, apareciam quatro opções: A - 2, B - 4, C - 6, D - 8. Na segunda situação, pediu-se que os alunos resolvessem um triângulo mágico, que consiste dispor os números de 1 a 6 em cada lado do triângulo, de forma que cada lado some 10.

Carvalho (2018) salienta que a apresentação dessas situações-problema visava a um momento de descontração com os estudantes, de forma lúdica, para estimulá-los a pensar no que os desestimulava. Entretanto, ele aponta que alguns alunos relataram que essas situações os fizeram *acordar para a vida*, numa interpretação livre de que temas tão simples e descontraídos os faziam se interessar mais pelos assuntos da matemática, despertavam mais atenção para temas triviais da vida e seus erros. Esses momentos foram realizados por meio de rodas de conversa.

Nesse viés, um dos questionamentos levantados pelo pesquisador no questionário inicial entregue aos alunos era sobre o motivo que levou os estudantes a, em algum momento da vida, abandonarem os estudos. Entre temas como trabalho, filhos, distância da casa para a escola, foi elencado um motivo comum a todos: a falta de motivação com a escola. Como conclusão, o autor relata que há ausência de práticas que orientem os docentes a trabalharem com estudantes da EJA, o que contribui significativamente para a evasão escolar, pois muitos estudantes abandonam a escola no período regular pelas dificuldades que ela impõe, mas essas dificuldades não melhoram com o tempo, apenas são repetidas agora, em uma modalidade que atende, substancialmente, adultos e idosos, com experiências vastas de vida.

Por fim, segundo a pesquisa (Carvalho, 2018), é possível constatar que, para uma redução na evasão escolar de alunos da EJA, o cuidado com o currículo e com as práticas pedagógicas dentro da escola é imprescindível. O currículo deve ser embebido de temáticas próximas aos estudantes, partindo de suas demandas, de seus contextos sociais e do mercado de trabalho. Além disso, as práticas desenvolvidas devem preconizar a coletividade e uma educação a serviço da qualidade de vida de seus estudantes.

A última dissertação a ser apresentada nessa revisão de literatura é de Pereira (2020) e versa sobre a representação do tempo na vida dos estudantes na alfabetização/EJA. A autora tem por objetivo compreender de que modo os estudantes da EJA (re)significam a noção de tempo a partir de suas experiências. Durante todo o caminhar de seu texto, ela apresenta a

motivação por pesquisar sobre o tema: ela é professora regente da turma participante da pesquisa e os acompanhou por três anos, até que compreendeu a importância de pesquisar na área e, a partir de então, buscou o mestrado profissional como forma de se aprofundar mais nos temas que versam sobre a educação.

Logo no primeiro capítulo, a autora apresenta o evento *Matematicando*, realizado pelo Laboratório de Ensino de Matemática (LEMAT) da Universidade Federal de Uberlândia, campus Pontal. Esse evento é realizado todos os anos, desde 2016, na cidade de Ituiutaba-MG, em comemoração ao dia nacional da Matemática, no dia 6 de maio. O que destaco de interessante é a participação dos estudantes no processo criativo da celebração. Não se tratou de um evento em que os discentes caminhavam observando uma cena ou história, mas de um espaço em que era permitido aos estudantes realizar todas as atividades propostas, sempre com uma mediação para auxiliar no que fosse necessário.

A pesquisa desenvolvida (Pereira, 2020) foi de caráter qualitativo e buscou mostrar como a noção de tempo é representada pelos estudantes da EJA. Tinha como objetivo verificar se eles possuíam outras releituras sobre o tempo a partir de suas experiências culturais ou ambientes de trabalho. Para isso, foi apresentado aos discentes o calendário cultural indígena, que dividia um círculo em 12 partes de mesmo tamanho, referindo-se aos meses do ano. Cada parte condizente a um mês do ano tinha um significado para os indígenas, por exemplo: janeiro no calendário indígena era simbolizado por uma plantação de milho, fazendo referência a ser uma época de colher milho; fevereiro era representado por um caminho de água com peixes, fazendo alusão a ser o período das grandes chuvas, em que os rios ficavam cheios; e por aí os meses se seguiam...

Como a pesquisa visava encontrar relações socioculturais e experiências de vida dos estudantes com o tempo, a atividade desenvolvida pela pesquisadora para coletar essas informações consistiu na construção de um calendário do tempo, construído pelos próprios estudantes. Para tal, foram realizadas rodas de conversa com a apresentação de músicas e vídeos que versavam sobre a ideia de tempo cronológico e cultural. A pesquisa foi realizada com 15 estudantes, sendo seis homens e nove mulheres, com idades entre 35 e 72 anos. As experiências profissionais que os discentes desenvolviam variavam de lavradores, serviços gerais, desossadores de animais em frigorífico, manicure, domésticas, fabricantes de doces e queijos a donas de casa. Todos os participantes tinham vasta experiência de vida, o que possibilitou a construção de um calendário com base nessas vivências.

Utilizando como instrumentos principais da pesquisa um gravador e um diário de bordo, a pesquisadora fez questionamentos aos estudantes sobre a noção de tempo em seus

cotidianos. Além disso, no momento da construção do calendário, ela buscou por explicação dos discentes sobre a construção de cada mês e seus motivos, visando ao compartilhamento de conhecimento entre os participantes. Segundo Pereira (2020), “a compreensão do conceito (tempo) pelos estudantes se deu por meio da associação com aquilo que eles vivenciam no cotidiano” (p. 114). A partir dessa associação, os estudantes puderam organizar suas ideias e compartilhar seus saberes por meio do corte e da colagem de gravuras e desenhos que representavam o que cada mês significava para eles.

Dessa forma, a autora pôde perceber que os estudantes adultos são capazes de representar suas experiências de vida e seus conhecimentos de mundo através das narrativas de suas histórias, compartilhando-as com os demais indivíduos, colocando-se como protagonistas de sua aprendizagem.

1.2 REVISTAS E PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

Para esta etapa da revisão de literatura, escolhemos as revistas *Bolema – Boletim de Matemática*, um periódico vinculado à pós-graduação em Educação Matemática da UNESP, mas que já se tornou um periódico nacional, e *Zetetiké*, revista de Educação Matemática da Universidade de Campinas. Além dessas, duas outras revistas foram consideradas para essa pesquisa, pelo foco em temas inerentes ao trabalho. A primeira foi a *Revista Latino-americana de Etnomatemática*, que comporta estudos dentro da área de Etnomatemática de toda América Latina, sendo significativa para a nossa investigação, e a *Revista Ideação*, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, cuja edição de 2021 apresentou várias contribuições envolvendo a Educação de Jovens e Adultos e Etnomatemática.

Iniciamos nossa revisão pela *Revista Ideação*, que em 2021 publicou uma edição especial em comemoração ao centenário de Paulo Freire (1921-2021). Nela, encontramos uma pesquisa que versa sobre a Etnomatemática na Educação de Jovens e Adultos, duas palavras-chave que utilizamos em nossos referenciais de buscas. A pesquisa se intitula “Contribuições de Paulo Freire no ensino de matemática: etnomatemática na educação de jovens e adultos” e tem como autoras Menezes e Melo (2021).

A pesquisa nos convida a analisar os pressupostos freirianos nas práticas pedagógicas de professores que ensinam matemática na EJA. O artigo é dividido em cinco partes. A primeira apresenta a importância de Paulo Freire para a educação brasileira, trazendo a historicidade de suas ações dentro e fora do campo da educação.

As autoras (Menezes; Melo, 2021) também refletem sobre a diferença entre a pedagogia autoritária, muitas vezes ainda utilizada em sala de aula, mecanizada e indiferente à realidade dos estudantes, intitulada por Freire (2021c) como Educação Bancária, e a Pedagogia Libertadora, uma pedagogia preocupada com as transformações sociais, econômicas e políticas do ser humano. Nessa pedagogia libertadora, o diálogo é o centro de toda troca de saberes.

Outro ponto trazido é a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de Ensino. Inicialmente Menezes e Melo (2021) apresentam a definição da EJA dentro dos documentos normativos nacionais, desde a Constituição de 1988, que garante o acesso à educação pública e de qualidade a pessoas em qualquer idade. Também apresentam o marco legal que garante a EJA como modalidade de ensino até as estruturas dos componentes curriculares dessa modalidade de ensino. Para as autoras,

A EJA tem por finalidade ajudar o indivíduo a desenvolver suas capacidades, habilidades e potencialidades. Assim, os jovens e adultos que estão retornando aos bancos escolares devem ser vistos como sujeitos sócio-histórico-culturais, com experiências e conhecimentos acumulados, com o tempo próprio de formação, contatos cotidianos, saberes e participação, com elaboração entre saberes locais e saberes universais, numa perspectiva de ressignificação da concepção de mundo e de si (Menezes; Melo, 2021, p. 138).

Um terceiro aspecto desenvolvido é o ensino de matemática na EJA. A matemática ainda é um dos motivos para a grande evasão e fracasso escolar. Isso está ligado em grande parte à forma como a matemática é discutida em sala de aula, tanto pelo rigor exigido quanto pelas temáticas abordadas, muitas vezes dissonantes ao que os estudantes experienciam em seus ambientes de trabalho e contextos sociais.

O quarto tópico desenvolvido no artigo se relaciona aos pressupostos freireanos e à EJA. As autoras relatam a importância do diálogo entre os pares, professores e estudantes, como expressão de respeito, solidariedade e compromisso com a cultura do outro. Não há espaço para “disciplinador” e “disciplinado” ou para “quem só fala” e “quem só escuta”. A aprendizagem é cíclica, ambas as partes são sujeitos do processo de aprendizagem. O último tema trabalhado pelas autoras é a etnomatemática no contexto da educação de jovens e adultos. Elas salientam as inúmeras formas que as pessoas têm de desenvolver o raciocínio matemático, que por vezes não são trabalhados em sala de aula.

Passando agora para a Revista Zetetiké, nela utilizamos o campo de busca de duas maneiras distintas. Na primeira busca, utilizamos como palavra-chave “etnomatemática”, encontrando um total de 25 pesquisas. Quando utilizamos como palavra-chave “EJA”,

encontramos sete pesquisas. Ao utilizar as duas palavras-chave juntas, “etnomatemática” e “EJA”, não obtivemos nenhum resultado. Entretanto, a fim de encontrar artigos que auxiliassem em nosso problema de pesquisa, lemos os resumos das 32 pesquisas anteriormente encontradas nas buscas distintas, mas todos discorriam sobre ensino de matemática, formação de professores, resolução de problemas ou educação indígena e do campo. Dessa forma, não foi utilizada nenhuma pesquisa da Revista Zetetiké nessa revisão de literatura.

Continuando a busca por mais pesquisas, agora vamos para a revista Bolema, periódico Qualis A1, o maior índice da CAPES. Por ser uma revista vinculada ao repositório da Scielo, conseguimos facilmente adicionar duas palavras-chave ao mesmo tempo, “etnomatemática” e “EJA”, filtrando bem o que gostaríamos de pesquisar. Nessa busca, também não houve delimitação de tempo, tendo em vista que as produções encontradas sem esse filtro já foram poucas. Encontramos um total de apenas duas pesquisas, sendo uma de 2014 e outra de 2022.

A primeira pesquisa, intitulada “Práticas laborais nas salas de aula de matemática da EJA: perspectivas e tensões nas concepções de aprendizagem”, cujas autoras são Schneider e Fonseca (2014), tem como objetivo observar jogos de intencionalidades e tensionamentos que nascem e são forjados nas práticas em uma sala de aula da EJA. Além disso, busca verificar como se mobilizam essas práticas quando os sujeitos são alocados ora como estudantes que trabalham, ora como trabalhadores que estudam.

A pesquisa (Schneider; Fonseca, 2014) foi gerada a partir da experiência e observação de uma das autoras, que acompanhou duas turmas da EJA de uma escola pública municipal, durante três semestres, nas aulas de matemática. Os instrumentos utilizados para registrar as observações foram as gravações em áudio e cadernos de campo. Também foram realizadas entrevistas com professores e estudantes. A partir desses registros, foram produzidas as narrativas que incorporaram a investigação realizada. Com base nessas entrevistas e diálogos em sala de aula, as autoras observaram certa resistência do professor entrevistado em aceitar as experiências que um estudante trouxe de seu dia a dia.

A partir de um retângulo, com as medidas representativas de 5m e 4m, desenhado no quadro, o professor questiona o estudante: “*Para colocar um piso, sem rodapé, quantas caixas de dois metros você vai precisar?*”. Quando o discente não responde à altura da expectativa do professor, os dois se frustram. O professor, por não poder dar sequência à aula com base em suas expectativas em relação à resposta que obteria, já que pensara em utilizar a resposta do estudante como introdução para uma generalização matemática; o discente, por

não compreender a necessidade de saber um conceito além do que o necessário para ele em seu ambiente de trabalho: *“Eu não preciso fazer a conta. Eu só preciso saber a área que vou cobrir. O vendedor da loja de material é que faz...”*.

O professor desejava partir do conhecimento profissional do estudante para introduzir um conceito matemático abstrato, a fim de correlacionar a matemática escolar a toda e qualquer aplicação e conceito da sociedade e do trabalho. Entretanto, esquece que o discente não deve se esvaziar dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida, tampouco substituí-los para dar lugar aos conceitos e às práticas desenvolvidos pela escola.

Como considerações finais, as autoras (Schneider; Fonseca, 2014) trazem a necessidade de se acolher e respeitar as diversidades de saberes em sala de aula, buscando sempre a construção de um diálogo fraterno entre os sujeitos. Também corroboram a ideia de superar o engessamento que rege o pensar, a vida escolar e, por conseguinte, engessam os modos como as relações entre o trabalho, a vida e a escola acontecem.

Já a segunda pesquisa encontrada no Bolema, cujo título é “Análise de redes sociais dos artigos sobre Educação de Jovens e Adultos publicados nos últimos vinte anos do Boletim de Educação Matemática”, de autoria de Braga, Pereira e Rôças, trata-se de uma pesquisa recente, de dezembro de 2022, que tem por síntese mapear as produções acadêmicas publicadas na Revista Bolema nas últimas duas décadas, 2000 a 2020, sobre a Educação de Jovens e Adultos e sua relação com a educação matemática.

Utilizou-se como metodologia o estado do conhecimento (sistematização de dados), em uma abordagem qualitativa (busca compreender e interpretar a realidade) e quantitativa (visa analisar os materiais catalogados a partir de medidas de centralidade) de cunho bibliográfico (análise de fontes pré-existentes). Construíram-se redes de palavras-chave e de referências, a fim de relacionar cada artigo catalogado com suas palavras-chave e referências disponibilizadas.

Foram catalogados 12 artigos, publicados entre os anos 2006 e 2016, que trazem como tema a EJA, sendo possível relacioná-los, por meio da metodologia empregada, com abordagens teóricas de grande relevância para a educação matemática, como etnomatemática e modelagem matemática. Também foi possível verificar os teóricos mais utilizados nas referências dos artigos escolhidos, como D’Ambrosio (na etnomatemática), Skovsmose (na modelagem matemática e educação matemática crítica), Freire (na educação e os excluídos) e Fonseca (na educação matemática e a EJA).

Além disso, os documentos normativos que regem a EJA também aparecem em posição de destaque na pesquisa, isso mostra uma preocupação dos autores em pesquisar o

histórico da EJA, bem como as leis que regem essa modalidade de ensino. Foi possível verificar a pequena quantidade de produções no tema EJA (apenas 1,5% do portfólio da Revista Bolema tem a EJA como temática). Os temas mais próximos das pesquisas foram práticas pedagógicas desenvolvidas numa sala de aula da EJA, currículo de matemática na EJA e a produção de materiais didáticos para a EJA. Todas as pesquisas são de abordagem qualitativa e buscam transformar a realidade e são, em sua grande maioria, pesquisas de mestrado e/ou de grupos de pesquisa. Outro resultado encontrado pelos autores (Braga; Pereira; Rôças, 2022) foi o quão caro é esse tema para as pesquisadoras, sendo possível constatar que 83% dessas produções foram desenvolvidas por mulheres.

Foi possível constatar também a importância e a necessidade de se repensar o currículo da EJA, de modo a aproximar seu público de suas vivências, experiências e práticas. Além disso, ressalta-se a necessidade de se produzir materiais didáticos voltados para a formação cidadã do sujeito da EJA, não como fim da aprendizagem, mas em mútuo diálogo com o trabalho e o contexto social do qual o estudante da EJA já faz parte.

Em consonância com os demais artigos lidos e refletidos para essa revisão de literatura, um dos resultados e conclusões obtidos pelos autores dessa investigação (Braga; Pereira; Rôças, 2022) foi que a grande maioria de autores defende um olhar encorajador e empático para as matemáticas outras que existem e se articulam dentro e fora das salas de aula, com diferentes grupos, culturas e contextos sociais, matemáticas outras que perpassam os olhares inócuos dos documentos normativos e adquirem dimensões políticas, sociais e econômicas.

Por fim, a última revista a ser analisada se intitula Revista Latino-americana de Etnomatemática. Todos os periódicos e artigos nela contidos versam principalmente sobre a abordagem etnomatemática em diferentes contextos e culturas. Essa revista já é focada em pesquisas na área da etnomatemática, então buscamos pela palavra-chave “EJA” para iniciar nossa pesquisa. Foram encontradas quatro pesquisas sobre educação de jovens e adultos e etnomatemática. Ao ler os resumos das quatro pesquisas, eliminamos duas, pois eram voltadas para as áreas da educação do campo e da educação indígena. Assim, restaram duas pesquisas sobre a EJA, em dois cenários distintos.

A primeira pesquisa refere-se a um recorte da dissertação de mestrado de uma das autoras e se intitula “Os saberes matemáticos de jovens e adultos em contextos de privação de liberdade”, cujas autoras são Meira e Fantinato (2015), e tem como objetivo de estudo investigar e compreender os saberes construídos/adquiridos por jovens e adultos em contexto de privação de liberdade. A pesquisa foi realizada em uma unidade prisional masculina da

zona norte do estado do Rio de Janeiro, local onde uma das pesquisadoras é docente. A realidade prisional é marcada por grande violência e restrição de direitos.

A metodologia empregada é de natureza qualitativa e abordagem etnográfica, por se tratar de um estudo que busca compreender e interpretar a realidade prisional a partir de uma análise profunda sobre os comportamentos dos sujeitos entrevistados. Segundo Fantinato (2003, p. 44), uma das principais características da pesquisa etnográfica é o envolvimento do pesquisador no contexto da pesquisa, não havendo espaços para neutralidade na pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa são jovens e adultos em contexto de privação de liberdade, matriculados formalmente na escola na modalidade EJA. As turmas escolhidas para desenvolver a pesquisa são do 6º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. A escolha se deu por serem turmas de início de ciclo e pela professora pesquisadora ser a regente dessas turmas. Os instrumentos utilizados para realizar a pesquisa foram diários de campo, fotografias, análise de fontes documentais e entrevistas. Como referencial teórico foi escolhido o Programa de Etnomatemática, que permite um olhar desconstruído para com os detentos, compreendendo os conhecimentos e saberes matemáticos desenvolvidos por eles a partir das necessidades impostas pela reclusão.

Algumas dificuldades encontradas pelas pesquisadoras (Meira; Fantinato, 2015) para a realização da pesquisa se dão, principalmente, pelo ambiente hostil e proibitivo imposto pela unidade prisional, haja vista que pouco poderia ser compartilhado, em razão da proibição de falar sobre alguns assuntos que poderiam vir a prejudicar não só os detentos, mas também os agentes que lá trabalham. Além disso, os estudantes se mostravam muito resistentes e desinteressados em participar das entrevistas, alguns por medo de retaliação. Os funcionários do presídio também foram convidados a participar da pesquisa, mas todos negaram a sua participação por causa dessa mesma política, chamada *lei do silêncio*, que os incentiva a não dizer, “ver” ou “ouvir” nada que acontece dentro do presídio, sob pena de ir para um local de maior perigo.

Foram identificados, coletados e discutidos dois saberes desenvolvidos pelos reclusos. O primeiro consistiu em compreender a construção de um forno para esquentar suas refeições diárias com papelão, lâmpada, alumínio das quentinhas velhas e fios. Mesmo sem contato com nenhum instrumento de medida e utilizando seus conhecimentos anteriores à reclusão ou a partir da observação de uns aos outros compartilhando as experiências, os sujeitos realizaram a montagem e a testagem do forno.

O segundo saber foi uma técnica desenvolvida por um dos detentos para realizar o cálculo da progressão do regime penal, que consistia em saber em quanto tempo eles

poderiam ter a progressão do regime para um regime menos rigoroso. A professora-pesquisadora informou o cálculo matemático utilizado para definir esse período, entretanto, os alunos informaram que no presídio havia um senhor analfabeto que fazia todo o cálculo de progressão de maneira mais fácil e em troca *ganhava seus trocadinhos*. A pesquisadora pediu que na próxima aula o senhor fosse convidado para participar e explicar seus métodos. O senhor ficou muito feliz em poder participar da aula e mostrar seus conhecimentos para a turma, deixando a todos, professores e alunos, radiantes com a explanação.

Por fim, as autoras (Meira; Fantinato, 2015) concluem que qualquer atividade voltada para a EJA em espaços de privação de liberdade deve se alicerçar em três aspectos: a formação humana, a reconstrução da liberdade do sujeito e a sua experiência social. Também é possível constatar que existem saberes próprios desenvolvidos em contextos de privação da liberdade. Esses saberes são gerados a partir das necessidades impostas pelo sistema prisional e pela cooperação mútua entre os sujeitos.

Ainda na Revista Latino-americana de Etnomatemática, a segunda pesquisa encontrada se intitula “Não olha na cara da gente: ensino remoto na EJA e processos de invisibilização em contexto de pandemia”, é de autoria de Fantinato, Freitas e Dias (2020) e tem como objetivo trazer à discussão o processo de invisibilização dos estudantes da EJA frente à implementação do ensino remoto durante o período de isolamento social em decorrência da Covid-19.

O artigo é dividido em quatro partes. A primeira parte é uma breve introdução sobre o cenário da EJA em território nacional e o desmonte que essa modalidade de ensino vem sofrendo, antes mesmo da pandemia. Os autores (Fantinato; Freitas; Dias, 2020) questionam de que forma é possível garantir que as práticas curriculares, no caso, o ensino remoto e as estruturas organizacionais das escolas, implementadas na EJA, de fato não levem ao distanciamento do seu público de um ensino e uma aprendizagem pautados nas especificidades de seus estudantes.

Na segunda parte do artigo, os autores (Fantinato; Freitas; Dias, 2020) refletem sobre a decolonialidade, os estudantes e a etnomatemática. Eles propõem que compreendamos os estudantes, em especial os estudantes da EJA, como indivíduos com conhecimentos legítimos e aptos a compartilharem seus saberes com toda a sociedade. Fantinato, Freitas e Dias (2020) refletem também sobre a dificuldade de alguns pesquisadores e intelectuais em dar espaço para que os sujeitos falem, falando por esses sujeitos como se fossem esses próprios pesquisadores os invisibilizados. Eles sinalizam sobre o cuidado com termos como *dar voz* aos indivíduos sob a pretensão de que, a partir dos diálogos e escritos de outros, os sujeitos à

margem da sociedade possam ser representados. Não é falar pelas pessoas, e sim promover espaços que valorizem e respeitem as falas dos outros.

A pesquisa realizada para esse artigo (Fantinato; Freitas; Dias, 2020) é qualitativa exploratória (Gil, 2018) e o foco foi observar e discutir a implementação do ensino remoto na EJA e de que forma isso contribui para a crescente invisibilização de seus sujeitos, os estudantes. A fim de discutir esse cenário, a terceira parte desse artigo busca analisar o depoimento de alguns docentes que atuam na modalidade de ensino da EJA, sobre as suas impressões com a implementação do ensino remoto. Essa pesquisa foi realizada pelo Fórum EJA Rio⁵ e contou com a resposta de 147 docentes, entre professores, orientadores e gestores. Foi possível observar a precarização da implementação da modalidade on-line que se resumiu, em sua grande maioria, a grupos de *WhatsApp* e *Facebook*, redes sociais que foram desenvolvidas para troca de mensagens informais.

Por meio dos depoimentos dos professores, observou-se a distância das atividades realizadas no ambiente remoto com os documentos normativos que regem a educação e, de um modo especial, a educação de jovens e adultos. Isso porque os documentos salientam a importância de um ensino pautado na troca de saberes e no respeito pelo conhecimento dos estudantes, o que, durante o período remoto, não foi observado. A forma de envio das atividades foi mecanicista, visto que os alunos eram incentivados à leitura e à reprodução de uma determinada ação dada pelo professor. O acolhimento aos estudantes, formas empáticas, respeitosas e atentas para ouvir suas demandas são importantes numa relação professor-aluno. Quando isso falta, contribui para a evasão escolar, sobretudo na EJA, em que os sujeitos já se afastaram uma vez dos bancos escolares ou nunca os frequentaram e, muitas vezes, já são desrespeitados em seus contextos de vida.

A quarta e última parte da pesquisa (Fantinato; Freitas; Dias, 2020) objetivou coletar depoimentos dos estudantes da EJA e teve como fonte direta os grupos de *WhatsApp* dos quais estudantes, professores, gestores e responsáveis faziam parte. Esse grupo anteriormente tinha como membros apenas os discentes e era um ambiente informal de troca de mensagens e conversas. A partir do momento que outros sujeitos passaram a fazer parte desse grupo, os estudantes perderam um pouco a sua identidade, pois passaram a engessar suas falas e comportamentos no grupo, já que agora professores e gestores deles também faziam parte.

A pesquisa aconteceu numa escola do município de Macaé, onde um dos autores do artigo estava realizando sua pesquisa de mestrado. O município contou com o fechamento de

⁵ Site do Fórum EJA Rio disponível em: <http://forumeja.org.br/rj/node>.

escolas, passando a ser ofertado o ensino noturno em apenas algumas. As atividades eram oferecidas de modo remoto, com o uso de uma plataforma particular do município, mas sua implementação era distante da realidade dos estudantes e dos professores por diversos motivos: falta de recursos, falta de materiais digitais, falta de acesso à internet, falta de manutenção da plataforma etc.

Uma das observações destacadas pelos autores (Fantinato; Freitas; Dias, 2020) foi o escancaramento da desigualdade social aflorada com a necessidade do uso de meios digitais para comunicação e realização de trabalhos. Para muitos alunos, esses recursos eram limitadíssimos ou, muitas vezes, distantes de sua realidade. Não sabiam usar, não conseguiam usar ou não podiam usar. Tudo isso só intensificou mais as desigualdades sofridas por esse público. Por fim, a partir da leitura do artigo (Fantinato; Freitas; Dias, 2020), foi possível perceber a total preocupação dos autores com o desenvolvimento de um ensino pautado no diálogo e no afeto, temas tão caros e próprios às salas de aulas presenciais.

1.3 APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS COM A PESQUISA

Teceremos, agora, de forma breve, aproximações e diferenças em nossa pesquisa com as que analisamos nesse capítulo sobre a etnomatemática e a EJA. A pesquisa de Souza (2021) foi substancial para a nossa compreensão sobre a importância das rodas de conversa com os participantes e sobre a necessidade de ouvir e registrar as narrativas socioculturais dos estudantes, para fim de reconhecer, valorizar e propagar suas experiências de vida. Embora o desejo de ouvir as histórias dos estudantes sempre fosse presente nesse trabalho, não havia, de fato, uma consolidação de como essa aproximação poderia ser feita para gerar um ciclo de confiança entre o pesquisador e os estudantes.

Nessa perspectiva, Souza (2021) apresenta a roda de conversa como instrumento de pesquisa, a fim de suscitar as narrativas individuais e coletivas dos sujeitos. Ao deixar que os estudantes contassem suas histórias, a pesquisadora permitiu que eles se encontrassem como sujeitos da pesquisa, narradores em potencial. Essa é a força de uma construção coletiva que considera todo contexto social do participante e suas subjetividades.

Para o processo de criação da pesquisa, bem como a organização das etapas de entrevistas, a pesquisa de Santana (2019) foi de suma importância para que iluminasse os percursos a serem construídos e trilhados para uma melhor coleta das narrativas dos estudantes. Embora meu objetivo final não seja verificar as práticas escolares e pedagógicas dos estudantes em sala de aula, mas as formas como eles matematizam fora do ambiente

escolar, o percurso metodológico escolhido e desenvolvido por Santana (2019), a total empatia e a gratidão pelo desenvolvimento da pesquisa com uma turma de EJA são fatores de motivação para continuar nesse caminho.

Além disso, foi possível verificar quão relevantes e essenciais são os questionários iniciais desenvolvidos e entregues aos estudantes para o desenvolvimento de todas as pesquisas analisadas nesse capítulo de revisão de literatura. Isso demonstra uma preocupação dos pesquisadores em conhecer os estudantes que participarão de suas pesquisas, seus nomes, rostos e opiniões, e não somente em aplicar seus projetos, sem qualquer contato e apresentação prévios.

Observamos que nossa pesquisa se aproxima ideologicamente das ideias de Carvalho (2018) quando o seu desejo também é formar cidadãos capazes de intervir de forma ética na sociedade e na economia, entretanto o foco do autor foi no desenvolvimento de práticas pedagógicas que auxiliassem na diminuição da evasão escolar por parte dos estudantes. Nosso foco continua sendo nos saberes produzidos pelos estudantes e nas suas formas de matematizar fora do ambiente escolar. O desejo dessa pesquisa é não apenas utilizar as experiências de vida dos estudantes da EJA como contextualização para um ensino ainda formal, mas valorizar os saberes socioculturais dos estudantes como saberes matemáticos.

Pereira (2020) nos apresenta um evento muito semelhante ao que desejamos realizar como Produto Educacional desta pesquisa, uma exposição. A autora explana a importância que teve, para os participantes, atuar como protagonistas nesses espaços, conhecendo as histórias e se reconhecendo culturalmente e como indivíduos capazes de construir conhecimento a partir de seus saberes, por vezes desprezados nos ambientes em que vivem e trabalham.

Além disso, promover aos estudantes a possibilidade de participarem de um evento fora dos muros da escola, onde, segundo eles, “*jamais pisariam*”, foi de grande transformação não só para os discentes, mas também para a professora, autora da pesquisa, que despertou um novo olhar para a sua profissão. Um olhar mais atento às falas e às construções individuais e coletivas de seus estudantes, que valoriza os registros dentro e fora da sala de aula e que compreendeu a necessidade de observação como um objeto de estudo.

Essa pesquisa foi relevante por abrir os olhos sobre as potencialidades dos estudantes para além dos conhecimentos curriculares. A professora utilizou a sala de aula, ambiente por vezes hostil, de reprodução de conceitos e de aprendizagem mecanicista, para dar espaço aos estudantes e torná-los protagonistas de sua própria aprendizagem. Não havia conteúdos

programáticos a serem cumpridos, o desejo da pesquisadora era, tão somente, dar luz aos saberes socioculturais e experiências de vida dos estudantes que participavam da pesquisa.

No artigo de Menezes e Melo (2021), as autoras concluem que inserir a etnomatemática na EJA trará inúmeras possibilidades de mudanças nas práticas docentes dos professores, pois conectará o conhecimento produzido em situações diversas dos estudantes da EJA com as práticas pedagógicas escolares. Salientam que haverá mais qualidade no ensino a partir do momento em que professores e estudantes trabalharem juntos na construção e aquisição do conhecimento.

Entretanto, há de se ter o cuidado de não transformar a etnomatemática em disciplina, sob risco de engessar uma abordagem teórica que tem por objetivo ser caminho a trilhar como forma de valorizar os saberes dos sujeitos. Dois fatores aproximam estreitamente a pesquisa de Schneider e Fonseca (2014) às ideias que foram desenvolvidas neste estudo. A primeira é a escolha das gravações em áudio e do caderno de campo como instrumentos utilizados para registrar as observações das autoras. Além disso, a realização de entrevistas com os docentes e discentes foram essenciais para o sucesso da pesquisa, pois, através desse instrumento de registro, foram produzidas as narrativas que incorporaram a investigação.

Como considerações finais, as autoras (Schneider; Fonseca, 2014) trouxeram a necessidade de se acolher e respeitar as diversidades de saberes em sala de aula, buscando sempre a construção de um diálogo fraterno entre os sujeitos. Também corroboram a ideia de superar o engessamento que rege o pensar e a vida escolar e, conseqüentemente, engessam os modos como as relações entre o trabalho, a vida e a escola acontecem.

A pesquisa de Braga, Pereira e Rôças (2022) mapeou as produções acadêmicas publicadas na Revista Bolema nas últimas duas décadas, 2000 a 2020, sobre a Educação de Jovens e Adultos e sua relação com a educação matemática. Os autores relataram que os temas mais presentes nas pesquisas nessa área são as práticas pedagógicas desenvolvidas numa sala de aula da EJA, currículo de matemática na EJA e a produção de materiais didáticos para a EJA. Assim, é possível perceber uma lacuna no desenvolvimento de pesquisas que busquem reconhecer as experiências que os estudantes da EJA trazem de seu cotidiano. Existem poucas pesquisas nessa temática. Logo, constata-se ser relevante a realização desta dissertação para o desenvolvimento e pesquisa na área de etnomatemática, EJA e valorização dos saberes socioculturais dos estudantes.

A pesquisa de Meira e Fantinato (2015) talvez seja a que mais se aproxima da nossa metodologia de pesquisa, por ser de natureza qualitativa e de abordagem etnográfica e por se tratar de um estudo que busca compreender e interpretar a realidade prisional a partir de uma

análise profunda sobre os comportamentos dos sujeitos entrevistados. Segundo Fantinato (2003, p. 44), uma das principais características da pesquisa etnográfica vem a ser o envolvimento do pesquisador no contexto da pesquisa, não havendo espaços para neutralidade na pesquisa. Os instrumentos utilizados para realizar a pesquisa foram diários de campo, fotografias, análise de fontes documentais e entrevistas, objetivando conhecer o contexto no qual a pesquisa estava se inserindo e buscando compreendê-lo. Novamente, são apresentados os instrumentos que serão utilizados em nossa pesquisa, fortalecendo a importância para um pleno desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, ao analisar o último artigo dessa revisão de literatura dos autores Fantinato, Freitas e Dias (2020), é possível refletir sobre a pesquisa que buscamos desenvolver nesta dissertação de mestrado. Há de se ter um cuidado imenso para que não façamos uso das falas e das narrativas dos estudantes depoentes como se fossem nossas ou fruto apenas da pesquisa. Entretanto, é imprescindível que esta seja um espaço de valorização dos saberes culturais de todos os estudantes que aceitarem participar do projeto.

Os autores salientam a importância da sala de aula, dos ambientes da escola, das trocas entre alunos, professores e comunidade escolar na aquisição de conhecimentos e valorização dos saberes. Além disso, como observação final, citamos os autores quando afirmam que “o contato com os amigos e professores da escola, pode significar, por exemplo, sentir-se mais aceito pela sociedade, ou ainda, simplesmente mais visibilizados nela.” (Fantinato; Freitas; Dias, 2020, p. 120). E quem não gostaria de ser visto?

Embora com algumas aproximações, por outro lado, podemos perceber um afastamento das pesquisas apresentadas nesse capítulo com a que desejamos realizar nesta dissertação, por não procurarmos em momento algum uma matematização das práticas dos sujeitos a serem pesquisados, estudantes da EJA. Buscamos, com o desenvolvimento desta pesquisa, enxergar e registrar as trocas em sala de aula, os afetos, as emoções, a solidariedade, bem como as insurgências nas falas e denúncias dos depoentes durante as entrevistas, de modo a pensar as matemáticas como ferramentas de militância e diálogo rumo a um caminho para a paz.

Compreendemos e reafirmamos que a educação matemática tem grande importância na construção de uma educação para paz e desejamos construir esse caminho ouvindo os relatos de sujeitos que recorrem à escola porque buscam nela uma melhor qualidade de vida. Não desejamos, por outro lado, dar nome às práticas já realizadas com tanta primazia pelos sujeitos ou buscar razões e sentidos para que elas existam ou sejam praticadas. Almejamos, sim, provocar reflexão, suscitar o diálogo, a troca e a afetividade dentro do ambiente escola, a

fim de pensar a escola como espaço de encontro; encontro de singularidades, de diferença, de dignificação da vida humana.

Portanto, a etnomatemática deve ser alicerçada em seu objetivo máximo, que é ouvir e valorizar os saberes dos outros, e isso deve ser implementado na modalidade de ensino da EJA, como forma de visibilizar os seus sujeitos dentro dos espaços educativos e fora deles.

2 ELES FALAM, NÓS DIALOGAMOS

*Creio que em face de todos esses perigos, o correto, isto é, a esperança, está sempre do lado das margens.
(Barthes, 2004, p. 439)*

Neste capítulo, aprofundar-nos-emos no referencial teórico que embasou essa pesquisa, são eles: educação menor, filosofia da diferença, etnomatemática e educação matemática para a justiça social e para paz. Dialogaremos com esses referenciais de modo a compreender sua relevância na modalidade de ensino da EJA.

Iniciaremos este capítulo, então, apresentando a nossa concepção sobre o deslocamento conceitual que realizamos ao expor a ideia de “matemáticas menores” logo no título de nossa pesquisa, salientando, desde já, que se trata de um deslocamento conceitual já realizado por Gallo (2002; 2016), junto ao termo “educação menor”.

2.1 O QUE SERIAM ENTÃO “MATEMÁTICAS MENORES”?

Ao apresentarmos a ideia de “matemáticas menores” neste texto, desejamos deslocar esse termo conceitualmente, tal qual Silvio Gallo (2002) fez em seu artigo “Em torno de uma Educação Menor”, sobre o conceito de “literatura menor”, criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari para analisar uma obra de Franz Kafka (1977). Gallo exercita o deslocamento do conceito “literatura menor” para “educação menor”, a fim de pensar a educação para além de regras e diretrizes, como prática da sala de aula, das relações dos estudantes com o seu cotidiano, sua historicidade, seu contexto social e futuro.

O autor Gallo propõe uma educação preocupada com a individualidade de seus participantes, seus valores libertários e que valoriza suas falas, ao definir educação menor como

um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância. (Gallo, 2002, p. 173).

Tal como fez Gallo, ao deslocar o termo “literatura menor” para “educação menor”, proponho deslocá-lo mais uma vez, agora para pensar as “matemáticas menores” que se

articulam dentro e fora da sala de aula. É possível que o matematizar seja um ato de resistência que valoriza e potencializa a fala dos estudantes?

Construir uma rede de dignidade e solidariedade é o que desejamos; rede na qual estudantes, sobretudo os estudantes da EJA, sejam ouvidos em suas experiências, questionamentos e sonhos. As pessoas são valorosas em sua dignidade e, enquanto educadores, é necessário ter a responsabilidade social de compreender que a vida está além de modelos matemáticos excludentes. D'Ambrosio (2020) nos convida a observar o cotidiano dos sujeitos, suas experiências e especificidades de vida como espaços de aquisição e compartilhamento de conhecimento:

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura (D'Ambrosio, 2020, p. 24).

Com o objetivo de compreender uma literatura como “menor”, é necessário que três características sejam verificadas: desterritorialização, ramificação política e valor coletivo. Da mesma forma que Gallo, também faremos o deslocamento dessas características para examinar as “matemáticas menores”.

A desterritorialização da linguagem acontece quando é permitido que outras raízes aflorem e fltuem, escapando de uma territorialização forçada, ou seja, impedindo que sejamos subservientes a uma forma apenas de pensar, agir e nos comportar. Permite novas buscas, encontros e fugas. Convida-nos a reconhecer a existência de outras línguas, outras culturas, permitindo-nos criar nossas próprias experiências sem a imposição de outras.

Com relação à educação, Gallo propõe a desterritorialização dos processos educativos. As políticas, diretrizes e documentos normativos têm, ao longo do tempo, ditado o que deve ser ensinado, o como, o para quem, o quando e o porquê. É necessário gerar possibilidades de aprendizagem a partir do inusitado da sala de aula, resistindo a processos mecanicistas e meritocráticos. É necessário abrir brechas para que infinitas possibilidades de aprendizado possam emergir.

Dessa forma, “matemática menor” se correlata à quebra desse engessamento dos processos e métodos matemáticos que coexistem no currículo imposto. Na “matemática maior”, não há espaço para que pensamentos outros, matemáticos ou não, aflorem nas salas de aula. O saber é transmitido pelo docente que, munido de todo conhecimento, ensina (transfere)

para os seus aprendentes o que sabe. Paulo Freire (2022) chama esse tipo de ensino de educação bancária:

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos aos educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 2021, p. 66).

Dentro dos currículos formais escolares, é possível perceber a reprodução da matemática acadêmica (eurocêntrica e cultural) sendo utilizada como único modelo para ler e interpretar indivíduos e culturas. Não são apresentadas nos currículos prescritos as práticas socioculturais desenvolvidas, por exemplo, pelos trabalhadores do campo, povos originários, catadores de materiais reciclados, artesãs, donas de casa...

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária — mas também, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. [...] Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? [...] Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. (Freire, 1996, p. 30).

Abrir possibilidades para que o cotidiano e as aspirações dos estudantes e da comunidade escolar façam parte das discussões nas aulas de matemática é o que se faz necessário, a fim de dar sentido e significado à aprendizagem, tornando-a uma continuidade das trocas e saberes despertados ao longo de toda a vida dos estudantes:

O ato de estudar resulta de uma “atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os factos” [...]. Neste sentido, associar o ato de estudar apenas à escola e às práticas educativas escolarizadas é negar o potencial educativo inerente a todas as experiências de vida e, em simultâneo, menosprezar a diversidade e importância dos saberes resultantes da experiência [*sic*] (Cavaco, 2013, p. 22).

Essa primeira característica se faz presente na sala de aula, sobretudo na EJA, quando os professores e estudantes passam a ouvir e compartilhar suas experiências e práticas socioculturais uns com os outros, com a intenção de partilhar esses relatos, contribuindo para

uma formação digna de seus estudantes como sujeitos críticos, compreendendo que não há apenas uma forma de saber, mas saberes diversos que criam, incluem e humanizam processos.

A segunda característica é a ramificação política. Na literatura menor, faz-se política até mesmo quando não há um conteúdo político às claras, em evidência. Sua existência é política, é de resistência. Para a literatura menor, o próprio ato de existir é um ato político (Gallo, 2002), é fazer revolução. Da mesma forma que, na literatura menor, a educação menor abre espaço para que, após a desterritorialização dos processos, o estudante-militante ou professor-militante possa exercer suas ações a partir das micropolíticas, ou seja, redescobrimo os pequenos coletivos, povos originários, associações, os menores e excluídos, promovendo uma política do cotidiano, do dia a dia, que existe e coexiste na sala de aula e fora dela. A educação menor não se preocupa em começar e concluir ciclos ou em gerar uma grande mudança acadêmica, mas se empenha nas pequenas transformações e histórias que acontecem nas relações e trocas menores e de resistência.

Na educação menor, qualquer brecha é uma “oportunidade para testemunhar o compromisso com a realização de um mundo melhor, mais justo, menos feio, mais substancialmente democrático” (Freire, 2022, p. 36). Assim, podemos dizer, quanto ao nosso deslocamento conceitual, que a matemática se torna “menor” quando, nas mãos dos estudantes e professores, transforma-se em ferramenta de resistência e militância, diálogo e luta por direitos, contra as desigualdades e pela justiça social. Simultaneamente, faz com que quem as utiliza compreenda a sua função no mundo de transformação social, resistindo às matemáticas utilizadas para classificar e excluir inúmeros grupos sociais de debates importantes do cenário atual. É resistir!

[...] a ênfase no diálogo, a reflexão compartilhada, a análise teórica a partir da experiência da cotidianidade, não apenas oferece uma crítica à dominação e à exploração social, como também postula componentes, reais e utópicos, de uma teoria pedagógica emancipadora (Torres, 1996, p. 568).

Trata-se, então, de ouvir e contar histórias como as que propomos nesta pesquisa, em que uma criança fala de educação financeira sem ao menos mencionar o currículo, e sim como instrumento de luta pela conservação da dignidade de sua família, que vende as empadas da mãe todas as noites e faz da sua organização e da sua criatividade instrumentos para pagar a conta de luz em casa e ajudar seus pais. Ou as de um senhor que, mesmo sem dominar a escrita e os axiomas matemáticos, criou móveis belíssimos de marcenaria que preencheram as casas de tantas pessoas, mas que, por não compreender o rigor matemático,

por falta de escolarização na adolescência, não conseguiu acesso a um emprego melhor, o que o levou ao desemprego e à exclusão.

Gutstein (2006) acredita que os estudantes precisam se preparar para investigar e criticar as injustiças, e isso é possível quando a matemática é utilizada como ferramenta de leitura e escrita do mundo para que interpretem a sociedade através de suas próprias lentes e encontrem formas de agir no mundo ao escrever suas histórias:

Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize. Educar para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual, para que haja justiça social e ambiental (Gadotti, 2012, p. 29).

Como diz Gadotti (2012), educar para “outros mundos” é possível, mas é preciso ressignificar o papel da educação, especialmente da educação matemática. O cenário atual é recheado de desigualdades; assim, é imprescindível reconhecer a matemática como um direito, principalmente dos menores e mais excluídos, o que é fundamental para que haja justiça social.

Assumimos agora a terceira característica: valor coletivo. Dentro da literatura menor, tudo adquire um valor coletivo. Os valores transcendem o artista, não pertencendo apenas a ele, mas ganham formas de cunho comunitário, concernindo a toda uma comunidade da qual o artista faz parte: as minorias. Uma obra de literatura menor não fala por si mesma ou pelo seu artista, mas fala por várias pessoas. Seus questionamentos e inquietações não refletem outra coisa senão as inquietações e os questionamentos de toda a sua comunidade.

Na educação menor, o professor escolhe como atuará na escola. Escolhe não só a partir de suas convicções e aspirações, mas para todos aqueles que receberão suas ações e desempenho. Na educação menor, não existem atos isolados ou solitários, isto é, o professor-militante não pensa apenas em seus próprios interesses. Toda ação gera uma consequência para muitos; dessa forma, não é possível haver sujeitos, indivíduos, tudo adquire um valor coletivo. Nada é centrado em apenas alguns ou para satisfazer alguns. Se existe projeto, o projeto pertence a todos. Se há ganhos e sucessos, é de todos; se há fracassos, também.

Nas “matemáticas menores”, o valor coletivo se faz vivo e constante em uma sala de aula que as potencializa. O saber, tanto do estudante quanto do educador, é construído coletivamente. Não há espaço para monólogos em sala de aula, exclusão de saberes,

cerceamento de opiniões. Toda aprendizagem é coletiva, todo saber é compartilhado. A sala de aula é solidária, plural e diversa! Segundo Gallo (2010),

a coletividade é possível porque, sendo singularidades, sendo todos diferentes, irredutíveis ao mesmo, podemos construir projetos coletivos. Podemos construir situações que aumentem nossa potência, a potência de cada um, situações em que a liberdade de um não é um limite para a liberdade do outro (p. 243).

Questiono, então, qual o papel político e social da matemática nos dias de hoje. Após refletir sobre a importância de potencializar as “matemáticas menores” na sala de aula e fora dela, pergunto: quais são as singularidades que queremos alcançar com o desenvolvimento de uma matemática que valorize os saberes e experiências dos outros? Como podemos alcançá-los sem aumentar as desigualdades que já são tão inerentes a esses sujeitos?

2.2 RESSIGNIFICAR O CURRÍCULO NA EJA

Fonseca (2020) nos convida a refletir, dentro do cenário da Educação de Jovens e Adultos, sobre a dimensão formativa do ensino da matemática. A EJA abarca muitos sujeitos que, excluídos dos bancos escolares na idade regular, retornam para as salas de aula, agora com diferentes motivações para concluir seus estudos:

É sob essa perspectiva que o caráter formativo do ensino de matemática assume, na EJA, um especial sentido de atualidade, quando se dispõe a mobilizar ali, naquela noite, precisamente naquela aula, uma emoção que é presente, que comove os sujeitos, jovens ou adultos aprendendo e ensinando Matemática, enquanto resgata (e atualiza) vivências, sentimentos, cultura, acrescentando, num processo de confronto e reorganização, mais um elo à história do conhecimento matemático (FONSECA, 2020, p. 25).

Meira e Fantinato (2015) sinalizam que os saberes matemáticos são desenvolvidos o tempo todo, de diferentes formas e em vários contextos culturais. Metaforicamente, apresentam o processo de ensino e aprendizagem da matemática comparado a um iceberg, no qual a parte visível é a sala de aula, com suas fórmulas, teoremas, generalizações e algoritmos, e a parte invisível são os saberes matemáticos construídos pelo estudante no seu contexto cultural. Todos esses saberes são legítimos, mas nem todos legitimados pelo sistema educacional nos currículos prescritos e apresentados para a EJA.

Schneider e Fonseca (2004) apontam o cuidado que devemos ter, enquanto educadores, com as restrições que muitas vezes impomos em sala de aula, que acabam por não legitimar

os saberes dos nossos estudantes, relativizando o que é ou não é um conhecimento matemático. Especialmente na EJA, é preciso que reflitamos até onde a experiência de vida de um estudante é válida para o diálogo em sala de aula. Toda experiência é válida! Arroyo (2006, p. 126) nos desperta atenção para isso quando nos convida a “reconhecer o trabalho como matriz educativa”. É preciso ter o cuidado para que a noção de cultura não se polarize como a cultura do estudante em dissonância com a cultura escolar. A cultura escolar não transcende a cultura do discente. Os conhecimentos e as experiências dos estudantes não estão em um grau inferior ao da escola, tampouco devem servir apenas como introdução para a matemática escolar, dos teoremas, axiomas e generalizações.

A partir da análise de pesquisas com foco nos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, é possível perceber que eles anseiam por espaços a fim de tornar um exercício antes individual – pensar, criar, contestar – em um exercício coletivo, que dialoga, troca informações e vivências entre seus pares. A escola é e provê esses espaços. Deve ser ela a responsável, juntamente com o Estado e as políticas públicas voltadas para a educação, pela formação dos estudantes para além do currículo escolar, dando atenção ao que o faz permanecer dentro da escola.

Principalmente na EJA, não é possível que o currículo seja uma cópia da modalidade regular de ensino que leciona para crianças e jovens, muitos deles distantes do mercado de trabalho. Na EJA, os estudantes passam por entraves bem distintos das dificuldades apresentadas por alunos do ensino regular. Desse modo, há de se ter um olhar diferente, até mesmo com o currículo que é apresentado a eles para o prosseguimento nos estudos. Além de envolventes e motivadores, o currículo e as práticas pedagógicas na EJA, sobretudo no que se refere à educação matemática, devem partir do contexto do estudante, para que a participação seja mais ativa e transformadora.

2.3 MARCHA RUMO AO ESPERANÇAR

Pensando em como iniciar esta seção, na qual quero provocar o leitor a pensar o outro como diferença, como multiplicidade e, paralelo a isso, pensar a relevância da escola nesse cenário que visibiliza as singularidades de seus estudantes, desejo introduzir um pensamento presente no livro *A pedagogia da indignação* de Paulo Freire (2022), que norteou minha reflexão para a construção desta seção:

Que bom seria [...] se outras marchas se seguissem à sua. A marcha dos desempregados, dos injustiçados, dos que protestam contra a impunidade, dos que clamam contra a violência, contra a mentira e o desrespeito à coisa pública. A marcha dos sem-teto, dos sem escola, dos sem hospital, dos renegados. A marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível (FREIRE, 2022, p. 25).

Se Freire pudesse me ler agora, gostaria que soubesse que me junto a ele nessa marcha que, embora incompreendida e invisível a alguns, torna-se visível e viável a partir de muita luta quando se tem fé. Uma fé necessária, pois como diz Freire em *A Pedagogia do Oprimido (2021a)*, “... não se pode haver diálogo sem fé intensa em nossos semelhantes” (p. 112).

Sim, desejo que nos unamos em caminhada. Em marcha. Retirantes. Caminhantes. Façamos dos nossos espaços também espaços de marcha, provocativos, dialógicos, não só para nós, mas para aqueles que dele fazem parte. Sonho com uma escola como território que emana singularidades. Caminhos de esperança. Território que compreende seu papel social como espaço de dignificação da vida humana, tal como sugere Freire ao nos convidar a uma “marcha esperançosa dos que sabem que mudar é possível”.

“Educar significa lançar convite aos outros” (Gallo, 2010, p. 245), provocar reflexões, mas permitir que o outro tome suas próprias decisões e percorra seus próprios caminhos. Enquanto educadores, cabe a nós, ao lançarmos convites, não desejarmos discípulos que nos sigam, mas indivíduos autônomos, “portadores de sonhos viáveis e sujeitos históricos de mudanças” (Freire, 2021). Além disso, é imprescindível que tenhamos humildade de modificar nossos próprios caminhos por algo que tenhamos recebido dos outros. Nessa perspectiva, Gallo (2010) também aborda que “a educação é um empreendimento coletivo” (p. 231) e, ao ser coletivo, é necessário que pelo menos duas pessoas, duas singularidades se encontrem nesse processo. É nesse encontro de singularidades que a educação acontece.

A filosofia da diferença é um termo associado principalmente aos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Ela se refere a uma abordagem filosófica que busca compreender a realidade e a existência a partir da valorização e da exploração das diferenças, singularidades e multiplicidades presentes no mundo. Ao nos ampararmos nessa perspectiva, vamos na contramão de outras tradições filosóficas que quase sempre buscam por uma unidade, identidade ou universalidade, que compreendem o outro como uma representação de si, quase como se estipulássemos um padrão e o repetíssemos. Por outro lado, a filosofia da diferença vem nos propor olhar para as diversidades e para as variações que são fundamentais para compreendermos plenamente o ser, a cultura e a sociedade.

De acordo com Gallo (2010, p. 238), “a filosofia da diferença recusa do Uno e pensa o mundo como múltiplo. E, assim, o outro ganha novo sentido”. Ganha um sentido em si

mesmo. O outro como outro, em sua diversidade e multiplicidade e não como representação, não como repetição ou conceito. E é nesse contexto que considero o valor da escola, especialmente para os sujeitos desta pesquisa, os estudantes da EJA, que retornaram às salas de aula, muitos após longos anos de afastamento, como um espaço que produz singularidades.

E como podemos construir um território que produz singularidades na escola? Freire (1996) nos ajuda a responder a esse questionamento quando nos diz que precisamos “ouvir os outros paciente e criticamente”. O conceito de escutar é um dos objetivos de Freire para alcançar o que chama de “uma ação ideológica” de interação com o mundo e com os outros. Logo, quando escutamos os estudantes, homens e mulheres, nós abrimos a disponibilidade de sermos o “sujeito que escuta para a abertura da fala do outro, para o gesto do outro, para as diferenças do outro” (Freire, 1996, p. 119).

A escuta jamais é autoritária, pelo contrário, o processo de escuta é democrático, coletivo, por isso, implementá-lo em nossas escolas nos auxilia a aceitar e a respeitar as diferenças que surgem:

Se discrimino o menino ou a menina pobre, a menina ou o menino negro, o menino índio, a menina rica; se discrimino a mulher, a camponesa, a operária, não posso evidentemente escutá-las e se não as escuto, não posso falar com eles, mas a eles, *de cima para baixo*. Sobretudo, me proíbo a entendê-los. Se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me escutá-lo ou escutá-la. O diferente não é o *outro* a merecer respeito é um *isto* ou *aquilo*, destratável ou desprezível (Freire, 1996, p. 120-121).

Podemos parafrasear Freire, afirmando que se discrimino o *estudentetrabalhador*⁶, a *estudentetrabalhadora*, a *idosa* ou o *idosoestudante*, o *jovemestudentetrabalhador*, não posso escutá-los e, se não os escuto, não posso falar *com* eles, mas apenas *a* eles. Essa ação me proíbe entender esses sujeitos em suas especificidades, singularidades. Se, ao dirigir-me aos estudantes da EJA, sinto-me superior a eles ou não compreendo as distintas trajetórias que os trouxeram de volta à escola e os fazem permanecer, é porque me recusei a ouvi-los. Se me recusei a ouvi-los, é porque minha compreensão do outro nega o que é diferente, não alcança a história singular daqueles que chegam. Dessa maneira, é imprescindível que a escola caminhe na contramão dessa prática, auxiliando “no processo de reconstrução e questionamento das identidades culturais de seus estudantes” (Moreira, 2010, p. 57). A escola faz diferença nesse processo, como aponta Moreira.

⁶ Juntar os termos ou pluralizá-los foi a forma que pensamos, até aqui, para mostrar que todo sujeito da EJA sente a necessidade de reconhecer-se constantemente como estudante para além de apenas homem, mulher, trabalhador, jovem, idoso. Acharmos interessante, nesse momento, para parafrasear Freire, usar essa junção.

Dos adultos e idosos que retornam à escola foi retirado o direito à escolarização por diversos motivos. À luz de Freire, em um de seus escritos que tratou sobre a Educação de Jovens e Adultos, no livro *Pedagogia da Resistência*, Soares (2022) chama esse processo de desumanização quando diz que “a exclusão do processo de escolarização pode aqui ser entendida como uma dimensão da desumanização, na medida em que impede os que se encontram em estado de exclusão de Ser Mais” (p. 312). Contudo, eles agora reivindicam esse direito, pois esse acesso permite-lhes interlocuções diferentes daquelas a que são submetidos no seu dia a dia, em seus contextos sociais. Enxergar essas histórias como precursoras da caminhada desses sujeitos quanto às suas motivações, ânimos e lutas, até mesmo para sua entrada e permanência na EJA, é nossa missão enquanto educadores e enquanto instituição.

Após algumas leituras, enxergo na filosofia da diferença esse caminho que propõe outros caminhos, uma estrada com inúmeras vias, sala de aula que visibiliza e acolhe os inúmeros rostos e suas silhuetas. Constatado que, se desejamos pesquisar estudantes da EJA, precisamos estar dispostos a ouvir suas histórias para além de nossos próprios questionamentos e inquietações, ouvir o outro para escutá-lo, entendê-lo. Só assim podemos promover a escola como território de diversidade, que possibilita a transformação dos sujeitos e da sociedade, dignificando a vida humana.

A fim de concluir esta seção, penso tal como Freire (2022), que “a educação deve contribuir para construir sonhos, reinventar utopias e semear esperanças de mudança” (p. 76). E ele continua, dizendo que “os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta” (p. 62).

Iniciamos esta seção unindo-nos às tantas marchas de Freire em favor dos invisibilizados de nossa sociedade que, em retirada, caminham à procura de um futuro, um repouso. Finalizamos, por ora, compreendendo que a marcha se dá em nossas práxis cotidianas, quando assumimos nossa postura contra as injustiças do mundo e nos colocamos ao lado do excluído, com a esperança de que “mudar é difícil, mas possível” (Freire, 2022):

Por que *Pedagogia da esperança*? A esperança nasce do coração mesmo da pedagogia que tem o oprimido como sujeito. Pois ela implica uma denúncia das injustiças sociais e das opressões que se perpetuam ao longo da história. E ao mesmo tempo anuncia a capacidade humana de desfatalizar esta situação perversa e construir um futuro eticamente mais justo, politicamente mais democrático, esteticamente mais irradiante e espiritualmente mais humanizador (BOFF, 2021, p. 11).

Portanto, em todas as pedagogias freirianas, fomos convidados a ouvir o outro, sujeito singular, homens e mulheres que, mesmo enfrentando processos e situações excludentes não desistiram do direito de existir e ser. Que possamos, juntos, contar mais dessas histórias aqui.

2.4 AS SÓLIDAS RAÍZES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Nesta seção, faremos uma reflexão sobre os percursos trilhados pela EJA sob a luz da etnomatemática. Para isso, em linhas gerais, apresentaremos o que teóricos entusiastas da área falam sobre essa abordagem teórica. A etnomatemática é uma linha de pesquisa que tem como objetivo visibilizar as matemáticas de diferentes grupos culturais. Ela tem um “indiscutível foco político e é embebida de ética, focalizada na recuperação da dignidade cultural do ser humano” (D’Ambrosio, 2020, p. 9). Nessa linha, são reconhecidas as experiências dos estudantes e dos grupos socioculturais como conhecimentos matemáticos culturais. Segundo Clareto (2009), o foco da etnomatemática é “a diversidade, a variação e a diferença” (p. 126).

Gadotti (2012, p. 11) afirma que “a diversidade é a marca desse movimento de educação social, popular, cidadã, cívica, comunitária. Trata-se de uma rica diversidade que precisa ser compreendida, respeitada e valorizada”. Ao compreendermos que a sociedade é diversa, compreendemos também que a educação matemática deve levar em consideração os aspectos sociais, políticos e econômicos, sobretudo dos estudantes que estão à margem da sociedade.

Dentro dessa perspectiva, D’Ambrosio (2017) enfatiza a necessidade de uma educação matemática crítica, que capacite os alunos a compreenderem e questionarem as estruturas de poder e desigualdade presentes na sociedade. Pensando a diversidade sociocultural dentro da Educação de Jovens e Adultos, é de suma importância que tanto a comunidade escolar quanto a sociedade compreendam e valorizem essa diversidade presente e potente nos inúmeros jovens, adultos e idosos que retornam aos bancos escolares. Depreende-se, assim, a importância do papel da escola como instrumento de acesso à justiça social e à reivindicação de direitos.

Direito a alfabetização, escolarização, alimentação, material escolar e uniforme. Direito a transporte público para estudar, professores aptos e pacientes para lecionarem a jovens, adultos e idosos, que, por motivos distintos, não tiveram acesso à educação ou não concluíram os estudos na idade regular. Esses sujeitos reivindicam seu acesso à educação, depois de terem tido esse direito negado em algum momento de suas vidas, pois, por

intermédio da educação, interlocuções outras, diferentes das de seus contextos, podem ser construídas.

Cabe a essa reflexão os questionamentos de D'Ambrosio (2020) quando ele escrevia sobre educação para a paz. Muitos lhe perguntavam: “mas o que tem a ver com a Educação Matemática?”; ao que ele prontamente os respondia: “Tem tudo a ver”. Não é possível pensar uma educação que seja para todos se esta não proporcionar, a quem a ela recorre, uma melhor qualidade de vida e maior dignidade. Dessa forma, atingir a Paz Interior é uma prioridade (p. 86). A partir desse reconhecimento, o diálogo entre a escola, a comunidade escolar e os discentes é potencializado. O saber compartilhado em sala de aula ultrapassa esse espaço e contribui para uma formação digna e plena dos estudantes, tornando-os críticos, reflexivos e conscientes:

Não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo (FREIRE, 2022, p. 94).

A etnomatemática também se faz importante no campo do conhecimento, por seu potencial de acolher os saberes outros que emergem das subjetividades. A compreensão de mundo dos estudantes da EJA se vincula diretamente ao seu processo histórico, político, social e cultural. Logo, é impossível desvincular a história dos estudantes do seu sujeito social. Para D'Ambrosio (2020, p. 44), a etnomatemática, dentro de uma perspectiva pela busca do conhecimento do outro, é

uma possibilidade para a abertura ao diálogo e ao respeito mútuo, de maneira a contribuir para o grande objetivo da humanidade – a paz, entendida em quatro dimensões: individual, quando o sujeito não está em conflito consigo mesmo; social, quando o sujeito não está em conflito com os outros; ambiental, que envolve o respeito ao meio ambiente; e militar, na atitude antibélica.

Todos os estudantes, sobretudo os estudantes da EJA, tendo em vista as experiências que trazem de sua vida cotidiana, quando motivados a pensar no bem comum, no respeito mútuo, na valorização dos saberes ancestrais e na construção de valores para a paz, questionam, produzem hipóteses, são inventivos e utilizam diversas ferramentas para apresentar suas ideias. Quando a escola não apenas aceita, mas valoriza os saberes e experiências do estudante, este se vê mais seguro e integrado à escola, pois se sente reconhecido e valorado por seu conhecimento e pelo que produz a partir de suas experiências (Fonseca, 2020).

Os estudantes são produtores do saber e não apenas reprodutores de um conhecimento apresentado pelos docentes. “A abordagem a distintas formas de conhecer é a essência do programa Etnomatemática” (D’Ambrosio, 2012, p. 101). É necessário sair da lógica que pensa a matemática como um conhecimento único, intransponível, neutro e homogêneo, para dialogar com outras formas de pensar e de matematizar o mundo. Naturalmente, encontramos pessoas em nosso convívio que não gostam de matemática por não a compreender, mas esse “não a compreender” está ligado, muitas vezes, à forma como ela é apresentada formalmente na escola, nos espaços de formação e futuramente nos ambientes de avaliação e trabalho. Muitas dessas pessoas, entretanto, matematizam constantemente dentro de suas próprias relações e cotidianos, mas suas matemáticas não são, por vezes, validadas quando apresentadas em sala de aula.

Faz-se necessário, então, questionar a ideia de matemática universal que é implementada nas escolas, a fim de se acolher as matemáticas outras, plurais, diversas e ricas, que existem e coexistem na sociedade, principalmente em relação a muitos estudantes da EJA, que em sua maioria se afastou da sala de aula há muito tempo para trabalhar, desenvolvendo o conhecimento de maneiras singulares.

Para mim, eu volto agora a esse ponto, eu acho que uma preocupação fundamental, não apenas dos matemáticos, mas de todos nós e, sobretudo, dos educadores, a quem cabe certas decifrações do mundo, eu acho que uma das grandes preocupações deveria ser essa: a de propor aos jovens estudantes, alunos, seus educandos, que, antes e ao mesmo tempo em que descobrem que quatro por quatro são dezesseis, descobrem também que há uma forma matemática de estar no mundo (Paulo Freire, em entrevista concedida a Ubiratan D’Ambrosio e Maria do Carmo Domite, em junho de 1995).

Inúmeros são os grupos em nossa sociedade que utilizam dos conhecimentos matemáticos para sobreviver, ou seja, a matemática é essência de seus trabalhos e vida. A etnomatemática nos contempla com esses espaços, ao passo que valoriza o saber e o fazer matemáticos de cada indivíduo e colabora para uma aprendizagem significativa. Fantinato *et al.* (2020), todavia, alertam para um cuidado relevante na utilização da etnomatemática como abordagem teórica: há de se ter atenção para não reproduzir a ideia de que a matemática acadêmica (eurocêntrica e cultural) é utilizada como leitura e interpretação de outros indivíduos e culturas.

Em sua contribuição ao livro “Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos”, Sonia Clareto (2009) chama isso de “legitimador da própria matemática ocidental”. Dentro desse modelo, não há espaço para conhecimentos matemáticos produzidos

por outros grupos socioculturais. Se esses saberes não são legitimados, tampouco são valorizados, “só há (re)conhecimento, não conhecimento” (p. 128):

O programa etnomatemática busca conhecer, entrar no fluxo do acontecimento, dos sentidos e dos movimentos e não se prende a um processo de identificação – ou seja, reconhecimento — de verdades matemáticas estabelecidas no contexto social ocidental de tradição científica (Clareto, 2009, p. 128).

A matemática, ao longo da história, serviu de fator de exclusão para inúmeros povos, sobretudo para os mais marginalizados e excluídos. D’Ambrosio (2013, p. 16) aponta, por outro lado, que “a matemática é um poderoso instrumento para alcançar a justiça social”. Em seus escritos, ele destaca a importância de uma abordagem intercultural na educação matemática, que reconheça e valorize os diferentes conhecimentos e perspectivas dos alunos, promovendo a inclusão e a equidade.

Pensando nesse combate, D’Ambrosio (2020) nos instiga: “Vejo como uma grande missão, enquanto educadores, a preparação de um futuro feliz. E, como educadores matemáticos, temos que estar em sintonia com a grande missão do educador” (p. 49). Em um belíssimo e politizado texto sobre Educação Matemática e dignidade humana, Vieira e Moreira (2020) evocam um apelo: a educação matemática deve se responsabilizar na formação para a vida. Quão insurgentes são essas palavras!

Também nós, docentes, somos convidados a nos responsabilizar por uma formação para a vida, ao passo que observamos nossos estudantes não como vasos vazios, prontos para receber sementes, pois até mesmo em um vaso apenas com terra, há vida (e quanta vida há!), mas como árvores, com raízes fortes e frutos, os mais diversos possíveis. Formamos para a vida, para uma vida digna. Segundo D’Ambrosio (2020) “um indivíduo sem raízes é como uma árvore sem raízes ou uma casa sem alicerces. Cai no primeiro vento! Indivíduos sem raízes sólidas estão fragilizados, não resistem a assédios” (p. 44).

A etnomatemática, nesse contexto, representa as raízes essenciais que sustentam essa árvore, conferindo-lhe firmeza e resistência. Como educadores matemáticos, é imperativo observar atentamente essas grandiosas árvores que se revelam em nossas salas de aula, erguendo-se com base em suas raízes culturais e experiências singulares. Quanto à EJA, é crucial respeitar o tempo. Muitas dessas árvores já deram abundantes frutos. Atualmente, encontram-se mais serenas, algumas até mais secas, mas ainda capazes de frutificar. Nesse cenário, nossa missão é cuidar delas, aparar seus galhos, remover folhas secas e regar suas

raízes. Mesmo que o tempo tenha deixado algumas marcas, suas raízes permanecem sólidas, aguardando alguém disposto a ouvir suas histórias e a valorizar sua jornada.

Assim, reafirmamos que reconhecer as práticas socioculturais e as experiências dos estudantes da EJA, ao passo que ouvimos suas narrativas de vida como reivindicação de direitos, mostrando o papel social da escola como espaço de dignificação da vida humana, é parte substancial do que pretendemos com este estudo. Nesse sentido, cada história compartilhada torna-se um ato de resistência e uma afirmação da dignidade, contribuindo para a transformação dos espaços educacionais em ambientes que respeitam e valorizam a diversidade de saberes presentes na EJA.

3 DOS CAMINHOS A SEGUIR

*Queira (queira)
Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo
Vai, tente outra vez
Tente outra vez – Raul Seixas*

Para dar início a este capítulo, é necessário voltarmos à pergunta que norteou essa investigação: como as matemáticas menores presentes no cotidiano dos estudantes da EJA podem contribuir para que a escola seja um espaço de dignificação da vida humana? Consideramos que, de acordo com o questionamento apresentado, nossa investigação buscou evidenciar e reconhecer as práticas socioculturais que emergem das experiências de 11 estudantes da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria quando estes foram entrevistados para essa pesquisa. Para tanto, foi necessário caminhar vagarosamente com os depoentes, pois “ao caminhar, traça-se o caminho” (Garnica; Nakamura, 2018, p. 2).

Na busca por atingir nossos objetivos, optamos por uma abordagem qualitativa, tomando como base as entrevistas dos sujeitos pesquisados. Empregamos a metodologia denominada História Oral (HO), que consiste em um mecanismo utilizado para validar as experiências que quase não estão registradas em documentos escritos e têm um valor subjetivo. Ao utilizarmos a História Oral como método de pesquisa, não buscamos por fundamentos ou explicações dessas práticas socioculturais desenvolvidas pelos sujeitos da pesquisa. Temos ciência de que o saber é inerente e pertencente a todo o indivíduo, é subjetivo. Entretanto, compreendemos que versões dessas experiências “possam nos ajudar a desnaturalizá-la, desfamiliarizá-la, dispersá-la para, assim, elaborarmos outras possíveis histórias que possibilitem pensar um futuro fundamentalmente diferente do nosso passado” (Albuquerque Jr., 2007, p. 139 *apud* Nakamura; Garnica, 2018, p. 2). Assim, compreende-se que “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (Thompson, 1998, p. 337).

As práticas socioculturais dos sujeitos desta pesquisa, estudantes da EJA, não são abordadas como experiências a serem resgatadas do esquecimento (Nakamura; Garnica, 2018). Ao contrário, são vistas como oportunidades para romper com a invisibilidade que permeia as classes sociais mais empobrecidas da nossa sociedade. Essas classes, repletas de histórias e experiências valiosas, frequentemente sofrem com o silenciamento imposto por um território excludente, que nega direitos fundamentais e compromete a liberdade:

A HO preocupa-se, fundamentalmente, em criar diversas possibilidades de manifestação para aqueles que são excluídos da história oficial, tanto a "tradicional" quanto a contemporânea, e que não possuem formas suficientemente fortes para o enfrentamento das injustiças sociais (Guedes-Pinto, 2002, p. 95).

Por meio da História Oral, buscamos trazer temas essenciais às discussões quanto ao papel social da escola como instrumento de dignificação da vida humana. Almejamos compreender as narrativas dos depoentes no que tange à sua evasão e ao retorno aos bancos escolares, dialogamos sobre o ato de aprender em suas vidas, sobre o reconhecimento enquanto sujeitos culturais, sobre a importância da escola, sobre o olhar para com os saberes matemáticos dentro e fora do contexto escolar e sobre suas experiências com esse saber:

Tratamos de experiências vividas, refletidas, analisadas, reconstruídas pelos sujeitos que fizeram parte dessa experiência. Produzimos narrativas só possíveis de serem tecidas a partir das narrativas de outros. Criar narrativas de um passado nos diz do passado, do presente e do futuro. As narrativas são vetores de criação que produzem realidades e instauram mundos (Nakamura; Garnica, 2018, p. 5).

A História Oral foi introduzida no Brasil durante os anos 70, entretanto, sua expansão se consolidou somente no início dos anos 90. Ao longo dos anos, a partir da criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, muitas foram as divulgações e pesquisas da prática da HO em todo país, sobretudo após três grandes encontros que versavam sobre a temática. O primeiro encontro aconteceu no Rio de Janeiro, em 1994, intitulado II Encontro Nacional de História Oral; o segundo, I Encontro Regional da Região Sul-Sudeste de História Oral, ocorreu em São Paulo e Londrina, em 1995; e o III Encontro Nacional de História Oral foi em Campinas, em 1996. Todos esses encontros ajudaram a delimitar os caminhos dessa área de pesquisa, com grande entusiasmo, adquirindo novos membros e temas. Contudo, segundo as autoras do livro *Usos & Abusos da História Oral*, Amado e Ferreira (2006), ainda se vê dificuldade em estabelecer a História Oral como metodologia de pesquisa:

Trabalhar com História Oral no Brasil em geral ainda consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos, sem explorá-los suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico; também é comum a utilização de entrevistas, em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou dos seus problemas (Amado; Ferreira, 2006, p. 11).

Diante desse cenário, Sônia Maria de Freitas define que História Oral “é um método de pesquisa que utiliza a técnica de entrevistas e outros procedimentos articulados entre si, no

registro das narrativas da experiência humana” (Freitas, 2006, p. 18). Logo, podemos dizer que essa metodologia constrói conhecimento científico, ao passo que, ao fazer uso do registro das narrativas, transforma-as em fontes de pesquisa. Sendo assim, produzir narrativas utilizando a História Oral como caminho que se peregrina vagarosamente, é, intencionalmente, produzir fontes. E fontes novas. Fontes diversas. Fontes reconhecíveis.

A produção de novos registros e memórias acontece a partir do momento que nos aproximamos de seus atores com a humildade de conhecê-los e ouvi-los. Nakamura e Garnica (2018) contribuem para essa análise quando enfatizam que

os objetos e os sujeitos não estão meramente disponíveis no mundo, cabendo ao pesquisador se aproximar deles tanto quanto possível. [...] Ao historiografar produzimos novas imagens, novos mundos, narrativas que podem nos permitir pensar um futuro diferente. Queremos mostrar a partir deste passado, que inventamos o quão diferentes já fomos e o quão diferentes podemos ser (Nakamura; Garnica; 2018, p. 2).

A História Oral como metodologia visa estabelecer e ordenar os procedimentos de uma pesquisa. Ela auxilia na escolha pelo melhor tipo de entrevista, nas possibilidades de transcrição e de organização das etapas a serem realizadas pelo entrevistador, funcionando como ponte entre a prática (ato de pesquisar) e a teoria (aprofundamento teórico a partir do desenvolvimento das entrevistas).

O gênero narrativo em HO escolhido foi a história oral temática (Meihy; Seawright, 2021), um dos quatro grandes campos de entrevistas, que busca, através das narrativas colhidas, explorar um tema central; nesse caso, nossos objetivos de pesquisa. Segundo Meihy e Seawright (2021, p. 70), a história oral temática é um dos gêneros narrativos que mais demandam informações sobre os assuntos abordados, mas ainda sim sobrevivem de suas subjetividades, isso porque toda memória é subjetiva.

Em vista de garantir o pleno desenvolvimento da pesquisa, utilizando a História Oral como metodologia, tornou-se imperativo direcionar atenção a três elementos cruciais para o sucesso das entrevistas: a seleção dos depoentes, a configuração do ambiente de pesquisa e a elaboração do roteiro de investigação (Tourtier-Bonazzi, 2006).

Com relação a esse estudo, é importante ressaltar que não se buscou fornecer soluções com base nos depoimentos coletados; ao contrário, seu papel foi o de provocar questões a serem exploradas. Os relatos obtidos servem como fontes de investigação, nunca como produtos acabados prontos para serem disseminados. Para uma explicação ou solução eficaz sobre um problema específico, foi essencial que nos aprofundássemos em referenciais

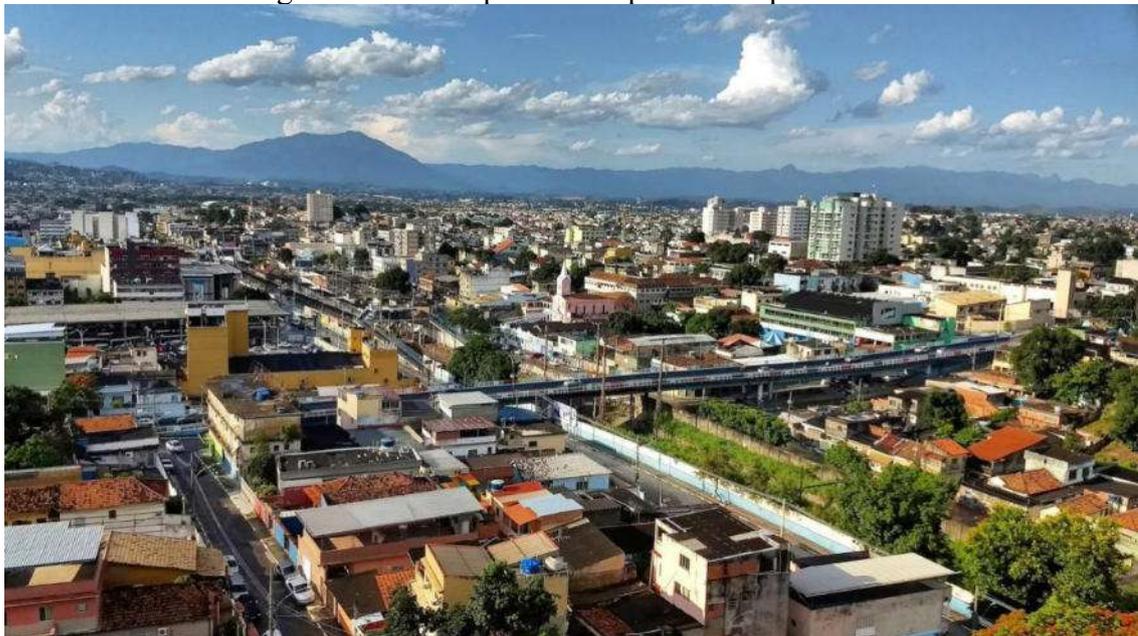
teóricos substanciais, efetivando, assim, uma abordagem de pesquisa. Além disso, para que esta pesquisa pudesse ser realizada, foi necessário submetê-la ao comitê de ética junto à Plataforma Brasil (CAAE: 69343523.0.0000.5282) e, após alguns meses, com as demandas feitas pelo comitê cumpridas, tivemos o aceite para a realização da pesquisa.

Tendo esclarecido a nossa abordagem de pesquisa, evidenciaremos agora qual foi o nosso ambiente e quem foram os nossos sujeitos de pesquisa. Também descreveremos os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos adotados.

3.1 DESCREVENDO O AMBIENTE DE PESQUISA

Nilópolis⁷ é um dos menores municípios da Baixada Fluminense, contando com uma área territorial de 19,4 km². Contudo, sua população chega a 162.893 pessoas, levando-o a ser considerado o 8º município com maior densidade demográfica a nível nacional, perdendo apenas para seu vizinho, São João de Meriti, que ocupa a segunda posição nacional.

Figura 1 – Município de Nilópolis visto por drone



Fonte: Editora Solução.

Os primeiros registros da EJA no município datam do início dos anos 2000, sendo concursados de 2002 a maior parte dos profissionais atuantes nessa modalidade de ensino. Foi nos anos de 2008 a 2010 que o município mais registrou unidades, chegando a um quantitativo de 12 unidades escolares com a EJA. Durante o ano 2022, o município contou

⁷ Informações contidas no site do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/nilopolis.html>

com cinco escolas e em 2023 tivemos apenas três escolas que atenderam o público dessa modalidade.

Os dados acima foram cedidos a partir de uma conversa informal com a Secretária de Educação de Nilópolis, na pessoa da coordenadora da EJA, em um primeiro contato, que objetivou estreitar laços com a secretária, bem como conhecer como a EJA funciona no município e informar sobre o desejo de pesquisar sobre essa modalidade de ensino.

A rede de educação divide as turmas em fases semestrais, correspondendo aos anos de escolaridade do ensino fundamental. A única fase que tem um ano completo de duração é a I (primeira fase). Isso se dá devido às gestões responsáveis pela organização estrutural da EJA compreenderem que a fase de alfabetização carece de mais atenção. As matrículas são feitas de acordo com o calendário divulgado pela Secretária de Educação, mas também podem ser realizadas a qualquer época, nas secretarias das próprias unidades escolares. O turno da EJA funciona no período noturno, o que facilita o acesso e a permanência de seus estudantes, tendo em vista que muitos trabalham durante o dia, em tempo integral. A escola oferece alimentação a partir das 18h, com aulas iniciando logo após, com término às 21:30.

A escola escolhida para esta pesquisa é a Escola Municipal Vereador Orlando Hungria e está localizada no bairro de Olinda, no município de Nilópolis, pertencente ao estado do Rio de Janeiro. A instituição conta com uma estimativa de 120 alunos matriculados na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Entretanto, em razão das faltas e das evasões durante o período em que a pesquisa aconteceu na escola, tínhamos em média 80 alunos frequentando.

Ao chegar à escola, apresentei-me como professora de matemática e mestranda em Educação Básica pelo CAP-UERJ para a diretora que, de imediato, acolheu-me muitíssimo bem. Sinalizo aqui que, em toda minha estada, durante os 4 meses em que estive como pesquisadora, fui tratada bem por toda a equipe da escola, desde a equipe diretiva e os docentes até os inspetores, as secretárias, os auxiliares de limpeza e as merendeiras, que me acolheram e demonstraram interesse na pesquisa.

Em diversos momentos, os funcionários paravam para ouvir sobre o andamento da pesquisa, as dificuldades, soluções encontradas e os avanços alcançados. Esses meses foram de significativo aprendizado para mim que, mesmo já tendo experiência como professora regente de turma, durante esse período, pude me sentir integrada à equipe, permitindo-me levar um pouco da escola comigo e deixar também um pouco de mim na escola.

Após a autorização para pesquisar na escola, a diretora me orientou a escolher as turmas nas quais eu gostaria de atuar para selecionar os participantes da pesquisa. Em minha passagem pela Secretária de Educação de Nilópolis, fui apresentada ao professor Leandro,

pela coordenadora da EJA. O professor Leandro é professor de matemática da escola em que eu estava iniciando a pesquisa e lecionava para as turmas da 6ª e 7ª fase. Logo, já tinha ciência de que eu participaria das aulas dessas turmas como observadora.

Entretanto, desde o início da pesquisa, queria observar uma sala de aula da EJA dos anos iniciais, da turma de alfabetização. O desejo aumentou quando a coordenadora da EJA na secretaria de educação do município, sabendo do tema da minha pesquisa, disse que, na escola que eu iria pesquisar, havia uma professora por quem com certeza eu iria me apaixonar. Essa professora se chamava Monique e lecionava para a 2ª e 3ª fases dos anos iniciais⁸. Tratei logo de dizer à diretora que gostaria de participar também das aulas da professora Monique como observadora.

Por fim, permaneci na escola durante 4 meses, entre as observações em campo, seleção dos depoentes, convites para as entrevistas, entrega e recolhida do TCLE, entrevista e exposição. Fui e fiz família.

3.2 SELECIONANDO OS PARTICIPANTES

A seleção dos participantes desta pesquisa foi cuidadosamente realizada ao longo de três semanas de observação em sala de aula. Inicialmente, busquei estudantes com boa frequência escolar, tendo em vista que a pesquisa levaria alguns meses. A presença regular dos discentes era essencial para garantir a participação consistente em diferentes momentos na escola, evitando complicações no desenvolvimento da pesquisa.

Em segundo lugar, priorizei convidar estudantes que demonstrassem engajamento nas aulas e não sentissem vergonha de emitir sua opinião, que se manifestassem com perguntas, reflexões, soluções ou dúvidas. Era crucial que os participantes se sentissem à vontade para expressar seus pensamentos e inquietações durante as entrevistas.

Optei também por convidar estudantes que trouxessem para a sala de aula questionamentos outros, que emergissem dos seus contextos desafiadores do dia a dia, fosse das dificuldades de locomoção com os meios de transporte, da falta de assistência da rede de educação nas carências básicas, dos desafios constantes do trabalho, enfim, desafios próprios

⁸ Devido às poucas matrículas e à baixa frequência nas turmas da EJA, as turmas de alfabetização cumprem um ano com a mesma professora regente, passando por duas fases. No caso, 2ª e 3ª fase correspondem a um ano e 4ª e 5ª fase correspondem a mais um ano, totalizando dois anos nos anos iniciais do ensino fundamental. Nessa escola, não há turma de EJA para 1ª fase do EF. As demais seriações, 6ª a 9ª fase são comprimidas, cada uma em seis meses, ou seja, da 6ª à 9ª fase, um estudante leva dois anos para concluir.

aos estudantes do turno noturno da EJA, desafios que pudessem ser também trazidos à luz nas entrevistas. Segundo Martins-Salandim (2012),

[...] uma entrevista pode ser um momento para denúncias, para reflexão, para análise de situações vivenciadas, para a rememoração saudosista, para a purgação, para a homenagem, para a expressão de ressentimentos e realizações etc. A entrevista não é um momento de mera narração descritiva de episódios (p. 54).

Por fim, a interação prévia com os estudantes desempenhou um papel fundamental na escolha dos participantes, e admito que esta tenha quase que adquirido caráter de primeiro lugar. Optei por convidar aqueles com os quais tive contato mais próximo, compartilhando refeições, conversas, risadas e trocas de informações. Essa abordagem foi intencional, visando criar um ambiente de empatia e reconhecimento durante as entrevistas. Em consonância, Thompson (1998) considera que:

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (Thompson, 1998, p. 254).

Ao final das semanas de observação, a escolha de apenas dez estudantes foi desafiadora, resultando na inclusão de mais uma, totalizando 11 depoentes para a coleta de narrativas. Todos os estudantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A) e logo em seguida trouxeram o termo assinado.

Ao longo das observações, a colaboração dos professores foi valiosa, fosse apresentando-me aos estudantes ou incentivando que se apresentassem a mim. Essas interações foram registradas em meu diário de bordo, um instrumento importante para guiar a escolha dos rostos cujas histórias ressoariam ao longo das semanas seguintes. E que histórias incríveis emergiram desse processo!

3.3 SOBRE O ROTEIRO E DEPOENTES

A partir de leituras precedentes sobre os temas que englobam esta pesquisa, um conhecimento inicial da pesquisadora sobre a EJA, bem como o contexto no qual os estudantes e a escola estavam inseridos, elaboramos um roteiro simples que procurou atender os questionamentos iniciais que trazíamos como nossos focos de pesquisa. Abaixo,

apresentamos o roteiro de perguntas para a entrevista semiestruturada. Saliento que a integralidade do roteiro constará no Apêndice A:

Quadro 2 - Questionário para nortear as entrevistas semiestruturadas da pesquisa

**QUESTIONÁRIO PARA NORTEAR
AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS DA PESQUISA**

Você gostaria de ser identificado nesta pesquisa? Saliento que ao final desta pesquisa, será gerada uma Exposição Itinerante com a coleta de dados e organização das entrevistas de modo a apresentar para a comunidade escolar de forma lúdica, poética e sonora.

() SIM () NÃO

Caso você não permita, gostaria que escolhesse um pseudônimo para que possa distinguir a sua entrevista das demais: _____

Olá! Apresento este questionário para que possa conhecer um pouco mais sobre você. Sinta-se à vontade para responder e lembre-se que se houver alguma pergunta que te incomode ou que não gostaria de responder, fale comigo.

- 1) Conte-me um pouco sobre você: idade, profissão/trabalho desempenhado.
- 2) Quais motivos te trouxeram de volta à escola?
- 3) O que você entende por matemática?
- 4) Você acredita que haja apenas uma matemática?
- 5) Se você acredita que haja mais matemáticas em nosso cotidiano, gostaria que desse algum exemplo para contextualizar.
- 6) Esse exemplo de matemática é desenvolvido por você em seus espaços de inteiração, ou seja, em sua vida?
- 7) Você acredita que a escola pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?
- 8) O que você entende por aprender?
- 9) Você acredita que podemos aprender apenas no ambiente escolar? Se não, dê alguns exemplos de espaços em que podemos também aprender?
- 10) Para você, o que seria uma aula de matemática interessante? O que teria nesta aula?
- 11) Pensando no seu cotidiano, quais atividades desenvolvidas por você poderiam ser trabalhadas em sala de aula, a fim de compreender algum conceito matemático.
- 12) Você acredita que a sua cultura é importante para a escola?

A primeira seção de perguntas, 1 e 2, visava compreender os sujeitos entrevistados, de onde falavam, quem eram, e trazer um pouco do diálogo com relação ao retorno aos bancos escolares. A segunda seção, perguntas de 3 a 6, visava compreender o entendimento dos depoentes pela matemática, considerando que a matemática é uma prática sociocultural que emerge da vivência de cada indivíduo, das suas culturas e experiências, e não apenas das disciplinas curriculares que se veem na escola. Entretanto, eu imaginava que muitos dos depoentes, quando questionados sobre as matemáticas, pautassem imediatamente na matemática acadêmica; dessa forma, cerquei-me com os demais questionamentos, para levá-los à reflexão como também produtores de matemáticas.

A terceira seção, que comporta as perguntas de 7 a 9, tinha como objetivo questioná-los sobre o papel da escola como espaço de inserção social na construção de um futuro melhor, mais digno, menos excludente. Dessa seção de perguntas saíram os diálogos mais poéticos que preencheram a exposição, pois demonstraram o apreço que os colaboradores têm pela escola como espaço de pertença, como espaço de luta pelos seus direitos, melhores condições de vida, dignidade, escuta e solidariedade.

A quarta seção, com as perguntas 10 e 11, buscava tratar do currículo escolar da matemática, numa possível reinvenção dele, pelos olhos dos depoentes, que construiriam aulas de matemática a partir de suas práticas e experiências de vida, trazendo elementos reais para ensinar a seus colegas de turma, cada um à sua maneira e com seus instrumentos. A quinta e última seção, com a pergunta 12, que encerrava nosso roteiro de perguntas, tratava de cultura e perguntava aos estudantes se a cultura deles era importante para a escola. Bom... mais à frente você, caro leitor, conseguirá desfrutar das respostas e questionamentos levantados a partir dessa pergunta.

Entrevistamos 11 estudantes da EJA com idades, sexos, fases e profissões distintas. Foram eles: Patrick – 27 anos – apoio logístico; Claudionor – 74 anos – aposentado; Sidney – 55 anos – construção civil; Claudia – 48 anos – artesã; Robson – 53 anos – garçom; Eliane – 63 anos – dona de casa; Genil – 45 anos – construção civil e cozinheiro; Gleide – 61 anos – artesã; Francisca Vilma – 55 anos – empregada doméstica; Carlos Henrique – 49 anos – buffet; Denise – 57 anos – aposentada. Cada entrevista durou em média 50 minutos, tendo algumas chegado a uma hora de entrevista gravada. Ao total, foram mais de 550 minutos de gravações das entrevistas, divididas entre 11 rostos e nove dias, espaçados em três semanas.

Nesses nove dias, muitos sentimentos passaram pela “sala das entrevistas” — como carinhosamente apelidaram os estudantes durante as semanas em que estive colhendo as narrativas na escola —, inúmeros tipos de sons, timbres, vozes, silêncios, respiros, registros

que ficam em minha memória e nas gravações de áudio e vídeo realizadas. Também por lá passaram sorrisos, lágrimas, olhares, expressões de confiança, alegria e esperança. Coube a mim, enquanto pesquisadora e ouvinte, silenciar-me em minhas impressões e achismos para ouvir as memórias e subjetividades que cada indivíduo, em sua singularidade, trazia para nossos diálogos. Cada um à sua maneira. À sua beleza. À sua essência.

3.4 SOBRE OS INSTRUMENTOS E A ENTREVISTA

Os instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas, o diário de campo da professora-pesquisadora, gravações em áudio e vídeo e fotografias. As entrevistas semiestruturadas nortearam a produção deste estudo porque compreendemos ser um modelo mais flexível. Foram momentos únicos aqueles em que os depoentes compartilharam suas experiências de vida e seus relatos de sobrevivência, trazendo à luz suas práticas e saberes matemáticos e de vida, dialogando e sendo escutados, em uma rica troca que em média durava 50 minutos. A riqueza desse tipo de entrevista se dá, porque

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo que minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter consciência disso), questionando elementos da vida social (Le Vem *et al.*, 1997, p. 220).

Preparamos um roteiro prévio que guiou a entrevista com os depoentes, mas o organizamos de modo que pudéssemos trazer outros questionamentos, e os colaboradores, outras narrativas. Assim, o diálogo se tornou mais fluido e com elementos diversos entre uma entrevista e outra. Por se tratar de uma entrevista semiestruturada, em que o pesquisador tem a liberdade de, a partir do caminho trilhado pelo depoente, adicionar ou retirar algum questionamento, cada uma das 11 entrevistas teve uma característica única e indissociável. Essas narrativas foram registradas por meio de gravações de áudio e vídeo, com autorização prévia dos participantes para que assim fosse realizado.

Preparou-se um ambiente reservado na escola, com a ajuda dos auxiliares de limpeza que, antes de limparem as demais salas de aulas, iam até a sala onde aconteciam as entrevistas, deixá-la preparada para a minha chegada. Do mesmo modo, a secretária escolar guardava o painel que preparei como pano de fundo para compor o ambiente em que os depoentes ficariam para as entrevistas. Nosso objetivo era criar um espaço simples, mas acolhedor, que trouxesse memórias boas e singulares aos colaboradores, no ato de narrar suas histórias.

O diário de campo foi utilizado para anotações de ordens diversas, de modo a registrar comportamentos, impressões, observações e caminhos trilhados não só dos estudantes entrevistados, mas de toda a turma e comunidade escolar, que também passaram pela observação crítica desta pesquisa. As anotações foram diárias e ajudaram a construir caminhos para a análise dos dados. Além disso, algumas histórias ocorridas durante minha observação enquanto pesquisadora nas salas de aula das turmas compuseram um dos produtos educacionais desta dissertação como crônicas.

3.5 É CHEGADA A ETAPA DE TRANSCRIÇÃO

Transcrever uma entrevista não é fácil. Transcrever uma entrevista de 50 minutos não é fácil. Transcrever 11 entrevistas de em média 50 minutos cada, meu Deus, não é fácil. Toda semana minha orientadora me olhava em nossas reuniões de orientação e dizia: “A Mariana, eu já sei o que está fazendo...”. E era verdade. Transcrevendo!

Na passagem da entrevista da forma oral para a escrita, a transcrição constitui a primeira versão escrita do depoimento, base de trabalho das etapas posteriores. Trata-se de um primeiro e decisivo esforço de traduzir para a linguagem escrita aquilo que foi gravado. Por sua importância, é necessário que todos os esforços se dirijam para a qualidade do trabalho produzido, o que significa ser fiel ao que foi gravado, cuidar da apresentação do material transcrito e respeitar as normas estabelecidas pelo programa (Alberti, 2013, p. 282).

A responsabilidade com transcrição das vozes e mensagens dos 11 autores era imensa, e era imprescindível o cuidado na descrição de cada palavra... pausa... citação... emoção. O silêncio era respeitado na transcrição, até as lágrimas, os sorrisos e as risadas. As memórias trazidas em cada resposta dada a um questionamento tinham gosto de saudade, de orgulho. Reportavam lembranças de luta ou de sofrimento ou apenas lembranças de um tempo antigo. Alguns, orgulhosos do tempo vivido; outros, nem tanto. Mas todos muito confiantes em contar suas narrativas e trazer para a “salinha das entrevistas” seus olhares sobre a matemática, sobre o ato de aprender, sobre cultura, sobre a escola, sobre a vida, sobre eles, num processo de autoconhecimento e autovalorização ao narrar suas próprias histórias.

A produção do entrevistado é muito mais do que o que ele diz, é também aquilo que ele não diz: o seu tropeço na fala, o silêncio, a timidez em explorar algum assunto ou tema, em seus gestos, nas suas repetições. Enfim, tudo isso esteve nas transcrições, pois foi de suma importância para o tratamento e a análise dos dados trazer à memória aquele momento em

suas singularidades, potencializando até as demais construções que seriam feitas com essas entrevistas.

Por fim, a apresentação das transcrições de cada colaborador respeitou as singulares construções em cada uma das entrevistas, trazendo à luz não apenas as questões inerentes aos nossos objetivos de pesquisa, mas também as dores, as emoções e os sentimentos que eles necessitaram trazer à tona, naquele instante, durante nossos diálogos, respeitando suas falas, seu silêncio e seu tempo.

3.6 O RETORNO DAS ENTREVISTAS AOS SEUS AUTORES

Como dito anteriormente, toda entrevista pertence ao depoente e a ele deve retornar, assim que transcrita pelo entrevistador. Igualmente foi realizado com as 11 entrevistas transcritas para esta dissertação. Tão logo realizadas as transcrições, buscamos contato com os colaboradores para entregar-lhes a cópia de suas entrevistas. Como nos aproximávamos do fim do ano letivo, alguns estudantes já se encontravam de férias escolares, sendo necessário encontrá-los fora do ambiente escolar; alguns, em seus trabalhos, com outros, marcamos próximo à escola. Levamos ao todo três dias para entregar as cópias e a autorização dos depoentes para utilização de suas memórias e narrativas para compor não somente esta dissertação como os produtos gerados a partir dela, como a exposição itinerante, o livro de fotografias e o livro de crônicas.

Após as entrevistas, suas respectivas transcrições e a autorização das memórias dos depoentes em sua integralidade, realizamos uma exposição itinerante na escola onde a pesquisa nasceu. Essa exposição foi registrada por meio de fotografias que culminaram em um livro, produto educacional desta pesquisa, unindo as memórias dos depoentes e as fotografias desse dia, que foi, para toda a comunidade escolar e visitantes, inesquecível.

Infelizmente, era um desejo desta pesquisadora que os vídeos com as falas dos colaboradores fossem veiculados de alguma maneira como instrumento de pesquisa ou material. Entretanto, a entrevista com menor duração transcorreu 42 minutos, não sendo possível, por falta de maquinário e de apoio financeiro, realizar os devidos recortes nas falas dos estudantes para expô-las em áudios e vídeos. Todavia, como se observará mais à frente, tentamos suprir essa ausência preenchendo a exposição com muita ludicidade e criatividade no ato de contar histórias.

4 E NASCE UMA EXPOSIÇÃO: ANÁLISE DOS CAMINHOS TRILHADOS

“Se alguém quer gerar uma rosa, não pode pegar uma flor e simplesmente colocá-la na terra... tem que semeá-la no solo, pois só assim nascerá uma outra rosa.”
Eugene Vale

Neste capítulo, contaremos sobre a construção da exposição apresentada na Escola Municipal Vereador Orlando Hungria, que apresentou a narrativa de 11 estudantes da EJA de distintas idades e seriações. A exposição retratou de inúmeras formas, com diversas palavras, sensações e instrumentos, a história de sujeitos tão distintos, mas cheios de memórias, desejos e sonhos.

Analisaremos os dados da pesquisa, unindo todo o percurso trilhado, desde as entrevistas até a concretização da exposição. Consideramos todo o material gerado entre o período em que ocorreu a pesquisa, substanciais para trazer ao leitor a análise da pesquisa junto a todo percurso metodológico e aos referenciais teóricos propostos. Além disso, é fundamental conseguir, mesmo que apenas através de fotografias e textualizações, mostrar os caminhos afetuosos e de resistência pelos quais se transcorreu a exposição itinerante e o quanto esse momento, dentro da escola, foi importante não só para os colaboradores, mas também para os estudantes, funcionários e toda comunidade escolar.

Para que tudo isso acontecesse em tão pouco tempo, após as transcrições e autorização dos colaboradores para uso de suas memórias, levamos 15 dias ininterruptos para a produção dessa exposição, que contou com 14 seções divididas em temáticas distintas e dispersas na quadra de esportes da referida escola.

Ao longo desses 15 dias de construção da exposição, buscamos trazer à luz as potentes falas dos colaboradores sobre identidades, matemáticas e memórias de vida e luta. Através das entrevistas e histórias de vida dos estudantes, pudemos observar e visibilizar seus sentimentos com relação à escola, suas alegrias e/ou tristeza, bem como promover seu reconhecimento enquanto produtores de conhecimento, produtores de matemáticas, à medida que dialogávamos sobre suas matemáticas menores, compreendendo que a partir de suas singularidades, “há uma forma matemática de estar no mundo” (Freire, 1995).

Também foi possível constatar, por meio das entrevistas e de seus olhares enquanto caminhavam pela exposição, seu desejo por “ser mais” (Freire, 2021a), enquanto buscavam seus nomes e suas falas nos objetos dispostos na quadra. Ser cidadão, ser estudante, ser letrado, ser escritor, ser autor, ser...

De uma escola com 200 estudantes, tivemos o receio de que os demais que não participaram como vozes da exposição não tivessem interesse em participar como visitantes. Contudo, para a nossa surpresa e imensa alegria, mesmo sendo um dia de prova dos estudantes, pois estavam finalizando o período letivo, a maioria permaneceu na escola para participar da exposição, que aconteceu no dia 30 de novembro de 2023, das 19h às 21h30min.

Além dos estudantes, contamos com a presença de um funcionário da coordenação da EJA do município de Nilópolis, de professores e de algumas pessoas que compuseram a comunidade escolar: familiares dos estudantes e da expositora, amigos, corpo docente e pedagógico da escola e um membro do conselho escolar.

4.1 DA CONSTRUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Pensar em como juntar todas as falas dos colaboradores em uma exposição não foi tarefa fácil, admito. Após transcrever todas as entrevistas, o que durou um pouco mais de dois meses, haja vista que necessitei conciliar minhas atividades enquanto professora regente de duas escolas e as demandas do curso de mestrado para a produção desta pesquisa, buscamos criar uma seção que analisasse cada um dos questionamentos levantados durante as entrevistas e a pesquisa de campo. Nossa certeza inicial era apenas uma: enaltecer as tantas vozes que clamaram por justiça, compreensão e acolhida durante as narrativas colhidas.

Talvez, se fosse outra pessoa a filtrar as entrevistas e selecionar o que comporia a exposição, teríamos outra análise, outra compreensão também. Imersa no território que ocupo, fruto de pedagogias solidárias em busca do bem comum, quis trazer nessa análise as falas dos estudantes sobre cultura, trajetórias de vida, aprendizagens, identidades, reconhecimento, matemáticas, entre outros temas sobre os quais discorreremos juntos.

Inúmeras foram as contribuições que os depoentes trouxeram ao longo dos mais de 550 minutos, divididos entre 11 rostos e nove dias, espaçados em três semanas. Todas essas contribuições almejamos apresentar ao público de três maneiras distintas: na exposição que teve um caráter de itinerância e que pretendemos que percorra outras escolas e espaços para propagar as falas dos estudantes, um livro de crônicas que traz uma história singular apresentada por cada depoente e, por fim, um livro de fotografias. Esse livro de fotografias foi composto por fotos profissionais, tiradas ao longo da exposição, com os rostos que por lá passaram, frases e textos retirados das entrevistas que conversam entre si: fotografia e reflexão.

Como dito anteriormente, as seções foram pensadas a partir das perguntas elaboradas e feitas aos colaboradores ao longo das entrevistas, buscando sempre apresentar frases, expressões, reflexões e diálogos em que o desejo por retornar aos bancos escolares, o reconhecimento de seus saberes e suas reflexões sobre a matemática ficassem à mostra e fossem visibilizados.

Convidamos os leitores a mergulharem conosco em um mar que se tornou caminho: trilhado, pensado e afetuoso. Um percurso que teve como norte a emoção de se pensar uma escola, de se pensar uma educação, que, além de valorizar os saberes dos sujeitos pertencentes a ela, também propõe espaços para que eles mesmos se reconheçam como produtores de ciência, produtores de conhecimentos, produtores de matemáticas — com “s” no final, sim!

Apresento na figura 2 um mapa que orientará nossa jornada daqui em diante. Presencialmente, nossos visitantes traçaram seus próprios caminhos, impulsionados por seus interesses ao adentrarem a exposição. Não houve imposição física ou intelectual para que seguissem as seções conforme delimitaremos a seguir. Cada um fez sua própria escolha sobre como gostaria de percorrer as seções, fazendo suas próprias leituras, seus trajetos e suas reflexões. Isso gerou experiências distintas (Larrosa, 2002), que, ao final do percurso, resultaram em diálogos, impressões, partilhas e muitos registros para que a conversa continuasse junto àqueles que ficaram em casa. Entretanto, aqui, a fim de utilizar adequadamente as linhas que me cabem, apresento um mapa que representa o percurso escolhido para organizar as ideias geradas a partir das entrevistas realizadas. Optamos por utilizar o espaço fornecido pela escola, uma quadra de esportes, que já possui sua estrutura e espaços pré-definidos; logo, foi importante que nossas seções se adequassem a esse espaço e não o contrário.

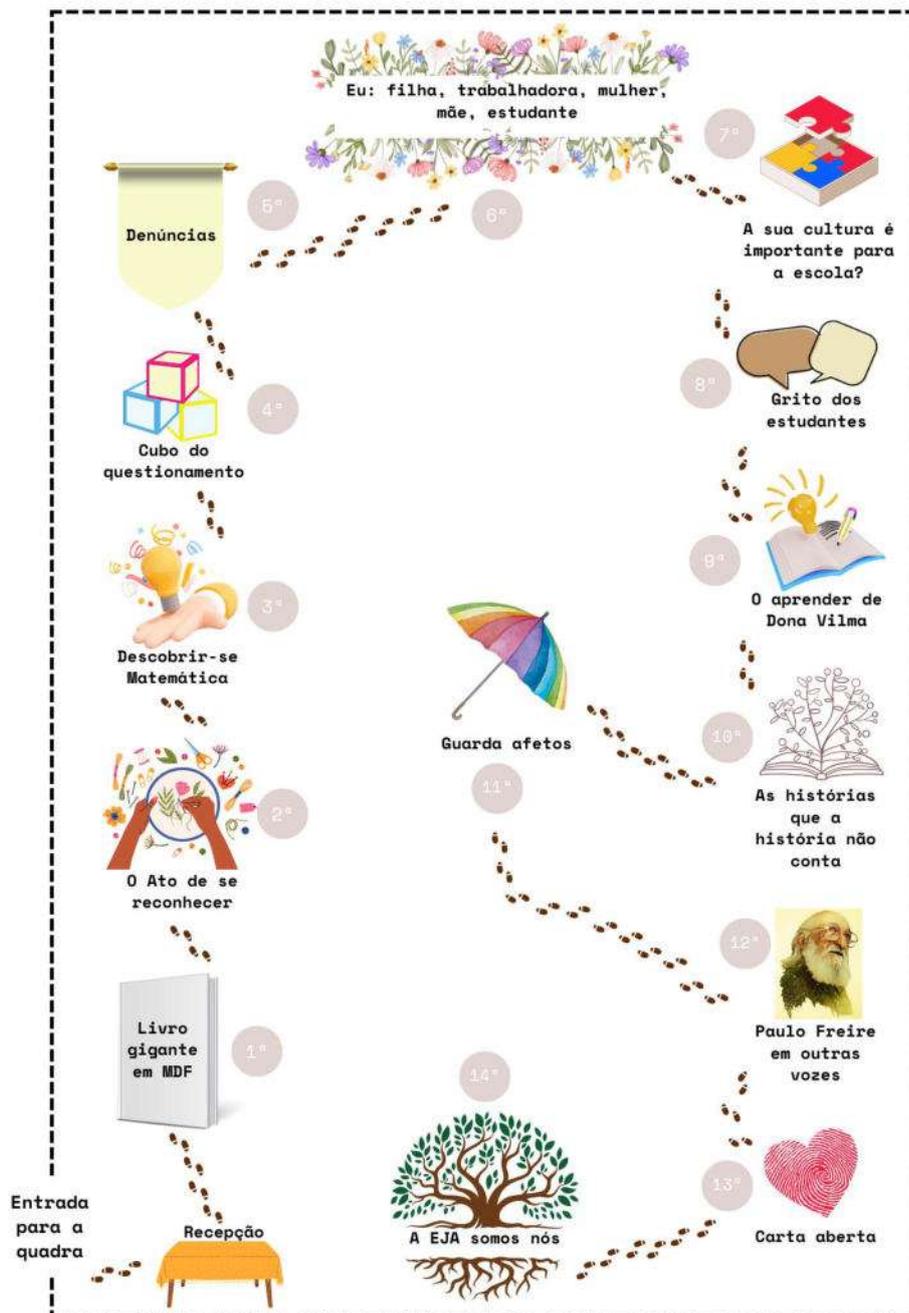
O próximo subcapítulo busca responder à pergunta de pesquisa desta dissertação, bem como seus objetivos geral e específicos, convidando os leitores a percorrerem a exposição guiados por um mapa, em primeira pessoa, que conta a história por trás da exposição, unindo as vozes dos colaboradores desta pesquisa e dos referenciais teóricos que nortearam nossos passos. Narraremos, em cada uma das seções, a ideia por trás de sua criação, as vozes escolhidas para representá-las e a importância de cada uma delas. Também apresentaremos a motivação que inspirou a criação de cada espaço e a relevância das memórias apresentadas para embasar nossa pergunta e nossos objetivos de pesquisa.

Sabemos que a escolha por esse tipo de abordagem para a análise de uma dissertação não é convencional. No entanto, acreditamos que essa é a forma que melhor se alinha com os ideais desta pesquisa, que busca contribuir para a cultura escolar por meio da pesquisa oral,

tornando os depoentes sujeitos ativos da construção dos diálogos aqui apresentados, os quais foram fundamentais para a criação da exposição apresentada à comunidade escolar.

Desejamos também proporcionar experiências — outras, novas e inspiradoras — aos leitores que se aventurarão conosco nessas páginas seguintes, poéticas, reflexivas e, às vezes, um pouco musicais. Esperamos que o caminho seja leve, esperançoso e resistente e que, ao final, você também tenha novas histórias para contar.

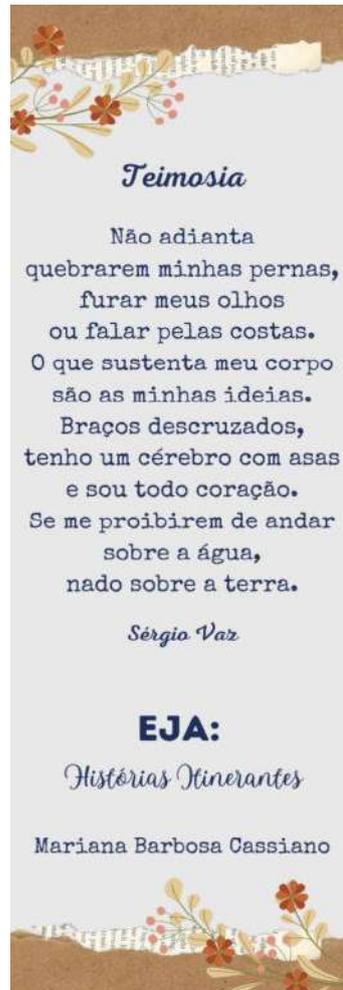
Figura 2 – Mapa da exposição “Histórias Itinerantes na EJA”



Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 A EJA TE CHAMA: CAMINHE CONOSCO

Figura 3 – Poesia: Teimosia - Sérgio Vaz



Fonte: Elaborado pela autora

São 7 horas da noite, do dia 30 de novembro de 2023, um mês e o ano termina. Estudantes e convidados vão chegando para a exposição. Para os colaboradores, é dia de festa, de comunhão; para quem visita, é momento de aprendizagem e troca. Ao entrar na quadra, local da exposição, todos são recebidos com uma mensagem em forma de cartão (Fig. 3) e algumas balas. Na mensagem, o poema de Sérgio Vaz, “Teimosia”, o mesmo com que fui recebida na turma da professora Monique, no meu primeiro dia como pesquisadora na escola, após toda a apresentação ao corpo pedagógico.

Quando conheci esse poema, estava no meu segundo dia como observadora na pesquisa de campo, tudo era uma novidade. A professora Monique convidou a turma a recitá-

lo como boas-vindas à minha presença na sala de aula. Pelo visto, ela utilizou o poema de Sérgio Vaz para abordar algum tema de língua portuguesa, como a leitura e a interpretação das palavras, seus sons e sentidos.

Não havia outra forma de recepcionar também os visitantes da exposição se não os contemplar com a mesma poesia com que fui recebida. Pude compreender nela a essência da Educação de Jovens e Adultos, que se desafia constantemente, supera obstáculos, aspira e deseja alcançar novas realidades, ou até mesmo a fortificar as realidades de que já faz parte:

Pensamos que nosso papel de pesquisadores e organizadores das descobertas no núcleo é registrar essas memórias individuais para compartilhá-las com a sociedade, de maneira que elas também passem a constituir o que é a memória coletiva a respeito da EJA e da educação popular, muitas vezes formada por discursos oficiais que não ouviram seus praticantes (Silva, 2015, p. 931).

Silva (2015), em seu texto sobre os 50 anos da experiência em Angicos, convida-nos a refletir sobre a importância do registro dessas memórias e do seu compartilhamento com os outros. Memórias florescem quando são compartilhadas, e uma boa ação — como a da professora Monique, em apresentar uma poesia para seus estudantes em processo de alfabetização para, a partir da letra desse poema, refletir sobre sua condição humana, suas dificuldades e seus anseios —, não pode permanecer no oculto da sala de aula, precisa ganhar asas.

O **“não adianta”** que inicia o poema penso ser o “não adianta” dos silenciamentos que muitos dos estudantes da EJA sofreram ou sofrem durante toda a sua vida e que os afasta dos bancos escolares. *Estudar? Para quê? Suas responsabilidades são maiores aqui...*

“O que sustenta meu corpo são as minhas ideias” (Fig. 3) creio que seja esse o ápice da nossa pesquisa e o seu ideário de mostrar aos estudantes da EJA que cada um é produtor de conhecimento e que, a partir de suas memórias e histórias, novos outros mundos podem ser criados e esperançados. Mundos mais reconhecíveis e mais quistos pelos seus pares presentes na sociedade e que muitas vezes não se sentem contemplados pelo que leem por aí. Não se enxergam ou não se reconhecem.

“Se me proibirem de andar sobre as águas, nado sobre a terra” (Fig. 3) é também, com novas lentes, após o desenvolvimento e a execução da exposição, o mantra dos estudantes da EJA. Não há limites para seus sonhos; há imposições, barreiras, desafios, mas não há limites. Constituir-se seres humanos escolarizados, não apenas por causa do diploma, mas como forma de alcançar suas aspirações pessoais, como compreender-se sujeitos pensantes, leitores, entre outros motivos, é o que os move no retorno à escola.

Figura 4 – Mesa de recepção da exposição



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Um cartão de boas-vindas e uma balinha de morango (Fig. 4). O título de nossa exposição na mesa, “Histórias Itinerantes”, e sorrisos afetuosos do meu pai, que ficou no portão de entrada recebendo todos os visitantes e suas famílias para o que seria um lindo momento de partilha, de reconhecimento e de descobertas. Foi assim que demos início à nossa exposição.

Logo no início do percurso, apresentamos um livro gigante feito de MDF, que traz o título da exposição e uma singela apresentação que poderíamos chamar de prefácio, se assim couber nessa organização (Fig. 5). Nessa apresentação, trouxemos de modo breve os objetivos, as motivações e as justificativas da pesquisa em desenvolvimento, numa linguagem breve e acessível a todos os visitantes.

Figura 5 - Livro feito em MDF



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

A ideia por trás do “livro gigante”, alcunha idealizada pela minha mãe ao me ver refletindo e desenhando o projeto, já que de fato o livro possuía 1,35m de comprimento por 1,85m de altura, era mostrar aos sujeitos que passassem por ali, desde o início da exposição, alunos, docentes ou comunidade local, sobretudo os colaboradores, que ao mesmo tempo em que são personagens entregues às rotinas da vida, são também autores que se desafiam constantemente em escrever suas histórias. E, por serem autores e protagonistas de suas histórias e narrativas, estes precisavam estampar as capas dos livros. Logo, essa seção era o espaço certo para que, desde o início, todos ali presentes se compreendessem marcas de historicidade e memória, constituindo-se “social e historicamente” (Freire, 1996, p. 18).

Ao ver o desenrolar da exposição, pude perceber que a ideia inicial deu certo. Durante a realização das entrevistas, foram muitos os diálogos sobre a importância de cada um dos depoentes como produtores de conhecimento e de aprendizagens. No entanto, nada seria mais ilustrativo e poético do que um livro maior do que todos os visitantes e que os permitisse entrar nele e fazer parte como personagens principais, ilustrando, enfim, suas vidas, tão diversas e ricas.

Pausa para uma foto?

Figura 6 – Participação dos visitantes no livro em MDF



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Logo de início, tentei apresentar a proposta para todos os que passavam por ali (Fig. 5). É natural que muitos dos visitantes e até mesmo os próprios colaboradores ficassem tímidos em interagir com cada seção, por vezes passando um pouco longe delas. Por isso achei importante convidá-los a se aproximarem, e que momento melhor que esse do que contar a ideia por trás do livro gigante?

Durante nossas conversas, eu afirmava aos colaboradores: “Vocês são os autores do que está por vir”. Ao orientar os visitantes, buscava guiá-los a vivenciar cada seção de acordo com seus interesses e curiosidades, mas sempre atentos às novidades que surgiriam ao longo da jornada. Fato é que a exposição foi pensada de modo a seguir uma cronologia criada logo após as transcrições das 11 entrevistas, contando uma história. Uma história com 11 silhuetas e milhares de questionamento e desejos. Por se tratar de uma pesquisa em educação matemática, foi latente sua presença na exposição em várias frentes. Além disso, acredito que o mais especial para mim durante os relatos das entrevistas tenha sido o ato de reconhecerem-se como produtores de conhecimento e não apenas como receptores de aprendizagens.

Para D’Ambrosio (2020, p. 52), a aquisição e a elaboração do conhecimento se dão no presente, como resultado de todo um passado, individual e cultural, com projeção no futuro, sendo um futuro instantâneo.

Vamos continuar juntos? Há muito o que conhecer...

Figura 7 – Segunda seção: “o ato de se reconhecer”



Fonte: Fotografias de Diogo Araujo de Freitas

Na segunda seção, buscamos levar as matemáticas desenvolvidas pelas mulheres artesãs do nosso grupo de depoentes. Inicialmente, tínhamos a ideia de apresentar todas as falas dos estudantes e onde enxergam a aplicação da matemática em seu dia a dia, mas, dado o espaço disponibilizado para a exposição e a dificuldade na aquisição de utensílios que

representassem todas as narrativas, optamos por apresentar os artesanatos e confecções trazidas pelas artesãs do grupo, dando visibilidade às suas obras de arte e dialogando com a comunidade sobre suas compreensões acerca das matemáticas que desenvolvem (Fig. 7).

Nosso objetivo com a organização dessa seção era iniciar o diálogo sobre a presença e o desenvolvimento da matemática em outras frentes e por novos olhares. Os estudantes já sabiam que eu era professora de matemática, esperavam, então, que durante nossa conversa caminhássemos rumo às suas compreensões sobre a matemática, facilidades, dificuldades, fórmulas e operações. Mas muitos não esperavam que a matemática na qual eu estava interessada era a desenvolvida, pensada e criada por eles, as matemáticas menores.

Matemáticas insurgentes, que florescem mesmo em meio a uma territorialização forçada a qual não deseja ouvir as inúmeras formas com que seus sujeitos matematizam, criam soluções ou literalmente “se viram” para sobreviver em seus respectivos contextos sociais, tal como D’Ambrosio (2020) nos propõe: “fazer uma educação para paz e em particular uma educação matemática para a paz” (p. 87). A matemática como uma ferramenta para promover diálogo e cooperação e construir pontos entre diferentes grupos sociais.

Para compreender as matemáticas menores — deslocamento conceitual à luz do que Gallo (2002) chama de educação menor —, em nossa pesquisa e agora, na organização na análise dessa exposição, utilizaremos as três características apresentadas por Gallo, com o objetivo de compreender, ressignificar e ampliar os significados acerca da matemática e sua aplicação em nosso dia a dia. Para essa seção foram usadas algumas perguntas feitas durante as entrevistas e suas implicações:

- Você acredita que haja apenas uma matemática?
- Se você acredita que haja mais matemáticas em nosso cotidiano, gostaria que desse algum exemplo para contextualizar.
- Esse exemplo de matemática é desenvolvido por você em seus espaços de interação, ou seja, em sua vida?
- Pensando no seu cotidiano, quais atividades desenvolvidas por você poderiam ser trabalhadas em sala de aula, a fim de dar uma aula de matemática?

A partir dessas perguntas norteadoras se desencadearam inúmeros relatos dos depoentes, desde histórias antigas que aconteceram com eles, de seus antepassados, até histórias que envolviam a sala de aula ou seus ambientes de trabalho.

Diante disso, uma linha de pensamento nos motivou na construção dessa seção: a história das artesãs e mulheres do grupo entrevistado. Ao longo dos depoimentos colhidos, estas não se reconheciam como produtoras de matemáticas, sendo necessário resgatar suas

historicidades, suas práticas cotidianas e ir dialogando com uma a uma para que, sozinhas, pudessem refletir e se compreender como “corpos matematizados” (Fonseca, 2023, p. 23). Antes desse resgate, quando o assunto era “matemática” a resposta era sempre que ou ela não existia em seu dia a dia ou ela aparecia através de cálculos e numerações, que, por serem muito difíceis, afastava-as de sua real compreensão.

É importante salientar que o objetivo com essas perguntas não foi introduzir o conhecimento dos depoentes dentro de uma “caixinha” que compreende a matemática de uma maneira finita, sem espaço para as suas multiplicidades. Em razão disso, as perguntas eram organizadas de modo que os estudantes refletissem e caminhassem pelas direções que se sentissem mais à vontade.

Também é necessário destacar que nossa intenção ao questionar os depoentes sobre as matemáticas em seu dia a dia nunca foi o de legitimar a matemática ocidental (Clareto, 2009), utilizando esses saberes como introduções para uma aplicação matemática eurocêntrica e cultural. Pelo contrário, desejávamos utilizar a exposição como espaço para a divulgação desses conhecimentos matemáticos produzidos pelos grupos socioculturais com os quais tivemos contato durante as entrevistas.

Há de se sinalizar que nosso grupo de entrevistados faz parte da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro como já apresentamos anteriormente, e é contemplado por artesãs, pedreiros, garçons, donas de casa, empregadas domésticas e aposentados. Alguns são oriundos do nordeste e vieram para o Rio de Janeiro, trazidos por suas famílias para “tentar a sorte” em território carioca:

O fundamental, se sou coerentemente progressista, é testemunhar, como pai, como professor, como empregador, como empregado, como jornalista, como soldado, cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, o meu respeito à dignidade do outro ou da outra. Ao seu direito de serem relação com o seu direito de ter (Freire, 2022, p. 26).

Todos esses depoentes lutam constantemente pela sobrevivência e o término dos estudos, que poderá abrir portas, até mesmo para alguns já com idade avançada, de um melhor trabalho e dignidade humana. Por isso a relevância do papel desta pesquisa, desenvolvida em uma escola pública do município de Nilópolis, com estudantes da Educação de Jovens e Adultos, como instrumento e espaço de/para reivindicação de direitos e acesso à justiça social.

A etnomatemática (D’Ambrosio, 2020) como referencial teórico para esta pesquisa, contribuiu para a compreensão das várias dimensões para a paz intrínsecas à educação matemática — paz interior, paz social, paz ambiental e paz militar —, ao passo que “só é

possível pensar uma educação para todos se ela vier atrelada a uma melhor qualidade de vida e dignidade humana para todos” (p. 86).

Para a maioria dos homens entrevistados, por outro lado, falar de matemática, suas aplicações, seus raciocínios, foi mais instantâneo. Alguns imediatamente tentavam buscar alguma aplicação de conceitos matemáticos em suas ações no dia a dia. Outros já inovavam e traziam para nossas conversas conhecimentos matemáticos diversos que desenvolveram ou aprenderam em seu ambiente de trabalho ou cotidiano.

Para algumas mulheres, reconhecer seus conhecimentos e experiências de vida como conhecimentos matemáticos socioculturais requereu um pouco mais de tempo, como relatei anteriormente. Ao longo de nossos diálogos, essas mulheres foram buscando essa compreensão nas memórias, nas suas ancestralidades, nos cotidianos e nas suas próprias reflexões. Foi admirável vê-las se descobrindo! Passaram a compreender a matemática em um pensamento, num gesto, num estilo, numa arte, numa ação:

Olha, tava pensando aqui. Até pra fazer um almoço a gente tem que pensar. Eu, por exemplo, até a medida do arroz, eu tenho a medida do café certinha para o meu café ficar no ponto que eu gosto. Isso tudo é matemática, não é?! Eu tenho a medida do pó de café. Já sei quantas medidas eu tenho que colocar na água que dá o ponto do café que eu gosto e meu marido gosta também. — Dona Eliane

Além disso, em todos os relatos que os colaboradores traziam era possível perceber que o valor coletivo necessário para a consolidação das matemáticas menores estava enraizado, pois a todo momento compartilhavam seus saberes com seus pares, compreendendo que a aprendizagem é coletiva e pertence a comunidade:

Entrevistadora: E para a gente finalizar eu gostaria de saber se o senhor acredita que a sua cultura é importante para a escola.

Sidney: É, eu tô contribuindo assim com a minha localidade, **com o meu mundinho**⁹, aqueles que eu convivo assim no dia a dia, entendeu, e se chegar mais alguém eu tento chamar pra mim também. O que eu aprendi também transferir pra eles. O aprendizado que eu aprendi. Com o professor Leandro, com você também que tá fazendo pesquisa, entendeu? E com outros professores também.

Entrevistadora: O senhor consegue compreender a sua importância para cá, pra escola?

Sidney: Pra escola, sim. Com certeza. É chamar pro meu mundinho. Esse colégio aqui era perto da minha casa.

[...]

Entrevistadora: Mas o senhor acha que tem mais um motivo pro senhor ter voltado a estudar?

⁹ Em algumas transcrições dos diálogos com os depoentes, algumas palavras e frases serão marcadas com **negrito** e sublinhado de modo a enfatizar um determinado assunto ou conceito evidenciado pelo entrevistador ou entrevistado ao longo da entrevista, colaborando para a análise da pesquisa. Essa foi a forma escolhida para transmitir ao leitor quando uma frase ou palavra foi dita enfaticamente, ganhando um acréscimo de significado.

Sidney: Pra aprender pra mim mesmo, algo, amanhã ou depois, eu não sou avô, mas pra eu não passar a vergonha depois de meu neto com o caderno perguntar alguma coisa e eu não souber responder. Meu filho não tando, minha nora não fazendo, quem toma as rédeas é o avô, né?! (grifo nosso)

Senhor Sidney nos convida a compreender o “seu mundinho” e a importância de compartilhar suas aprendizagens. Sua vida sempre foi de luta e resistência, pois desde jovem cresceu em um lar adotivo e evadiu-se da escola por “querer trabalhar para refazer o seu mundinho”, mas essa escolha o rendeu chegar a certa idade sem escolarização e com algumas portas fechadas. Embora tenha inúmeras qualificações que aprendera observando outras pessoas na construção civil, para o mercado de trabalho, ele precisa do “diploma” e por isso o retorno à sala de aula.

Entrevistadora: Então o senhor voltou pra escola visando essa qualificação pro mercado de trabalho?

Sidney: É, tá muito competitivo. Ainda mais com essas molecadas que pega um celular e mexe pra lá e pra cá. Meu filho mesmo. Eu fico ainda cabeçudo ainda. Mas eu mexo do meu jeito. O negócio é não ficar parado no tempo.

Sua narrativa nos leva a compreender a escola como espaço de resistência, luta e diálogo. Os fazeres e saberes próprios de sua cultura ajudaram o senhor Sidney a trabalhar e sobreviver, mas é necessário continuar aprendendo, pois a tecnologia está cada vez mais avançada e, para permanecer no mercado de trabalho, é necessário se especializar, aprender o diferente, do contrário as portas não se abrem. “*É mais viável estudar*”, diz senhor Sidney em nossa conversa. “*O aprendizado ficou para trás, mas se puder avançar mais um pouquinho já é alguma coisa*”. E é a escola espaço essencial para esse avanço, ao ressaltar sua importância “no processo de reconstrução e questionamento de identidades culturais de seus estudantes” (Moreira, 2010, p. 57).

Nessa perspectiva, para preencher nossa exposição de matemáticas, pedimos a colaboração de todas as artesãs do grupo entrevistado para que levassem seus materiais para a exposição. Ao lado de cada item, colocamos algumas de suas falas que mostravam seus pensamentos e raciocínios ao desenvolverem os seus trabalhos. Além disso, também colocamos objetos que rememoravam falas de outros depoentes, como jarras, copos, encartes de jornal, utensílios de obra, instrumentos referenciados pelos depoentes quando os questionamos sobre as matemáticas em seu dia a dia.

Além de divulgar seus trabalhos, as artesãs ainda conseguiram vender alguns de seus materiais às pessoas que passaram visitando a exposição. Quando uma delas nos contou que havia conseguido vender alguns de seus trabalhos, ficamos muito felizes, pois vimos que um

espaço pensado para divulgação das falas e conhecimentos dos depoentes também pode ser utilizado como local para fornecimento da sua renda e fonte do seu trabalho¹⁰.

Eu trabalho com reciclado, eu faço trabalhos com boneca. Enfim, de tudo um pouco. Pintura... A matemática está aqui nas medidas. Tudo tem medidas. Mas eu começo a medir até um certo ponto, de um certo ponto pra lá eu não meço mais porque já está na cabeça. Eu já consigo olhar e saber qual é. Eu já não uso mais a fita métrica, já não uso mais a régua. Que eu já consigo saber o tamanho exato que precisa ser cortado. **Porque eu já peguei o jeito.** Então eu uso a fita métrica, no caso, muito pouco. Às vezes eu uso por exemplo, se você falar assim ‘Claudia faz essa bolsa aqui pra mim’, eu vou fazer essa bolsa, estou usando a fita métrica uma vez, depois eu não uso mais. E por aí vai. Comigo né, porque tem gente que faz isso o tempo inteiro, mas comigo é assim. — Claudia (grifo nosso)

Olha, pra contar eu não gosto muito não. Porque o croché a gente tem que contar os pontos, entendeu? Aí eu não conto os pontos do croché, não. [...] Estava hoje tentando fazer uma flor, né? Que eu tô fazendo uma flor pra *mim* botar num bolo. Aí eu tava lá fazendo a flor, saía torta, saía torta, e eu falei “ai meu Deus do céu, tá saindo tudo torto”. Aí desmancha tudo de novo. Aí eu comecei a contar. Aí ficou certinho. Aí fui eu contando cada lado, trinta pra um lado, trinta pro outro. Aí eu fiz a folha, é meio ponto, ponto baixo, meio ponto e ponto alto e ponto altíssimo, entendeu? — Gleide

Quando questionei as estudantes sobre a matemática em seu cotidiano, tanto Claudia como Gleide disseram que a presença da matemática só existia quando faziam alguma conta ou operação, quase sempre na calculadora. Em um primeiro momento, foi necessário revisitarmos o dia a dia delas, suas atividades em casa, na rua e nas ações que desenvolvem para criarem seus artesanatos para refletirem sobre suas práticas. Logo depois elas começaram a trazer seus próprios questionamentos e apontamentos sobre suas ações e atividades:

Entrevistadora: Bom, lá no início, quando eu perguntei o que era matemática para você, você escreveu que era um desafio. E depois de tudo o que a gente conversou e partilhou aqui, você gostaria de acrescentar mais uma palavra? Além de ser um desafio, ela é mais alguma coisa para você?

Claudia: Digamos que melhorou. Porque você me fez ver matemática onde eu não estava vendo.

Claudia trabalha com reciclados, todos os seus itens são feitos com materiais que encontra nas ruas, em ferro velho, ou é algum item que alguém não usará mais e dá a ela. Para ela, os recicláveis são fonte do seu trabalho e renda para seu sustento, não havendo espaço para pensar e dialogar sobre o quão singulares são as suas criações e o pensamento que ela desenvolve para criar suas obras de arte.

¹⁰ A venda dos itens trazidos pelas depoentes no espaço da escola foi autorizada previamente pelo corpo pedagógico e diretivo, por entenderem que a escola é espaço para divulgação da comunidade local.

O mesmo acontece com Gleide, que, por trabalhar com crochê, precisa ter atenção na “contagem” dos pontos que deve fazer para que o seu trabalho seja bem realizado, do contrário... “*desmancha tudo de novo*”. As narrativas apresentadas por ambas as estudantes se tornam ainda mais relevantes porque abordam a matemática como algo intrínseco à cultura e não apenas como uma aplicação de conceitos matemáticos:

Não posso negar de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação de mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura de mundo” que precede sempre a “leitura da palavra” (Freire, 2022, p. 94).

Preceder a “leitura de mundo”, a “leitura da palavra”, tal como Freire nos sugere, é, para nossas colaboradoras, compreender a importância do artesanato como fomento para melhorar suas qualidades de vida, sobreviver em meio às desigualdades pela falta de emprego, dada a baixa escolarização. Enfim, é reinventar-se e refazer-se, sempre com esperança de ir atrás, de construir e não desistir.

Ao expormos esses artesanatos trazendo a fala das depoentes ao seu lado, passamos a valorizar esses saberes como formas legítimas de matemáticas culturais e que são desenvolvidas por esse grupo; no caso, que são desenvolvidas pelas artesãs presentes em nosso grupo de autores. O conhecimento apresentado por ambas ultrapassa a sala de entrevistas e as folhas de papel nas quais registramos suas histórias e ganham espaço, voz e visibilidade.

Os saberes das artesãs Claudia e Gleide são expressões genuínas de matemáticas menores, pois contribuem para uma visão mais inclusiva e ampliada da matemática, que se ramifica politicamente, transformando-se em uma ferramenta de resistência. Através da necessidade de resistir ao contexto social em que estão imersas, estas produzem conhecimento, e esse conhecimento é arte na luta pela sobrevivência. E essa arte deve ecoar e se manifestar em todas as direções.

Entrevistadora: Hoje você vai dar uma aula de matemática do assunto que quiser. O que é que você traria do teu dia a dia para ensinar para a gente lá na turma da professora Monique?

Gleide: Crochê.

Entrevistadora: Crochê! *[ambas riem]*¹¹ Se você não falasse, eu ia ficar baixinho falando *crochê, crochê, crochê*.

Gleide: A gente poderia ver uma toalha, uma blusa ou um top, ou um sutiã, ou uma saia. Eu preciso comprar linha, agulha, entendeu? Eu pelo menos uso linha, agulha, tesoura pra cortar linha, né?

[...]

Entrevistadora: E as medidas a senhora sabe de cabeça, dona Gleide, ou a senhora tem que verificar com uma régua ou com uma fita?

Gleide: Não, **eu faço pelas trancinhas**, entendeu? Pelas correntinhas, como fala, entendeu? Fazer uma saia para você e aí eu faço as correntinhas, entendeu? Aí eu vejo a sua medida, aí pela medida, aí eu faço (grifo nosso).

Um das propostas norteadoras da entrevista era motivar os estudantes, a partir das suas atividades desenvolvidas no dia a dia, a organizarem uma aula de matemática para os seus colegas, ensinando um assunto por vezes desconhecido pelos demais. Inúmeras foram as contribuições apresentadas pelos estudantes: medições para colocação de pisos, contagem de bebidas para servir em um evento, noções específicas para executar algum serviço em casa ou no trabalho, a forma como podemos fazer café ou como colocar as roupas para lavar. Foram muitas!

Os depoentes esmeraram-se na busca por um tema especial para levar aos colegas de classe. Dona Gleide nos apresentou uma maneira produzida por ela para criar seus itens de crochê, fosse um utensílio doméstico ou uma vestimenta. A turma escolheria e ela ensinaria.

A etnomatemática questiona o padrão tradicional de ensino e pesquisas matemáticas que por vezes utilizam os conhecimentos culturais e cotidianos dos sujeitos apenas como aplicações para um teorema ou fórmula matemática como Claretto (2009) nos apresentou em seus escritos chamando esta ação de “legitimador da própria matemática ocidental”. Nosso desejo ao propor aos colaboradores ministrar uma aula de matemática, trazendo um conhecimento cultural ou cotidiano seu, é dar visibilidade a esses conhecimentos, promovendo espaço a diferentes perspectivas e saberes matemáticos presentes em diversas culturas que por vezes são silenciadas quando os sujeitos estão na sala de aula:

Entrevistadora: Quais outras matemáticas que existem então no nosso dia a dia? A senhora pode me dar uns exemplos? Onde a senhora enxerga a matemática?

Eliane: Olha, minha filha... no dia a dia... *[pensando um pouco]* quando eu vou no mercado. Quando eu quero ir à padaria comprar um pão eu tenho que saber a matemática, o valor, quanto foi aquilo ali, quanto vão me dar de troco, entendeu? É isso.

Entrevistadora: Então a matemática pra senhora está no mercado...

¹¹ Durante a transcrição do diálogo das entrevistas, marcamos com *itálico* e entre colchetes as marcas de emoção, como riso, lágrimas, reflexão, entusiasmo, tristeza, entre outras, a fim de acrescentar significado à expressão verbal, transmitindo ao leitor o envolvimento e os sentimentos do entrevistado e da entrevistadora com relação a um determinado assunto.

Eliane: É porque pra fazer uma compra tem que ver os preços. Eu adoro ir pro mercado ver os preços das coisas. Eu não vou chegar no mercado, por exemplo, preciso comprar um arroz, mas eu tenho que ver se está nas minhas condições comprar aqueles 5 quilos de arroz. Aí se eu pensar “esse arroz aqui tá caro, ele tá mais barato em outro mercado”. É pegar uma promoção, entendeu? Então tenho que saber um pouco de matemática pra pensar na hora.

Compreender que os movimentos que percorremos ao longo do nosso dia, sejam em ações ou pensamentos são movimentos matemáticos e são inerentes a todos ser humano em suas práticas diárias. Como por exemplo, na prática da dona Eliane em decidir ir ao mercado para comprar cinco quilos de arroz, mas decidir ir a outro mercado ver se o preço está mais barato. São práticas sociais que, ao mesmo tempo que acontecem em nosso contexto social, produzem cultura (Fonseca, 2023), como a cultura de buscar sempre o melhor preço de um item no mercado.

Retornando o pensamento de D’Ambrosio (2020) quando este afirma que o cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura do indivíduo, reafirmamos nosso desejo de visibilizar esses sujeitos e suas narrativas com a realização da exposição, de modo a fazer com que estas histórias floresçam em diversos lugares e ampliem seus significados. Que sejam ouvidas, refletidas e disseminadas:

Entrevistadora: Mas sempre é uma matemática voltada por uma questão financeira? Sempre haver com dinheiro? Ou em outras áreas que não envolvam dinheiro, a matemática também está presente? O que você acha disso?

Carlos Henrique: Ela está presente! Em número, contas, por exemplo, uma festa. 100 pessoas, quantos garçons vão usar? Quantas mesas vão servir? 25 mesas um garçom, vamos fazer as contas, com 100, quatro garçons. Entendeu? Então assim bebida também, a gente faz conta, por exemplo, você faz uma festa com bebida, cerveja, essas coisas, aí eu faço as contas de quantos litros vai sair na festa, quanto de bebida vai sair na festa. Cada pessoa consome mais ou menos umas 5 cervejas. Então você vai fazer as contas mais ou menos de 100, por que você sabe que 100 não vem, então você faz a conta como se 60 bebem e 40 não bebem cerveja. Ai a gente faz a conta de 25 a 30 litros de cerveja.

Robson: Eu sou garçom e também trabalho com evento. Então nós temos contagem de bebidas, contagem de bebida que sai, contagem de bebida que entra, contagem de bebida que vendeu, contagem de cartão, uma porção de números que no final tem que bater tudo direitinho. Ó vou dar um exemplo, um engradado de cerveja, ela vem 12. Vamos dizer que a gente bote 100 engradados de cerveja, a gente não bota 100 engradados de cerveja, a gente bora 1200 latas de cerveja. Porque cada engradado vem 12 a gente multiplica por 100, da 1200 e a gente tem que colocar a quantidade da unidade da cerveja e não a quantidade de caixa. E sim a quantidade de lata. Por isso que a matemática vai entrando cada vez mais a fundo.

Carlos Henrique e Robson trabalham na mesma área, no serviço de festas, mas quando conversamos separadamente com cada um deles a forma com que organizam e executam o seu trabalho é distinta. Isso porque as práticas sociais aos quais eles foram submetidos são

diferentes e assim geram diferença, novas formas de ver e estar no mundo. A forma com que apresentam e organizam seu trabalho, demonstra o quanto a experiência cultural, ao longo do tempo, os auxiliou a desenvolver essas práxis e além de desenvolver, mostra o quanto são entusiastas em disseminar esse conhecimento que possuem.

Desejávamos com esses questionamentos, proporcionar aos estudantes um momento em que se reconhecessem como produtores de matemáticas, uma matemática legítima, que nasce na cultura de cada indivíduo e emana a fim de encontrar morada em outros contextos e cotidianos. Nossa ideia não é reforçar a supremacia de um conhecimento específico, ou uma forma apenas de pensar, mas sim promover um ambiente inclusivo e diversificado, onde diferentes formas de conhecimento e saberes matemáticos são visibilizados.

Legitimamos esses saberes quando decidimos organizá-los e apresentá-los na exposição que por si só já tem caráter de itinerância, ou seja, essas narrativas, culturas e formas distintas de matematizar ganharão novos espaços para serem contadas e disseminadas. Reconhecemos o valor coletivo destas matemáticas pertencentes à toda comunidade, às minorias. Não como aplicações de uma matemática preexistente, tão pouco como introdução para uma fórmula ainda em construção, mas como ambiente natural, social, cultural e imaginário com o objetivo de explicar, aprender, conhecer ou de lidar com os modos, estilos, artes e técnicas (D'Ambrosio, 2020) daquilo que chamamos de vida: “A aventura da espécie humana é identificada com a aquisição de estilos de comportamentos e de conhecimentos para sobreviver e transcender nos distintos ambientes que ela ocupa, isto é, na aquisição de ETNO, MATEMA, TICAS” (D'Ambrosio, 2020, p. 2).

D'Ambrosio (2020) destaca que o desenvolvimento de conhecimentos matemáticos é parte essencial da jornada humana, refletindo não apenas a adaptação às necessidades do ambiente, mas também o desejo de transcender, evoluir e expandir a compreensão do mundo ao nosso redor.

Pra você comprar uma caixa de piso você tem que saber metragem. Na caixa quase sempre vem escrito ou você olha no celular mesmo pra ver quantos pisos você vai gastar daqui pra lá. Na caixa vem normalmente 12 pisos, as vezes vem 10. É tudo na metragem. Se você não souber fazer metragem, ou você compra a mais, se você ultrapassar o piso... vamos dizer você trabalha por conta própria ou você trabalha por diária, aí você tem que ficar com o piso. **Aí você que perde o dinheiro.** — Sidney

Entrevistadora: A gente sabe que para montar um prato, fazer uma comida, a gente tem que ver e saber a receita. Como é que era para você? Com a dificuldade na leitura, criar um prato, elaborar um prato que às vezes você não sabia como é que fazia. Como era essa experiência?

Genil: Geralmente, o que que eu fazia. Eu levava o cardápio para casa e pedia à minha esposa no caso para reler o cardápio e eu calculava o tempo de cada coisa que

era para ser feito. E eu marcava o tempo que levava de cada coisa para ser feita. Um exemplo assim que eu fazia. Ela lia e eu ia marcando na minha mente o tempo de cada coisa e nisso eu fazia eu ia numerando os pratos. Eu não falava o nome dos pratos eu ia numerando os pratos ao decorrer do dia que era pra ser feito. E nisso eu não me perdia. Eu não sabia ler o que era, mas eu marcava o número. Pô eu quero o prato tal aí eu já eu sei o que é pra ser feito.

Nas duas falas acima, podemos ver as práticas de numeramento sendo utilizadas de formas distintas, mas com a mesma finalidade: a de terminar o dia tendo um emprego. Isso porque ter emprego, nos dias de hoje, é ter qualidade de vida, mesmo que propenso às dificuldades próprias das classes populares, e qualidade de vida dignifica a existência humana. Não veremos práticas matemáticas menores em políticas *macro* que reafirmam as desigualdades e causam destruição, pelo contrário, veremos as matemáticas menores na luta destes excluídos em vencê-las, dia após dia.

Nesta seção colocamos um som ambiente com a música “Cidadão”, de Zé Ramalho. Desde o início sempre pensei nesta canção como norteadora e motivação para esta pesquisa. Ela conta a história de um “cidadão” que embora construísse inúmeros edifícios e espaços ele sequer podia contemplá-los, sequer podia fazer parte deles, um sujeito subordinado, oprimido e excluído, o primeiro aos quais a Etnomatemática e as pedagogias freirianas querem dar atenção.

Penso que inúmeros são os estudantes da EJA, que outrora eram “criança de pé no chão” tal como diz a letra da música, que também tiveram o direito à escolarização negados por sua família, pela sociedade e sistema. E que retornam hoje à sala de aula de modo a reivindicarem seus direitos como cidadãos letrados, alfabetizados, com diploma e com espaços para a realização de seus sonhos “como projetos pelos quais se luta” (Freire, 2022, p. 62).

Zé Ramalho pode não ter criado esta canção para contar a história de nossa exposição, mas tomara que um dia saiba que suas palavras e música inspiraram nossa caminhada. Uma caminhada que narrou memórias e sonhos enquanto tocava sobre ausências e desigualdades.

Seguindo com nossa caminhada chegamos a terceira seção a qual intitulamos de “Descobrir-se matemática”. Escolhemos esse nome por entender que as entrevistas feitas com os estudantes da EJA foram um processo de descobrimento. Descobrir-se produtores de matemáticas e descobrir que elas perpassam as apressadas compreensões de que “a matemática é um saber ‘único e universal’”, acabando “por reforçar a ideia de que ‘saber matemática’ é saber manipular símbolos, fórmulas e algoritmos” (Oliveira, 2023, p. 74). Ela é raiz produzida no dia a dia de todos os sujeitos que lutam pela existência constantemente em

seus ambientes de trabalho, nos afazeres de casa e na criatividade exigida e adquirida nos caminhos da vida.

O formato da seção foi vertical com as palavras presas em um MDF vazado (Fig. 8). As palavras foram impressas em formato de *scrapbook*¹² e organizadas de modo a despertar a curiosidade nos visitantes. Todas as palavras foram citadas ou escritas pelos estudantes ao longo das entrevistas quando perguntados “*o que a matemática era para eles*” e “*o que a matemática do dia a dia era para eles*”.

Foi primordial iniciar e finalizar as entrevistas com esses questionamentos haja vista que os depoentes já me conheciam e já sabiam que eu era professora de matemática. Perguntei o que matemática era para eles e pedi que escrevessem essa palavra ou frase no papel. Muitos chegavam curiosos e alguns até com receio sobre como se daria a entrevista e sobre o que falaríamos.

Pude perceber que a medida em que refletiam sobre qual palavra ou frase colocariam no papel, também refletiam sobre sua opinião com relação a matemática, positiva ou negativa, mas também sua admiração como um conhecimento presente em toda a sua vida:

Entrevistadora: Quando a gente fala a palavra matemática o que vem na sua cabeça?

Vilma: Ah... matemática ela é a luta do dia a dia, né? A soma de todas as coisas que a gente já fez. Do que já passou.

Patrick: Eu sempre tive uma curiosidade, uma paixão por matemática, por numeração, desde pequeno, isso. Porque eu olho já calculando. Isso é desde pequeno meu.

Denise: Pra mim é isso, move tudo.

Saliento nesta seção que, inicialmente, fiz a atividade de escrita em uma folha de papel como forma de aproximar *entrevistado-entrevista-entrevistador*, tornando o ambiente mais aconchegante. Entretanto, alguns dos depoentes, sobretudo os que fazem parte das turmas de 2^a e 3^a fase dos anos iniciais, estão em processo de alfabetização e precisaram de ajuda para escrever palavras soltas quando estas não estão escritas no quadro para que transcrevessem. Ao longo das entrevistas, contidas nos apêndices desta dissertação, é possível perceber esse auxílio e, também, o anseio por escrever sozinhos suas ideias.

¹² O *scrapbook* é uma atividade criativa que envolve a montagem de álbuns personalizados, repletos de memórias e momentos especiais.

Figura 8 – Terceira seção “Descobrir-se matemática”



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Trago essa reflexão, para que caso algum leitor se interesse pela metodologia adotada nesta dissertação atente-se para as potencialidades e dificuldades dos sujeitos entrevistados, evitando que, mesmo sem intenção, acabemos por ser excludentes, fazendo com que de alguma forma os sujeitos fiquem constrangidos por não conseguirem escrever as palavras desejadas por eles, não conseguindo prosseguir com a entrevista. Não foi o caso em nossos diálogos, os estudantes estavam muito abertos a construção coletiva do conhecimento e perguntavam sempre que tinham alguma dúvida sobre qual letra colocar ou como se escrevia a palavra que desejavam expor.

Inúmeras foram as palavras e frases ditas por eles que demonstravam esse descobrimento de suas raízes, suas histórias e o tanto que a matemática está presente nelas a partir do pensamento crítico e dialógico. As palavras organizadas em forma de colagens foram as escritas por eles quando questionados sobre *o que era matemática* nas etapas pré e pós entrevista. As demais frases, ou foram ditas para explicar as palavras escritas, ou foram comentadas ao longo da conversa.

Desde a palavra mais trivial à mais inovadora no que se refere ao que todos nós pensamos quando nos vem à cabeça a palavra matemática, os depoentes nos contemplaram com percepções da matemática entrelaçadas às experiências do seu dia a dia, do seu cotidiano. Embora organizada de modo simples (Fig. 8), esta seção prendeu muito a atenção dos

visitantes levando a alguns até se questionarem: “*Mas tem matemática aqui?*” [...] E eis que um dos depoentes respondeu ao seu colega de classe prontamente: “*E onde não tem matemática?*”.

Figura 9 – Participação dos visitantes na terceira seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Esta afirmação de um dos depoentes durante a exposição a um dos visitantes me fez recordar a declaração “tem tudo a ver!” de D’Ambrosio (2020) quando este era indagado por outros educadores matemáticos sobre o que “educação para a paz tinha a ver com educação matemática?” (p. 86).

As próprias falas transcritas nesta seção respondiam por si só e, embora pensássemos que a matemática só existe quando numerações estão presentes, nossos colaboradores nos preenchiam com discursos profundos e simbólicos de suas percepções matemáticas, como as que podemos ler abaixo em alguns trechos transcritos das entrevistas:

Entrevistadora: Ao longo de toda a nossa conversa, você falou muito sobre trabalho, mas se alguma outra palavra surgiu ou pode surgir...

Carlos Henrique: Não nenhuma... Bom... **Filhos.**

Entrevistadora: Por que você pensou na palavra “filhos” assim?

Carlos Henrique: Porque meus filhos, assim, pra mim é tudo. Eu nunca pensei em ter filhos, nunca pensei em ser o pai que eu sou hoje. [...] E hoje eu consigo passar tudo o que eu vivi pros meus filhos.

Carlos Henrique, um de nossos depoentes, trabalha como organizador de eventos e garçom. Retornou aos estudos por desejo da esposa que também estuda na escola e está terminando no Ensino Fundamental. Entretanto por trabalhar em muitos eventos sua frequência é baixa na escola o que faz com que, mesmo compreendendo muito os conteúdos

disciplinares da escola não pôde subir de fase, tendo em vista que um dos requisitos para o estudante avançar de série é ter frequência na escola.

Quando nos conhecemos, Carlos estava assistindo aula na 6ª fase sendo orientado pelas professoras dos anos iniciais, entretanto dada essas questões externas, ele teve que retornar para a 3ª fase, turma de alfabetização. A professora Monique relatou sua preocupação de que essa nova mudança o desanime de prosseguir com os estudos e Carlos acabe evadindo novamente: *“Quando eu tô em casa eu penso ‘vou pra escola, vou pra escola’. Eu gosto de comer bem, gosto de comer bem. Então assim, para comer bem, tem que trabalhar”* (Carlos Henrique).

D’Ambrosio (2020, p. 86) nos diz que “o estado de paz interior pode ser afetado por dificuldades materiais, como falta de segurança, falta de emprego, falta de salário e, muitas vezes, até mesmo falta de casa e comida”. O retorno aos estudos é bem-quisto para nosso estudante, entretanto a necessidade de trabalhar para buscar uma qualidade de vida melhor para ele e sua família é bem mais importante e essencial, pois *“para comer bem, tem que trabalhar”*.

Por outro lado, Carlos compreende tanto a importância dos estudos que se exhibe orgulhoso das conquistas de seus filhos durante nossa conversa. E por falar em filhos, é esta a palavra que ele escreve quando perguntamos após o diálogo sobre o que matemática é para ele, na ideia de que todo o sacrifício que hoje ele faz, seja trabalhar e/ou estudar, é para que possa passar o melhor para a sua próxima geração.

Ao olharmos para a palavra escolhida por Carlos para representar o que a matemática representa em sua vida, fica difícil não fazermos uma analogia com a ancestralidade que nossas raízes culturais nos evocam. Mesmo com uma infância de exclusão e abandono, Carlos decide reinventar-se e compreende a importância do exemplo para continuar a trajetória de sua família. Ele retorna para a sala de aula por um pedido de sua família e continua, mesmo com inúmeras barreiras, às vezes vindas até mesmo da própria escola, seus estudos:

Um indivíduo sem raízes é como uma árvore sem raízes ou uma casa sem alicerces. Cai no primeiro vento! Indivíduos sem raízes sólidas estão fragilizados, não resistem a assédios. O indivíduo necessita de um referencial, que se situa não são raízes de outros, mas, sim, nas suas próprias raízes. (D’Ambrosio, 2020, p. 44).

E quando nossas raízes florescem de nós mesmos? Tive essa reflexão ao ler a palavra escolhida para iniciar e encerrar a entrevista com o Carlos Henrique. Para nosso depoente suas raízes são seus filhos e seu trabalho. É o que move sua vida e seu destino. Sua referência para

a conclusão de seus estudos é compreender que existem pessoas que esperam isso dele e um imenso mundo de possibilidades que podem ser alcançadas a partir da educação.

Figura 10 – Participação dos visitantes na terceira seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Outras foram as palavras e frases trazidas pelos demais depoentes e presentes nesta exposição que poderão ser analisadas ao longo deste percurso que trilhamos juntos ou nos produtos educacionais organizados com estas mesmas construções e diálogos.

Nossa quarta seção intitulada “Cubo do questionamento” era uma seção para interação e apresentava no quadro grandes cubos, sendo dois de perguntas e os outros dois com respostas para esses questionamentos (Fig. 11).

Figura 11 – Quarta seção “Cubo do questionamento”



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

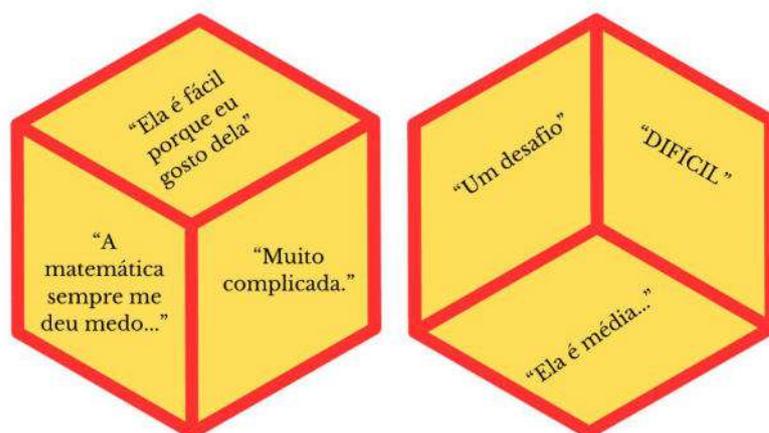
No cubo das perguntas, tínhamos as seguintes indagações “A matemática é fácil ou difícil?” e “E a matemática do seu dia a dia?”. Nos demais cubos, tínhamos seis respostas em cada um, totalizando doze resultados. Essas respostas foram escolhidas com bases nos retornos dados pelos colaboradores ao longo das entrevistas. Isto porque durante os diálogos estes foram dois questionamentos levantados por mim com o objetivo de buscar compreender as impressões da matemática dentro e fora do ambiente escolar.

A partir das respostas colhidas foi possível compreender que para muitos estudantes existe uma grande diferença entre a matemática curricular, aquela que aprendemos na escola, e se tratando dos estudantes da EJA um motivo para evasão escolar durante a infância e adolescência, do conhecimento matemático desenvolvido e aplicado no seu dia a dia.

Para responder aos questionamentos apresentados nos grupos e favorecer a interação entre os visitantes e colaboradores da exposição, estes deveriam jogar o dado de respostas e afirmar se concordavam ou não com a afirmativa apresentada no quadrado visível.

A seguir apresentamos as afirmativas disponibilizadas: Com relação ao questionamento: “A matemática é fácil ou difícil?” possuímos seis respostas, todas retiradas das indagações dos 11 estudantes ao longo das entrevistas (Fig. 12).

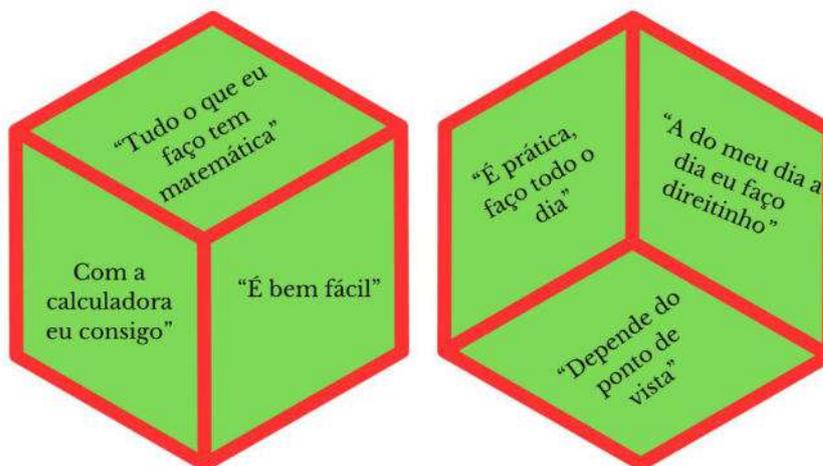
Figura 12 – Respostas da pergunta “A matemática é fácil ou difícil?”



Fonte: Elaborado pela autora

O outro questionamento foi: “E a matemática do seu dia a dia, é fácil ou difícil?” e suas respectivas respostas também foram retiradas das falas dos depoentes (Fig. 13), são elas:

Figura 13 – Respostas da pergunta “A matemática do seu dia a dia é fácil ou difícil?”



Fonte: Elaborado pela autora

É importante salientar que ambas as perguntas apareceram ao longo dos diálogos de modo a fazer com que os depoentes refletissem sobre o seu dia a dia e o modo com que os conhecimentos matemáticos emergem em seus contextos socioculturais. Embora esperassem que a entrevista caminhasse em uma breve compreensão sobre as facilidades e dificuldades com a matemática acadêmica, trilhamos outros caminhos, como por exemplo, perguntamos a eles sobre aprendizagens e cultura, desafios e sonhos, de modo a criar um ambiente propício para aí sim questioná-los sobre como a matemática se relaciona com a sua vida.

De longe foi possível perceber a pluralidade de ideias e de concepções matemáticas atreladas aos seus modos de vida, seu dia a dia e o quanto por vezes essas concepções se afastam do que é posto como essencial numa aprendizagem em matemática na sala de aula: *“A matemática é um símbolo, ela é um significado que eu compreendo dessa forma. [...] O aprendizado da matemática ele é fundamental na parte tanto interior quanto exterior. Ela faz parte de tudo, cara”* (Sidney).

D’Ambrosio (2020) nos instiga a refletir que a proposta da etnomatemática é “fazer da matemática algo vivo, que lida constantemente com situações reais no aqui e agora. E, através da crítica, questionar o aqui e o agora” (p. 49). Quando questionamos os estudantes com relação às suas compreensões acerca da matemática acadêmica e da matemática cotidiana criamos espaço para suas próprias reflexões, e essas reflexões os levam a compreender a matemática como algo dinâmico e relevante para a sua vida cotidiana.

Não satisfeita em provocar os depoentes durante as entrevistas, pensei em uma forma de entrosar durante a exposição, os participantes, visitantes e colaboradores, buscando alguma ação que integrasse a todos e promovendo o diálogo e a troca de experiências. A ideia com a

elaboração desta seção não era apenas ler “*se a matemática do dia a dia era fácil ou difícil*”, era imprescindível dialogar com os pares, exercitar a troca de saberes e conhecimentos, buscando compreender as suas matemáticas desenvolvidas e as dos outros (Fig. 14).

Figura 14 – Participação dos visitantes na quarta seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

“Essa resposta contempla seu pensamento sobre o questionamento levantado? Como e por quê?”: e assim gerávamos mais reflexões agora com os visitantes da exposição! Ao exercermos um olhar crítico perante as respostas dadas pelos depoentes buscávamos promover uma compreensão mais ampla e crítica da matemática, conectando-a às experiências vividas pelos visitantes e os incentivando a uma visão reflexiva: “Pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’ como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21).

Por isso o desejo de tornar essa seção interativa. Para promover a troca de experiências enquanto os visitantes riam e se divertiam ao jogarem os dados. E enquanto jogavam os dados e liam as respostas obtidas buscavam sentido em sua existência para comprovar ou não aquilo que estava escrito. As singularidades se uniam, criando novas diferenças. Compreendemos assim que “o processo educativo é necessariamente criação coletiva, que se coloca para além de qualquer controle” (Gallo, 2010, p. 245).

Peço licença ao leitor para narrar uma história que ocorreu durante minha observação em sala de aula, com o intuito de colher informações sobre os estudantes, futuros colaboradores desta pesquisa, especificamente no sétimo dia em que estive a campo.

Figura 15 – Registro da aula de matemática 2ª e 3ª fase



Fonte: Registrado pela autora

Chegamos à sala de aula, a professora Monique e eu, em um dia de aula de Matemática, na quarta-feira. A professora propôs uma atividade contextualizada aos estudantes, utilizando um encarte de supermercado com diversos itens e preços, que trabalharia operações envolvendo números decimais. Em seguida, escreveu no quadro alguns itens e suas quantidades, para que os alunos os encontrassem no encarte e realizassem os devidos cálculos (Fig. 15), chegando ao valor total da compra. O objetivo final da atividade era verificar as estratégias desenvolvidas pelos estudantes, à luz de suas experiências de vida, para solucionar o problema.

A professora incentivava os estudantes a se colocarem como protagonistas do problema, assumindo os questionamentos sobre o problema proposto, utilizando seus próprios métodos e meios para resolvê-lo. Não havia certo ou errado quanto aos procedimentos escolhidos, mas era fundamental que adotassem estratégias que levassem à melhor resposta ao problema, como na vida real, em que precisavam saber o total das compras para verificar se o dinheiro que tinham seria suficiente para comprar todos os itens da lista.

Durante a aula, uma das alunas, Dona Eliane, uma senhora de 68 anos, chamou-me até sua mesa para que eu pudesse verificar seu raciocínio sobre um dos itens apresentados pela professora. Ela estava tentando encontrar o valor final da compra de 4 quilos de inhame, que

custava R\$ 4,89 por quilo. Em seu caderno, ela escrevia enquanto me questionava: “Quatro vezes quatro, eu sei que é dezesseis, mas como eu encontro essa parte aqui?”.

$$4 \times 4,89$$


$$4 \times 4$$

$$4 + 4 = 8 + 8 = 16$$

Eu sugeri que ela multiplicasse 4 por 4,89, mas Dona Eliane me explicou que não estava multiplicando, mas sim somando os resultados, conforme mostrado na imagem acima. Ao receber uma resposta negativa ao perguntar se poderia usar uma calculadora para encontrar o resultado, ela pensou em dividir a parte decimal do preço e encontrar "por partes", somando sempre aos resultados anteriores. E assim ela foi matematizando:

$$4 \times 4 = 4 + 4 = 8 + 8 = 16$$

$$4 \times 0,80 = 0,80 + 0,80 = 1,60 + 1,60 = 3,20$$

$$16 + 3,20 = 19,20$$

$$4 \times 0,09 = 0,09 + 0,09 = 0,18 + 0,18 = 0,36$$

$$19,20 + 0,36 = 19,56$$


“Pronto, é isso?”, foi o que Dona Eliane disse para mim logo após encontrar o resultado que buscava. Fiz um sinal positivo com a cabeça enquanto admirava a naturalidade com que realizou as operações. Logo em seguida, Dona Eliane, orgulhosa do resultado encontrado, compartilhou com a turma e comentava, mostrando seus cálculos aos colegas mais próximos, “o quanto era boa em compras no mercado” e que operações como aquela eram comuns em seu dia a dia, pois sempre as realizava ao pesquisar preços em vários supermercados para encontrar o local “mais em conta”. “Eu só fiz usar meus pensamentos de mercado”.

Nesse dia, não apenas aprendi Matemática através da humildade de alguém que inicialmente veio com uma dúvida e depois construiu todo um raciocínio para solucionar seu problema, mas também aprendi que nosso dia a dia é terra fértil e que a sala de aula é um espaço de “pluralidade, heterogeneidade e diversidade” (Fantinato, 2018):

Estes sujeitos, educandos adolescentes, jovens, adultos e idosos, são portadores de saberes adquiridos ao longo de suas histórias de vida através de sua participação na sociedade, enquanto trabalhadores e/ou enquanto membros atuantes em seu meio social (Fantinato, 2018, p. 185).

Essa narrativa se une à nossa análise e ao percurso escolhido para retratar as “matemáticas menores” desenvolvidas pelos estudantes da EJA, pois entendemos que toda pesquisa acontece no aqui e agora e que sempre é hora de ouvir e aprender com aqueles que estão ao nosso lado, especialmente aqueles que têm mais experiência de vida do que nós.

De acordo com o objetivo desta pesquisa, que busca evidenciar as “matemáticas menores” desenvolvidas pelos estudantes da EJA e que se manifestam não apenas em seus cotidianos e contextos sociais, mas também em sala de aula como forma de superar desafios, assim como fez Dona Eliane: "eu só usei meus pensamentos de mercado", foi possível perceber as diversas formas com que um estudante matematiza, à sua maneira, a partir dos desafios e questionamentos que lhe são apresentados, assim como na vida:

Eu acho que uma preocupação fundamental, não apenas dos matemáticos, mas de todos nós e, sobretudo, dos educadores, a quem cabe certas decifrações de mundo, eu acho que uma das grandes preocupações deveria ser essa: a de propor aos jovens estudantes, alunos, seus educandos, que, antes e ao mesmo tempo em que descobrem que quatro por quatro são dezesseis, descobrem também que há uma forma matemática de estar no mundo (Paulo Freire, na entrevista concedida a Ubiratan D'Ambrosio e Maria do Carmo Domite, em junho de 1995).

Dona Eliane deixa claro que um dos motivos pelos quais utiliza os métodos apresentados é “encontrar o preço mais baratos dos alimentos”, em que ela pague menos e ainda obtenha a mesma qualidade do produto. Sua preocupação é com a qualidade de vida, tanto dela quanto de sua família, e para isso, ela matematiza, reflete e chega à solução esperada: para a atividade proposta pela professora, o resultado correto de R\$ 19,52; já em seu dia a dia, é encontrar o melhor alimento para sua família pelo menor preço.

Diante do desafio apresentado pela professora, semelhante às ações que realizamos constantemente, Dona Eliane encontra um ambiente acolhedor para expressar-se matematicamente, criando seus próprios métodos e compartilhando-os com seus colegas de classe e professores, assim como faz em seu dia a dia.

Vamos caminhar mais um pouco? Para isso convido a você, leitor, procurar seu aplicativo de músicas favorito e colocar a seguinte canção enquanto lê nossa próxima seção: “Tocando em frente: Almir Sater”.

Ando devagar
 Porque já tive pressa
 E levo esse sorriso
 Porque já chorei demais
 [...]

 Cada um de nós compõe a sua história
 E cada ser em si carrega o dom de ser capaz
 E ser feliz

Figura 16 – Quinta seção “Denúncias”



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Nesta seção (Fig. 16), nos atrevemos a esboçar através de flâmulas algumas das frases mais marcantes trazidas pelos 11 depoentes ao longo de suas entrevistas. Percebam que estamos caminhando para outro momento da exposição, o ato das denúncias. Um espaço em que os estudantes ao se sentirem à vontade com o andamento das entrevistas utilizaram da mesma como espaço de reflexão, denúncia e instrumento de reivindicação de direitos.

Estes estudantes chegam à EJA com algumas feridas e muitos sonhos parados. Muita dessa estagnação não foi cometida por eles e sim imposta pelo contexto no qual foram inseridos desde muito novos. Alguns estudantes abandonam a escola por problemas familiares, pela necessidade de tão jovens trabalharem e precisarem ser a renda e o sustento da família:

Eu via as minhas irmãs, e eu não tinha aquela condição de falar “ah vou deixar pra lá”. Eu falei “eu vou trabalhar, eu vou trabalhar e vou conseguir sustentar todo mundo aqui”. Foi o que eu fazia e então eu abandonei o meu colégio já com entre 13 para 14 anos. [...] Porque eu tinha, assim, uma obrigação, cuidar da casa, cuidar das minhas irmãs, cuidar da minha mãe, então assim, meu pai era presente, mas ele não fazia o que era correto de um pai, não dizendo que ele que ele fazia errado, **mas eu esperava mais**. Por exemplo, “ó, você não é para estar trabalhando, o teu momento agora para você estudar”. Então eu falei uma coisa, eu vou tomar frente que o meu pai não tomou. Eu vou ser o homem da casa. Foi o que eu que eu fiz. — Genil

Algumas mulheres se distanciam dos bancos escolares por opressão, porque alguém, em algum momento disse a elas que lugar de mulher não era na escola e que não havia necessidade de saberem ler ou escrever:

Agora eu digo eu não estudei mais porque eu não tive oportunidade, eu nunca tive oportunidade, tô tendo agora. Mas no meu tempo de jovem, de criança, minha mãe nunca foi num colégio pra fazer matrícula para a gente não. Meu pai falava “estudar pra quê? Pra fazer bilheteinho para namorado? Vai pra roça capinar”. — Dona Eliane

Outros se afastam por quererem ter domínio da própria vida e em algum momento, foi dito a eles que não encontrariam na sala de aula essa realização e que apenas o trabalho, fosse ele qual fosse, proporcionaria o cumprimento de seus objetivos.

Eu larguei os estudos porque eu nunca me esqueitei muito pra estudo, eu sempre gostei de trabalhar. Desde pequeno eu sempre gostei de trabalhar. Aí eu falei pra minha mãe que eu não queria mais continuar estudando, aí ela me perturbou, me perturbou, mas eu falei “não, não quero mais estudar quero trabalhar” e fui *cair*. Fui atrás de serviço. Trabalhei no lava-jato, aí fui indo atrás de serviço até chegar nesse que eu tô agora. — Patrick

Todos esses desafios e questionamentos se reúnem nessas 11 falas, nestes 11 depoimentos e são apresentados na escola, espaço onde ecoam suas denúncias. Que embora tracem caminhos totalmente distintos se encontram em um ponto em comum. E que alegria, para nós enquanto educadores, que este ponto em comum se intitule Educação Pública.

A educação, segundo Gallo (2010) é um empreendimento coletivo que permite que encontros aconteçam, encontros de singularidades que veem na escola espaço para buscar “ser mais”, almejar um novo amanhã e novas oportunidades que contribuam para a sua

transformação social, contribuindo para sua dignificação. “A coletividade é possível porque, sendo singularidades, sendo todos diferentes, podemos construir projetos coletivos” (Gallo, 2010, p. 243).

Escolher as frases que comporiam a seção de denúncias não foi tarefa fácil, muitas foram as inquietações e falas potentes que os colaboradores trouxeram ao longo das entrevistas. Optamos por explorar a diversidade e a força de cada uma das frases, buscando transportar os visitantes às suas próprias realidades e, a partir das indagações de nossos depoentes, promover reflexões diferentes, ao passo que iam se reconhecendo através das falas de sujeitos próximos a eles. Naquele instante e durante todo o percurso a memória que se fazia coletiva (Fonseca, 2020) e ganhava novos sentidos.

Figura 17 – Participação dos visitantes na quinta seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Em segundo lugar queríamos gerar reconhecimento de quem “se lê”. Permitir que os sujeitos se descobrissem autores de frases tão significativas e transformadoras foi de longe uma das melhores sensações que pudemos despertar (Fig. 17). Fonseca (2020) reforça esse pensamento ao afirmar que quando os sujeitos percebem que a escola não apenas os aceita, mas valoriza os seus conhecimentos e pensamentos, estes se sentem mais seguros e sobretudo mais integrados ao fazer escolar reconhecendo seu valor como protagonistas no espaço escolar. O estudante deseja então mostrar aos demais indivíduos as motivações por detrás de

suas falas e/ou registrá-las para que possa, em seu lar, mostrar à sua família as marcas e seus nomes por toda a exposição. Ecoando orgulhosos “fui eu que falei!” (Fig. 18).

Figura 18 - Participação dos visitantes na quinta seção

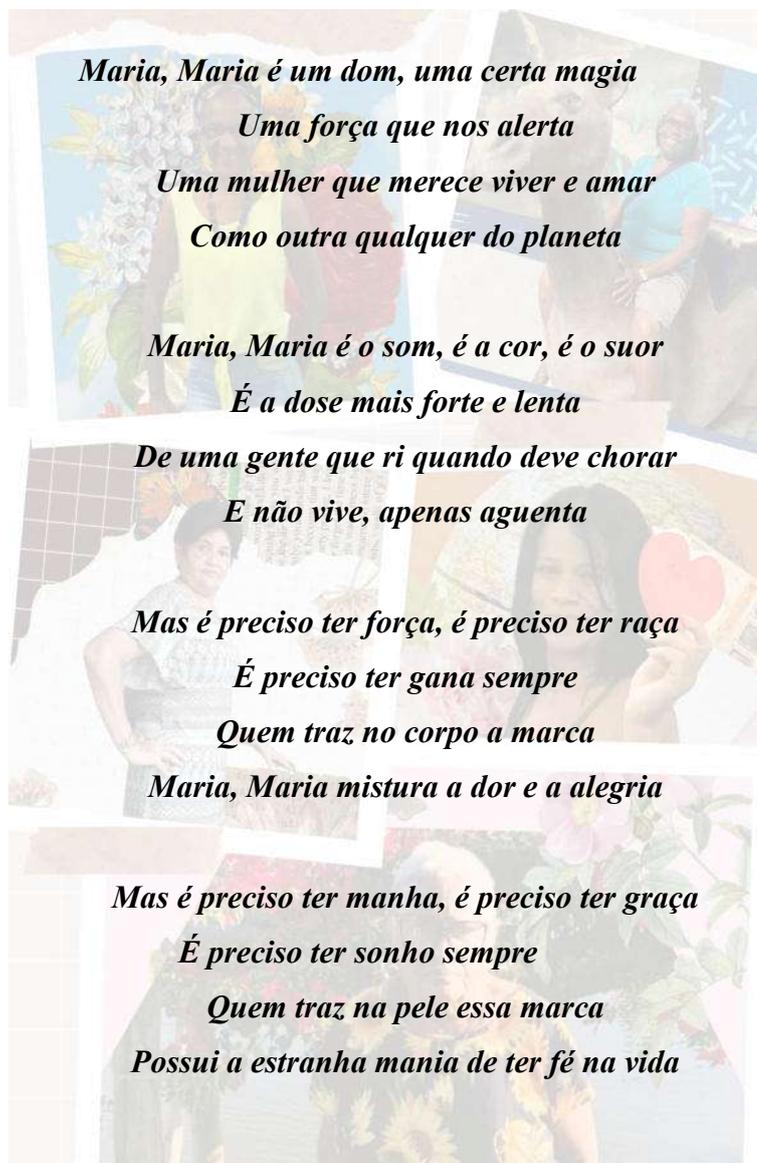


Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Muito foi ouvido ao longo das mais de duas horas de exposição “*meu nome está ali*” ou “*seu nome está ali você viu?*”. Desde a construção da exposição tive o cuidado em apresentar as falas dos depoentes em sua integralidade com toda a força e sabedoria que possuíam. Eu era tão somente a organizadora das seções e do que ali seria retratado, eram eles os autores de tudo o que estava sendo construído.

A utilização da História Oral, como metodologia para esta pesquisa, foi substancial para a consolidação desse olhar como pesquisadora. Isso porque sua tarefa, atualmente, segundo Garnica e Nakamura (2018) é “captar e registrar vozes que nos ajudam a falar, tenham essas vozes os timbres que tiverem” (p. 5). Nossos depoentes são trabalhadores de classe baixa, donas de casa e aposentados. A amorosidade em suas falas, a força com que carregavam suas denúncias sempre com gentileza e sabedoria, não me pertenciam e era de suma importância que eu desse luz aos seus verdadeiros autores.

Para a nossa próxima seção, convido você a levantar da sua cadeira ou de onde você estiver, se espreguiçar um pouquinho e recitar esta canção em plenos pulmões:

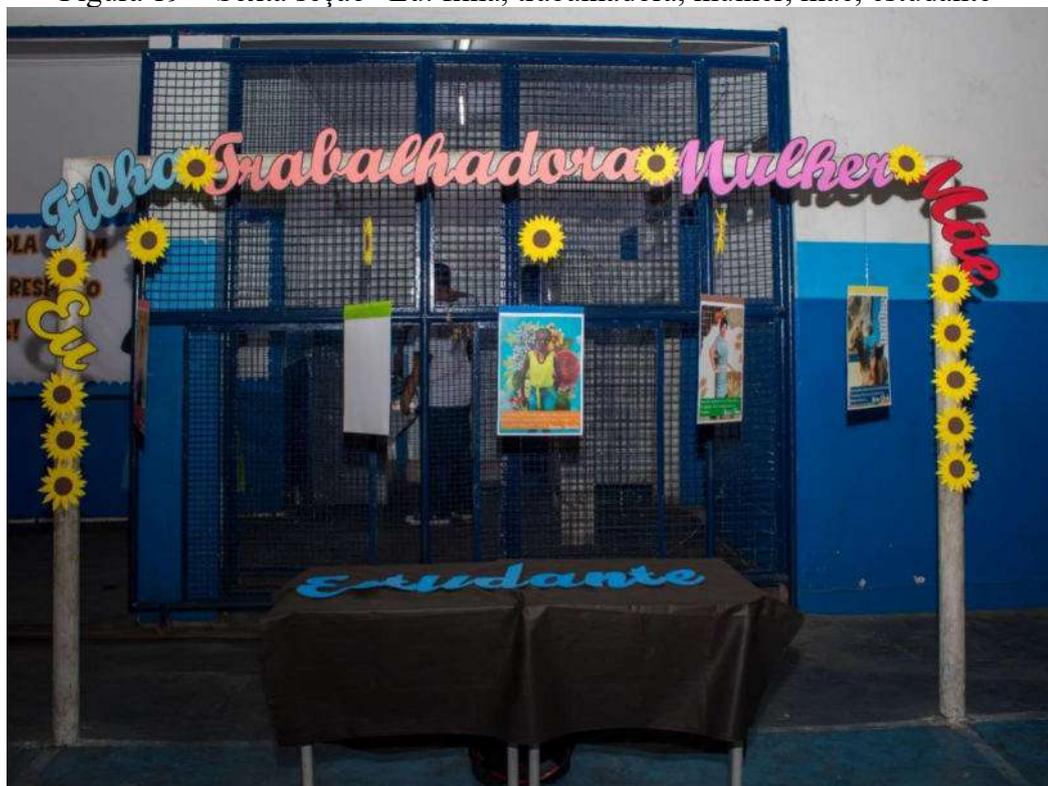


Tenho certeza de que você começou a cantar essa bela música do Milton Nascimento assim que reconheceu em pouquíssimos segundos de que canção se tratava. Pois bem, nossa próxima seção tem gosto de coragem, determinação e luta por sonhos. Falamos delas, nossas Marias que nesta pesquisa constituem cinco rostos, mas que representam todo um grupo de mulheres com inúmeras e diversas características que sonham, desejam e almejam seus objetivos e realizações.

Nesta seção quisemos compartilhar as silhuetas por detrás das falas tão singulares destas cinco mulheres que nos contemplaram com sua presença, sabedoria, luta e fé. Para isso, organizamos esse espaço de modo a proporcionar aos visitantes o aconchego de ler um pouco

da trajetória dessas mulheres dispostas em características singulares as quais elas foram se definindo ao longo das entrevistas (Fig. 19).

Figura 19 – Sexta seção “Eu: filha, trabalhadora, mulher, mãe, estudante”

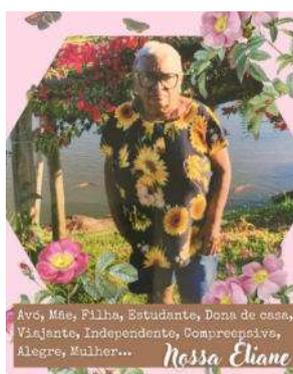


Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

O nome escolhido para a seção foi “Eu: filha, trabalhadora, mulher, mãe, estudante”. Pode parecer um nome de seção muito grande, entretanto ao longo das entrevistas pudemos perceber que o direito a inúmeras alcunhas fora retirado da vida dessas mulheres, sobretudo, ser estudante.

Estudar nunca foi uma prerrogativa permitida a essas mulheres que tanto sonham e sonham com o futuro, sendo assim por que não permitir a elas darem a si mesmas as suas características? Desta forma, apresentamos agora nossas autoras através de seus próprios olhos (Figuras 20 e 21).

Figura 20 – Imagens referentes à sexta seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Figura 21 - Imagens referentes à sexta seção



Fonte: Fotografias de Diogo Araujo de Freitas

Cada uma das características organizadas nessas imagens foi dita ao longo das entrevistas de forma bem espontânea pelas depoentes, fosse quando indagadas em suas apresentações sobre quem eram ou fosse ao longo de suas falas quando emergiam em sentimentos de saudosismo e alegria. Note que em todas as imagens as palavras “trabalhadora/dona de casa” e “estudante” se fizeram presentes. Isso porque o retorno aos bancos escolares é motivo de celebração para todas estas, não importou o motivo distinto que as fizeram retornar. A busca pelo direito de “ser mais” (Freire, 2021a) perpassando a escola é motivo de celebração e reconhecimento por parte dessas mulheres. Em um país que ainda exclui constantemente as mulheres dos espaços de diálogo, poder e conquistas, para nós é muito caro apresentar estas novas autoras, seus ideais e suas falas sempre potentes e fortes que nos preenchem ao mesmo tempo de fé, esperança, mas também de muito amor.

Freire (2022) afirma que “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (p. 90), somos convocados a ir em sentido oposto à neutralidade das relações que ainda pensa na figura feminina sobre uma ótica excludente que as silencia, sobretudo no que se refere aos ambientes educacionais. E foi no desejo de ir contra essa neutralidade que construímos esta seção, para que todos pudessem vislumbrar a força e beleza de ser mulher para além das características que a sociedade já impõe a elas, enfatizando a forma como se enxergam e compreendem a sua forma de estar no mundo. Como mulheres! Como estudantes!

Viver aprendendo te faz ficar alegre, feliz. Porque não é dizer que eu não tive adversidades, eu tive muitas, tive muitas, mesmo. Passei por muita coisa. E eu acredito nessa teoria que você erra, aprendendo. Porque ninguém nasce sabendo, de alguma forma você tem que aprender. [...] Já acordo feliz, penso, “poxa, ontem eu não agradei, ontem eu não me voltei pra ver o que eu fiz ontem”, porque eu gosto muito disso também, gosto de lembrar o que eu fiz ontem, o que deu ontem. E eu tô sempre feliz, as pessoas falam “nossa você tá sempre feliz”, “mas gente, só, tem que ser assim”. Porque você tem que ser feliz. A vida é uma receita de bolo, se você deixar de colocar qualquer coisa, o bolo não vai dar certo. — Denise

Durante a exposição a canção de Milton Santos tocava para todos que passavam na seção e era notável ver a força com que todas as mulheres que visitavam este espaço cantavam a música. Primeiramente por ser uma canção atemporal e de uma genialidade indiscutível, mas sobretudo por retratar a força da mulher brasileira que mesmo com todas as imposições sofridas durante a sua vida acredita ser possível lutar e conquistar seus sonhos através da educação.

Chegamos na metade de nossa caminhada... Você está gostando do que está vendo até aqui? Leonardo Boff tem uma célebre frase que diz “A cabeça pensa a partir de onde os pés

pisam”. Estamos pisando em um solo da Baixada Fluminense com estudantes que vivem as alegrias de residir em uma cidade lembrada em épocas de carnaval como a grandiosa “Beija flor de Nilópolis” e os alagoes da distância com os grandes centros comerciais. Ser trabalhador em terras nilopolitanas é pegar o trem Japeri-Central ou baldear em alguma outra estação pra poder ir trabalhar: 3 a 4 horas de condução. Às vezes, esse tempo é só para ir... Isso todo o dia. É tudo muito longe. É tudo muito caro.

E por que eu trouxe a frase de Boff para dialogar com vocês? Porque o chão que a gente pisa é duro, mas nele floresce sonhos. Chegar do trabalho cansado e fatigado depois da condução e ainda ter vontade de estudar a noite? É um desafio, que todos os estudantes pontuaram em suas narrativas. Mas de desafios a gente entende muito bem...

[...], mas tem muita gente desistindo. Uma pena né, mas a gente entende que é a correria. Quem trabalha lá embaixo é bem difícil. Quando é vou lá pra Barra, eu subo esse morrinho aqui de Olinda, eu olho 2 vezes em direção lá de casa, olha... aí eu falo, “não, vou para a escola”, é complicado. Não é nem o serviço, você acredita, são os transportes. É o trem, o BRT. É o transporte que faz a gente desistir de muitas coisas, mas infelizmente faz parte, né? — Dona Vilma

Eu voltei a estudar pra poder estudar, eu não voltei a estudar pra poder brincar. Eu saio do serviço cansado, chego em casa só dá tempo de tomar um banhozinho, trocar de roupa, pra brincar né? É o foco. Chego um pouquinho atrasado, mas eu chego! — Robson

Falta incentivo, falta mobilidade, falta material didático, falta uniforme¹³. Falta até autorização para o trabalhador-estudante pegar condução para chegar à escola. Mas cabeça e pés andam lado a lado. Por isso a importância da seção que iremos contar para vocês agora.

A próxima seção foi uma ideia da minha mãe. Havia conversado um dia enquanto tomávamos café juntas e organizava a exposição. Queria uma seção que falasse intimamente aos visitantes sobre si mesmos. Uma seção que os levasse a refletir o protagonismo e a autoria de suas vidas.

Ao longo das entrevistas ficou claro que os estudantes foram se compreendendo parte imprescindível não só de suas vidas como também da escola e de todos os profissionais que dela fazem parte. Em todas as seções buscamos deixar marcas e evidências do protagonismo e autoria de todos os escritos e pensamentos apresentados na exposição. Transcrito ali estavam sonhos, desejos, questionamentos, inquietações e sobretudo uma escolha: compartilhar cultura, compartilhar conhecimento. Mas queria ir além.

¹³ Esta pesquisa ocorreu nos meses de Agosto e Setembro de 2023. Iniciamos a pesquisa no dia 8 de agosto de 2023. Os estudantes receberam o material didático para o ano letivo exatamente no dia 16 de agosto de 2023 e o uniforme escolar na semana seguinte. Esses itens são essenciais não apenas para a permanência na escola, mas também para garantir a participação dos alunos nas atividades educacionais.

Um dia minha mãe apareceu com uma moldura vazada lá em casa e disse: “Mariana, por que você não faz um espelho?” Isso ficou na minha cabeça por uns dias e enquanto organizava as demais seções sempre ia deixando essa para depois. Um dia minha mãe apareceu com a mesma moldura só que agora com um espelho nela. “Então era isso”, pensei comigo mesma. “Terá um espelho na exposição, só não sei em que parte ele irá entrar”.

Passados alguns dias de análise das entrevistas percebi que não havia organizado uma seção para contemplar minhas impressões com relação a última pergunta feita aos colaboradores durante as entrevistas. A pergunta era: *“Você acredita que a sua cultura é importante para a escola?”*

Como D’Ambrosio (2020), acreditamos que “a cultura se manifesta no complexo de saberes/fazer, na comunicação, nos valores acordados por um grupo, uma comunidade ou um povo. Cultura é o que vai permitir a vida em comunidade” (p. 61). Desta forma, compreender-se como cultura no espaço educacional é entender-se como sujeito sociocultural com perspectivas, expectativas, contribuições e desejos em relação a escola.

Esse questionamento ao mesmo tempo que foi complexo explicar a alguns dos sujeitos foi muito profundo na análise das respostas, pois compreender-se como cultura em um contexto social que nos exclui diariamente dos espaços de discussão e que nos enxerga apenas como massa de senso comum é árduo. Caminhar para o lado oposto era desafiador, mas necessário!

Nossos depoentes foram enxergando-se ao longo do tempo, praticando a reflexão silenciosa, trazendo à memória suas experiências de vida, refazendo diálogos tidos dentro e fora da escola, construindo o pensamento. Em alguns momentos, como pesquisadora, os ajudava trazendo alguns resgates de falas que havíamos tido durante a entrevista:

Entrevistadora: A senhora acredita que a sua cultura é importante para a escola?

Dona Eliane: A minha?

Entrevistadora: A sua! A dona Eliane é importante para a escola?

Acredito, porque é na escola que eu aprendo as coisas.

Entrevistadora: Mas e a senhora compreende sua importância em também ensinar a gente?

Dona Eliane: *[silêncio]* Será que eu sou importante pra escola?

Quando somos condicionados pela sociedade a nos enxergarmos como “mais ou mesmo”, como repetição fica difícil nos vermos como diferença, como multiplicidade. A cultura é uma prática que produz identidades sociais outras que precisam ser respeitadas e

visibilizadas em todos os espaços, sobretudo na escola, território onde outras vozes podem se juntar a ela criando novos projetos coletivos.

Para conhecer essas culturas tão singulares de cada um dos estudantes, tornava-se de suma importância uma seção que narrasse essas impressões, mesmo que de forma intrínseca, mesmo que gerando uma reflexão interior. Foi assim que nasceu mais uma seção para a nossa exposição (Fig. 22).

Figura 22 - Sétima seção “A sua cultura é importante para a escola?”



Fonte: Fotografia Diogo Araujo de Freitas

Eu não sei quem está lendo esta pesquisa, espero que alguém que seja tão apaixonado pela educação como eu sou, mas você já parou para pensar se a sua cultura é importante para a escola? Seja você estudante, pesquisador, docente, ou tudo ao mesmo tempo. Você já parou para pensar sobre isso? Admito que até o momento da primeira entrevista, eu nunca havia pensado nesse questionamento:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. (Freire, 1996, p. 41).

Embora tenhamos inúmeras qualidades e características que nos envolvem e nos fazem ter um sentimento de pertença com relação a escola, estamos imersos em um

espaçotempo que nos faz sempre enxergar que cultura é o que vem de fora, o que nos é imposto e não algo que nós mesmos manifestamos.

Este momento de reflexão e diálogo chama atenção por, de fato, trilhar o caminho contrário, proporcionando ao sujeito que participa da exposição compreender-se como ser social e histórico em todos os espaços que ocupa, sobretudo na escola. Tendo sua voz ouvida, seus saberes reconhecidos e sua presença querida no ambiente escolar. “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto [...] valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (Freire, 1996, p. 42). Essa é a missão de todo educador. Esse gesto pode emergir quando o professor abre oportunidades para o discente trazer elementos do seu cotidiano para contar em sala de aula, provocando diálogos, gerando aprendizagens novas e significativas. Dona Denise, quando questionada sobre a importância de sua cultura para a escola, tratou logo de responder:

Muito [importante] mesmo. Todos nós aqui. Porque senão tivesse o aluno não precisava do professor. Por que o professor vinha dar aula pra quem? Então, eu sou importante, entendeu? **Todos nós aqui somos importantes**. Da mesma forma que eu acho lindo ser professora. Não me vejo sendo uma professora, mas eu acho lindo. Procuro fazer a letra igual à da professora porque o jeito que ela escreve eu acho tão bonito, sabe. As letrinhas... tudo certinho... acho lindo... O jeito que ela fala... — Denise

Os sujeitos da EJA ao vislumbrarem o acesso a escolarização o fazem, em sua grande maioria, por uma admiração pelo processo de ensinar e aprender, mesmo que, para muitos, a escola, na época de sua infância, não tenha sido uma memória positiva. Trazem em suas partilhas o gosto pela aprendizagem a partir do que veem, do que ouvem e do que experienciam em seus cotidianos sejam familiares, de trabalho ou credos.

Optamos, assim, por oferecer aos depoentes, por meio da escuta de suas histórias, e aos visitantes, um espaço que refletisse suas memórias mais significativas, mesmo que ocultas, ajudando-os a reconhecerem-se enquanto singularidades. Cada pessoa que visitasse essa seção teria uma percepção única de si ao olhar-se no espelho, em um processo constante de reflexão e transformação (Fig. 23).

E eis que o espelho aparece!

Figura 23 - Participação dos visitantes na sétima seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Acompanhado da frase “Você é o autor da maior história já contada do mundo: a sua”. E hoje refletindo toda a construção deste dia, não havia lugar mais singular para que dispuséssemos de um espelho cujo objetivo foi refletir a imagem de todos aqueles que se colocavam a sua frente, sempre de uma maneira diferente, sempre provocando diferença, sempre provocando memórias. Essa imagem carrega a singularidade de ser um sujeito com raízes, que carrega histórias e memórias. Memórias estas que se sobressaem quando nos aproximamos dos autores com humildade de os conhecer e ouvir (Garnica; Nakamura, 2018):

Eu acho que a mesma importância que a escola é para mim, eu acho que eu sou para ela. Né? Porque ao mesmo tempo que eu estou tirando conteúdo da escola, eu tô passando um pouco do que eu sei do meu dia a dia, da minha experiência, né? Das coisas que eu já passei. Se tiver alguém precisando de um conselho e quiser me escutar, eu estou aqui para ouvir, pra falar, se a pessoa tiver a fim de me ouvir. E eu acho que tudo na vida é uma troca. Tudo na vida é uma troca, né? Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto. Todo mundo precisa de todo mundo. — Vilma

Como já dito anteriormente, essa foi uma das perguntas mais difíceis de serem respondidas durante as entrevistas, a qual os depoentes questionavam até mesmo o entendimento dela. “*A minha cultura?*”, “*será que eu sou importante para a escola?*” e “*não sei responder essa pergunta...*” foram algumas das indagações que eles foram levantando ao decorrer de nossas conversas o que demonstra a dificuldade que temos de nos compreender cultura que transforma, que ensina, que contribui, que “faz a diferença”:

Entrevistadora: Você acredita que a sua cultura é importante para a escola?

Carlos Henrique: Minha cultura? [...] Eu acho que não.

Entrevistadora: Por que não?

Carlos Henrique: Não... é que... às vezes... por exemplo... minha cultura...
[silêncio]... não sei... não, eu não acho, não. Não acho nada.

[silêncio]

Entrevistadora: Vamos falar do Carlos um pouquinho agora. Todo o conhecimento do Carlos em buffet, em trabalhar com pessoas, em fazer comida, em conseguir ter noção de como contemplar uma festa em sua totalidade sem deixar faltar nada... porque eu tenho ideia de que não é fácil, imagino que não seja fácil.

Carlos Henrique: Não, não é fácil.

Entrevistadora: Não só o momento da festa, mas todo uma organização por trás. Um cara que trabalha, que se dedica em sua vida e na sua família com seus filhos também...

Carlos Henrique: Eu gosto de comer bem, gosto de comer bem. Então assim, para comer bem, tem que trabalhar.

Entrevistadora: Com certeza.

Carlos Henrique: Entendeu?

Entrevistadora: E você acha que tudo o que essa pessoa traz para a escola não é importante?

Carlos Henrique: Ah, com certeza.

Entrevistadora: Então porque o Carlos, com 49 anos, não tem nada para contribuir na escola?

Carlos Henrique: É tanta gente que tem aqui que a gente acha que não, né.

Entrevistadora: Você e todos os outros estudantes... Tem muito conhecimento. A EJA, ela tem é potente, vocês chegam com muito conhecimento, conhecimento de vida, trajetória de vida, identidades, porque vocês já têm experiência de vida.

Carlos Henrique: Às vezes eu fico até emocionado, é até complicado, trago na memória tudo o que vivi no passado quando era mais novo, tudo o que passei e hoje estou aqui. [...] Todo mundo é importante, né. A educação é importante. (adaptado pela autora)

Ao questionar os depoentes com esta indagação, proporcionamos a eles um momento de reflexão sobre seu papel na escola, sobre a potência que existe nos conhecimentos que trazem de seus contextos sociais, valorizando suas falas e experiências, compreendendo que “cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros” (Freire, 1986). O relato acima do colaborador Carlos Henrique é um grande exemplo da importância do diálogo e da reflexão em pares. À medida em que ele foi refletindo sobre o que ele mesmo trouxe durante nossa conversa foi também entendendo sua relevância para o ambiente educacional.

Outros depoentes nos apresentaram com reflexões profundas e significativas que emanam uma cultura das relações e trocas, que não se enxergam como indivíduos solitários no mundo com um pensamento intransponível, mas que pensam a cultura como relação, como troca e se entendem enquanto sujeitos quando se compreendem como rede: rede de afetos, rede de cultura: “Porque eu vim ‘praqui’ eu fiz novas amizades, conheci uma boa professora,

e vou conhecer bons professores aqui dentro também. Porque eu faço a diferença na vida delas” (Patrick).

Para o Patrick, a sua cultura é importante quando ele faz a diferença na vida do outro no simples ato de ser amigo e construir amizades por onde passa. Patrick é o estudante mais jovem da turma de EJA, com apenas 27 anos, mas se mostra ao longo de todas as aulas um bom amigo auxiliando os colegas de classe e até mesma a professora com seus conhecimentos e aprendizagens.

Lembro-me de um dia, ainda em observação na pesquisa de campo, que o Patrick surgiu com um aplicativo de conhecimentos gerais e motivou a turma inteira, até mesmo a professora e eu, a baixarmos e praticarmos matemática e geografia, e que isso era muito importante para “exercitar a mente” e fazer com que eles estivessem o tempo todo estudando, pois como ele mesmo relatou na aula: *“como passou muito tempo, preciso correr atrás com o tempo que tenho”*:

É, eu tô contribuindo assim com a minha localidade, com o meu mundinho, aqueles que eu convivo assim no dia a dia, entendeu, e se chegar mais alguém eu tento chamar pra mim também. O que eu aprendi também transferir pra eles. O aprendizado que eu aprendi. Com o professor Leandro, com você também que tá fazendo pesquisa, entendeu? E com outros professores também. — Sidney

O relato do seu Sidney foi carregado de muita emoção e não posso dizer que apenas na pergunta final ele falou sobre a sua cultura. A frase “meu mundinho” percorreu toda a nossa conversa e se tratava da sua realidade, o mundo que ele conhece, já desbravou e apresenta às pessoas. Seu Sidney entende que no “mundinho” dele ele contribui para a vida das pessoas a partir do seu cotidiano, da sua localidade, a partir do chão em que seus pés pisam.

“Eu acho, veja bem, dentro dessa proposta que você traz eu entendo que sim. Porque, naturalmente vocês vão fazer uma pesquisa com a gente, então nesse sentido, eu acho que sim” (Claudionor). Seu Claudionor demorou para compreender-se como sujeito promotor de cultura. Antes desta fala, ele pediu um tempo para pensar e após esse tempo, tornou a dizer “bom, dentro dessa proposta que você traz, eu entendo que sim”. A proposta a que o Seu Claudionor se refere é o fato de tê-lo convidado para a entrevista. O fato de tê-lo entrevistado é motivo suficiente para que ele seja, de alguma maneira, importante para a escola. Além disso, na sequência da entrevista ele nos relatou que em outros momentos os professores paravam suas aulas para dizer o quanto os estudantes eram importantes e imprescindíveis para a continuidade da EJA e que o conhecimento deles era necessário e de muito valor para as trocas em sala de aula.

A EJA é uma modalidade que dignifica a vida humana, permite que homens e mulheres tenham direito a escolarização mesmo fora da idade regular, lutar pela manutenção desse direito não é apenas dos estudantes que devem “se fazer presentes nas aulas” ou “devem se matricular mais”. Lutar por esta modalidade de ensino é missão dos professores, funcionários, comunidade escolar, poder público, enfim, toda a sociedade, pois o processo de escolarização diminui as desigualdades sociais e promove a justiça social:

A compreensão da EJA como um direito do cidadão, uma necessidade da sociedade e uma possibilidade de realização da pessoa como sujeito de conhecimento tem uma significativa repercussão na prática pedagógica do educador. [...] Nesse sentido, impele educadores, educandos e a sociedade em geral a lutarem pela democratização não apenas das oportunidades de escolarização, mas também da qualidade da Educação oferecida aos jovens e adultos quando estudantes da Educação Básica (Fonseca, 2020, p. 63-64).

Reflito aqui o que falei quando fui convidada a conversar com os professores da EJA do município de Nilópolis, no Fórum EJA, em novembro de 2023: “é necessário ressaltar a importância dos estudantes da EJA dentro e fora da sala de aula constantemente”. É claro que a sabedoria dos estudantes da EJA é relevante para a escola, e toda a rede de educação sabe disso (ou deveria saber). Muitos ali, adultos e idosos, trilharam um caminho que nós enquanto professores ou pesquisadores nem sonhamos ainda em pisar. Possuem uma riqueza de experiências e conhecimentos que podem ser vistos de inúmeras formas.

Entretanto, não falamos na quantidade de vezes que deveríamos falar. Lembro bem quando estava terminando a entrevista com o Seu Claudionor e ele me disse que havia entendido a pergunta, mas que estava procurando as palavras corretas para que não parecesse arrogante ou soberbo, mas que entendia sim que ele era importante para a escola.

Figura 24 – Participação dos visitantes na sétima seção

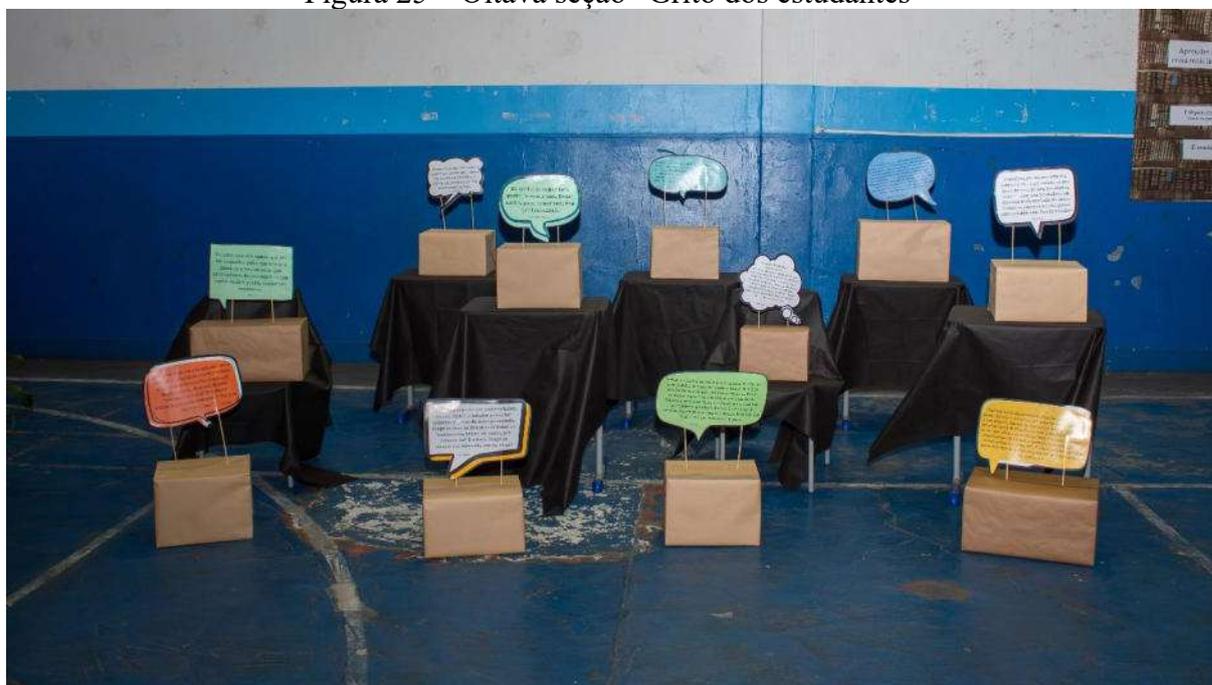


Fonte: Fotografia Diogo Araujo de Freitas

Os estudantes da EJA são protagonistas da escola (Fig. 24). Ocupam um espaço de protagonismo do processo educativo. Daí o nosso olhar e ouvido atentos enquanto docentes “na acolhida de um outro que ele reconhece ter vivenciado experiências que lhe escapam não só por seus significados socioculturais, mas também do ponto de vista da trajetória e do desenvolvimento humano” (Fonseca, 2020, p. 63).

Nossa próxima seção se intitula “Grito dos estudantes” (Fig. 25) em paráfrase ao Grito dos excluídos que acontece todo dia 7 de setembro por todo o Brasil, levando reflexões dos excluídos e periféricos do país que gritam e clamam por justiça, igualdade e pelos seus direitos enquanto comemora-se a independência do Brasil. Independência de quem?

Figura 25 – Oitava seção “Grito dos estudantes”



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

No decorrer das entrevistas, os colaboradores também narraram suas situações de injustiça, de abandono, de exclusão, medos e indignações frente aos sistemas que comandam o mundo. Muito visitada pela comunidade que participou da exposição, essa seção levou tempo dos visitantes, pois não os convidamos a apenas ler as denúncias, mas era inevitável que não refletissem por vezes até seus próprios cotidianos e contextos sociais:

Os estudiosos e educadores em geral, em todas as disciplinas científicas e humanísticas, particularmente os matemáticos e os educadores matemáticos, devem aceitar, como prioridade, a busca de uma civilização com dignidade para todos, na qual a desigualdade, a arrogância e a intolerância não tenham lugar (D'Ambrosio, 2017, p. 655).

Figura 26 – Balões de fala da Oitava seção

Olha matemática... é... conta. Meu pai sempre me ensinou assim. Se entrasse em casa podia até apanhar de palmatória. "Tem que aprender matemática". Ai eu errava, palmatória na mão. Ficava até meia noite estudando matemática. Eu até tomei raiva de estudo por causa disso. Por causa do meu pai. Ele me batia. Mas assim eu me interessei por matemática porque ele me ensinava, me explicava, "tem que aprender matemática pra ninguém te enrolar em dinheiro... em conta..." entendeu? Ai eu comecei a pegar.

-Carlos Henrique

Mas tem muita gente desistindo. Uma pena né, mas a gente entende a correria, né? Quem trabalha lá embaixo é bem difícil. Quando eu vou lá pra Barra, eu subo esse murrinho aqui de Olinda, eu olho duas vezes em direção lá de casa, olha... ai eu falo, "Não! Vou para a escola", é complicado... Não é nem o serviço, você acredita, é os transportes. É o trem, BRT. É o transporte que faz a gente desistir de muitas coisas, né? Mas infelizmente faz parte, né?

-Vilma

Eu gosto de estudar, sempre gostei. É por que com as dificuldades da vida, essas mudanças de pra lá e pra cá. Tive filho com 13 anos ai fui trabalhar e ficou mais difícil. Mas eu gosto, e eu sempre quis, terminar os estudos, entendeu? Continuar a estudar. Ainda mais agora que tá tudo tão bonito de se ver. Tudo tão pra frente.

-Denise

Agora eu digo eu não estudei mais porque eu não tive oportunidade, tô eu nunca tive oportunidade, tô tendo agora. Meu pai falava "estudar pra quê? Pra fazer bilheteinho para namorado? Vai pra roça capinar."

-Eliane

Porque eu tinha, assim, uma obrigação, cuidar da casa, cuidar das minhas irmãs, cuidar da minha mãe. Então assim, meu pai era presente... Mas eu esperava mais. E eu não tinha uma pessoa que falasse assim você "Para de trabalhar e você tem que voltar a estudar". Eu não tinha isso. A responsabilidade era sempre a maior. Você tem que trabalhar pra sustentar a casa.

-Genil

Trabalho, né. Eu sou criado, então eu via tipo assim, no meu modo de ver, no meu mundinho, eles tinham uma bermuda... um chinelo diferenciado do meu... Então eu pensava eu não quero isso pra mim não. Vou trabalhar.

-Sidney

Eu gosto de comer bem, gosto de comer bem. Então assim, para comer bem, tem que trabalhar.

-Carlos Henrique

Eu voltei a estudar pra poder estudar, eu não voltei a estudar pra poder brincar. Eu saio do serviço cansado, chego em casa só dá tempo de tomar um banhozinho, trocar de roupa, pra brincar né? É o foco. Chego um pouquinho atrasado, mas eu chego!

-Robson

Quando a gente não tinha caderno, a minha mãe pegava um caderno e dividia. O lápis, ela partia no meio, uma borracha, tal...

-Gleide

Desde muito novinha, eu tive que aprender a me virar sozinha, então eu não tive um apoio para continuar no estudo. Porque como eu nunca tive ninguém para ficar me incentivando, me ensinando e tal, eu falei pra ele pelo amor de Deus, não desiste de mim não, por mais que eu não saiba eu tenho noção.

-Cláudia

Eu acho que nós temos que ser valorizados pelo que somos e fazemos e não só pelo que produzimos. As pessoas tem que ouvir mais a gente, ouvir pra conhecer.

-Robson

Fonte: Elaborado pela autora

Quando enxergamos os estudantes como novos autores, seções como essa falam por si só, não é mesmo?! São preenchidas de embasamentos atuais e cotidianos que fazem sentido a todos que bebem da mesma fonte na busca por um futuro melhor, mas que se depararam em algum momento de suas vidas, quase sempre na infância ou adolescência com normas e regras que alguém impôs a eles e acabam por afastá-los da escola.

Acredito ser essa seção um ótimo espaço para retornarmos nossa conversa sobre as marchas, inúmeras marchas que Freire (2021a; 2021e 2022) nos convidou a seguir em nossa caminhada da vida. Segundo ele, toda marcha se inicia com gritos de luta frente às injustiças e falas de denúncias em reivindicação por melhores condições de vida... de existência. Estes estudantes, nossos depoentes, nos convidaram a marchar com eles a partir de suas memórias e suas impressões sobre o mundo. Para eles, estudar é um ato de resistência encarnado em suas narrativas, desde acordarem para mais um dia de trabalho até a noite quando saberão se conseguirão ir à escola.

Inúmeras são as barreiras que esses estudantes encontram quando já de idade avançada decidem retornar aos bancos escolares. Os desafios são outros! Se antes as dificuldades apresentadas envolviam sempre um membro da família, as obrigações de cuidar e sustentar

um lar, a necessidade de trabalhar desde novos ou as precariedades da vida impostas sempre a sujeitos imersos na desigualdade social, hoje o desafio da condução e dos meios de transporte que desestimulam os estudantes a voltarem aos estudos, o pré-conceito muitas vezes de não enxergar-se com idade própria para estudar, o cansaço depois de uma longa jornada de trabalho, são alguns dos exemplos trazidos ao debate pelos nossos depoentes sobre essas barreiras.

Foi evidente o impacto desta seção nos visitantes da exposição que a percorreram. As palavras dos depoentes, apresentadas nesta sétima seção, reverberaram em muitos estudantes e visitantes que, em algum momento, vivenciaram situações semelhantes ou ouviram relatos parecidos em suas famílias, círculo de amizades ou ambiente de trabalho. É gratificante encontrar-se a partir das experiências compartilhadas por outros colegas:

[...] a ênfase no diálogo, a reflexão compartilhada, a análise teórica a partir da experiência da cotidianidade, não apenas oferece uma crítica à dominação e à exploração social, como também postula componentes, reais e utópicos, de uma teoria pedagógica emancipadora (Torres, 1996, p. 568).

Se abirmos matérias nos jornais, na televisão ou internet é possível encontrarmos posicionamentos similares aos que estavam presentes na seção, talvez com outras dinâmicas, a partir de outros contextos, mas eles podem existir. Entretanto, quando o sujeito criador da denúncia é próximo daquele que a lê, esse momento suscita uma troca de experiências e toda troca gera reflexão. O leitor já comunica, por exemplo, “*Ei, Gleide, você que disse isso aqui, né? Eu também já passei por isso*” e a relação já está estabelecida, a partir de agora as memórias serão compartilhadas o que gerará mais experiências e logo, mais leitura de mundo (Freire, 1996; 2021).

Espero que a estrada até aqui esteja sendo prazerosa e bonita de se ver, pois de contar está sendo muito... *ô se tá!* Vamos continuar caminhando juntos? Querido leitor, você já parou para refletir tudo o que alcançou ou construiu pelo simples fato de saber ler e escrever? Eu não havia pensado nisso. Veja bem, estou aqui escrevendo para vocês, colocando todo o meu amor e criatividade no papel, ansiosa para que, quando lerem, o coração de vocês também se aqueça e possamos começar a enxergar a vida a partir de novas lentes em busca de uma Educação para a Paz (D’Ambrosio, 2020). Até porque nossos protagonistas estão por aí, mundo afora e vocês podem já ter esbarrado com eles em algum momento de suas vidas ou ainda vão esbarrar.

Essa é um pouco da motivação de nossa próxima seção, que busca aquecer nossos corações ao sabermos que nossa missão, não apenas como docentes, discentes ou pesquisadores, mas como seres humanos é escutar. Escutar histórias, sonhos e sobretudo escutar os desejos mais profundos do coração de pessoas que lutam a luta da vida constantemente, mas desejam o mais simples e puro tal como um coração de criança.

E por isso nessa seção traremos as falas de dona Vilma... Mulher forte, aguerrida, não teme nada e nem ninguém. Independente, sonhadora e carismática, trilhou os caminhos da vida sempre com um sorriso determinado, por vezes alegre, por vezes triste, mas sempre confiante no dia de amanhã. Ama matemática e vira e mexe estava na sala sendo convidada pela professora a ensinar alguma conta no quadro para seus colegas. Sempre com uma metáfora diferente para um tema que trazíamos. Começou nossa entrevista se emocionando ao contar sua trajetória de vida e encerrou nos contemplando com muitos ensinamentos. Nos primeiros minutos de entrevista já demonstrava qual caminho trilharíamos juntas nas mais de uma hora de conversa: emoção.

Figura 27 - Nona seção “O aprender de dona Vilma”



Fonte: Fotografia de Ana Beatriz Rodrigues de Araujo

Dona Vilma está em processo de alfabetização e letramento. Escreve algumas palavras, enquanto a leitura, já consegue fazê-la, pausadamente e com muita calma. Ao longo de nossa conversa, Dona Vilma nos contou seu sonho e não tinha como não o apresentar em forma de mural durante a exposição. Em evidência, como ela merece (Fig. 27).

A riqueza do ato de aprender é tão profunda que poderíamos comparar a experiência de dona Vilma a declamar um poema durante nossa conversa. "Já pensou tirar daqui?" ela ponderava. E você, estimado leitor, já refletiu sobre tudo o que retira de sua mente e coloca no papel? A beleza e a relevância contidas na simplicidade de escrever e, em seguida, ler o que foi registrado são notáveis:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo", quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (Freire, 1989, p. 13).

Dona Vilma não ficou por aí. Mais a diante em nossa conversa, ela retoma suas aspirações, que, segundo ela, estão prestes a se concretizar, quando lhe pergunto sobre os motivos que a levaram de volta à escola:

Mas, assim, pra tirar daqui [*apontando para a cabeça*], eu falo para ela, "Professora, no dia que eu aprender a ler escrever, nossa, eu acho que eu vou botar tudo o que tem aqui [*apontando pro coração*] aí eu vou esvaziar, sabe, aí eu acho que vai ser igual um saco cheio de entulho, vou pôr tudo numa folha de caderno tudo o que tá preso aqui dentro, sabe. Aí eu vou dizer: consegui. Aí eu vou soltar fogos quando acontecer. Até agora eu tô com dificuldade de botar no papel. — Dona Vilma (adaptado pela autora)

Figura 28 – Participação dos visitantes na nona seção

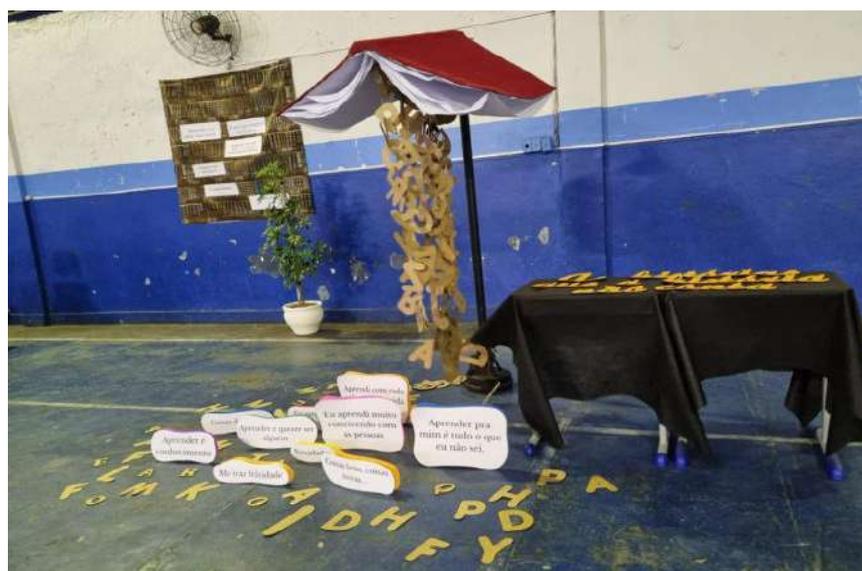


Fonte: Fotografia de Ana Beatriz Rodrigues de Araújo

Dona Vilma teria sido uma ótima amiga de Paulo Freire e diálogos como esses apresentados acima preencheriam suas conversas com uma boa xícara de café que com certeza dona Vilma servia a Paulo. Para ela, o ato de ler e escrever é um esvaziamento de si, deixando suas marcas no mundo, do que a preenche e extrapola; para ele, a leitura é um ato de amor.

Note que essa área de nossa exposição busca responder aos questionamentos dos estudantes com relação ao “ato de aprender” (Fig. 28). Uma das perguntas norteadoras da entrevista era “O que é aprender para você?” e em sequência perguntávamos “Você acredita que só podemos aprender estando no ambiente escolar?” Ambas as perguntas buscavam compreender o entendimento dos colaboradores sobre as inúmeras aprendizagens desenvolvidas em nosso dia a dia, não nos limitando a apenas as que nos são ensinadas no ambiente escolar.

Figura 29 – Décima seção “As histórias que a história não conta”



Fonte: Registros da autora

A partir dessas indagações, pensou-se em criar um livro onde dele caíssem inúmeras letras que ao final formariam algumas frases, todas essas compartilhadas pelos depoentes ao longo das 11 entrevistas. Dado o pouco tempo para criação e apresentação da exposição não foi possível implementar a ideia original que era um livro bem grande que caísse do alto formando as palavras ditas pelos depoentes. Todavia desenvolvemos um protótipo, um pouco menor, apresentando as palavras e frases no chão, ao cair das letras (Fig. 29).

O título desta seção é “As histórias que a história não conta”. Isso se deve ao fato de que, como mencionamos na introdução desta pesquisa, um dos nossos maiores desconfortos é a carência de narrativas outras nos livros que comumente encontramos. Foi por este motivo

que, na primeira seção, apresentamos um livro gigante, convidando os estudantes a se colocarem dentro dele para tirar fotos. E foi também que, no meio da seção, especialmente na parte em que discutimos “aprendizagens”, o livro reapareça.

Buscou-se dialogar com os visitantes que todos nós somos criadores de histórias, narradores de memórias e que estas são, de fato, essência do que somos. Aprendemos com o outro, aprendemos através de nossas próprias experiências e aprendemos sobretudo com o mundo (Fig. 30). Assim, consoante Paulo Freire (1996), na verdadeira prática da liberdade, o estudante será sempre o sujeito de sua formação. Independentemente da situação em que se dê seu ato de conhecer, da sua maior ou menor desenvoltura nesse ato, o estudante será sempre o sujeito de sua própria aprendizagem.

Figura 30 – Frases presentes na décima seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

O que é aprender? E com quem aprendemos? Com quem você aprende, caro leitor? O que te traz ao aprender? O que te gera? Esses são alguns dos questionamentos respondidos pelos nossos depoentes que ao longo das entrevistas foram se compreendendo como sujeitos protagonistas de suas histórias e participantes na aquisição do conhecimento do outro.

A atitude de uma de uma de nossas depoentes ao final da exposição, talvez retrate bem o sentimento por detrás da organização e execução desta exposição. Dona Vilma, me parou, me abraçou e disse para mim: “*Agora eu tenho histórias novas para contar para os meus filhos*”. Não haveria essa fala se não houvesse um processo profundo de escuta atenta às dores, aos silêncios, às alegrias, aos sonhos e a criatividade de seres humanos únicos, de sabedorias singulares e de raízes profundas. Não haveria essa fala também, se nos prendêssemos no vazio dos dados sem afeto e da busca incessante por responder nossos próprios questionamentos e dúvidas:

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Sendo fundamento o diálogo, o amor é, sem amor, também, diálogo. O amor é um ato de coragem. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 2021a, p. 110-111).

Os livros, outrora fechados, contendo as memórias de nossos depoentes, hoje não só se abrem, mas deixam que suas letras e construções caiam do papel tocando o chão imerso nas subjetividades que por ele passam, o chão da escola. E antes uma ação que era individual, viver, sobreviver, torna-se uma ação social, de partilha e comunhão, “condicionada por nosso estar num mundo de relações, por estarmos no mundo, com o mundo e com as outras pessoas, por nossa cultura e nossa história” (Fonseca, 2023, p. 30).

O caminho agora ganha uma bifurcação, vamos nos dirigir para o meio da quadra e refletir sobre mais uma seção. Enquanto caminhamos que tal ouvir uma música que minha mãe sugeriu para compor nosso percurso? Até poderia sugerir que abrissem no seu tocador de música favorito, mas garanto que na primeira frase vocês já saberão de cor e vão cantar junto comigo...

Veja

Não diga que a canção está perdida
Tenha fé em Deus, tenha fé na vida
Tente outra vez

Beba

Pois a água viva ainda está na fonte
Você tem dois pés para cruzar a ponte
Nada acabou...

Tente

Levante sua mão sedenta e recomece a andar
Não pense que a cabeça aguenta se você parar,
não, não, não, não
Há uma voz que canta,
uma voz que dança,
uma voz que gira
Bailando no ar

Queira

Basta ser sincero e desejar profundo
Você será capaz de sacudir o mundo, vai
Tente outra vez

Tente

E não diga que a vitória está perdida
Se é de batalhas que se vive a vida

Figura 31 – Décima primeira seção
“Guarda-afetos”



Fonte: Fotografia Diogo Araujo de Freitas

Tente outra vez

Tente outra vez – Raul Seixas

Nós tínhamos um guarda-chuva colorido e um sonho (Fig. 31). Literalmente! O sonho de promover um espaço para que outras vozes unissem-se às dos depoentes e falassem da EJA como local de pertencimento era grande. Foi assim que tivemos a ideia do “Guarda-chuva de afetos”. Ele ficaria no centro da exposição e seria como um elo ligando todas as seções comportando frases escritas pelos estudantes da escola ao longo do período em que lá estive como pesquisadora.

Figura 32 – Participação dos visitantes na décima primeira seção



Fonte: Fotografia Diogo Araujo de Freitas

Com a permissão da diretora e auxílio dos docentes fomos pedindo nas salas que eles pudessem escrever no papel respondendo o questionamento “*o que a EJA é para você?*” e entregassem ao final da data pedida para que pudéssemos compor esta seção. A associação entre essa ideia e a do guarda-chuva surge da percepção de que, assim como ele guarda a chuva, também pode abrigar outras realidades (Fig. 32). Por que não considerar a capacidade de acolher as emoções daqueles que optam por retornar aos estudos, independente do tempo que estiveram afastados?

Guardar...

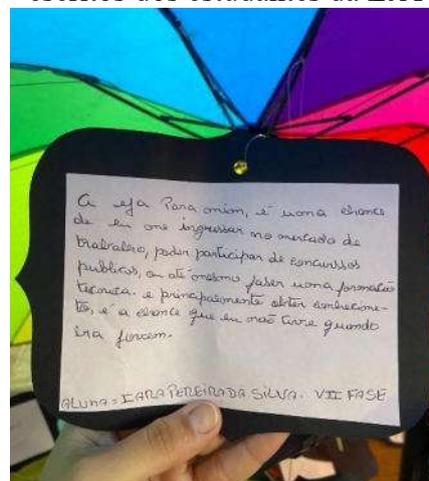
Afetos...

Como dito anteriormente, para a composição desta pesquisa convidamos 11 estudantes da EJA e estas vozes foram retratadas nas quatorze seções apresentadas na exposição. Contudo era necessário, de alguma forma, expandir essas vozes para os demais estudantes da escola. Por isso “guardamos” suas falas nesta seção que contou com 30 escritos que registraram desde as aspirações dos estudantes, aos seus objetivos em concluir o ensino

fundamental na modalidade da EJA, até os desafios enfrentados como estudantes que retornam à escola (Fig. 33).

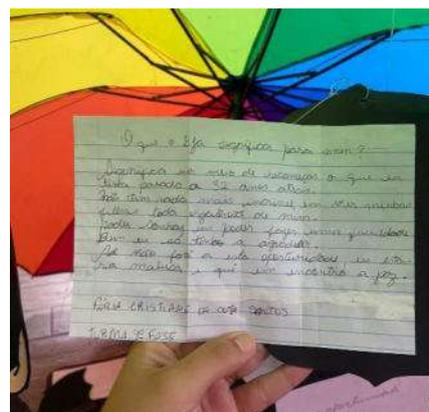
Figura 33 – Registros dos escritos dos estudantes da EJA

“A EJA para mim, é a chance de eu entrar no mercado de trabalho, poder participar de concursos públicos ou até mesmo fazer uma formação técnica, e principalmente obter conhecimento, é a chance que eu não tive quando era jovem”.

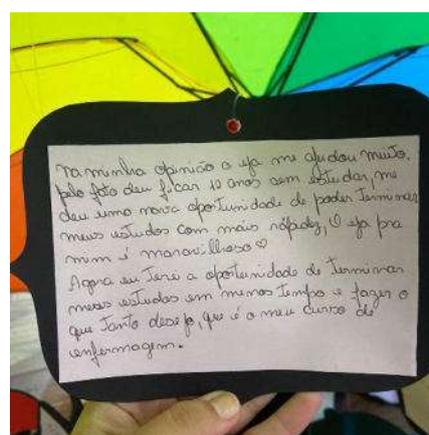


“O que a EJA significa para mim?”

Significa um meio de recomeçar o que eu tinha parado a 32 anos atrás. Não tem nada mais incrível em ver minhas filhas todas orgulhosas de mim. Poder sonhar em poder fazer uma faculdade. Bem eu só tenho a agradecer. Se não fosse a esta oportunidade eu estaria maluca e aqui encontro paz”.

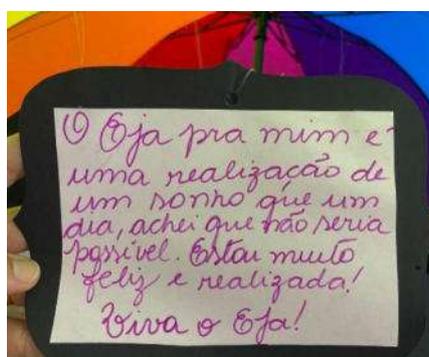


“Na minha opinião o EJA me ajudou muito, pelo fato de ficar 12 anos sem estudar, me deu uma nova oportunidade de poder terminar os estudos com mais rapidez. O EJA para mim é maravilhoso.



Agora terei a oportunidade de terminar meus estudos em menos tempo e fazer o que tanto desejo, que é o meu curso de enfermagem”.

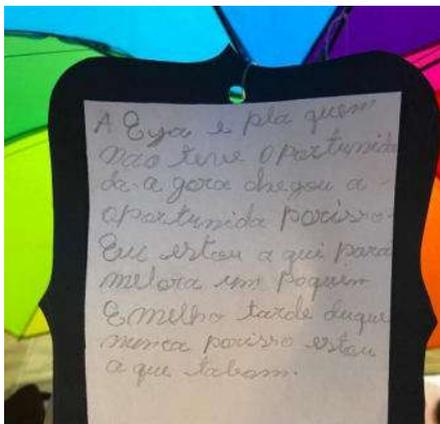
“O EJA para mim é uma realização de um sonho que um dia achei que não seria possível. Estou muito feliz e



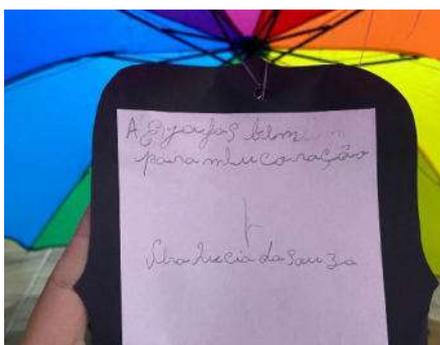
Fonte: Registrado pela autora

realizada! Viva o EJA!”

Figura 34 – Registros dos escritos dos estudantes da EJA



“A EJA é pra quem não teve oportunidade e agora chegou a oportunidade. Por isso eu estou aqui para melhorar um pouquinho. É melhor tarde do que nunca. Por isso estou aqui, tá bom”.



“A EJA faz bem para meu coração”

Fonte: Registrado pela autora

Nas palavras compartilhadas pelos estudantes da EJA (Figuras 33 e 34), vislumbramos não apenas relatos individuais, mas sim contemplamos o cerne da educação que deve contribuir para construir sonhos, reinventar utopias e semear esperanças de mudança (Freire, 2022). A EJA, para muitos, representa uma segunda chance, uma oportunidade de resgate de sonhos há muito adormecidos. É o meio pelo qual se vislumbra o acesso ao mercado de trabalho, a melhor qualidade de vida, a dignidade humana. Para alguns, como expressa a narrativa de um estudante, a EJA é a possibilidade de recomeçar, de retomar os estudos interrompidos décadas atrás. É a emoção de ver suas próprias filhas orgulhosas, e o sonho renovado de cursar uma faculdade. É, em suma, a ressurgência da esperança, a afirmação de uma nova jornada de aprendizado e crescimento pessoal.

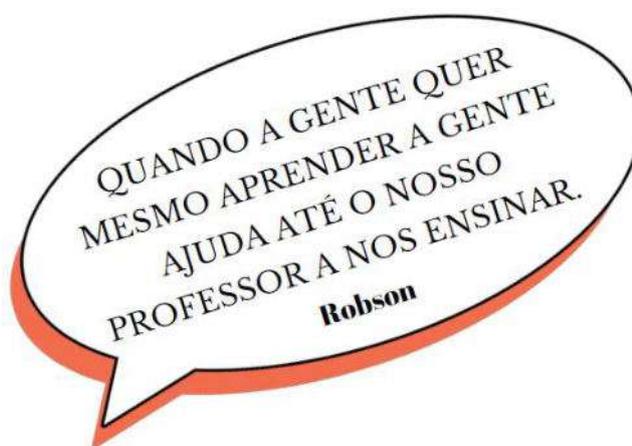
Porém, além de ser uma via para o seu desenvolvimento profissional, acadêmico, compreensão enquanto seres culturais e transformação social, a EJA é também morada de afetos, como ilustrado pela singular frase “*A EJA faz bem para meu coração*”. É o resgate da autoestima, o fortalecimento dos laços comunitários, e a reafirmação da dignidade humana. É

Não temos aqui pretensão de comprovar o motivo pelo qual essas frases nos relembram escritos de Paulo Freire (Fig. 35). O próprio nos convidou, em seus escritos à reinvenção quando dizia que “a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não se seguir. Para seguir-me, o fundamental é não me seguir” (Freire, 2021b, p. 60).

Não esperem que façamos uma análise profunda de onde esses pensamentos surgem nos livros de nosso querido educador e patrono. Acreditamos que todos os nossos depoentes são autores de suas próprias histórias de vida e desejamos, com a realização dessa pesquisa, que suas célebres frases sejam compreendidas e registradas na memória de todos os leitores, não como paráfrases de outro pesquisador ou autor, mas como essência que carrega toda a criatividade e sabedoria de suas próprias identidades culturais. Nestes escritos não apresentamos apenas frases soltas, todas essas frases vêm de um contexto social, possuem uma singularidade, uma referência, uma construção e significado na vida de cada um de seus autores. Por isso a necessidade de dialogar *com* elas e não *sobre* elas, apenas.

Paulo Freire aparece como nome potente em nossa exposição (título de uma das seções) por ser ele o patrono da educação e grande percursor da Educação de Jovens e Adultos em nosso país. Pesquisando EJA em uma escola municipal da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, onde vários professores e até mesmo as coordenações da EJA no município estiveram presentes esta foi a forma de passar a seguinte mensagem: “Por aqui, existem estudantes, sujeitos culturais, que carregam em si a força de Paulo Freire, às vezes sem nem o terem lido, a essência de serem quem são e o desejo de lutarem por um mundo melhor, mais justo e para a Paz”. Vamos ouvi-las?

Figura 36 - Vozes dos estudantes da EJA: Robson



Fonte: Elaborado pela autora

No dia em que fui chamar o Robson para nossa entrevista a professora de ciências estava na sala de aula e em tom de brincadeira me disse “*você vai tirar o meu melhor aluno de sala durante a minha aula?*” Guardei essa fala dela e em um momento em que falávamos sobre o ato de aprender e as formas com que aprendemos dentro e fora da escola, comentei com ele sobre o que a professora havia me dito naquele momento. Ele riu, um pouco sem jeito e depois afirmou com muito orgulho que “*quando a gente quer mesmo aprender a gente ajuda até o nosso professor a nos ensinar*”. Completou contando as vezes em que trouxe suas experiências cotidianas e vivências pessoais para a sala de aula como forma de enriquecer os debates e proporcionar mais conhecimento a todos. Dizia ele que “*todos aprendem mais assim quando a gente traz as coisas de fora da escola porque é o dia a dia de todo mundo*”:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 1996, p. 25).

Figura 37 – Vozes dos estudantes da EJA: Seu Claudionor



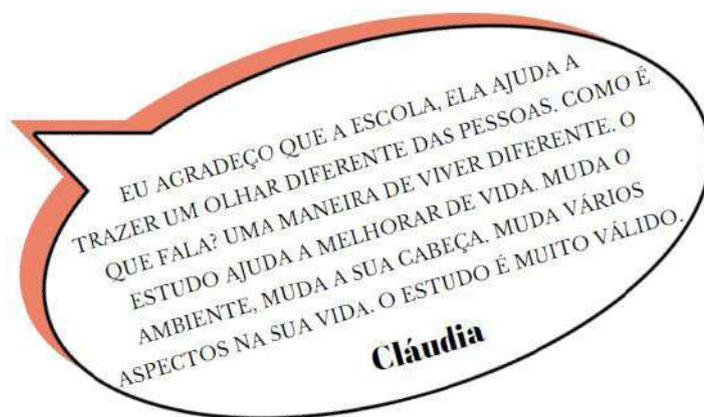
Fonte: Elaborado pela autora

Sabemos que essas ações dos estudantes da EJA corroboram para que os professores compreendam melhor o contexto em que seus alunos estão inseridos e assim poderem contribuir para um melhor planejamento de suas ações e pensamentos em sala de aula, otimizando o currículo escolar. É importante lembrar que os estudantes da EJA já possuem experiências por vezes até mais diversas do que seus professores, sendo assim o respeito aos seus saberes e a provisão de espaços para que eles falem é necessário para o bom encaminhamento das aulas.

Me lembro que a professora Monique, professora da 2ª e 3ª fases dos anos iniciais, no dia da exposição me chamou para dizer o quanto essa frase do Senhor Claudionor recordava o texto de Paulo Freire da *Eva viu a Uva*. Na hora fiz uma cara de surpresa, mas não é que parece mesmo? Seu Claudionor era o nosso entrevistado de mais idade. De conversa frouxa foi difícil sair do tema “matemática” de nossa entrevista, mas quando ele se empolgou nos outros assuntos fomos agraciados com contribuições tão belas quanto essa que ajudou a compor a seção de Paulo Freire.

A importância da leitura transcende a decodificação das palavras. Não é só ler, é saber o que se está lendo. E nas palavras do Seu Claudionor é ir além, é “*entender o que se está lendo*”. Esse é o processo correto para as leituras. Ler e contextualizar com nossa realidade. Ao compreendermos o elo que há entre as palavras e os nossos pensamentos, a leitura adquire um poder transformador nos levando a novos conhecimentos, ideias e reflexões. “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente.” (Freire, 1989, p. 13).

Figura 38 – Vozes dos estudantes da EJA: Cláudia



Fonte: Elaborado pela autora

Cláudia veio para o Rio de Janeiro oriunda de Minas Gerais sem escolarização completa e ao longo de nossa conversa sempre pontuou que o motivo de seu abandono aos estudos foi a falta de incentivo de todas as pessoas que cruzaram seu caminho. Desde nova teve que trabalhar, então a escola sempre ficou para segundo plano.

Quando perguntei a ela sobre os motivos pelo qual ela retornou os estudos recebi em troca uma das respostas mais impactantes dessa pesquisa “*já que ninguém me incentivou eu mesma estou me incentivando*”. Cláudia também colaborou com uma fala muito significativa sobre o poder da educação atualmente onde fala que “*a escola ajuda a trazer um olhar diferente das pessoas*”. Além disso, também nos contempla com o pensamento de que a

escola muda o ambiente, muda a cabeça, e muda vários aspectos na nossa vida, sendo, portanto, muito válida a todos que escolhem permanecer ou voltar a ela em diferentes idades.

Claudia transforma seu olhar para com o outro, saindo da ideia do outro como representação, a partir do seu contato com a educação que a faz compreender o outro como diferença preenchido de todas as suas singularidades, o que a ajuda até em enxergar a própria existência de uma maneira mais plena.

Peço licença novamente ao leitor para ouvir mais uma história que se passou durante a minha observação em sala de aula, dos dias que antecederam a escolha e início das entrevistas. Nossa autora trabalha com artesanato e faz desse dom fonte para o seu trabalho e sustento. Ao longo de nossa conversa, Claudia sinalizou que a matemática sempre foi uma barreira para sua permanência na escola, pois como não tinha nenhum apoio externo ou interno para sua permanência no ambiente escolar, sempre que a Matemática (disciplinar) surgia, esta evadia da escola, por não ter segurança em continuar.

A mesma situação estava prestes a acontecer já nos primeiros dias de retorno do recesso escolar esse ano, no período em que estava como observadora em sala de aula. Claudia havia passado para os anos finais do ensino fundamental após o término do semestre e estava iniciando a 6ª fase. Neste dia o professor de Matemática, professor Leandro, havia juntado as fases, 6ª e 7ª, para dar uma aula em conjunto. Ele chegara tarde na escola por problemas na condução e para não deixar de dar aula para alguma turma, pediu que os juntasse numa sala só e assim daria aula para todos.

O professor Leandro pegou o gancho do professor Bruno, professor de Geografia, falando sobre a linha do tempo e a ideia de antes de Cristo e depois de Cristo, a fim de introduzir o conceito de números inteiros. Neste dia, Claudia ficou desesperada com a profundidade do tema. Hoje, refletindo, imagino quão difícil tenha sido para ela, após tantos anos afastada da sala de aula e com a Matemática sendo seu calcanhar de Aquiles ver, sem entender, uma hora de aula sobre números positivos e negativos e como -25 é menor do que $+3$, por exemplo.

Um aspas para dizer que nesse dia um de nossos colaboradores, o Robson, estava nessa aula e tentou ajudar a Claudia, trazendo a experiência dele como garçom, falando sobre a refrigeração das bebidas nas festas que em grande maioria do tempo tinha que ficar em valores negativos para “gelar mais”: *“às vezes fica em -5°C , -2°C , Claudia, isso é bem gelado, menor que 0°C !”*. Rememorar esses diálogos me abre tantos sorrisos, mesmo depois de algum tempo...

Continuando... Fato é que essa aula fez com que ela fosse parar na direção pedindo que a mudassem de turma e voltassem com ela para os anos iniciais, pois ainda não sabia o suficiente para estar na 6ª fase. Seria isso ou ela sairia de novo da escola. Depois de muita conversa, do professor, do corpo diretivo e até eu mesma fui me meter na história e conversar com a Claudia, ela compreendeu que ali era uma aula cuja temática era voltada para estudantes da 7ª fase e que na 6ª fase eles dialogariam sobre outros elementos essenciais para a sua caminhada.

Depois deste dia a Claudia se sentiu muito mais segura na escola e com os professores, sobretudo o de Matemática. E durante a nossa entrevista quando perguntei a ela se ao longo do tempo, os conceitos matemáticos e o olhar matemático que ela foi e vai adquirir não poderiam ajudá-la no seu dia a dia, ela me respondeu que:

Pode, claro, **foi o que eu pedi para o professor Leandro pra ele não desistir de mim na matemática, né.** Porque como eu nunca tive ninguém para ficar me incentivando, me ensinando e tal, eu falei pra ele pelo amor de Deus, não desiste de mim não, por mais que eu não saiba eu tenho noção. — Claudia

Trouxe esse breve relato para elucidar dois aspectos: a) a persistência de nossa colaboradora em “não desistir da luta e do direito de existir”, sendo este direito o de concluir seus estudos e não ter a Matemática novamente como um dos fatores de sua evasão, e b) a importância da escola no desenvolvimento da confiança dos estudantes e o quanto em algum momento somos, enquanto educadores, a confiança que estes estudantes precisam.

A partir desses aspectos levantados, trago à memória um chamado de Fonseca (2020) convocando todas as instituições educacionais e educadores, em especial os educadores matemáticos que se comprometessem com uma política de inclusão e garantia do espaço dos estudantes da EJA na escola, tomando-os como sujeitos socioculturais que como tal, “apresentam perspectivas e expectativas, demandas e contribuições, desafios próprios em relação à Educação Escolar” (p. 32).

A mudança de comportamento e olhar da nossa depoente só se transformou, pois ela se sentiu incentivada pelo professor. Como ela mesmo fala em outro trecho da entrevista:

Entrevistadora: O que deveria ter numa sala de aula de matemática, por exemplo, o que o professor Leandro poderia trazer para a aula dele pra essa aula ser interessante para você?

Claudia: Não, eu ia até citar ele. Eu ia dizer que ele tá simplificando pra mim, entendeu? O método dele pra mim tá me ajudando muito. Não sei se aquele método tem nome ou não tem nome.

Entrevistadora: É o método: professor Leandro. (risos)

Claudia: É vamos dar esse nome aí pra ele! Mas a maneira como ele está ensinando pra mim tá ótimo. Né, me acalmou mais, tô mais tranquila porque ele gosta de ouvir o aluno. E se a gente fala pra ele não entendi, ele vai lá e faz tudo de novo.

Entrevistadora: Isso pra você é bom?

Claudia: É bom!

Entrevistadora: Quando você sente o professor te escutando é bom? Escutando a sua dificuldade?

Claudia: Isso é muito bom.

Entrevistadora: O seu receio da matemática não seja, talvez um pouco, também por que você não foi ouvida muitas vezes nessas dificuldades?

Claudia: Pode ser, não sei.

No trecho da entrevista podemos destacar algo muito admirável: a importância da escuta atenta do professor aos anseios e silêncios dos estudantes para alcançar uma “ação dialógica”. O professor Leandro não somente aborda a matemática através de jogos e de atividades em grupo o que já se mostra encantador aos estudantes, reafirmado durante as entrevistas, mas a disposição que tem em caminhar a partir das experiências dos estudantes, trazendo elementos e abrindo espaço aos seus conhecimentos matemáticos prévios, os provocando e incentivando em sala de aula através de questionamentos, da contação de histórias, do buscar conhecer a rotina e trabalho dos estudantes...

Os estudiosos da Educação Matemática, principalmente os que trabalham na linha da Etnomatemática (entre os quais, não por coincidência, há um número significativo daqueles que militam na EJA), insistem em investigar ou considerar como hipótese de suas investigações as formas específicas de matematizar de cada grupo cultural. Para a EJA, em especial, considerar essa diversidade e respeitar essas particularidades torna-se essencial (Fonseca, 2020, p. 70).

Freire (2021a) diz que o diálogo é uma exigência existencial necessária no ambiente educacional. E como o diálogo é o encontro em que se unem o refletir e o agir de seus sujeitos, este não pode se reduzir a um depósito de ideias de um sujeito no outro. Além disso, para ele não há diálogo sem amor, sem humildade, sem fé, sem esperança e sem um pensar crítico. Quando Claudia diz em sua entrevista que a forma de abordagem do professor Leandro em sala de aula, “*me acalmou mais, tô mais tranquila porque ele gosta de ouvir o aluno*”, podemos perceber os efeitos de uma educação dialógica que transcende a hierarquização dos saberes, como se apenas o professor fosse detentor do conhecimento, e estende as mãos em um sinal humilde de aprender com o outro, com os saberes do outro, com as experiências do outro.

Outra partilha muito interessante durante as entrevistas foi a narrativa do estudante Genil de 45 anos. Genil retorna aos bancos escolares pela necessidade de aprender a ler e a

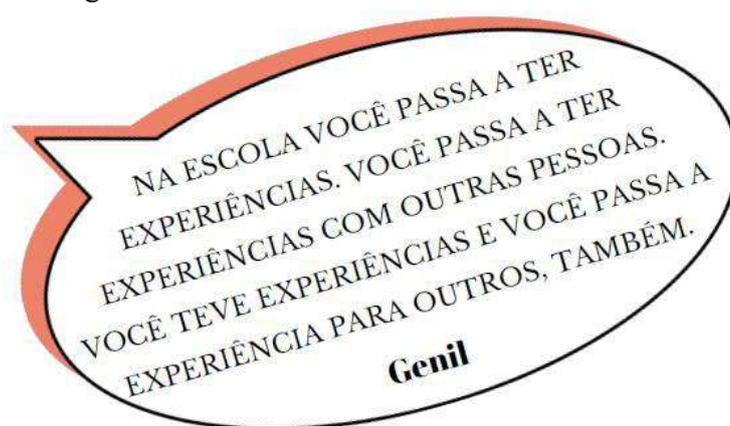
escrever e assim galgar novas posições no mercado de trabalho. Seu sonho é ser chefe de cozinha, profissão que desempenhou por 10 anos, tendo iniciado como lavador de pratos e percorrendo inúmeras funções até chegar à posição de chefe de cozinha.

Um ato de coragem e de reconhecimento foram necessários para que ele pudesse retornar à escola já que por muito tempo teve vergonha por não saber ler e escrever sentindo-se não pertencente ao ambiente escolar:

Eu me sentia muito envergonhado perto das pessoas. “Pô, o que é que você acha disso aqui?” Eu dizia “não, eu não acho nada não”. Eu sempre dava uma desculpa que era o meu **ponto de refúgio**. Eu vou tentar fugir disso aqui porque ou então, “ó fulano, vamos fazer uma dinâmica é, vamos estar lendo alguma coisa”, então eu sempre me fechava. “Não, não agora não dá”. Ou então “bota fulano”. Porque eu tinha medo de alguém descobrir. Eu sempre falava quando me perguntavam “pô, tu sabe?”, eu “sei”. “Qual a série que tu tem?” E eu “ah eu tenho tanta”. **Mas eu mesmo mentia para mim mesmo**. Mas eu falava assim, “tenho que mudar isso. Eu tenho que mudar. E eu vou mudar sim”. [...] Eu tenho que fazer a minha parte, não importa quem esteja lá ou quem eu vou encontrar, eu tenho que fazer por mim. Foi aí onde que eu criei uma coragem, conversando toda vez com a minha esposa eu falei, “pô, não, eu vou, eu vou, eu vou retornar”, mas eu quero fazer isso por mim. Não era por um trabalho, não era pela minha esposa, mas eu falei, “eu quero me sentir bem comigo mesmo”. — Genil

A mensagem que Genil deixa para nós após sua fala talvez seja um dos ápices desta pesquisa. “A educação é um ato de amor, por isso é um ato de coragem” (Freire, 2021a). Desejar escolarizar-se superando até mesmo seus preconceitos a fim de sentir-se bem consigo mesmo é um imenso ato de amor e coragem para si e para com o mundo.

Figura 39 – Vozes dos estudantes da EJA: Genil



Fonte: Elaborado pela autora

Se desejamos corroborar para a autovalorização e autorreconhecimento do sujeito da EJA como produtores de conhecimento, ler toda a narrativa do Genil é ter a certeza de que este objetivo foi alcançado. Sabemos que a EJA tem uma importância considerável na busca pelos sonhos dos estudantes, sobretudo na aquisição do diploma escolar que com certeza abre

portas essenciais nos dias de hoje, como um melhor trabalho, uma melhor condição de vida etc.

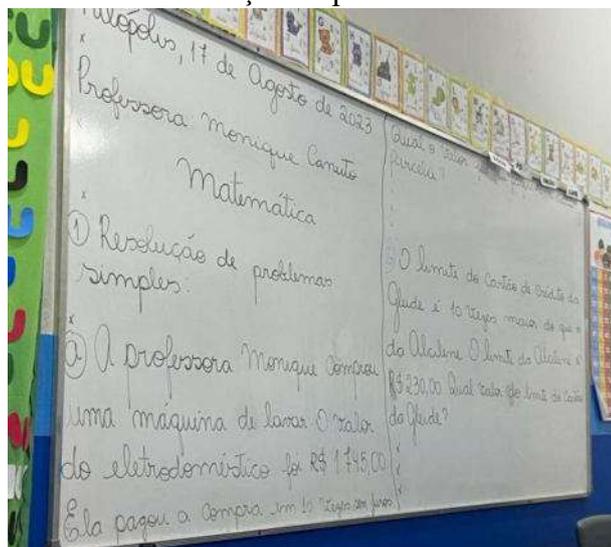
Entretanto, Genil nos preenche com uma fala que foge um pouco disso, não tira a relevância e importância de se ter um diploma para galgar novos espaços, mas não os coloca como necessidade máxima no seu desenvolvimento como ser humano. Ele é a concepção perfeita de uma pessoa que decide retornar aos estudos para sentir-se melhor consigo mesmo, em busca na sua dignidade. Ler e escrever para continuar com seus projetos, dar asas à sua imaginação. Ler e escrever o mundo com ele. “Quando o homem compreende a sua realidade pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias” (Freire, 2023, p. 38). Genil comenta que “*na escola você passa a ter experiências*” com outras pessoas e consigo mesmo e ao passo que adquire novas experiências, adquire também a capacidade de as dividir com os outros. É a escola, portanto, local mais do que essencial para se compartilhar e entrelaçar essas experiências.

À medida em que um estudante da EJA relata suas experiências de vida e aprendizagens adquiridas ao longo de toda a sua jornada este se torna agente de experiências para os outros, que podem ter vivido o mesmo que ele, de outra maneira, ou podem estar tendo o primeiro contato com aquele tipo de informação. Tudo isso contribui para enriquecer o ambiente educacional e o desenvolvimento coletivo. A escola se torna, desta forma, um espaço onde a troca de experiências é essencial para todos, pois ela terá feições mais acolhedoras que ouvem e partilham dos saberes dos seus pares, no encontro de singularidades.

Freire valoriza as experiências vividas pelos estudantes e as considera ponto de partida para o ensino-aprendizagem. Se tratando dos estudantes de EJA diríamos que as experiências são o começo, meio e fim de todo processo de ensino e aprendizagem, pois as suas bagagens vêm recheadas de sabedoria e uma vontade imensa de vê-las sendo trabalhadas em sala de aula.

Peço licença novamente para trazer a recordação de um dos dias da pesquisa de campo em que a professora Monique foi dar uma aula sobre operações envolvendo números decimais e usou como exemplo duas estudantes da classe, a Gleide e a Aucilene (Fig. 34). No exemplo ela perguntava:

Figura 40 – Registro do enunciado sobre resolução de problemas



Fonte: Registro feito pela autora

Questão do quadro:

O limite do cartão de crédito da Gleide é 10 vezes maior do que o da Aucilene. O limite da Aucilene é de R\$230,00. Qual o valor do limite do cartão de crédito da Gleide?

Lembro que a Gleide ficou toda boba quando viu seu nome no quadro. E piorou quando ela viu que falavam sobre um cartão de crédito que ela teria. “Eu recebo hein!” dizia enquanto caía na gargalhada com a turma. Para resolver o problema foi necessário que a turma trabalhasse junto. *Bom, dez vezes maior então seria necessário somar esse resultado 10 vezes? Ou então poderíamos fazer igual faz com o dois, multiplicar por 10?*

A resolução deste problema não é o que importa nesse momento, mas acalmando a curiosidade de todos, depois de alguns minutos todos conseguiram encontrar a resposta correta que era R\$ 2300,00. O que deixou Gleide mais animada ainda já que nas palavras dela “*era muito zero e ela não estava acostumada*”.

Quis puxar esse recorte do diário de bordo para conversar com vocês sobre a importância da abertura ao diálogo em uma sala de aula da EJA. Estamos lidando com adultos. Adultos que tem as suas próprias compreensões de mundo e que ao retornarem ao ambiente escolar desejam ser acolhidos nas suas dificuldades, necessidades, mas também no seu jeito de ser, em seus conhecimentos e potencialidades. É de suma importância partir do universo do estudante, de suas vivências, para promover uma reflexão crítica sobre o mundo ao seu redor:

O diálogo representa elemento essencial no processo de formação de sujeitos para uma visão crítica da realidade. O diálogo crítico, problematizador, cumpre o papel de desvendar e penetrar em uma certa situação, desmistificando o inalterável, sem contradições, pois estimula os agentes a confrontarem suas realidades e suas concepções de mundo (Duarte, 2021, p. 770).

Depois de encontrarmos o real valor do limite do crédito da dona Gleide começamos a conversar sobre o que poderia ser feito com esse valor e como ela o usaria. E em uma turma de 15 estudantes, foi muito interessante observar que, através do diálogo, eles compreendiam a sua realidade, refletiam sobre as suas necessidades básicas de sobrevivências às quais “ter esse valor no cartão ajudaria a resolver muitos problemas” buscando uma transformação. Para Freire e Shor (1986, p. 11), o diálogo é a “problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la e transformá-la”.

Nossa penúltima seção conta uma história. Talvez umas das mais significativas que já ouvi durante toda minha caminhada não só no meio acadêmico, mas durante a minha vida. Conto nessa seção a história da dona Eliane e seu processo de alfabetização. Na verdade, o desejo libertador de alfabetizar-se. Vários dos estudantes entrevistados estavam também em processo de alfabetização e com histórias lindíssimas também poderiam compor nossa seção. Entretanto, intitulada “Carta Aberta” (Fig. 35), nesse momento conto a história de uma mulher, negra, periférica, idosa, viajante e que através da coragem de abraçar seus próprios medos construiu uma vida em cima das dificuldades e desafios, mas sobretudo em cima do desejo de constituir-se cidadã. Sem mais delongas, apresento nossa história:

Entrevistadora: Dona Eliane, nesse meio do caminho que a senhora trouxe para a gente, de onde que surge o desejo e vontade de voltar aos estudos?

Dona Eliane: Eu tive esse desejo de voltar a estudar porque eu fui tirar a minha identidade. Eu tinha uma identidade muito velhinha, na época eu não sabia escrever o meu nome aí eu coloquei o dedo. Aí eu fui tirar uma identidade pra mim. Quando eu cheguei lá o moço falou assim pra mim “olha a senhora sabe escrever seu nome?” aí eu falei assim “mais ou menos, moço”. Aí ele disse “se a senhora não souber eu vou colocar na sua identidade” ... como que é o nome daquela pessoa que não sabe ler nem escrever? *Analfabeta?*

Entrevistadora: Analfabeta?

Dona Eliane: Isso, analfabeta. Aí eu disse “não!! Não vai colocar isso na minha identidade não! Eu volto pra casa e vou estudar, aí quando eu souber escrever eu volto aqui, mas essa palavra eu não quero na minha identidade. Eu fiquei um pouco triste, eu falei “vou estudar”. Falei “moço precisa fazer minha identidade agora não, não quero fazer agora não”. Voltei pra escola. Foi quando eu comecei a estudar, treinar, fazer o nome direitinho. Quando eu voltei lá pra fazer minha identidade eu já coloquei meu nome direitinho. Aí eu gostei, continuei estudante e vou até o final.

Entrevistadora: A senhora tá a quanto tempo aqui na escola estudando?

Dona Eliane: Eu comecei esse ano. Vim aqui nas férias, a moça da secretaria disse que a inscrição era feita pela internet, ela fez pra mim, me deu um papelzinho e disse pra eu ir na prefeitura. Fui lá e me mandaram estudar aqui.

Figura 41 – Décima terceira seção “Carta aberta” com a participação de dona Eliane e sua identidade



Fonte: Fotografia de Ana Beatriz Rodrigues de Araújo

Você já parou para refletir o poder de escrever seu nome? Já valorizou isso em algum momento do seu dia? Dona Eliane é uma mulher simples de 68 anos, oriunda do interior da Paraíba, que nos conta que nunca foi incentivada aos estudos, pelo contrário, o lugar da educação nunca foi o seu lugar, sempre por imposição da família.

Sendo assim, não haveria motivos para seu retorno aos bancos escolares, mesmo com idade avançada, se não viesse acompanhado da busca pela dignidade e transformação pessoal. Deste modo, faz-se imprescindível o papel da escola como instrumento de reivindicação do direito e acesso à justiça social através da alfabetização.

Sabemos que é possível encontrar nossa identidade de inúmeras formas: refletindo sobre nossos valores, crenças e princípios, identificando nossos interesses e aspirações, compreendendo nossas experiências e perspectivas, participando de atividades da vida em comunidade, engajando-nos em questões sociais, buscando constantemente o aprendizado, refletindo sempre sobre nosso papel como cidadãos, entre outras formas.

É bem possível que todas essas maneiras sejam desenvolvidas de forma plena pela nossa depoente, entretanto, retornar aos estudos para aprender a escrever o próprio nome era a forma mais consolidada para alcançar tal objetivo. Dona Eliane tinha uma convicção inabalável: sua identidade residia na escrita do seu nome completo, com letras arredondadas e perninhas no fim das palavras. Para ela, escrever seu próprio nome era mais do que um ato, era a manifestação de sua singularidade, sua própria essência como Dona Eliane.

Do contrário, teria que aceitar o que imporiam a ela, outra pessoa, alguém ou sistema que não a conhece. Não sabe seus costumes, não conhece sua sabedoria e seus entendimentos. Alguém que a colocaria em uma bolha chamando-a de “analfabeta”. Não, essa alcunha não a satisfazia, algo deveria ser feito e se iniciar ao retornar a estudar: “Eu volto pra casa e vou estudar, aí quando eu souber escrever eu volto aqui, mas essa palavra eu não quero na minha identidade” (Dona Eliane).

A narrativa revela não só a determinação e força de vontade de nossa colaboradora, mas também a busca pela dignidade pessoal e respeito a essência de cada ser humano que se constitui como indivíduo, único e singular. Essa experiência de enfrentamento, de transformar a própria realidade através do aprendizado, é um testemunho do poder da educação e do impacto que ela pode ter na vida de uma pessoa:

Todo debate que se coloca é altamente crítico e motivador. O analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. Implica [...] em uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto (Freire, 2023, 98-99).

Para mais, a história de Dona Eliane ressalta como uma situação aparentemente simples, como a obtenção de uma identidade física, pode desencadear um poderoso incentivo para a busca do conhecimento e para a realização pessoal. É uma história que ressalta a importância da educação como instrumento de empoderamento e transformação social. O verdadeiro anúncio de uma Educação para a Paz tal qual nos evocou D’Ambrosio (2020).

Figura 42 – Participação dos visitantes na décima terceira seção



Fonte: Fotografia de Diogo Araujo de Freitas

Na Figura 42, é possível ver dona Eliane lendo sua narrativa acompanhada de uma colega de classe e vizinha e de sua neta que levou para acompanhá-la na exposição já que ela foi aberta à comunidade escolar. Dona Eliane relatou-me após a leitura que à medida que ia lendo o texto, com ajuda da colega de classe, ia se reconhecendo em suas linhas, mas que apenas quando leu seu nome no final da carta que compreendeu “*sou eu, esse texto é meu*”.

Tamanha foi a sua emoção quando percebeu que uma das seções da exposição trazia a sua narrativa na busca pela sua identidade. Traz orgulhosa as marcas dos desafios enfrentados, mas também os sonhos que espera alcançar a partir do momento em que escolheu voltar para a escola. Dona Eliane é uma das mais comprometidas em sala de aula. Faltas? Pouquíssimas. Estudante de primeira carteira, sempre participa das atividades propostas pela professora. Dona de uma animação inquestionável e uma riqueza de experiências de vida as quais orgulhava-se de compartilhar com a turma, descobriu, ou melhor, redescobriu ao longo de nossas conversas, a sua importância para a escola enquanto sujeito cultural, de seus conhecimentos e saberes desenvolvidos com autonomia e criticidade.

Nesse momento, há jovens, adultos e idosos dentro e fora do ambiente escolar que reivindicam o direito à escolarização e sua permanência com qualidade de vida. Um direito ao qual foram excluídos. Esse movimento, essa marcha, que reivindica o acesso à educação para todos não pode ser uma missão unilateral, é de toda a sociedade, é coletiva. Dona Eliane é exemplo de que pequenos atos de coragem são substanciais para gerarem transformações de vida, possibilitando outras interlocuções, outros olhares, outros saberes.

Que nunca permitamos ouvir que a escola não é importante, que a EJA como modalidade educacional não é relevante para a educação, pois o papel da escola é um papel

social, de transformação, de dignificação da vida humana ao passo que abre suas portas, mesmo imersa a inúmeras desigualdades, num processo quase de sucateamento da Educação Pública em que cerceiam direitos, desvalorizam os docentes, desconstroem currículos e dificultam o acesso e permanência dos discentes nas escolas através da ausência de políticas públicas pra a educação. Que histórias como a de dona Eliane sejam cada vez mais ouvidas e reproduzidas num processo de resistência em busca da promoção de equidade e igualdade social a todas as excluídas e excluídos. Que possamos cantar, juntas e juntos, a canção que nos convida a novos tempos de marchas!

Irá chegar um novo dia
Um novo céu, uma nova terra, um novo mar
E nesse dia os oprimidos
A uma só voz, a liberdade, irão cantar
Irá chegar - PJ e raiz

Figura 43 - Participação dos visitantes na décima quarta seção



Fonte: Registro feito pela autora

Estamos chegando ao fim da exposição (Fig. 43). Tentou-se preenchê-la de significados infinitos. Além de significados, buscamos promover o encontro de singularidades,

e isso aconteceu em várias nuances: na escrita do nome dos colaboradores abaixo de cada fala sua; no respeito aos estudantes e visitantes quanto as marcais textuais apresentadas na exposição sempre com fontes grandes e letras ou cursivas ou em caixa alta semelhante a forma com que os discentes veem nas salas de aulas, visando proporcionar um ambiente inclusivo àqueles que estão em processo de alfabetização; a liberdade na escolha dos utensílios que as estudantes artesãs trariam para expor na exposição como forma singela de empoderamento; na escolha das fotografias que seriam usadas para a seção das mulheres feita pelas próprias personagens bem como suas características; na organização do espaço para que fosse inclusivo e interativo possibilitando a todos os visitantes adquirirem uma experiência diferente com a exposição, entre outras ações desenvolvidas com o objetivo de trazer reconhecimento e visibilidade para os sujeitos da EJA.

A nossa última seção sofreu algumas modificações ao longo de sua concepção. A ideia inicial era criar um mural branco com o título “a EJA somos nós” em que passaríamos um vídeo com as apresentações dos depoentes, seus rostos e suas falas breves sobre quem eram e os motivos que os fizeram retornar à escola.

Além disso, nossa ideia era a de deixar o espaço aberto para que os estudantes e visitantes da exposição pudessem registrar sua participação, escrevendo frases, mensagens, desenhos ou seus nomes no mural branco. Para isso deixaríamos disponível em uma mesa tintas, pincéis, *post-its* coloridos e canetas para que eles pudessem escrever e transmitir a sua mensagem.

Entretanto, não é fácil montar uma exposição! Já sabia disso antes de iniciar, mas no dia o misto de sensações é muito maior do que imaginei. Éramos quatro pessoas para montar quatorze seções, cada uma com sua especificidade. A diretora da escola abriu o espaço para que pudéssemos começar a montagem as 15:30, pois era o horário em que os estudantes do 2º turno, crianças e adolescentes, estariam saindo da escola. Tínhamos 3 horas para a montagem final e espera dos visitantes já que os alunos da escola começavam a chegar as 18h e não podíamos ainda estar montando, tendo em vista que muitos iriam começar a visitar já nesse horário.

Sendo assim, não consegui organizar esta seção da forma como desenhei e imaginei. Por outro lado, aproveitamos o espaço para fazer um fechamento da exposição apresentando a placa confeccionada com o título da seção: “A EJA somos nós!”.

A esse “nós” destino todas as pessoas que me auxiliaram na realização desta exposição de inúmeras formas desde cortar papel comigo, a imprimir algum material de forma voluntária ou a confeccionar algum item. Àqueles que ouviram durante quase três meses as

ideias que iam surgindo, algumas mais fáceis outras mirabolantes demais, mas que ia sonhando junto comigo. Àqueles também que abraçaram a ideia de contar essas histórias através de uma exposição aberta ao público, cedendo seus tempos de aula para a minha observação de campo ou entrevista e aos espaços fornecidos e aos que se deixaram contar. Deixaram que apresentassem seus conhecimentos, suas experiências e sua sabedoria a pessoas desconhecidas ou pouco conhecidas. Esse “nós” contempla a todos. Um coletivo de nós transformados em rede.

Contempla a você também, caro leitor, que veio em busca de uma pesquisa sobre os estudantes da Educação de Jovens e Adultos e sai com 11 novas histórias e suas derivações e aprendizagens. Que acredita em uma educação libertadora e dialógica que se inicia a partir do escutar atentos das experiências do outro, a respeitá-las e, sobretudo, a entendê-las como ciência.

Nossa metodologia de pesquisa, a História Oral, compreende as entrevistas como produtoras de novas fontes, resgatando a historicidade e os saberes de toda uma geração. Quando conversamos com os 11 depoentes despertamos neles suas memórias, recentes ou não, e os provocamos a refletir sobre a importância de suas narrativas para a criação de outros mundos e novos futuros, mais justos e fraternos.

Muitos chegam à escola na posição de aprendentes, como se apenas devessem absorver tudo o que a escola os oferece, em termos disciplinares, esquecendo-se por vezes de suas raízes, ou até mesmo achando que seus pensamentos e conhecimentos não são certos ou são descartáveis para a sala de aula. Conversar com eles, auxiliá-los a reconhecerem-se como produtores de conhecimento, embebidos de sabedoria seja ancestral ou de experiências de vida fez com que pudéssemos estruturar e desenvolver essa exposição e levar esses conhecimentos a outras pessoas que, em um primeiro momento eram bem próximas a eles, mas que poderiam ser de lugares e localidades bem distintas.

Larrosa (2002) diz que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21). Neste dia, saímos satisfeitos daquilo que podemos chamar de apresentação desta pesquisa, onde a partir de um desejo genuíno de contar histórias geramos experiências. Estudantes que hoje também tem histórias para contar. De um dia em que tiveram seus nomes e suas ideias apresentados em uma exposição que falava *deles, com eles* e que chamava a todos os demais participantes para refletir a educação e a vida a partir das suas lentes e memórias (Fig. 44).

Hoje, sentada enquanto finalizo este capítulo, fico imaginando como foi a chegada deles em casa ou o dia seguinte no trabalho, contando e mostrando os registros que tanto

realizavam na noite anterior. Fico imaginando, pois o meu dia seguinte a exposição foi de recomeços. E se eu, que tenho facilidade e gosto por olhar o mundo e desejar escrever histórias a partir do que vejo, imagine aqueles que tiveram contato pela primeira vez com esse tipo de registro? E você, caro leitor, com se sente? “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E o ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 1996, p. 56).

Figura 44 – Fechamento da exposição com alguns estudantes e corpo docente da escola municipal Vereador Orlando Hungria



Fonte: Fotografia de Ana Beatriz Rodrigues de Araújo

Como prometido, encerro esse capítulo da forma como disse ao final da exposição que faria:

E eis que dona Vilma me para, abraçada com o seu retrato, o qual pediu para levar para casa, e emocionada me diz:

- Obrigada, agora eu tenho uma nova história para contar para os meus filhos.
- Não só a senhora, dona Vilma, muita gente também. Obrigada por tudo.

5 “A VILA NÃO QUER ABAFAR NINGUÉM, SÓ QUER MOSTRAR QUE FAZ SAMBA TAMBÉM”: O PRODUTO EDUCACIONAL

*Sempre fica um pouco de perfume nas mãos de quem oferece flores.
Proverbio Chinês*

O título do nosso capítulo é um chamado a nos insubordinarmos enquanto pesquisadores e estudantes. Quando ouvi essa música em uma roda de samba com amigos, só conseguia pensar em tudo o que estávamos gerando, com nossa pesquisa, para a Baixada Fluminense, para o meu município de Nilópolis. Ao longo dos meses, debruçamo-nos em pesquisas sobre as práticas socioculturais, as quais denominamos matemáticas menores, desenvolvidas por estudantes da EJA em seus cotidianos. Fomos inundadas por experiências de vida para além de nossas expectativas, que comprovaram o quanto a educação pública é viva, reinventa-se e refaz-se a partir das singularidades de seus sujeitos.

Quão bom foi, ao longo desses meses, andar pelo meu município (sim, Nilópolis é um município bem pequeno) e encontrar os estudantes os quais entrevistei ou pude encontrar e guiar durante a exposição na escola. As trocas de carinho, falas de agradecimentos de ambas as partes, curiosidades e perguntas de como a pesquisa estava indo, se já havia acabado ou não e o que eu ainda iria fazer eram afetuosas. Diziam todos da alegria de terem compartilhado suas vivências e ainda mais de verem seus nomes retratados em espaços tão diferentes na escola contanto histórias e se misturando a de seus colegas. E quando algum colega de classe encontrava seu nome ou concordava com a sua fala e vinha de imediato trocar ideias com eles sobre aquele apontamento? “*Nossa... como isso foi bom*”, diziam alguns... Tudo isso contribuiu para que a canção com a qual intitulei nosso capítulo ganhasse ainda mais minha atenção:

*A vila não quer abafar ninguém...
... Só quer mostrar que faz samba também.*

Noel Rosa

O estudante da EJA não deseja ressoar mais do que outras vozes ou calar outros espaços. O estudante da EJA deseja apenas mostrar que “*faz samba também*”. Também produz ciência, produz conhecimento, produz matemáticas. Também deseja ecoar suas vivências e experiências aos outros, mostrando a força que possui.

Almejamos, neste capítulo, apresentar aos leitores o nosso Produto Educacional (PE), os motivos de sua escolha, as ideias por trás de sua elaboração, como o desenvolvemos e estruturamos. O PPGEB é um Mestrado Profissional (MP) que exige de nós, mestrandos, como pré-requisito para a conclusão do curso de pós-graduação, a produção de um Produto Educacional, destacado do resto da dissertação e que ressalta sua grande relevância no MP.

Moreira et al. (2018) defendem que o PE não é o principal produto de um curso de mestrado profissional, mas sim o processo de transformação do mestrando durante a elaboração do PE. O Produto Educacional deve auxiliar no processo de identificação do problema de pesquisa do mestrando e, juntamente com os referenciais teóricos, auxiliar na reflexão e resposta desse problema. Ao aplicar e examinar o PE, o mestrando testa e valida seus próprios questionamentos e proposições, a fim de sinalizar melhorias e dificuldades ao longo da pesquisa.

Já previstos em documentos normativos da área de ensino desde 2013 (Brasil, 2013; 2017), as categorias/possibilidades de elaboração um PE foram reorganizadas em um relatório do grupo de trabalho produção tecnológica da CAPES (Brasil, 2019), sendo considerado um Produto Educacional: materiais didáticos/instrucionais, cursos de formação profissional, tecnologias sociais, acervos, produtos de comunicação/mídias, manuais/protocolos, software e aplicativos, eventos organizados, relatórios técnicos, cartas, mapas e similares. Embora definido nessas categorias, os cursos de pós-graduação têm autonomia de estabelecer outros critérios e criar outras categorias de PEs, desde que sejam respaldados por documentos das próprias instituições.

A escolha para essa pesquisa se encontra na categoria “eventos organizados”, contemplada pelas atividades de ciclos de palestras, exposições científicas, olimpíadas, expedições, feiras e mostras científicas, atividades de divulgação científica, entre outros, desmembrando-se na produção de dois Produtos Educacionais desta dissertação, vinculados à categoria de materiais didáticos/instrucionais.

A exposição foi organizada a partir da coleta e análise das entrevistas com os estudantes da EJA e apresentada de forma lúdica, poética, visual e sonora. Foram utilizados inúmeros recursos visuais como fotografias, banners, painéis, flâmulas, entre outros, além de músicas representando algumas passagens essenciais para a construção da exposição. O local onde se deu a montagem e a organização da exposição foi a quadra poliesportiva da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria e 14 seções foram divididas ao longo desse espaço, de modo a preencher toda a quadra e proporcionar aos visitantes pleno espaço para apreciar e refletir sobre cada uma das seções. A organização de uma exposição como etapa inicial para

produção do Produto Educacional dessa pesquisa se dá pela urgência de se olhar a escola a partir de novos focos e de outras maneiras. Desejávamos que o que estava sendo construído, a muitas mãos, ao longo dos três meses em que se transcorreu a pesquisa na escola, tivesse fôlego para ecoar ainda no ano de 2023, na escola em que floresceu.

Embora saibamos que tudo o que geramos na academia é fruto e ganho do coletivo, ou seja, pertence a toda a rede educacional, não poderíamos garantir que a produção dos depoentes no que diz respeito aos seus saberes, conhecimentos e narrativas chegaria ao seu coletivo, às suas singularidades. Era imprescindível que garantíssemos que todos, a começar pelos estudantes da EJA da escola onde nasceu a pesquisa, tivessem contato com o que nela foi gestado. A exposição, embora tenha caráter de itinerância, nesse primeiro momento, para confecção desta dissertação, só foi possível aplicá-la na escola pesquisada, no entanto, há planos de apresentá-la em outros espaços, a fim de proporcionar aos colaboradores desta pesquisa, nossos autores, a visibilidade de suas narrativas e singularidades.

Nossa intenção mediante a execução da exposição foi gerar distintas experiências aos participantes. Larrosa (2002) fala que, se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. Esse é o nosso desejo: provocar experiências.

Diante disso, a partir das entrevistas com os depoentes e da execução da exposição, elaboramos dois Produtos Educacionais, sendo o primeiro um livro de fotografias, intitulado “*Histórias Itinerantes da EJA*”, e o segundo, um livro de crônicas com 12 narrativas dos depoentes, textualizadas em forma de crônica. Ao confeccionarmos o livro de fotografias, pensamos em registrar o que foi a exposição, não apenas por meio das palavras (emoção) da sua primeira autora, pesquisadora desta dissertação, mas também buscamos levar os leitores à emoção de se transportarem para o dia em que unimos 11 narrativas, 11 insurgências, 11 rostos e silhuetas de indivíduos imersos em singularidades numa prática coletiva.

Convidei dois amigos para que pudessem registrar oficialmente a exposição em suas câmeras e, assim, pudéssemos obter o registro a partir de outras lentes, outros olhares. Cada página do livro de fotografias conta uma história que almeja levar o leitor à reflexão sobre o outro, sobre o coletivo, sobre diversidade e cultura. Ao apresentar esse livro em outros espaços, educacionais ou não, estamos privilegiando a escola como espaço de diversidade, e toda diversidade possibilita a transformação dos indivíduos e da sociedade (Fig. 45).

Figura 45 - Capa do Livro de fotografias Histórias Itinerantes na EJA



Fonte: Elaborado pela autora. Fotografia de Ana Beatriz Rodrigues de Araújo.

Já o segundo livro organizado, livro de crônicas, intitulado “*No meio do caminho tinha um sonho, tinha um sonho no meio do caminho. Vozes da resistência: crônicas de estudantes da EJA*” busca apresentar, através da textualização em forma de crônica, 12 narrativas de estudantes da EJA, obtidas em entrevistas ou durante a pesquisa de campo em sala de aula.

Essas crônicas reforçam a importância do processo de escuta que todo docente deve ter, sobretudo os docentes que trabalham com estudantes da EJA, haja vista que muitos retornam e procuram na escola esse ambiente de voz e escuta atenta, já que em muitos dos espaços que ocupam são constantemente silenciados por diversos motivos. Escutar, para Freire, implica a disponibilidade permanente do “sujeito que escuta para a abertura da fala do outro, para o gesto do outro, para as diferenças do outro” (Freire, 1996, p. 136).

Sabemos que, em meio a 11 narrativas e três meses de pesquisa de campo, muitas outras histórias poderiam ter emergido e se tornado crônicas para esse livro, mas fica o desejo para um próximo momento e outras circunstâncias, resgatar novamente essas vozes e partilhar mais um pouco de suas narrativas com a educação. O livro de crônicas (Fig. 46) foi organizado, então, em 12 capítulos, estruturados conforme o quadro 3:

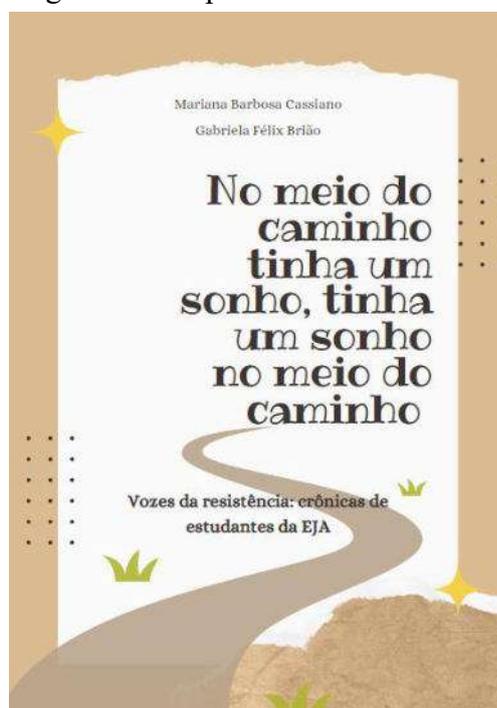
Quadro 3 - Estruturação dos capítulos do livro de crônicas

| | |
|--------------|--------------------|
| Apresentação | Apresentação |
| Prefácio | Primeiras palavras |

| | |
|-------------|---|
| Capítulo 1 | O teorema de Dona Eliane |
| Capítulo 2 | A identidade |
| Capítulo 3 | Eu sei por que tá escrito |
| Capítulo 4 | Como que estuda assim? |
| Capítulo 5 | Um caminho de coragem |
| Capítulo 6 | O limite de dona Gleide |
| Capítulo 7 | Carta de uma futura escritora de cartas |
| Capítulo 8 | O relógio não para |
| Capítulo 9 | Sinônimo de amizade é... |
| Capítulo 10 | Que matemática é essa? |
| Capítulo 11 | Uma família chamada EJA |
| Capítulo 12 | O pedido de uma neta |

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Figura 46 - Capa do livro de crônicas



Fonte: Elaborado pela autora.

Esperamos que muitos educadores, bem como redes de ensino, escolas e estudantes se apropriem e consumam esses dois livros organizados como fruto de narrativas singulares que abordam as sutilezas da vida, suas dificuldades, mas também suas alegrias e conquistas. Esperamos que usem esses materiais com muita fé na educação como espaço de transformação social. Esperamos que difunda ideia, que leve à reflexão, que promova o diálogo e que construa a paz coletivamente:

Não pode haver diálogo sem fé intensa em nossos semelhantes. Fé em nosso próprio poder de fazer e refazer, de criar e recriar. A fé em um chamado para ser mais, que não é apenas um privilégio de alguns seletos, mas um direito de todos os seres humanos (FREIRE, 2021a, p. 112).

Assim, seremos capazes de ampliar as discussões sobre os temas aqui apresentados e discutidos e, quem sabe, criar uma cultura da escuta em nossas escolas: ouvir os estudantes, suas vivências, suas experiências, não apenas como pano de fundo para um tema em sala de aula ou conteúdo disciplinar, mas ouvir para promover reflexão, equidade e igualdade social. Compreendendo a escola como um espaço de multiplicidades. Múltiplos saberes, múltiplos querereres. Espaço militante e social, que ouve, acolhe, visibiliza e nutre... pessoas e afetos. Afetos e pessoas.

6 É TEMPO DE TRAVESIA: PRETENSAS CONCLUSÕES

Eu me sinto muito triste quando um educador me diz “eu ensino matemática, meu sonho é matemática”. Não, o sonho não pode ser matemática. Eu ensino matemática porque acredito que ela é necessária para que a sociedade tenha menos discriminação. O sonho principal, o sonho fundamental não é a matemática. A matemática é muito importante, mas tem que estar a serviço de alguma coisa. Eu quero que a matemática trabalhe em favor da minha pessoa, um ser humano.
Paulo Freire – *Pedagogia da Solidariedade*

É chegado o tempo de travessia. Finalizar essa dissertação em palavras — logo eu, que por elas tenho tanta admiração —, admito, não é fácil. Mas, como toda marcha e suas caminhadas, é chegado o tempo de atravessarmos para outros caminhos, outras itinerâncias. Espero que cada um que chegou até aqui leve um pouco das histórias retratadas, experiências potentes e insurgentes de pessoas que têm muita fé, amor e esperança na vida, nas relações e no diálogo.

Ao longo dessa pesquisa, interagimos com histórias reais de sujeitos que muito esperam da educação, por muito esperarem da vida. Sujeitos que, imersos em desigualdades impostas por um sistema excludente e sem fé (Freire, 2021a), veem a importância da escola como um espaço que dignifica a humanidade, proporcionando melhor qualidade de vida a indivíduos e comunidades, com direitos fundamentais respeitados, equidade e igualdade social.

Diante do exposto, propomo-nos a questionar nessa pesquisa como as matemáticas menores, presentes no cotidiano dos estudantes da EJA, podem contribuir para fazer da escola um espaço de dignificação da vida humana. Colocamo-nos a refletir as matemáticas menores como um processo subjetivo, advindo das singularidades dos sujeitos que a utilizam como instrumento de sobrevivência nos contextos sociais em que estão imersos.

Dessa forma, elencamos como objetivo principal da pesquisa identificar as matemáticas menores que florescem das experiências de 11 estudantes da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria do município de Nilópolis, no Rio de Janeiro. Para alcançarmos tal objetivo, foi necessário construir um caminho de reflexão que pensasse a educação matemática para além de conteúdos, disciplinas e pensamentos abstratos, à luz da etnomatemática.

Para isso, a partir do caminho construído para nosso objetivo principal, abrimos algumas bifurcações e os chamamos de objetivos específicos, que nos auxiliarão a responder ao nosso questionamento; foram eles: contribuir para a cultura escolar a partir da pesquisa oral; analisar o papel da escola como espaço de dignificação da vida humana na perspectiva

dos estudantes da EJA, considerando suas contribuições para a construção de identidades, conhecimentos e cidadania; discutir a importância do registro de narrativas na formação básica para a justiça social; visibilizar os saberes desenvolvidos pelos estudantes em seus contextos socioculturais; e produzir um Produto Educacional (PE) que contribua com a prática docente e com a formação discente ao apresentar novas narrativas colhidas no ambiente escolar.

Refletimos e reafirmamos as matemáticas menores emergentes dos cotidianos dos estudantes da EJA a partir de três características: desterritorialização, ramificação política e valor coletivo. Essas características foram verificadas no ambiente da sala de aula durante as observações para a pesquisa, no desenrolar das entrevistas com os estudantes e na apresentação da exposição aberta à toda a comunidade escolar.

Na observação dos diálogos trocados em sala de aula, tanto entre estudantes como com os professores e os discentes, pudemos perceber a matemática centrada no conteúdo, dando lugar às raízes, às experiências, aos questionamentos e aos conhecimentos que os estudantes trazem de suas próprias relações cotidianas, compreendendo a sala de aula como espaço de compartilhamento de saberes, diálogo e transformação social.

Durante as entrevistas desenroladas ao longo de três semanas, refletimos separadamente com 11 estudantes de distintas faixas etárias e experiências de vida, sobre os aspectos militantes de suas práticas como sujeitos socioculturais que pensam, agem e promovem mudança no contexto no qual estão inseridos. A partir do processo de escuta, aprendemos com os depoentes, trocamos com eles, refletimos e os levamos à reflexão sobre aspectos relacionados a suas vidas, seus sonhos, suas dificuldades, as injustiças às quais foram ou são submetidos e suas expectativas com relação à escola e à educação. Buscamos, por meio das subjetividades próprias de nosso instrumento de pesquisa, auxiliá-los na compreensão enquanto sujeitos sociais e culturais, promotores de conhecimento.

Já na apresentação da exposição, que preencheu a escola de diversidade e vozes insurgentes, encontramos o que podemos chamar de “a essência das matemáticas menores”. Ora, se a compreendemos como um processo de subjetivação, que acontece internamente em cada sujeito e reverbera em ações e reflexões para a sociedade, dialogando frente a um sistema opressor e desigual, que cerceia direitos e marginaliza uma parte considerável da sociedade, podemos compreender a matemática menor como o produto gerado através da nossa exposição, que não só refletiu como propôs reflexão àqueles que por ela passaram.

Dialogamos com as raízes culturais dos estudantes da EJA em sua plenitude, visibilizando seus pensamentos, suas ações, seus questionamentos e suas inquietações.

Denunciamos a omissão de políticas públicas voltadas aos estudantes da EJA a partir das narrativas construídas nas entrevistas. Apresentamos os sonhos e as esperanças de jovens, adultos e idosos que buscam na escola espaço de uma formação em sua integralidade, mas que exigem abertura para os saberes produzidos e adquiridos ao longo de suas trajetórias de vida. E, por fim, abrimos o espaço da escola, outrora fechado em si mesmo, para a comunidade escolar, familiares dos depoentes, visitantes, coordenadores do Fórum EJA, docentes de outras instituições e amigos, com o objetivo de contribuir para a cultura escolar através da pesquisa oral, que abre espaço para as vozes dos protagonistas da EJA: os seus estudantes.

Contribuir para a cultura escolar por meio da pesquisa oral é nosso primeiro objetivo específico e, veja bem, este se faz em saber ouvir os estudantes para além das nossas próprias expectativas e em tornar público à escola as suas contribuições. Isso foi proposto quando, mesmo munidos de uma sequência de perguntas pré-estabelecidas para as entrevistas, deixamos os depoentes à vontade para dialogar sobre suas impressões e pensamentos, prolongando-se nos temas com os quais se sentissem mais à vontade ou sobre os quais desejassem desabafar, propondo outros assuntos ao longo da conversa e refletindo, às vezes no silêncio, outras no questionamento, sobre temas que para eles eram pouco discutidos.

Como dito no capítulo de análise, fui convidada a palestrar para os professores da EJA da rede municipal de Nilópolis sobre o tema da minha pesquisa. Nesse encontro, tive 40 minutos que poderiam ser utilizados da maneira como me sentisse mais à vontade. Minha fala versou sobre as narrativas dos entrevistados e o que elas poderiam trazer para cada um dos presentes naquela reunião, naquele dia, e o que poderia gerar neles futuramente — reflexões, inquietações e ações.

Penso que visibilizar a cultura escolar da EJA em outros espaços seja isso! Minha pesquisa nunca teve a pretensão de falar pelos estudantes a partir de suas ações em sala de aula, sempre desejei dialogar com eles, torná-los fontes de pesquisa e inspiração. Nunca acreditei que essas histórias, colhidas com tanto cuidado e carinho, deveriam ficar presas nestas páginas, às vezes um pouco frias, que talvez nem sejam lidas como eu gostaria que fossem. Por isso, parte da minha missão consistirá em apresentá-las a quantos espaços forem possíveis. Em constante caminhada... em marcha.

Como segundo objetivo específico, propomo-nos a analisar o papel da escola enquanto espaço de dignificação da vida humana e podemos afirmar que somente através da escuta atenta aos estudantes da EJA podemos conferir à escola um papel social, que não é apenas funcional, mas militante: uma escola que compreende que uma educação para todos só é

alcançada mediante a garantia de qualidade de vida e maior dignidade a todos aqueles que necessitam.

Alcançamos esse objetivo quando, por meio da cultura do encontro, na compreensão das singularidades de cada sujeito, percebemos a dignidade de cada indivíduo sendo manifestada, com as trocas entre eles, quando se viam ou viam um colega de classe ou um vizinho apresentando alguma fala com a qual se identificasse ou que gerasse nesse sujeito o desejo de mudança, de transformação. É a escola o espaço difusor dessas trocas, repletas de significações e subjetividades.

No terceiro objetivo específico, consideramos que seria necessário discutir a importância do registro de narrativas na formação básica para a justiça social. Observamos que as narrativas dos estudantes da EJA muitas vezes revelavam desafios enfrentados, superações realizadas e perspectivas únicas que contribuía para uma compreensão mais profunda das questões sociais e injustiças enfrentadas. É mediante o registro e o compartilhamento das narrativas que promovemos a empatia e a compreensão, não só entre os estudantes, mas em meio a toda a comunidade escolar, ampliando suas visões de mundo, ajudando a construir uma sociedade “menos feia”, mais justa e inclusiva. Quando nos colocamos a ouvir as histórias uns dos outros, praticamos a solidariedade e o respeito mútuo, e essas são práticas norteadoras para um caminho de paz social. Ao discutirem e refletirem sobre as narrativas registradas, os sujeitos puderam desenvolver a criticidade, tornando-se cidadãos mais conscientes e engajados em ouvir o outro. Através do diálogo, eles trocaram experiências a fim de questionar as injustiças e as desigualdades existentes e de buscar soluções e agir em prol de um mundo mais justo e equitativo.

Sobre o quarto objetivo específico, que consistia em visibilizar os saberes desenvolvidos pelos estudantes da EJA em seus contextos socioculturais, percebemos que o panorama no qual se construiu a pesquisa foi favorável para que atingíssemos esse objetivo, tanto como análise para essa dissertação quanto como material para a elaboração e apresentação da exposição à comunidade. A cultura dos estudantes, seus saberes e conhecimentos atravessaram-nos e preencheram-nos com suas subjetividades e singularidades à medida que mostraram sua força, determinação e esperança a partir da contação de suas histórias. As memórias e vivências registradas dos depoentes contribuíram para a construção de uma narrativa que se fez coletiva dentro da exposição, contando uma história, valorizando a diversidade de pensamentos e a riqueza cultural emanada das raízes de cada sujeito e dos contextos sociais em que estão inseridos.

Foi através da etnomatemática, em uma perspectiva de educação para a paz, que alcançamos esse objetivo, ao compreendermos o seu potencial em acolher os saberes outros dos sujeitos, que emergem de suas subjetividades, respeitá-los e dialogar com eles, a fim de construir uma cultura de paz em todas as frentes. Ao longo das entrevistas foi notória a percepção do cuidado de cada um dos depoentes com as relações trocadas dentro do ambiente educacional e o quanto essas trocas são substanciais para uma melhor relação fora da escola, em suas casas, seus trabalhos, suas igrejas e outros contextos. Percebemos a transformação do olhar dos estudantes referente ao gosto pela matemática a partir do momento em que refletiram sobre a sua presença nas ações do seu dia a dia, por menores e mais simples que fossem. Muitos estudantes sentiram-se valorizados, compreendendo-se como produtores de conhecimento, produtores de matemática, e isso foi sinalizado através de inúmeras falas ao longo das entrevistas.

Assim, a etnomatemática nos ajuda a vislumbrar uma educação matemática a serviço da formação para a vida, e vida em sua plenitude, haja vista que, a partir do diálogo, do respeito às raízes dos indivíduos e da compreensão dos direitos essenciais dos estudantes da EJA, lutamos lado a lado para visibilizar seus saberes e valorizar sua jornada em busca de uma formação integral.

Por último, nosso quinto objetivo específico compreendia a produção de um Produto Educacional que dialogasse com toda a comunidade escolar em inúmeras frentes: formações continuadas, debates em sala de aula, leituras inspiradoras no aconchego de cada lar, entre outros cenários. Cada um dos PEs desejava traduzir em palavras e imagens a emoção que é acreditar na força da educação através da força insurgente de seus estudantes, que vivenciam a experiência de escolarizar-se já com idade avançada, devolvendo para a sociedade histórias inspiradores, narrativas envolventes e pensamentos edificantes.

Em cada um dos livros confeccionados, convidamos os leitores a uma travessia, compreendendo a educação como uma jornada transformadora. Desejamos provocá-los a, após suas leituras, observarem o mundo a partir de novas lentes e sentidos outros, renovando o compromisso em fazer-se outro com o outro, no respeito às singularidades e diversidades, na promoção de justiça social e na construção de uma sociedade mais equitativa e igualitária socialmente. É *realmar* a educação! Reavivar os princípios, valores e lutas que dão sentido e propósito ao que fazemos e amamos fazer.

Em vista de todo o exposto acima, acreditamos ter alcançado o objetivo principal dessa pesquisa. Antes, porém, de finalizarmos essa travessia, gostaríamos de provocá-los mais um pouco a refletir sobre algumas considerações que nos foram geradas a partir das narrativas

e memórias apresentadas e dos diálogos estabelecidos com elas. Não nos preocupamos, nessa pesquisa, em encerrar ciclos ou em gerar uma grande mudança curricular ou acadêmica a partir de nossas proposições, mas buscamos nos empenhar nas pequenas transformações e histórias que emergiram, não só durante as entrevistas com os diálogos propostos, mas também durante a exposição e com certeza após ela, com o que reverberou nas salas de aula, nos corredores, nas salas dos professores. Procuramos deixar marcas históricas.

Sabemos que um dia, no futuro, o momento vivido e celebrado por toda a escola, com a apresentação das histórias de 11 dos seus estudantes, pode ser esquecido. Esse futuro pode ser hoje, amanhã ou daqui a alguns anos. Mas a beleza da educação é exatamente essa: outras histórias virão. Almejamos, com a elaboração dessa pesquisa, plantar sementes em inúmeros tipos de solo e sabemos que diversas são também as probabilidades de germinarem ou não.

Espero que seu terreno, caro leitor, seja solo fértil, pois precisamos de todo tipo de força, mãos, coragem, esperança e afeto para defender não só a Educação de Jovens e Adultos como morada de sonhos que muitos esperam e que muito tem a oferecer para a educação, como também lutar por uma educação pública de qualidade que tenha como objetivo construir uma civilização para a paz.

Por outro lado, enquanto singularidades, sabemos que as marcas deixadas em cada sujeito que atravessou os caminhos dessa pesquisa, à sua maneira e em sua diversidade, poderão ser eternizadas pela contação de suas próprias histórias, agora para suas próprias comunidades culturais. A cada participante, um olhar para a experiência vivida e, para cada experiência vivida, uma multiplicidade de impressões, conhecimentos, diálogos e trocas, um desejo eterno de fazer-se memória, deixar-se marcar e ser marcado na história.

Quando iniciamos uma jornada, ela vem acompanhada de grande motivação, tal como as marchas que preencheram nosso caminhar, juntas e juntos ao longo dessa escrita às vezes poética, às vezes insurgente, mas sempre esperançosa. Em nosso caso, essa motivação veio do desejo de continuar a contar histórias reais, sensíveis, dialógicas, de quem constrói a educação todos os dias, por acreditar na força transformadora que ela possui. É claro que, enquanto docentes, pesquisadores, acadêmicos e estudiosos, temos um imenso carinho e respeito pela educação, mas ainda precisamos nos esforçar mais para preencher nossas pesquisas com rostos, silhuetas e vozes daqueles aos quais dedicamos nossas pesquisas teóricas sobre matemáticas, sobre educação, currículo e escola. Precisamos deixá-los falar de suas impressões e dialogar *com* eles e não por eles, como se compreendêssemos, mesmo que um pouco, as travessias percorridas para aprenderem matemática, português, história... todos os dias.

Se acreditamos que a educação é um ato de resistência (Gallo, 2012) e um ato de amor e coragem (Freire, 1996; 2021a; 2022), o diálogo deve ser fundamental em nossas construções dentro e fora das salas de aula. Por isso, a forma como buscamos dialogar com nossos depoentes foi conversando com eles, escutando suas colocações, seus desafios, sonhos e esperanças, os quais lhes fizeram retornar à escola e permanecer estudando. Cada história de resistência nos mostra que ainda há muito a se fazer e, enquanto docentes, precisamos estar na linha de frente junto com nossos estudantes, dividindo os espaços, compreendendo suas práxis e buscando acolher os saberes outros que emergem das subjetividades.

Ainda existem muitas outras histórias a serem descobertas e contadas. Esperamos que essa pesquisa seja uma “pedra no sapato” de quem a leu. Digo isso de forma insurgente, admito, mas creio que a metáfora valha para o que gostaria de provocar. Pedras no sapato incomodam, levam-nos a pensar onde estão, como apareceram e, quando vemos, já estamos refletindo sobre elas. Que seja assim com essa pesquisa! Que, ao nos incomodarmos, reflitamos sobre o mundo e sobre as (in)justiças cometidas constantemente aos mais marginalizados de nossa sociedade e ajamos, buscando ações que viabilizarão a promoção da dignidade da pessoa humana, da equidade e da igualdade social.

Nossa pesquisa abre caminho para pesquisas futuras dentro desse campo, de modo a ampliar a compreensão sobre as “matemáticas menores” na Educação de Jovens e Adultos. Visamos explorar narrativas em contextos diversos, englobando outras histórias e novos participantes, com o objetivo de enriquecer não apenas o conhecimento acadêmico, mas também as experiências singulares dos estudantes, além de contribuir para a visibilização de outras comunidades e territórios.

Desejamos, portanto, inspirar mais pesquisas que contem histórias. Em outros espaços, outros movimentos, sob outras óticas e a partir de outras inquietações. Todavia, ansiamos que sejam sempre semelhantes à sua motivação: a de construir, a muitas mãos, uma educação para a paz, em sua plenitude e essência, preenchida do esperar que apenas quem enxerga o outro em sua singularidade, exatamente como é, pode alcançar. Uma esperança dialógica, fraterna e humana.

Por fim, motivada pela pergunta dos membros da banca de defesa desta dissertação “e agora, o que mudou na Mariana após esta pesquisa?” respondo que após toda esta análise, materiais gerados, amizades feitas e reflexões realizadas, digo que me tornei uma educadora matemática menor e que, de fato, consegui alcançar a motivação inicial que trouxe no início destas páginas, que era me enxergar a mesma Mariana, em todos os espaços que ocupo,

empática, solidária, fraterna, dialógica e afetuosa. Levando a educação matemática, as matemáticas menores e o papel social da escola à quantos espaços forem possíveis.

REFERÊNCIAS

- ALANGUI, W. V.; DOMITE, M. C. Do Carmo sobre a interrogação mútua, escutar e falar com o outro em Freire. In: VALLE, J. C. A. **Paulo Freire e educação matemática: há uma forma matemática de estar no mundo**. 1 edição. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 165-192
- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ARROYO, M. G. Formar Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos. In: SOARES, L. (Org.). **Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: SECAD/MEC/UNESCO/Autêntica, 2006. p.17-32.
- BENEVIDES, M. V. Prefácio. In: SCHILLING, F. (org.). **Direitos humanos e educação: outras palavras, outras práticas**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 11-17.
- BOFF, L. Prefácio. In: FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 28ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021e.
- BRAGA, E. S. O.; PEREIRA, M. V.; RÔÇAS, G. Análise de redes sociais dos artigos sobre Educação de Jovens e Adultos publicados nos últimos vinte anos do Boletim de Educação Matemática. **Bolema. Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro (SP), v. 36, n. 74, p. 1023-1043, dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/FRRk3FJN49rc68w7RCNYbBv/>. Acesso em: 02 jan. 2023
- CARVALHO, J. H. **O ensino da matemática a partir das práticas pedagógicas na EJA: problematizando o contexto da evasão escolar**. 2018. 79f. Departamento de Educação do Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador- BA, 2018.
- CLARETO, S. M. Conhecimento, inventividade e experiência: potências do pensamento etnomatemático. In: FANTINATO, M. C. (Org.). **Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos**. Niterói: Ed. da Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 125-133.
- D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. 23. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Perspectivas em Educação Matemática).
- D'AMBROSIO, U. Um sentido mais amplo de ensino da matemática para a justiça social. In: **I Congresso de Educación Matemática de América Central y el Caribe**. Santo Domingo, República Dominicana, 2013.
- D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática – elo entre as tradições e a modernidade**. 6ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- D'AMBROSIO, U. Ethnomathematics and the pursuit of peace and social justice. **ETD – Educação Temática Digital**. Bauru, v.19, n. 3, p. 653-666, jul.-set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8648367/16218> Acesso em 29 jan. 2024.
- DUARTE, A. J. Ação dialógica de Paulo freire e os processos formativos em contextos de resistência. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.31, n.4, p. 759-771, 2021. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/12138/5600> Acesso em 02 fev. 2024.

FANTINATO, M. C.; FREITAS, A. V.; DIAS, J. C. M. “Não olha para a cara da gente”: ensino remoto na EJA e processos de invisibilização em contexto de pandemia. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**. v. 13, n. 1, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2740/274065702007/html/>. Acesso em: 02 jan. 2023

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FONSECA, M. C. F. R. "Há uma forma matemática de estar no mundo: diálogo entre (e com) Paulo e Ubiratan. IN: VALLE, J. C. A. **Paulo Freire e educação matemática: há uma forma matemática de estar no mundo**. 1 edição. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 21-38

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos**. 3ª edição: Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2020.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medos e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. A importância de ler. In: _____. **A importância de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 77ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. 11ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021b.

FREIRE, P. **Pedagogia da solidariedade**. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021c.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 49ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021d.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 28ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2021e.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 8ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 49ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FREITAS, A. V. et al. Panorama da EJA na atualidade: um recorte sob a perspectiva de trabalhos do ETNOMAT-RJ. In. FANTINATO, M. C.; FREITAS, A. V. (Org.). **Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios**. Jundiaí: Paco, 2018, p. 171-193.

FREITAS, S. M. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. v. 1. 142p.

GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão**

universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012. Disponível em:
<<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: BRITO, M. R.; GALLO, S. **Filosofias da diferença e educação**. 1ª edição. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: GARCIA, R. L (org.). **Diálogos cotidianos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 231-246

GALLO, S. Por uma Educação Menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27 n. 2, p. 169-176, jul./dez. 2002. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/16652/mod_resource/content/1/Gallo_Em_torno_d_e_uma_educacao_menor.pdf>. Acesso em: 03 set. 2022.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática - um inventário. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo (SP), v. 02, n. 01, p. 137-160, 2006. Disponível em:
<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Vicente6.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES-PINTO, A. L. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora**: leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

GUTSTEIN, E. **Reading and writing the world with mathematics**: toward a pedagogy for social justice. New York, London: Routledge, Taylor & FrancisGroup, 2006. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/267125220_Reading_and_Writing_the_World_With_Mathematics_Toward_a_Pedagogy_for_Social_Justice> Acesso em: 15 jul. 2022.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2023.

LE VEM, M. M.; et al. História Oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, O. R. M, (org.). **Os desafios contemporâneos de história oral** – 1996. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo**: um exame da década de 1960. 2012. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

MEIRA, C.; FANTINATO, M. C. Os saberes matemáticos de jovens e adultos em contexto de privação de liberdade. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**. v. 8, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.revista.etnomatematica.org/index.php/RevLatEm/article/view/207> Acesso em: 02 jan. 2023

MENEZES, L. R. A.; MELO, E. A. P. Contribuições de Paulo Freire no Ensino de Matemática: etnomatemática na educação de jovens e adultos. **Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde**. v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.saber.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/26534>. Acesso em 02 jan. 2023

MOREIRA, A. F. B. Conhecimento escolar, cultura e identidade nacional: desafios para o currículo. IN: GARCIA, R. L (org.). **Diálogos cotidianos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010. p. 47-66

MOREIRA, M. C. A. et al. Produtos educacionais de um curso de mestrado profissional em ensino de ciências. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 11, n. 3, p. 344-363, set./dez. 2018.

NAKAMURA, M. E. F. P.; GARNICA, A. V. M. **A História Oral e alguns percursos metodológicos para compreender aspectos de uma experiência educacional paulista: Os Vocacionais**. São Paulo, 2018. Disponível em: <[http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA\(2018\).pdf](http://www.encontro2018.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1523830198_ARQUIVO_TextoCompleto_XIVENHO_NAKAMURA;GARNICA(2018).pdf)>. Acesso em 13 jul. 2022

OLIVEIRA, Z. V. A história da matemática sob um olhar freiriano: (re)visitar a história pode possibilitar uma educação matemática problematizadora? In: VALLE, J. C. A. **Paulo Freire e educação matemática: há uma forma matemática de estar no mundo**. 1 edição. São Paulo: Livraria da Física, 2022. p. 65-84

PEREIRA, V. C. **A representação do tempo vivido e praticado na vida dos estudantes na alfabetização/EJA: um estudo etnomatemático**. 2020, 195f. Dissertação (Mestrado Profissional) do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia.

SANTANA, J. A. S. **Práticas escolares para mobilização da cultura matemática de estudantes da EJA por meio da etnomatemática**. 2019, 98f. Departamento de Educação Campus I da Universidade do Estado da Bahia. DEDC I. Dissertação (Mestrado) do Programa de Mestrado partir Profissional em Educação de Jovens e Adultos-MPEJA.

SCHNEIDER, S. M.; FONSECA, M. C. F. R. Práticas Laborais nas Salas de Aula de Matemática da EJA: perspectivas e tensões nas concepções de aprendizagem. **Bolema. Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro (SP), v. 28, n. 50, p. 1287-1302, dez. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/9469>. Acesso em: 02 jan. 2023

SILVA, F. C.; SAMPAIO, M. N. **Cinquentenário das “40 horas de Angicos”**: memória presente na educação de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, v.20, n.63, out-dez.2015, p. 931

SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. (Coleção perspectiva em Educação Matemática).

SKOVSMOSE, O. **Um convite à educação matemática crítica**/Ole Skovsmose; tradução de Orlando de Andrade Figueiredo. 1. ed. - Campinas, SP: Papirus, 2014. (Perspectivas em educação matemática).

SOARES, L. Educação de Jovens e Adultos e a obra Pedagogia do Oprimido. In: CHACON, D. R. A. **Pedagogia da Resistência**. 1ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 298-320

SOUZA, J. C. C. **Convergências entre a Etnomatemática e a Metodologia de Reconhecimento de Saberes: potencializar identidades negras**. (A Cultura das Tranças para além da Estética na Educação de Jovens e Adultos), 2021. 155p. Dissertação (Mestrado) Departamento de Educação do Campus I, Universidade do Estado da Bahia, Salvador- BA, 2021.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TORRES, C. A. Pedagogia do oprimido: revolução pedagógica da segunda metade do século In: GADOTTI, M. (org.). **Paulo Freire: uma bibliografia** (Acervo Instituto Paulo Freire). São Paulo, Editora Cortez, p. 567–568, 1996.

TOURTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 233-245.

VIEIRA, L. B.; MOREIRA, G. E. Contribuições da Educação Matemática para a cultura de respeito à dignidade humana. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**. Bauru, v. 8, n. 2, p. 173-188, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/ridh3/index.php/ridh/article/view/26>. Acesso em 20 dez. 2022

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA NORTEAR AS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS DA PESQUISA

Nome: _____ Idade: _____ Tuma: _____

Data da entrevista: ____ / ____ / ____

Você gostaria de ser identificado nesta pesquisa? Saliento que ao final, será gerada uma Exposição Itinerante com a coleta de dados e organização das entrevistas de modo a apresentar para a comunidade escolar de forma lúdica, poética e sonora.

() SIM () NÃO

Caso você não permita, gostaria que escolhesse um pseudônimo para que possa distinguir a sua entrevista das demais: _____

Olá! Apresento este questionário para que possa conhecer um pouco mais sobre você. Sinta-se à vontade para responder e lembre-se que se houver alguma pergunta que te incomode ou que não gostaria de responder, fale comigo.

- 1) Conte-me um pouco sobre você: idade, profissão/trabalho desempenhado.
- 2) Quais motivos te trouxeram de volta a escola?
- 3) O que você entende por matemática?
- 4) Você acredita que haja apenas uma matemática?
- 5) Se você acredita que haja mais matemáticas em nosso cotidiano, gostaria que desse algum exemplo para contextualizar.
- 6) Esse exemplo de matemática é desenvolvido por você em seus espaços de inteiração, ou seja, em sua vida?
- 7) Você acredita que a escola pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?
- 8) O que você entende por aprender?
- 9) Você acredita que podemos aprender apenas no ambiente escolar? Se não, dê alguns exemplos de espaços em que podemos também aprender?
- 10) Para você, o que seria uma aula de matemática interessante? O que teria nesta aula?
- 11) Pensando no seu cotidiano, quais atividades desenvolvidas por você poderiam ser trabalhadas em sala de aula, a fim de compreender algum conceito matemático.
- 12) Você acredita que a sua cultura é importante para a escola?

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O COLABORADOR PATRICK, 26 ANOS

Boa noite, Patrick. Como você já sabe, eu me chamo Mariana e estou pesquisando na turma da professora Monique. Te fiz o convite, você aceitou, assinou o termo de consentimento e agora vamos começar nossa conversa. Primeiramente, eu gostaria que você escrevesse nesse papel que eu vou te dar o que a matemática é para você, a palavra ou o sentido dela na sua vida.

[Patrick enquanto escreve]: eu desde pequeno eu sempre gostei...

Eu tenho percebido pelas aulas com a professora Monique sobre o seu gosto pela matemática. Todo mundo comenta na sala.

Desde pequeno.

Se você pudesse descrever a matemática para você em uma palavra ou frase qual seria?

Eu sempre tive uma curiosidade, uma paixão por matemática, por numeração, desde pequeno, isso. Porque eu olho já calculando. Isso é desde pequeno meu.

Então, uma palavra:

Mistério.

Nossa... Muito bom... Gostei!

Eu tenho facilidade, muito, em gravar... cor, rua, qualquer lugar que eu passo eu gravo as coisas. É uma facilidade minha. Às vezes eu vou num lugar uma vez, eu já sei voltar naquele local. Isso é de mim.

Nossa que legal! Sem olhar nada?

Sim. Porque qualquer local que eu vou eu já vou olhando tudo, já faço meu itinerário olhando tudo. Pode demorar o tempo que for, se eu voltar já sei o caminho todo.

Bom pra gente continuar nossa conversa, Patrick, vou pedir para você se apresentar para nós. Conta um pouquinho de você para a gente.

Eu vou fazer 27 anos. E meu trabalho é apoio logístico, a gente lida muito com números, códigos, tudo. Mas eu já passei por muitos trabalhos. A maioria que eu já passei todos eles envolviam cálculos e nomes de ruas. Principalmente quando eu trabalhei em farmácia.

Então quando você procurava emprego você já buscava locais que focassem para a questão de números e cálculos ou esses empregos similares são um acaso?

Não é nem por causa dos números. É que eu sempre gostei de trabalhar. Desde novo. Porque eu sempre gostei de ter as minhas coisas. Nunca gostei de pedir nada pra ninguém, eu sempre quis ter as minhas coisas. Ah eu quero isso, eu vou atrás. Eu sou assim. Sou um cara muito objetivo. Eu voltei a estudar com um objetivo, eu vou terminar os meus estudos, vou sair do rio de janeiro e vou vestir a farda do BEPE.

O que é BEPE?

Polícia de Pernambuco.

Por que essa polícia?

Porque essa polícia me chamou atenção. É a melhor polícia do Brasil. É o BOPE de Pernambuco. Treinamento é melhor que o do BOPE.

Então você vai terminar os estudos aqui e vai pra lá?

Sim, vou pra lá. Que eu vou vestir aquela farda lá.

Quais outros motivos te trouxeram de volta pra escola?

Subir alguns cargos no ambiente de trabalho, pegar um diploma, me formar na melhor coisa possível, pra eu poder ir pra Pernambuco, pra eu entrar nessa polícia e subir de cargo lá e em diante. Eu tenho um outro sonho também... faculdade de astronomia.

Ah que bacana, Patrick. Pensando um pouco nessas coisas que você trouxe para a nossa conversa e lembrando que você disse agora pouco que a matemática é um mistério, o que você entende por matemática?

São numerações que vem na minha cabeça e eu quero decifrar rápido, é de mim. Tudo o que eu faço eu tento fazer a resposta rápido. Não só na matemática, como no português e os demais. Tanto que quando eu escrevo algo, quando eu tô terminando de escrever eu já quero montar outras coisas embaixo completando.

E você acha que essa matemática que é sua ela também é igual pra todo mundo? Todo mundo tem esse mesmo entendimento da matemática?

Não, nem todos. A maioria nem gosta dessa matéria. Tem uma dificuldade imensa nessa matéria que eu nem tenho.

Você acredita que só exista uma matemática?

Não, existe várias.

Quais são essas várias matemáticas?

Tem matemática... em explicação pode ter matemática dentro da matéria do português.

Como isso acontece? Matemática no Português?

Vai ser uma conversa aí vai emendar, vamos supor. Eu pulei três casas qual a numeração da quarta que vai chegar ou a quinta. Qual a numeração entre as duas? É uma pergunta de matemática dentro do português.

E só tem em português?

Não, em todas as matérias têm matemática.

Então você acha que não existe apenas uma matemática, mas várias.

Só que de outras formas de montar.

Mas todas essas matemáticas estão apenas aqui no ambiente da escola?

Não, em todos os lugares. Porque a matemática... tudo no mundo é a matemática. O português e a matemática.

E por que você acha que tudo no mundo é a matemática?

Qualquer coisa tem cálculo. Qualquer coisa tem cálculo.

Me dá um exemplo, então, para contextualizar essa matemática presente em todo lugar.

No ônibus tem, dentro do trem, na manutenção de um trem, porque tem pinos que ele tem que colocar e se ficar faltando um pino dá ruim. Porque uma peça que quebrou, se não resolver essa peça dá problema. Em outros, até em carro, moto, tudo é assim. Se faltar uma peça, já era.

Esse exemplo tem a ver com contagem, né? Você teria um outro exemplo que explorasse a matemática por outro caminho?

Deixa eu ver aqui... Tem de remédio. Tem contação de remédio. Caixa, remédio e nomes. Quando você vai entregar em algum lugar você tem que saber o nome e tudo certinho, os envolvidos. Número de telefone, nome da pessoa. Tem que conferir o remédio. Tudo isso é a matemática.

E nesse caminho, você acredita que a escola pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Sim, sim. Mudar meu pensamento. Minha forma de agir e eu vou melhorar, não só comigo, mas com as pessoas em minha volta.

E você sente que desde o tempo que você está aqui... quanto tempo você está estudando?

Pouco mais de um mês.

Você acredita que nesse espaço de um mês você já melhorou de alguma forma?

Sim

De que forma?

Eu tô melhorando na leitura. Tô prestando mais atenção nas coisas, mais do que eu prestava antigamente.

Você já tinha o hábito de ler antes de voltar a escola?

Não. Nada. Eu li mais ou menos correndo pelo celular, mas era bem pouco.

E agora você tá sentindo vontade de ler mais?

Sim. Muito.

Entrando agora em uma outra parte da nossa entrevista, gostaria de saber o que é aprender para você. O que o ato de aprender gera em você?

Me traz uma felicidade, me traz curiosidade, também. Conforme eu pego no caderno para ler alguma coisa, me vem logo um livro. Vem alguns livros, e eu vi um livro ali na biblioteca que me deixou muito curioso. Era a história de um professor que contava como ele ensinou várias pessoas. Gostei muito do livro, mas ainda não acabei de ler, porque bateu o sinal e eu tinha que descer.

Você acha que podemos aprender apenas no ambiente escolar?

Não, dentro de qualquer profissão também. Você vai chegar, conforme você chegou você vai ter que prestando atenção e vai aprendendo. Conforme isso você vai melhorando.

Tem outro lugar que nós também podemos aprender?

Na própria casa. É porque conforme você vai lendo, vai melhorando os seus estudos.

Essa pergunta agora eu já sei até a resposta, hein! Matemática para você é fácil ou difícil?

É fácil, depende do pouco de vista. Eu adoro desafio. Eu gostar de desafio faz ela ser fácil.

Você acha que a matemática é essa repetição de processos? Quanto mais eu repito aquilo, melhor eu me desempenho?

Sim, sim, com certeza. Porque muitas coisas têm cálculo, então quanto mais tu vai fazendo, mais você vai melhorando. Vai melhorando, vai melhorando, até tu chegar no limite e aprender outra coisa. Nunca vai ser o necessário. Na vida tu nunca pode trabalhar com o necessário, você tem que ir além.

E esse ser além seria desempenhar as coisas mais rápido?

Sim. Se eu, tipo assim, chegar a 6, não tá bom pra mim, eu tenho que chegar a 10. Chegar a 10 tenho que chegar a 100. Tem que fazer assim, na minha mente eu trabalho assim.

Se nós pensarmos em uma aula de matemática o que faria essa aula ser interessante, ser legal, ser bacana...

Deixa eu ver... Fazer um cálculo. Duas vezes o dez menos quinze mais três e eu vou ter que decifrar aquela conta o mais rápido possível. Aí é um desafio. Tendeu?

Então, pra uma aula de matemática ser interessante ela tem que ser desafiadora pra você. Ela tem que te fazer pensar. Mas te fazer pensar em contas, em operações, e se eu trouxesse um problema para você.?

Ele vai ser um problema que eu vou, o mais rápido, tentar decifrar ele.

Pensando no seu cotidiano, no seu dia a dia, quais atividades que você desenvolveu que poderiam ser trazidas para a sala de aula, de modo que você pudesse compreender algum conceito matemático? Que elementos você traria do seu dia a dia que pudessem compor uma aula de matemática?

Cálculo ou algo que eu aprendi na sala?

Um elemento do seu dia a dia que você acredite que seja bacana ensinar em sala de aula para os seus colegas. Eu lembro que em alguma aula da professora Monique você trouxe algo assim para mim, você conversou comigo sobre.

Olha eu já trabalhei em obra e lá é muito cálculo que a gente faz.

Eu lembro que você contou na turma que vocês faziam cálculos mentais que eram bem diferentes dos que falam na escola.

Era, por exemplo pra medir três metros de comprimento e dois de altura, aí a gente fazia o cálculo na mente o restante. Três de comprimento, dois de altura, aí ficava duas vezes o três que dá seis metros quadrados. Eu aprendi assim na hora. Mesma coisa o chão, seis metros quadrados menos um metro, cinco metros, aí bota sempre sobrando um pouquinho.

E esse cálculo você fazia para quê? Por piso?

É, a medida é assim. Igual pra bater um contrapiso. Você vai uma talisca.

O que é isso?

É uma ripa de cama. Uma madeira. Só que cortada pequena. Aí você quer o caimento para cá, o menos é o mais. Enquanto mais baixo lá e aqui mais alto, então caimento pra lá, assim que se faz, entendeu? Por exemplo, se aqui é um metro, ali tem que ser oitenta. O cálculo pra contrapiso é assim: o menos é o mais. Eu acho que isso eu herdei da minha mãe, isso aí. Minha mãe faz conta de matemática muito rápido. Isso aí veio da minha mãe. Meu pai também gosta de matemática. Então herdei deles, principalmente da minha mãe.

Tem mais alguma coisa que você queira falar?

Tem também a medida pra bater laje. Que são três carrinhos, três por um. Três carrinho de areia, um saco de cimento e dois carrinhos de pedra. Aí faz a mistura. E também é cálculo de novo. No caso, dez centímetros têm que ser vinte e quatro carrinhos.

Dez centímetros...

Dez centímetros de altura.

Pra quantos metros?

Aí depende, depende bastante. Aí de novo cálculo de metro quadrado.

Pra finalizar, você acha que a sua cultura é importante pra escola?

Eu acho que sim.

Por quê?

Porque eu vim *praqui* eu fiz novas amizades, conheci uma boa professora, e vou conhecer bons professores aqui dentro também.

Entendi, as pessoas são importantes e legais, mas você é importante para essas mesmas pessoas?

Sim. Porque eu faço a diferença na vida delas. Eu faço de tudo para fazer o bem a elas. E eu sou um cara que sou muito dedicado naquilo que me pedem. Me pediu eu vou fazer agora, não tem amanhã, ah depois, não tem depois, depois não existe. Quando me pedem alguma coisa eu faço na hora. Isso é de mim. Mas nem todo mundo dá valor.

Porque assim, quando a gente fala de cultura, a gente fala muito do que a gente pode trazer para a escola do nosso dia a dia, do que a gente carrega na nossa família e tudo mais, essas raízes. Então, quando você traz a questão do respeito, a questão da ajuda, eu percebo muito durante as nossas aulas que você não mede esforços para ajudar, né? Você fica assim em sala “não, é assim que faz”, “é assim que resolve”. Embora você faça mais rápido, você não é aquele estudante que resolve mais rápido e fala “tá bom tá bom” não liga pros colegas. Não, você vai lá, você ajuda. E isso você sempre teve com você? E potencializa na sua turma, né? Porque a sua turma, ela gosta muito de você. Pelo que eu percebo. Você é novão, mas todo mundo já te abraçou como família!

Não, mas é que todo o lugar que eu chego eu sou assim. Em todo lugar que eu chego. Desde pequeno eu sempre fui assim, tanto que eu por onde que eu passe, é raro ter uma pessoa que não goste de mim pelo meu jeito de ser. Tanto no esporte que eu já fiz por muitos anos. Se torna... Por onde eu passo, se torna uma família

E aí, você traz um pouco disso também para a escola, né?

Sim.

Traz para a sala de aula, com o ambiente da escola, porque é o ambiente que você vai ficar por um tempo, então você nutre essas amizades, nutre essas relações, porque você sabe um pouquinho mais daqui, um pouquinho mais ali, você aprende muito com outro.

Agora uma pergunta assim, até um pouco mais direta. O que que você sente com esses alunos da professora Monique aqui na escola? Você veio buscar conhecimento. Não sei se você já conhecia a escola, conhecia as pessoas, mas assim, aí você chega e você está dentro da sala da professora Monique. O que que para você é estudar com ela? O que que te move? O que que você acha das aulas?

É aquilo: eu já estudei, já passei por alguns colégios, mas o melhor no momento tá sendo aqui pra mim. Eu senti algo diferente. Quando eu voltei, eu voltei com uma motivação extra. Tanto que no meu trabalho teve pessoas que me perturbou pra voltar. “Pô volta Patrick, você vai precisar, vai ter algumas mudanças na sua vida”. Aí eu estudando com ela me dá vontade de aprender mais, eu sempre tive curiosidade de muitas coisas.

Ela te instiga a você querer saber mais?

Sim, sim. Ela me estimula.

Gostei dessa palavra, vou até escrever para não esquecer ela.

Você tem 27 anos, Patrick, você pode me falar por que que você saiu da escola, abandonou os estudos, deu algum problema?

Não, eu larguei os estudos porque eu nunca me esquentei muito pra estudo, eu sempre gostei de trabalhar. Desde pequeno eu sempre gostei de trabalhar. Ai eu falei pra minha mãe que eu não queria mais continuar estudando, ai ela me perturbou, me perturbou, mas eu falei “não, não quero mais estudar quero trabalhar” e fui cair. Fui atras de serviço. Trabalhei no lava-jato, ai fui indo atras de serviço até chegar nesse que eu tô agora.

Você tá a quanto tempo nesse novo trabalho?

Tô a cinco meses.

Qual foi o período que você ficou mais tempo empregado?

Eu saí da obra fui pra lá, mas eu fiquei cinco anos na obra.

Nesse lugar que você está é carteira assinada?

É sim.

Ah que bom!

Bom, estamos entrando no fim da nossa entrevista, tem alguma coisa que você quiser perguntar ou queira falar mais?

Nada, nada, tá tudo certo!

Bom, a primeira palavra que você escreveu para mim, no início de tudo, foi que para você, a matemática é o mistério. Depois de tudo o que a gente conversou, de tudo o que você falou para mim, contou um pouquinho sobre a matemática na sua vida, nas suas relações. Eu queria que você escrevesse uma outra palavra. Depois de tudo isso, você pensa em uma outra palavra para definir matemática? Pode escrever à vontade.

Vitória.

A gente sai da ideia de mistério, para vitória. Por que vitória?

Porque eu vou ter vitória em tudo o que eu buscar.

E a matemática pode te ajudar nisso?

Pode!

E vai... Obrigada pela troca Patrick.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O COLABORADOR CLAUDIONOR, 74 ANOS

Muito bem, senhor, podemos começar? Primeiramente, eu queria muito agradecer ao senhor pelo seu sim. De estar aqui participando para a minha pesquisa. É muito importante para mim ter esse momento para conversar com o senhor, conversar um pouquinho sobre matemática, sobre a escola. O senhor pode ficar muito à vontade de responder o que o senhor quiser, continuar falando sobre mesmo assunto pode ficar à vontade, está bem? Primeiro, antes de tudo, eu quero perguntar para o senhor, se quando eu fizer minha pesquisa, se eu posso usar o nome do senhor ou o senhor prefere que eu use um apelido ou um pseudônimo ou outro nome?

Pode usar meu nome.

Posso usar o seu nome? Então tá bom. É só para ter direitinho. Bom, fiz uma dinâmica com Patrick, eu vou fazer com o senhor também. Eu quero que o senhor escolha uma cor.

[Senhor Claudionor escolhe uma caneta da cor azul]

Azul... Muito bem. Agora eu quero que o senhor transcreva nesse papel a primeira palavra que vem sua mente quando pensa em matemática. Pode ser uma palavra, pode ser uma frase.

Nossa eu não trouxe os meus óculos, deveria ter trazido para poder escrever.

Está no seu...

Ah! Olha não é que tá mesmo?

Foi?

[Senhor Claudionor me entregar a folha com a sua resposta]

Números e cálculo então, quando eu falo de matemática, a primeira coisa que vem na cabeça do senhor, números de cálculos. Tá bom? Então vou deixar aqui guardadinho. E a gente volta a falar um pouquinho disso um pouco mais pra frente. Vamos começar, seu Claudionor. Queria que primeiro, o senhor pudesse falar para mim um pouquinho sobre o senhor. A sua idade, os ambientes em que o senhor já trabalhou... Quem é o seu Claudionor, né?

Eu tenho 74 anos, nasci em 1949. Treze do quatro de 1949. Trabalhei bastante, trabalho desde novinho. Trabalhei de camelô, trabalhei num trem de camelô, trabalhei na rua de camelô vendendo as coisas. Trabalhei em fábrica de cabides, trabalhei em fábrica de gaiola, trabalhei em loja de vender móveis velhos. Isso tudo na minha juventude. Quando eu completei a maioridade eu trabalhei numa empresa inglesa que a gente entregava telegramas. Trabalhei nos correios aqui de Nilópolis, mas trabalhei assim como uma criança e adolescente que tá em casa sem fazer nada? Ai meu tio, trabalhando no correio, disse, vai lá vai lá você vai lá fazer umas entregas que é melhor do que não fazer nada. Mas não tinha nada, não tinha salário. Se alguém quisesse fazer alguma coisa, não dava. Aí depois, quando eu completei a maioridade, fui trabalhar justamente quando completei 21 anos nessa empresa inglesa, depois fui para um posto de gasolina, aqueles postos de gasolina da avenida Atlântica tem uns postos ali bonitos... Não sei se a senhora teve oportunidade de andar por ali e aqueles postos ali do Leme o segundo é da Santa Clara, eu inaugurei, em 1970, inaugurei aquele posto em 1970. Depois trabalhei em vários postos de gasolina. Aí, quando foi 1977 eu fui para o porto aí fiquei até me aposentar no porto. Cais do porto, trabalhando lá pelo sindicato, lá me aposentei.

Lá era carteira assinada?

Oi?

Lá eles assinavam a sua carteira de trabalho?

Lá era carteira assinada, mas... minha carteira é assinada..., mas eu não ganhava assim pelo mensalmente. Então, se eu trabalhasse hoje, daqui a 2 dias lá no banco o meu dinheiro, meu

pagamento tava lá. 2 a 3 dias sabia que eu tinha um salário lá no banco. Era assim, tinha empresa que pagava um dia pouco, mas a maioria das empresas pagava 2 dias após o trabalho ser realizado.

E assim, dentro de tudo isso que o senhor me traz, o senhor sempre trabalhou desde novo, né?

Desde novo.

Desde novinho sempre trabalhou. E assim quais motivos te afastaram da escola e quais motivos te trouxeram de volta para a escola?

Ah... Eu tentei. Quando me casei, tentei voltar a estudar, mas não tinha condições.

O senhor ainda trabalhava? Trabalhava muito.

Trabalhava. Não é dizer que trabalhava muito, mas não tinha como eu trabalhava em vários horários. Esse horário até que dava pra estudar, mas não sei. Quando eu quis estudar já tava num horário que não tinha mais condição. Eu pegava de seis e quarenta e cinco da manhã até meio dia, então de noite eu poderia estudar, mas fiquei parado, não tive nessa época aquele pensamento *ah vou estudar*. Quando eu quis voltar a estudar meu horário já era da parte da tarde. De repente até dava para eu estudar de manhã, mas eu não pensei quando eu comecei a pensar eu fiquei como é que vou estudar como é que vou estudar aí achei dificuldade. Hoje eu tô aqui pensando horário de tarde eu pegava duas horas então eu podia ter estudado de manhã, mas eu não fui. Não pensei, apesar que meu pai falava muito *oh você tem que estudar senão isso vai te fazer falta um dia*. Me fez uma falta, porque eu fiquei sem uma profissão sem ter uma profissão porque a profissão que eles quiseram jogar pra cima de mim eu não aceitei que era de alfaiate. Porque quando eu era adolescente eu também trabalhei em alfaiataria. Trabalhei na alfaiataria comecei a fazer algumas coisas. Dando água ali pros alfaiates aí daqui a pouco *não você vai aprender a churiar* foi daí que ganhei uma visão quanto a costura. *Churiar? Como que é? Ai pá pá pá* fui e fiquei fera em churiar. Ai aprendi a churiar a roupa a fazer os acabamentos. Aí foi indo, foi indo. Os próprios alfaiates começaram a botar na minha cabeça que aquilo não era profissão pra ninguém viver. *Ah nos tamo aqui tudo velho fazendo calça e terno e a gente não tem nada. Vai querer isso pra tua vida?* Eu fiquei apavorado, mas eles me atrapalharam. Porque eu podia ter aprendido a me defender, acabou que eu fiquei sem uma profissão. Também eu não fiquei preso, eu podia ter ficado preso naquela profissão. Eu precisava na minha mente de um norte. Aí comecei a trabalhar nesses lugares poxa não ganhava nada salário em uma das empresas que eu passei quase 3 anos sofrendo eu leva marmita feijão arroz e um ovo aí lá na hora tinha um forno eu botava pra esquentar aí subia pra cantina.

E o que que te trouxe de volta agora, o senhor já mais velho, o que que te trouxe de volta?

Eu senti a necessidade mesmo de estudar, porque eu sou uma pessoa que eu gosto muito de falar. Eu gosto de falar, então eu quando vejo a pessoa falar, falar bem, fico admirado, né? Porque eu gosto de falar, aí vou aprendendo com a fala das pessoas, televisão, algumas palavras. E também para fazer uns seminários. Teologia eu quero fazer teologia. É a minha perspectiva nesse momento. Agora é alcançar uma faculdade.

Fazer faculdade, né?

Faculdade de teologia, pretendo fazer né?

Muito bonito. O senhor já tem um objetivo também, né? O senhor já sabe onde quer chegar, né?

Sim eu quero estudar. Quero percorrer esse caminho, quero estudar e me formar.

E entrando agora um pouquinho pra nossa conversa, assim que a gente já vem tendo durante as nossas semanas o que que o senhor entende por matemática?

Vamos lá. Falar matemática? No sentido profundo. Isso eu não sei. Voltei a estudar agora e quando eu estudava era diferente. Ai quando o professor chega na sala e fala matemática é isso matemática é isso isso isso. Princípio e a profundidade da matemática. Não sei. Tô estudando. Olha. As quatro operações aprendi. Aprendi a tabuada, sei a tabuada. Gosto muito de fazer meus cálculos na mente, na

cabeça, então tem essas possibilidades. Calcular os números a matemática ajuda... eu acho que tudo na vida matemática é... quase tudo... senão tudo ela tá presente. A gente tem que se programar pra fazer um trabalho tudo é matemática. Acho que a vida da gente a matemática tá.

O senhor acredita, então que a matemática ela está presente em todas as relações.

É, é, não sei se da forma que eu vejo, talvez não seja nem assim que eu vejo, mas a matemática tem uma importância muito grande. Tem gente que não sabe nada de matemática, como é que pode? Tem gente que não sabe nada. Por exemplo. Se eu olhar no ambiente assim e fazer um cálculo. O professor chegou a falar lá agora na sala. Quantas pessoas cabem aqui? Aqui cabem 300 pessoas? Aí eu falei assim, cabe. Evidentemente, pra exato, tem que fazer um cálculo. Pela metragem, pelo comprimento das pessoas, o tamanho para caber mais olhando assim, cabe.

Sim, e o senhor acredita, senhor Cláudio, que existe só um tipo de matemática?

Aí eu tenho dificuldade de responder, eu não sei, né? Em que sentido está falando?

O senhor falou para mim na pergunta anterior que a matemática está no dia a dia. Então reformulando a pergunta o senhor acha que todos fazem matemática à mesma maneira?

Não, não, não, eu creio que não, porque tem gente que não calcula nada. Tem gente que vai fazendo as coisas sem calcular. Eu vou fazer uma comida por exemplo, olha aí. Minha casa, eu vou receber 20 pessoas. Para comer, então eu vou ter que saber quanto de água vai ter, refrigerante, quanto vou ter que fazer de comida, isso tudo aí vou ter que calcular. Final do ano, vou receber meus filhos na minha casa, aí eu vou chegar no mercado vou comprar 5 kg de pernil, mas para que isso? Não! Exageradamente, a gente faz, mas se a gente for parar pra calcular uma pessoa não come, tá arriscado a dez pessoas não comerem um chester. Chester você saber o que é um chester, né?

Sim, sim.

Eu gosto daquilo demais.

Muito bom.

Aquele frango grandão. Aí você coloca ali um pernil, porque são 20 pessoas pra comer, aí você calcula que eles vão ficar aqui em casa, vão dormir aqui, então amanhã vão comer mais. Então tanto, tanto é suficiente, essas contas têm que fazer, são cálculos. Tem que fazer o cálculo. Ah um mês tem trinta dias hoje a minha esposa vai fazer as compras, você comprou tantos de café, chega final do mês começa a reclamar que tá faltando. Depois compra, melhor fazer as compras quando for comprar tudo. Olha aí quanto você vai gastar, eu fico do lado olhando, então pode botar mais, aí se sobrar um quilo ou dois, tudo bem. Não pode é faltar. Então tem que saber calcular. Então se não faz esse cálculo compra menos.

Então seu Claudionor pensando nessa matemática do dia a dia, das relações, você fala do mercado, das compras. É o senhor sempre liga essas ações ao ato de fazer contas e cálculos.

Calcular, isso, eu tenho sempre isso comigo.

Mas existem outras formas de pensamento matemático que não envolva necessariamente fazer contas, como um olhar, um pensamento?

Ah, sim. Mas é dessa forma que a matemática ela é realizada na minha mente. Eu não vou lá pegar no caderno, vou escrever *tanto, tanto*, é justamente desse pensamento que eu me refiro com relação a matemática. Mas as coisas têm uma norma, tem uma regra. Uma coisa que eu aprendi na minha vida foi sobre ordem e decência, ter decência, tem decência pra fazer as coisas e tem uma ordem, tudo na vida tem uma ordem. A educação do ser humano não tem uma base? Um alicerce? Isso é chamado de princípio. Tem um princípio a educação. E assim eu procuro ensinar meus filhos. A base, da família, da educação de forma a eles respeitarem as pessoas. Tem pessoas que entram no ambiente não falam com ninguém. Eu falo pra minha filha *em qualquer lugar quando você chegar a primeira coisa que*

tem que fazer é cumprimentar as pessoas. Bom dia, boa noite, qual é a dono da casa? Tudo isso é importante.

E o senhor acredita que a escola ela pode te auxiliar em tudo isso? Na construção de um futuro melhor?

Ah, evidentemente, o ser humano sem cultura, podemos até falar da ciência, ciência é conhecimento de tudo, não vai chegar a lugar nenhum não, é difícil hein. Porque tem muitas pessoas formadas que não tão nem aí para aprender.

É muito legal a fala do senhor, seu Claudionor porque o senhor tem 74 anos e eu conheço muitas pessoas que acham que por chegar aos 60 anos falam *eu já aprendi tudo o que eu tinha para aprender eu não tenho mais que fazer nada*, e o que senhor vem com uma outra proposta. Eu vejo que eu sou até nas próprias aulas, o senhor tem uma sede de conhecimento muito grande, só tem um olhar para o problema, o senhor não tem aquele olhar de *ah, eu não quero saber disso, não*, o senhor olha, o senhor critica, mas no sentido de buscar o entendimento daquilo.

Eu quero entender por que eu sei a necessidade que eu tenho e que muitas pessoas se pensassem dessa forma, os jovens por exemplo, seria bem melhor para eles. Então eu quero. Porque eu deixei muito tempo para trás. Tive que trabalhar aí parei com os estudos e como eu sempre tive o desejo, o dom de falar, eu gosto muito de falar, quero voltar. Eu sou tímido, se eu falar que sou tímido ninguém acredita, mas eu sou tímido. A minha esposa que fala *você é tímido o que você fala com todo mundo*. Porque eu escondo a minha timidez eu aprendi a lidar com isso. Não 100% tá? Mas eu gosto de falar e ver as pessoas falando. Eu gosto de ver um juiz do supremo falar, fico horas vendo na televisão, um falar, o outro se defender. Eu gosto muito.

E aproveitando essa fala do senhor, o que que o senhor entende por aprender? O que é aprender para o senhor?

Aprender é conhecimento, a gente sabe que o conhecimento nunca é demais. Tem uma importância muito grande. Eu sei por que eu fiquei parado, entendeu? Eu não fiquei parado mais porque eu comecei a estudar na igreja, na escola dominical e aprendi muita coisa. Aí foi quando eu pensei *eu preciso estudar mais*.

Então foi a partir do senhor ir para a igreja fazer a escola dominical, aprender algumas coisas lá, que o senhor sente a necessidade de retornar para a escola. Por essa sede de aprender no caso, né?

Sim, sim. Por quê? Porque eu não lia nada, eu não lia, eu não estudava nada, não lia nada, entendeu? Hoje eu já consigo me debruçar. Por isso a minha necessidade de estudar, de escrever, redigir uma carta. Acho tão lindo a pessoa escrever uma carta. Eu não escrevia nada. Agora, a minha esposa. Olha pra minha escrita e fala, *nossa, eu não acredito*. As letras eram tortas agora estão melhores, eu deixei meu filho e meu neto pra trás. Meu neto tá na 7ª série, no PEC. Ele é muito inteligente, mas escreve mal, eu digo *vai menino melhora essa letra*. Eu pergunto pra ele *e aí já dei a matéria tal, tal, tal*, eu tiro onda com ele.

O senhor acha dentro de todo cenário da sua vida que o senhor apresentou para a gente, que a gente só aprende dentro da escola?

Não... Não...

Que outros espaços a gente também aprende?

Ah no dia a dia. No dia a dia. Meus pais falavam muito isso pra mim o mundo vai te ensinar. Agora se você não aprender aqui dentro de casa o mundo vai te ensinar. Vai te ensinar como? Por que ele falava isso? Porque eu ia errar para poder aprender. O mundo vai te ensinar como? Você erra aí muitas coisas você vai aprendendo. Eu tenho uma dificuldade, tô trabalhando isso na minha mente. Porque as vezes eu me excedo falo um pouco demais. Eu aprendi que eu tenho uma boca, dois ouvidos e dois olhos. Eu

tenho que falar menos e ouvir mais e olhar mais. Eu tenho aprendido muito isso. Mas eu gosto muito de ficar falando no sentido de cooperativo de também passar para algumas pessoas experiência.

Isso é muito essencial. Principalmente dentro da escola. Pensando na ideia da EJA a experiência do senhor tem uma relevância muito grande. O que o senhor trás de história, da importância dos estudos, da importância de valorizar os momentos e as oportunidades.

Isso. Olha é rico. Não é subestimar, quem desvaloriza ou não valoriza o estudo não sabe o que tá perdendo. O estudo tem uma significância muito grande. O ser humano passa a ser instruído. Converso com pessoas mais velhas que eu e eu vejo a dificuldade deles fazerem uma colocação de qualquer coisa que seja por quê? Estudo. Falta ter mais aplicação.

E esse estudo constante, não é seu Claudionor?

É, ver pessoas falar. Eu gosto de ver as pessoas falar.

Eu acho tão bonito quando o senhor fala “eu gosto de ver pessoas falando”.

Mas eu gosto de ver pessoas falando, poooo. Olha eu tive uma época que eu ia na casa de uma pessoa eu ia na casa dessa pessoa e essa pessoa era muito inteligente, não só eu, mas meu irmão mais velho, falecido meu irmão, era muito inteligente, mas estudava muito também. Aí eu vi que as pessoas que estudavam muito falavam muito bem também. E esse nosso amigo falava muito bem, a gente ia na casa dele e ficava ouvindo ele falar de várias coisas. Aí toda a rapaziada que ia para lá, agora você vê a importância que tem, todo mundo passou a falar correto.

Pelo exemplo né?

Eu ficava bobo. Quando a gente não tava conversando com ele, começava todo mundo a falar aquela linguagem dele. Uma vez encontrei com ele dentro do ônibus, eu estava dentro do ônibus ele subiu aí quando ele subiu tinha umas pessoas conversando e tal aí ele sentou atrás e começou a falar ninguém fazia *xiii* dentro do ônibus todo mundo ficava quietinho porque ele abriu a boca e começou a falar. Isso tudo porque ele tinha o dom da palavra do conhecimento.

E pensando nesses elementos do dia a dia seu Claudionor, a matemática ela é fácil ou difícil pro senhor?

A matemática. Na minha vida? Da forma que eu vivo, eu não acho a matemática difícil. Eu sei que eu vou ter certa dificuldade na matemática quando eu me aprofundar mais. Mas o que eu estou dizendo é assim, eu sei que não vai ser assim não, eu tenho uma certa facilidade em matemática porque eu gosto.

A facilidade para o senhor está no fato do senhor gostar.

É, eu gosto. Se eu pegar não eu vou fazer isso aqui, eu vou conseguir, eu consigo. Ele [*o professor*] tá fazendo aquelas contas lá, mas na minha cabeça aquilo não é muito fácil, mas agora ele colocou um método que através daquele método que ele colocou e eu copieei já vai ficar mais fácil que a gente vai pegar aqueles símbolos e somar com outros símbolos para achar a quantidade.

É bem legal quando o senhor fala a matemática é fácil, porque é prazerosa, porque, de fato, a gente vê hoje em dia muitas pessoas relutantes na matemática porque a matemática não é prazerosa. Por que elas não enxergam a matemática no dia a dia delas.

Elas não enxergam. Acham que a matemática é um negócio de cálculo complicadinho.

Então, assim, quando o senhor traz todos esses elementos que trouxe durante nossa conversa é muito rico para a entrevista, pois mostra como esses pensamentos matemáticos acontecem no dia a dia e nas relações entre as pessoas.

E só enriquece mais, né? Conhecimento. Vocês estão fazendo uma pesquisa que essa pesquisa no futuro ou até mesmo agora vai ser muito importante que disso tudo aí é encontrar essas histórias da gente e contar para outras pessoas.

O nosso objetivo na pesquisa é contar outras histórias, né? A gente sabe que os livros didáticos, eles contam um tipo de matemática só, né? Uma matemática que vem lá da Europa, toda bonitinha com os cálculos e tudo certinho, mas a gente sabe que por vezes essa matemática não é a única que acontece nas ruas, no dia a dia das pessoas. É a mesma coisa que, por exemplo, a linguagem que usamos para nos comunicar. As pessoas se comunicam de maneiras diferentes. E por que que a comunicação é importante? A comunicação é importante quando eu me faço entender para o senhor. Se eu viesse aqui falando um monte de termo que o senhor não entende, a nossa conversa não ia acontecer. Então o que que nós fazemos? A gente se refaz para poder conversar. A matemática é muito disso. Ela acontece em cada grupo social, cada pessoa. Então é muito legal quando, por exemplo, o senhor chega para mim e o senhor fala que tem um pensamento matemático diferente de uma outra pessoa que eu conheço e que às vezes tem a mesma idade que o senhor. Ou é mais novo ou é mais velho. Mas porque para o senhor naquele momento, aquele pensamento foi importante, então é muito bacana ter esse bate-papo. E aí, por exemplo, o senhor é a segunda pessoa que eu estou conversando hoje, né? Eu vou ficar aqui mais 2 semanas, então assim, quantas pessoas vão falar para mim, coisas diferentes aqui, não é? Os momentos em que a matemática é importante ou às vezes não vão dizer para mim que a matemática é fácil. Vão dizer para mim que a matemática é difícil, porque cada um olha para a matemática de uma perspectiva diferente.

É isso daí a dificuldade de muitas pessoas desenvolverem a matemática que as pessoas têm essa dificuldade. Já bota a dificuldade. Ah não consigo, não sei.

Emendando nisso, eu queria que o senhor trouxesse para a gente alguns elementos. Pensando no cotidiano do senhor tem alguma coisa que traria para uma aula de matemática? *Oi, tudo bem? Então hoje eu quero explicar a matemática a partir disso aqui.* Tem algum elemento no seu dia a dia que o senhor traria para uma para uma aula?

Eu estou pensando em algo aqui...

Vou talvez fazer uma pergunta antes, talvez ajude o senhor a responder essa. O que que para o senhor é uma aula de matemática interessante? Que elementos dessa aula tem que ter para ela ser interessante para o senhor?

Tudo o que se refere a matemática para mim é interessante.

Mas tem alguma coisa que te desperta mais o interesse se aparecer na aula, não?

Pra mim é tudo, qualquer coisa. E de preferência aquelas coisas que eu não sei, que não conheço.

As novidades, né?

Como eu tô aprendendo com o professor Leandro. Porque o professor Leandro, como todos os professores, sempre traz novidades. É o ensino né. A gente sempre aprende. Porque eu já ouvi falar de muita coisa que a gente aprende aqui eu já ouvi falar. Mas não se uma forma explicativa.

Que faça o senhor investigar.

Me faça entender. Porque não basta só a gente ler um texto a gente tem que entender o texto. Eu vou ler um texto e preciso contextualizar aquele texto todo né. Falar de tudo aquilo que tá no texto. A leitura pra mim tem uma importância muito significativa desde o momento que eu entenda o que eu estou lendo. Tem que entender.

E aí, algo do seu cotidiano que você colocaria numa aula de matemática do seu dia a dia?

Eu sinceramente não sei...

Então eu vou deixar como o dever de casa. Ao longo dessa semana eu quero que o senhor pense no seu dia a dia. Não precisa nem ser de agora não, seu Claudionor. Algum elemento que o senhor possa trazer para dar uma aula de matemática.

Então eu vou falar agora. Organização!

Organização é o elemento que o senhor colocaria.

A pessoa ser bem-organizada tem uma importância muito grande.

E para finalizar: o senhor acredita que a sua cultura é importante para essa escola?

Eu acho, veja bem, dentro dessa proposta que você traz eu entendo que sim.

Por quê?

Porque, naturalmente vocês vão fazer uma pesquisa com a gente, então nesse sentido, eu acho que sim.

E se eu não tivesse aqui o senhor ainda acharia que a sua cultura, o seu Claudionor é importante pra escola?

Eu agora acho que sim. Agora lembrando de umas passadas aqui no colégio, eu digo sim por que eu comecei com a professora Monique depois passei pra professora Meire e agora estou aqui. Desde lá no início as professoras falavam *olha*, a gente conversava muito *olha hoje a gente vai bater um papo aqui vou parar a aula aqui e vamos conversar. Olha eu aprendo muito com vocês. Vocês têm uma importância muito grande aqui pro colégio. O colégio depende de vocês.* Aí eu fiquei *caramba, que isso*. Então quer dizer, para o colégio nós somos importantes.

Ai, que bom, eu fico muito feliz. Que bom que o senhor vem para cá com esse desejo da curiosidade, da novidade do aprender e compreende a importância do estar aqui. E aí, para finalizar eu queria dar para o senhor o seu mesmo papel lá do início e queria que o senhor depois de toda a nossa conversa... eu vou fazer a mesma pergunta para que o senhor escreva em uma palavra ou frase. Seu Claudionor, o que que é matemática para o senhor? Depois de tudo que a gente conversou, bateu um papo... Em uma palavra, em uma frase. Eu já entendi que para o senhor são números e cálculos e mais o que?

Muito significante.

Gostei. Achei bonita. Seu Cláudio. Muito obrigada. O senhor pode ir bateu o sinal.

Nossa muito boa essa aula.

O senhor gostou?

Gostei muito. Eu pensei que ia ser mais difícil.

Não! Viu! Seu Claudionor, muito obrigada.

Quando você perguntou se eu era importante para a escola eu fiquei pensando nas palavras para não ficar parecendo ser arrogante e soberbo. Mas eu entendi que a gente tem uma importância muito grande para o colégio. Mas a importância maior pra mim é o que a escola faz por mim me ensinando isso tudo, da escola para comigo.

Por isso que quando eu perguntei para o senhor se a sua cultura era importante eu falei pra responder à vontade porque o meu desejo com tudo isso é que ao mesmo tempo que a escola veja a importância e a relevância, porque a escola já vê, vocês também enxerguem isso.

Amém.

E eu sei que o senhor já enxerga e outros colegas também vão. Tá, obrigada, tá.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O COLABORADOR SIDNEY, 55 ANOS

Boa noite, senhor, Sidney, o senhor se incomoda de gravar nossa entrevista?

Não, não.

É só porque depois, quando eu vou fazer análise dos dados, eu preciso lembrar do que a gente conversou. São tantas pessoas que eu posso esquecer. E aí, como o senhor está? O senhor está bem?

Eu tô bem, com a graça de Deus.

Que bom. Bom, senhor Sidney, vamos lá, vamos começar. Antes de tudo eu vou fazer uma atividade com o senhor rapidinho, bem simples. Eu gostaria que o senhor escrevesse nessa folha, quando eu falo a palavra matemática, o que é que vem na mente do senhor?

[silêncio]

O que vem a sua mente quando eu falo a palavra matemática?

[silêncio]

Uma coisa interessante.

Uma coisa interessante, legal. Então o senhor me disse que a matemática é uma coisa interessante. Bem, vamos começar então. Me conta um pouquinho mais sobre o senhor, sua idade, sua profissão. Os trabalhos que desempenha ou já desempenhou. Para a gente começar a contextualizar nossa entrevista.

Eu me apresento como seu Sidney faço aniversário dia 26 de dezembro. As experiências que eu tenho são de soldador, eletroduto revestido, trabalho de alvenaria também e trabalho também com piso e com rebaixamento de gesso e pvc. E que mais? E trabalhei como ajudante de serviços gerais.

O senhor ainda trabalha ou já está aposentado?

Trabalho, ainda trabalho sim.

Quantos anos o senhor tem, seu Sidney?

55.

Seu Sidney quais foram os motivos que te fizeram sair da escola e que te fazem hoje voltar pra escola?

Pra ser sincero mesmo foi preguiça. É porque a anos atrás eu pensava que seria primeiro trabalhar para fazer um dinheiro pra tentar refazer o meu mundinho. Mas o meu mundinho não deu conclusão certa. Então a gente vai chegando uma certa hora, vai parar pra analisar pra pensar, tenho meu sobrinho, tenho um neto, que concluíram o ensino médio, fizeram os estudos. Eu estou vendo, *pô, eu tô ficando para trás*. Passou uma reportagem na televisão que a tecnologia tá sendo mais avançada hoje em dia. No trabalho e no mercado de trabalho também. É desenvolvimento, você tem que saber mexer em negócio de maquinário, a empresa vai pedindo aí você precisa pra poder subir de patamar com a empresa. Se você não conseguir subir de patamar com a empresa você vai ficar no *fundo do poço*. Então não tem conclusão pra nada. É mais viável estudar. O aprendizado ficou pra trás. Mas se puder avançar mais um pouquinho já é alguma coisa.

Então o senhor voltou pra escola visando essa qualificação pro mercado de trabalho?

É, tá muito competitivo. Ainda mais com essas molecadas que pega um celular e mexe pra lá e pra cá. Meu filho mesmo. Eu fico ainda cabeçudo ainda. Mas eu mexo do meu jeito. O negócio é não ficar parado no tempo.

E assim entrando agora um pouquinho em outra área... o que o senhor entende por matemática?

A matemática, ela é um símbolo, ela é um significado que eu compreendo dessa forma. Que ela num trabalho tanto de pedreiro como eu que trabalho com solda, ela é as porcentagens, o que deve ser gasto, o que não deve ser. Você tem que saber aperfeiçoar mais ela pra você saber o que você tá fazendo. Negócio assim, eu gasto eletrodo, eu gasto 2kg, mas se o patrão disser que eu tenho que gastar 1,5kg eu tenho que gastar 1,5kg, mas aí eu tenho que esticar com o braço dar meu jeito, fora isso, mais nada.

Então o senhor entende por matemática que ela está aplicada no seu trabalho?

É.

Ela está em tudo no seu trabalho?

Tá. Um maquinário de solda ela trabalha com digital se você trabalhar com ela no digital, começou na segunda feira, você tá com a meta de fazer uma solda daqui até lá, seis metros. Ela tem que tá naquela expectativa aos 5 dias. Se alguém mexer na máquina, furta energia aí a gente já não mexe na energia, quem mexe na energia é a parte elétrica. Mas a máquina tem que estar naquela amperagem. Se ela não tiver naquela amperagem ela não vai trabalhar fazendo aqueles 6 metros. Por isso a gente tem que trabalhar em cima disso. Aí eu falo a máquina não tá batendo. Se eu fizer pra mais ou pra menos. Se eu fizer pra menos aí eu sou reprovado, até na solda mesmo, se for pra mais eu vou rasgar o navio de fora a fora. Então ela tem que estar naquela porcentagem. Mesma coisa a matemática, é um símbolo daquele digital. Igual a obra [*inaudível*] vai mudando, se for mais ou menos, a gente conclui por hora. Lá a gente tem isso também. É tudo por hora. “*ó tem 30 pessoas trabalhando contigo vocês tem que terminar isso aqui em duas horas e depois tem que passar pro outro porão*”, se não concluir a gente é chamado a atenção. Se não concluir aí você fica fora do time, aí não tem os outros benefícios aí, não te dão mais trabalho, não fica fora do trabalho, da empresa, mas perde alguns benefícios. Aí você não quer ficar pra trás. Ninguém quer ficar pra trás.

Então vocês sempre tentam cumprir...

As metas, as metas sempre.

O senhor trouxe pra gente agora o olhar da matemática no seu trabalho, seu Sidney. O senhor acredita que haja apenas uma matemática no nosso dia a dia?

Não.

Por quê? Por que o senhor acha que não há apenas uma matemática?

Se existem mais matemáticas?

Isso.

Como assim, em termos de numeração...

O senhor trouxe a matemática desenvolvida pelo senhor no seu ambiente de trabalho, mas essa não é apresentada na sala de aula, não é mesmo? O senhor acredita que existem outros espaços que produzem matemática de maneiras diversas como senhor produzir?

Ah sim, no campo o pessoal que trabalha com negócio de agricultura muita das vezes tem que trabalhar com aquilo ali, né? Com tempo, eu é contando com a temperatura, que é contando com negócio de chuva, saber distribuir as sementes pra dar frutos. Fora isso...

E essa matemática é diferente da do trabalho do senhor.

É, é sim, uma matemática totalmente diferente.

E que também é diferente da matemática que a gente aprende na escola.

É que na escola a gente aprende uma coisa, muita gente vai querer botar em prática, fica em dúvida. Será que se eu botar em prática será que vai dar certo? Será que não vai dar? Naquele balanceado, mas

aí você tenta fazer, se você acha que deu certo, alguém vai te apoiar. Se não deu certo alguém vai te criticar, né?

O senhor falou uma coisa interessante. O de que na escola a gente aprende diferente a matemática. E o senhor, assim, por ser diferente, o senhor prefere a matemática no seu dia a dia ou da escola?

O que vier a gente tá aqui pra aprender. Seja como mais avançado, ou mais no meio do percurso. E se vier coisas novas, melhor ainda. Porque a gente vai competir, vai competir, competir até chegar num patamar bom.

E o senhor diz sobre esse exemplo de matemática no seu dia a dia, né?

Tem isso e tem a programação de trabalho que você início 8 horas, 9 horas tudo marcado. A gente não marca nada, quem marca são eles.

E o senhor falou lá no início que o mercado de trabalho está muito competitivo, né. Então o senhor acredita que um pouco dessa competitividade do seu ambiente de trabalho, também faz o senhor olhar pra isso dentro da escola? Por exemplo, eu preciso ser o melhor...

Não, não. Eu quero estar ali no patamar. Eu quero estar ali no patamar. Em cima do muro, eu vou tá. Se for pra nadar, enquanto o braço deixar eu vou nadar.

E você acredita que a escola ela pode ajudar o senhor a construir um futuro melhor?

Ajuda, ajuda a desenvolver, vamos dizer, eu tive um aprendizado lá atrás e eu estou tendo um aprendizado mais pra frente. Que a matemática sai ano entra ano ela tem sempre umas numerações e tem umas graduações que vem se aperfeiçoando. É que o Ministério da... como é que é?

Da educação.

Isso da educação quer do bom pra você e do bom pra sua família também. Se você não tiver isso não vai terminar em nada. Melhor terminar. Tentar fazer um esforço e tentar concluir.

E o senhor saiu da escola, não sei se o senhor falou lá no início, o senhor saiu da escola com quantos anos?

Eu saí da escola com 87 [*pensando*] em 87. Foi em 87. E eu me dava bem com a professora de matemática, eu ia na casa dela, comprava pão. Os filhos dela se amarravam na minha, eu dei mole mesmo.

Mas foi uma opção do senhor sair?

Trabalho, é. Eu sou criado [adotado], então a minha tia e no lar tinham mais 5 então eu via tipo assim, no meu modo de ver, no meu mundinho, eles tinham uma bermuda, um chinelo diferenciado do meu, então eu era adotado então eu pensava *eu não quero isso pra mim não*.

Entendi. Então o senhor olhava a escola como um espaço que não poderia te dar aquilo que o senhor queria no momento que era ter dinheiro para ter as suas coisas.

É.

Bom, continuando, o que o senhor entende por aprender? O que que aprender é para o senhor?

Aprender. O significado de aprender é sempre algo mais, novidades, coisas boas, coisas novas.

E o senhor acredita que a gente só aprende dentro da escola?

A gente tem um aprendizado a mais.

A escola então dá um aprendizado a mais.

É um a mais, a gente aprende um pouco mais.

A gente aprende em outros espaços também?

Também.

Tem algum exemplo de outros lugares em que o senhor pode dizer que aprende também?

Ah, quando eu vejo alguém fazendo de um jeito diferente do que eu faço. Eu costumo fazer do meu jeito, mas quando eu vejo alguém fazendo algo diferente, pode até estar fazendo a mesma coisa, mas se aquela pessoa já tem aquele dom de mexer sem fazer muito esforço, sem mexer com a cabeça ou a mente, aí eu procuro perguntar, questionar, como é que você faz isso.

Então o senhor não é uma pessoa que tem problemas em pedir ajuda? Não em pedir ajuda, mas sim aprender com outras pessoas. O senhor gosta disso?

Gosto, e como. *[risos]* porque tem gente que faz de um jeito e você faz de outro e o pessoal fica te aperfeiçoando, a pessoa fica te questionando, isso é muito bom.

Eu percebi isso muito nas aulas do professor Leandro, nas aulas de matemática, o senhor era um dos alunos que ficava querendo aprender como que se faz, né? Interessado para saber fazer de outra maneira.

Eu quando comecei a trabalhar com solda, eu não sabia nada, eu não cheguei a fazer curso. Quem me levou foi meu sogro. Aí ele falou “você se interessa?” Como eu era casado com a filha dela eu vou falar que não? Aí eu falei “eu vou tentar”. Aí fiquei um mês, aí eu não sabia ligar a máquina, não sabia nada. Eu queimava a minha vista, chegava em casa cansado. Não podia fazer nada. Só vivia cansado. A vista toda embaçada. Aí ele falou “isso aí é um aprendizado que você vai ter e de repente você vai ter com o teu filho, teu neto, entendeu, basta você se esforçar”. Acabou que eu aprendi. Aprendi mesmo soldando. Agora eu vou soldador, eletrodo revestido, maçariqueiro, ainda trabalho com corta piso.

Então, a partir do momento que alguém te ensinou e o senhor quis aprender, independente de qual motivo, hoje o senhor é protagonista em vários outros instrumentos, né?

O rapaz foi botar o PVC na minha casa. Ele botou no quarto, eu tirei foto, vi ele botando. Ele trabalhou de um jeito eu já trabalho de outro. O maquinário todo eu tenho.

O senhor pegou jeito todo só na observação. *[risos]*

Eu trabalho com esse negócio de cobertura. Fazendo esses negócios.

E agora voltando pra ideia da matemática, eu queria perguntar para o senhor se a matemática é fácil ou difícil.

Olha como eu tô voltando agora, eu não tô achando assim difícil, eu tô achando ela meio assim, como se diz, um diferencial, porque entra ano sai ano, ela tá sempre envolvida a trabalho e em relação ao que você venha a fazer, porque qualquer coisa que você faça tem matemática lá.

Então pro senhor, ela é fácil, difícil, mais ou menos...

Ela é média, é média.

E a matemática que o senhor utiliza seu dia a dia? Ela é fácil ou difícil?

Quando eu tô batendo de frente com ela, ela se torna fácil. Agora quando eu vejo assim a dificuldade, vamos dizer, aqui, nós tamo aqui num metro quadrado, como se fosse botar esse piso aqui. Eu tiro a metragem tudo daqui. Fecho o quadrado. Deu 3 metros e 20 aqui, ali já deu 3 metros e 25, pra dentro ou pra fora? Aí tem que calcular tudinho. Aí é uma caixa de piso. Ou então você diminui, porque o cliente não quer gastar com piso, você tem que dar seu jeito. *[rindo]*

E como é que se dá um jeito quando se tem muito espaço e o cliente não quer dar o piso para colocar o no espaço?

Aí a gente tem que fechar, tem que fazer tipo uma coluna falsa igual àquela lá, olha.

[Sr Sidney aponta para uma coluna no final da sala em que nos encontramos para realizar a entrevista]

Ah, sim.

Para não perder um piso. A coluna falsa toma o lugar de um piso.

Aí coloca a coluna falsa porque aí não precisa comprar mais uma caixa.

Aí você dá continuidade no seu trabalho. Pra você comprar uma caixa de piso você tem que saber metragem. Na caixa quase sempre vem escrito ou você olha no celular mesmo pra ver quantos pisos você vai gastar daqui pra lá. Na caixa vem normalmente 12 pisos, às vezes vem 10. É tudo na metragem. Se você não souber fazer metragem, ou você compra a mais, se você ultrapassar o piso, vamos dizer você trabalha por conta própria ou você trabalha por diária, aí você tem que ficar com o piso. Aí você que perde o dinheiro.

É, agora entrando um pouquinho em uma aula de matemática. O que é uma aula de matemática interessante? Que elementos tem que ter uma aula para ela ser interessante para o senhor?

O professor em si ele ensina de uma maneira que faz o aluno se interessar. Igual o senhor Leandro ele chega perguntando se você está bem. O aprendizado da matemática ele é fundamental na parte tanto interior quanto exterior. Ela faz parte de tudo cara. É igual a gente fica brincando na sala. Aquele negócio que o professor trouxe que a gente fez. Que o pessoal brinca de bingo.

Se o professor Leandro chegasse na sala de aula para ensinar sobre área, metro quadrado, o senhor gostaria de contar a sua experiência com os pisos?

Contaria. Porque cada piso tem uma profundidade. Tem a profundidade, tem centímetro. Tudo que pede. É tudo calculado. É tudo matemática.

Seu Sidney, se o senhor fosse convidado para dar uma aula de matemática, pensando no seu cotidiano, que elementos você traria para essa aula?

O aprendizado no dia a dia é só novidades é só coisa boa. Tem o paquímetro. Eu vejo as pessoas trabalhar com o paquímetro na rua, *po será que o cara tá conseguindo ver a medida correta?* Mas agora é tudo computador então fica mais fácil. É igual você vai fazer uma escada, o degrau de uma escada. Tem gente que faz com 22 tem gente que faz com 19, entendeu? Aí pega uma pessoa de idade que tem problema no joelho, aí você tem que fazer um grau, mas isso é seu, você tem que fazer quatro degraus, aí você faz um patamar e o resto segue.

E para a gente finalizar eu gostaria de saber se o senhor acredita que a sua cultura é importante para a escola.

É, eu tô contribuindo assim com a minha localidade, com o meu mundinho, aqueles que eu convivo assim no dia a dia, entendeu, e se chegar mais alguém eu tento chamar pra mim também. O que eu aprendi também transferir pra eles. O aprendizado que eu aprendi. Com o professor Leandro, com você também que tá fazendo pesquisa, entendeu? E com outros professores também.

Então o senhor consegue compreender a sua importância para cá, pra escola?

Pra escola, sim. Com certeza. É chamar pro meu mundinho. Esse colégio aqui era perto da minha casa. Era pra eu ter começado a estudar a mais tempo. O pessoal ficava pra mim *“porque você não volta a estudar?”* Aí eu pensei bem e voltei, não tem nada pra fazer a noite mesmo.

E o senhor falou aqui no início que o senhor voltou muito por esse desejo de alcançar espaços maiores no mercado de trabalho...

É isso mesmo.

Mas o senhor acha que tem mais um motivo pro senhor ter voltado a estudar?

Pra aprender pra mim mesmo, algo, amanhã ou depois, eu não sou avô, mas pra eu não passar a vergonha depois de meu neto com o caderno perguntar alguma coisa e eu não souber responder. Meu filho não estando, minha nora não fazendo, quem toma as rédeas é o avô, né.

Então o senhor quer ensinar direitinho pra seu neto.

Eu aprendi de um jeito tem que ser desse jeito.

Seu Sidney o senhor gostaria de falar mais alguma coisa, sobre suas experiências? Ou contribuir com mais alguma coisa?

Não, eu fico agradecido por vocês aqui estar chamando cada um, você pessoalmente, estar chamando a cada de nós, para fazer essas perguntas, e responder de tal maneira que você se sinta à vontade. Você não está querendo ser engrandecido por isso ou por aquilo não. Porque todos os professores que tão aqui tão pra ensinar algo para você que se ficou lá para trás você agora tem que olhar pra frente. O objetivo de cada um aqui é aprender e aprender. Se não, não adianta você vir para a escola para merendar e pra vir ficar fazendo gracinha? Que eu vejo aí gente vindo pra escola pra fazer algazarra. Só que não sou eu que vou mudar o mundinho dele.

Tá certo! Então agora, vamos lá. O senhor escreveu lá no início pra mim que matemática era uma coisa interessante, né?

Correto.

Agora eu vou dar de novo o papel pro senhor e a sua caneta, porque depois da nossa conversa, talvez alguma coisa tenha despertado a mais além do que o senhor pensou e eu queria que o senhor escrevesse agora. Outra palavra ou uma frase que represente o que matemática é para o senhor. Depois de tudo o que conversamos e das experiências que o senhor trouxe aqui para o nosso diálogo.

[silêncio enquanto escreve]

Uma coisa muito legal.

Uma coisa muito legal, gostei. Seu Sidney eu só tenho a agradecer ao senhor por ter aceitado ser autor na construção dessa pesquisa. Muito obrigada.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O COLABORADOR ROBSON, 26 ANOS

Oi, Robson espero que você esteja bem e que seja um momento muito bacana para você essa noite. Olha até a estrela do nosso Botafogo está aqui para ajudar. [risos]

Valeu, com certeza. É para me incentivar. [risos]

Bom como eu estou fazendo com todos e com o senhor não vai ser diferente, eu vou dar uma folha para o senhor e eu gostaria que o senhor escrevesse, escolhe uma cor, o que vem a sua mente quando a gente fala a palavra matemática. Pode ser uma palavra, uma frase, o que o senhor quiser. Matemática, o que vem na sua cabeça?

[Silêncio enquanto escreve]

Foi? Já?

Sim.

Viu, já foi. SOLUÇÃO? Então matemática para o senhor é solução? O senhor pode explicar pra gente um pouquinho do porquê escolheu essa palavra?

Solução porque, é meu ramo de trabalho, mas é matemática. Além de eu ser garçom eu sou caldeireiro e trabalho com números. Então matemática pra mim é solução de tudo.

O senhor é caldeireiro? O que é?

Caldeireiro são pessoas que trabalham com metalúrgica, mas que presta serviço pra Petrobrás.

E aí o senhor usa muitos números no seu trabalho?

Muitos números. A gente trabalha mais é com polegada, centímetro, milímetros e por aí vai. Por isso que pra mim é a solução de tudo. Por isso que eu sou apaixonado por matemática.

Ah que legal, seu Robson. Bom pra gente começar a contextualizar nossa entrevista, gostaria que o senhor se apresentasse. Quem é você, seu trabalho, um pouquinho da sua vida, conta pra gente.

É meu nome é Robson Rogério Silva. Tenho 53 anos e já tive muitas profissões, mas a que eu me apaixonei foi quando eu me formei em soldador, depois me formei em caldeireiro, montador, aí eu fui trabalhar numa empresa que não aceitava nem montador nem serralheiro, aí foi onde eu fiz o curso de caldeiraria, lá dentro mesmo, e é onde eu tenho a profissão de caldeireiro. E hoje por não ter o diploma eu estou prestando o serviço de garçom.

Aí o senhor não está mais trabalhando como caldeireiro?

Não, porque agora eu voltei pra estudar pra poder tirar o meu diploma, porque quando fiz o meu diploma eu fiz pela empresa, então pela empresa não precisava o grau de escolaridade, só que agora como as portas estão se abrindo de novo e eu quero voltar pro ramo eu preciso fazer pelo menos o primeiro grau pra mim poder conseguir fazer o curso e ter o diploma.

O diploma de caldeireiro então, no caso?

Isso mesmo. O diploma.

Ah que bacana. O senhor acabou respondendo um pouquinho a segunda pergunta que é perguntando quais motivos te trouxeram de volta para a escola. Mas aproveitando então esse gancho, e fazendo uma pergunta antes dessa, quais motivos te afastaram da escola, Sr Robson? Que fizeram o senhor sair da escola?

De 7 a 8 anos de idade, eu perdi a minha mãe com 8 anos de idade. Aí eu saí do colégio e fui morar com o meu pai. Só que meu pai não esquentava muito a cabeça com o nosso futuro. Aí eu parei de estudar. Daí eu dormi na rua, catei ferro velho. Isso tudo aí que o pessoal passa de ficar na rua, tudo

isso eu já passei dos meus 12 anos meus 15 anos. Aí nos meus 15 anos eu encontrei uma família que me abraçou e foi aonde eu comecei a estudar de novo. Mas aí com 16 pra 17 anos eu perdi essa família aí foi onde eu parei de estudar e voltei a estudar só esse ano.

Nesse período após você perder essa família que tinha te acolhido o que o senhor fez?

Eu comecei a trabalhar no ferro velho só pra ter um lugar pra dormir. Assim, eu não recebia nada, só comia e dormia. Aí depois que eu servi o quartel foi que a minha mente começou a se abrir. Fiquei 1 ano e 2 meses no quartel e foi onde a minha mente começou a abrir. Quando eu saí de lá já estava trabalhando como auxiliar de serviços gerais e fiquei trabalhando 6 a 7 anos de auxiliar de serviços gerais. Até eu começar a me formar. Aí foi quando eu conheci a minha esposa que é onde a minha vida *[fazendo movimentos de aceitação com as mãos]* se ajeitou.

Ah uma história de amor no final das contas.

[todos riem]

Então o que te trouxe de volta pra escola foi a necessidade de se qualificar pro mercado de trabalho. Esse diploma final tem um objetivo, então?

Tem um objetivo. Mas não foi nem só pra isso, foi porque eu tenho muita dificuldade em português, e eu tenho que melhorar, muito. E pra eu tentar, também, não só voltar pra metalúrgica, mas também pra tentar que eu seja outra pessoa diferente, mais sábia, saber mais conversar com uma pessoa. Falar as palavras mais corretas do que eu falava. Aí agora uma porção de coisas, não só para eu voltar pra metalúrgica, não. Porque eu consegui uma oportunidade de voltar a estudar que foi até uma brincadeira, porque eu disse “ah quero voltar a estudar, não sei o que”, aí me falaram “vou te inscrever na EJA”, “vai me inscrever nada não”. Quando chegou no outro dia me deram um papel e falaram “pronto vai lá pra escola que você tá inscrito”.

Seu retorno então é por uma questão pessoal também né.

Pessoal, também.

Até porque o que o senhor trás muito na nossa conversa é que você não saiu da escola por um motivo de não querer mais estudar, foi mais por uma questão de motivação e de incentivo também, né?

Incentivo e por necessidade também, né? Eu não tinha ninguém. Porque quando minha mãe morreu, ficou eu e minhas três irmãs, eram tudo novas, eu tinha 8 e ia fazer 9 anos. Aí minha irmã mais velha tinha 13 anos de idade.

E foram todos vocês viver com o seu pai?

Sim, fomos todos. Só que a minha irmã de 13 anos ela tinha uma mente mais *ebranjada [abrindo as mãos no ar]* e ela tinha uma amizade com a minha família de Itaguaí. Aí a minha família de Itaguaí levou ela e deixou a gente. Aí as minhas outras irmãs foram de arrumando e como eu sempre fui mais família, achava que todo mundo tinha que ficar grudadinho, mesmo recebendo as pauladas.

Mas que bom que mesmo por um tempinho o senhor encontrou uma família que te deu estabilidade e carinho..., mas vamos agora pra parte que o senhor disse que gosta muito que é a solução dos seus problemas. Vamos lá. O que o senhor entende por matemática?

Matemática pra mim, como eu expliquei, é uma solução, porque a matemática, pra mim, engloba muitas coisas na nossa vida hoje. Porque hoje na nossa vida não é só o português, a gente precisa do português e da matemática. Então matemática, hoje ela é como se fala, eu gosto da matemática, sou apaixonado por número, eu tento resolver tudo o quanto é tipo de número. Até no meu serviço mesmo. Meu patrão até fala “você calma, vamos tentar resolver isso aqui assim, assim”. E é isso, eu sou louco por matemática.

Então a matemática na sua vida ela não está apenas na escola, né?

Não. Tá não, porque eu sou garçom e também porque eu trabalho com evento. Então nós temos contagem de bebidas, contagem de bebida que sai, contagem de bebida que entra, contagem de bebida que vendeu, contagem de cartão, uma porção de números que no final tem que bater tudo direitinho. Ó vou dar um exemplo, um engradado de cerveja, ela vem 12. Vamos dizer que a gente bote 100 engradados de cerveja, a gente não bota 100 engradados de cerveja, a gente bora 1200 latas de cerveja. Porque cada engradado vem 12 a gente multiplica por 100, dá 1200 e a gente tem que colocar a quantidade da unidade da cerveja e não a quantidade de caixa. E sim a quantidade de lata. Por isso que a matemática vai entrando cada vez mais a fundo.

E o senhor acredita que haja mais matemáticas em nosso cotidiano? Ou só uma matemática que existe?

Não, eu acredito que existe muita matemática que eu ainda não conheço e que vou conhecer e que também não vou conhecer, também.

E o senhor acha que existem matemáticas que o senhor conhece e outras pessoas não conhecem?

Eu creio que não.

Não?

De repente tem. Eu trabalho com polegadas, milímetros. Só que eu vejo que tem matemática mais profunda. Porque eu vejo a minha neta fazendo matemática com esse negócio de letra com número. Isso aí ainda não entrou, mas em nome de Jesus vai entrar. Porque eu vou me aprofundar. Até porque é o que o meu pastor fala *“Robson eu sei que você tá vendo matemática, mas você vai entrar ainda numa parte da filosofia matemática”* porque a matemática ela é uma filosofia e eu não sabia que a matemática era uma filosofia. Isso me interessou também. Só vai me dando mais vontade de ir entrar no número, entrar em tudo e eu vou ver aonde eu vou.

E esses exemplos de matemática no seu cotidiano, como o senhor utiliza?

Eu fico tentando, depois que eu entrei pro colégio eu não gostava de ler, agora eu tô passando a ler mais. Eu não gostava de ficar enfiado no telefone, hoje eu já fico vendo algumas coisas no google buscando algumas coisas. Não só matemática, mas também português, onde entra certas letras que eu não sei também. Então eu vou misturando certas coisinhas e vai indo.

E o senhor acredita que agora estando na escola, buscando mais assuntos de português, o senhor acredita que isso está te ajudando nesse conhecimento matemático?

Também. Porque matemática não é só número. Porque tem a escrita pra gente poder também chegar na matemática. Porque a matemática não é só número. Tem que escrever as coisas pra gente poder resolver os cálculos, as soluções.

O senhor acredita que a escola pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Com certeza, é só a gente querer. Porque aí o professor vai ficar falando, batendo a cabeça e a gente não vai querer aprender. Quando a gente quer mesmo aprender a gente ajuda até o nosso professor a nos ensinar.

Eu vou até trazer uma situação agora. A professora de ciências quando eu pedi a ela licença para chamar você para conversarmos ela disse *“você vai pegar o meu melhor aluno?”* então isso é sinal de que o senhor quer muito, não acha? Porque o senhor está motivando até os próprios professores.

Eu voltei a estudar pra poder estudar, eu não voltei a estudar pra poder brincar. Eu saio do serviço cansado, chego em casa só dá tempo de tomar um banhozinho, trocar de roupa, pra brincar né? É o foco. Chego um pouquinho atrasado, mas eu chego!

Mas o importante é que todos os professores, eu observo muito isso, eu fiquei aqui 3 semanas pra poder conhecer vocês. E eu posso perceber claramente eles veem quando vocês são dedicados quando vocês querem, quando vocês estão a fim de estudar e isso professores é uma motivação.

Verdade, verdade. Eu praticamente fiz uma família aqui dentro. Eu não consigo subir pra minha sala sem falar lá embaixo com todas as outras professoras. Então eu chego lá embaixo eu falo com a tia Meire, beijo a tia Monique. Falo com todo mundo. Eu não cheguei a ser da sala da tia Monique. Eu cheguei a entrar lá uma vez, mas ela já me passou porque eu estava já um pouquinho avançado. Aí eu fui pra tia Meire. A tia Meire fiquei 4, 5 meses e já subi. Mas eu gosto de me enturmar, eu gosto de participação. Quando tem coisa no pátio as pessoas ficam com vergonha, mas a gente tem que participar, temos que nos conhecer, então eu gosto disso tudo.

E isso é interessante. Porque quando a gente vê um estudante motivado, a gente quanto professor se motiva também. A gente vê que vocês valorizam o que a gente faz... e isso dá um gás que... nossa... vocês não fazem ideia do quão é bom.

E o que você entende por aprender, Robson? O que é aprender pro senhor?

A palavra aprender, pra mim, significa *querer ser alguém*. Porque a gente não consegue ser alguém se a gente não aprender com os outros. Para buscar melhor emprego, uma melhor qualidade de vida. Em alguns momentos eu vim pra escola pra melhorar no meu emprego ou ter um emprego melhor, mas é uma busca pessoal. Pra melhorar na leitura, na escrita e na interpretação. Isso é muito importante pro dia a dia. Pra mim aprender é importante porque eu sou curioso, eu gosto de perguntar, eu gosto de aprender coisas novas. Eu só paro de perguntar o professor depois que eu entendo. Eu sou até chato porque eu pergunto várias vezes a mesma coisa. Eu preciso sair sabendo pelo menos 70% de alguma coisa. O resto eu procuro depois. Depois que eu comecei a estudar eu até uso o telefone mais, porque aí eu pesquiso as coisas nele.

[A gravação da parte final da entrevista do Robson no dia 30/08/2023 corrompeu, sendo inviável o prosseguimento da transcrição a partir do minuto 22:48]

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM A COLABORADORA ELIANE, 63 ANOS

Podemos começar? Vamos lá! Primeira coisa que vou pedir para a senhora é o seguinte: eu tenho uma folha de papel aqui e eu vou pedir para a senhora escrever o que vem a sua mente quando eu falo na palavra matemática? Pode ser uma palavra. Quando eu falo matemática, o que que vem na mente da senhora?

Já está começando ou nós estamos só conversando?

Já está tudo acontecendo ao mesmo tempo.

Falar sobre a matemática?

Quando eu falo matemática o que vem a sua mente, em uma palavrinha?

Matemática é fazer conta né?

A senhora pode escrever para mim? A senhora quer ajuda?

Quero!

O F, o A, o Z, o E, o R agora um espacinho para o CONTA

Aqui mesmo?

Isso aí mesmo. O C, o O, o N de navio, o T e o A (de novo). Olha que legal bonita. Olha então matemática pra senhora é fazer conta?

Fazer conta, isso mesmo!

Agora vamos conversar! Dona Eliane queria que a gente começasse com a senhora me contando um pouquinho sobre você, sua idade, trabalhos que desempenhou...

Sobre os estudos né?

Não precisa ser sobre os estudos agora não, dona Eliane, pode começar falando sobre a senhora.

Bom eu me chamo Eliane, eu tenho 68 anos. Sou dona de casa. Estudo. Tomo conta de uma neta de 7 anos que meu filho arrumou essa filha e jogou pra cima de mim. E eu gosto muito de passear, de sair. Gosto de ir para Minas na casa do meu pai. Adoro meu pai. Não é por ser meu pai não, mas ele tá tão velhinho e eu amo tanto ele. Ele tem 97 anos, mas a cabeça do meu pai é melhor do que a cabeça minha e sua juntas. Ele não esquece nada. Ele mora na roça, né? Então ele sabe de tudo, não esquece de nada. Entendeu? Às vezes ele fica conversando comigo e eu fico, gente minha gente na idade do meu pai, eu que sou mais nova as vezes coloco um livro aqui e daqui a pouco eu já tô procurando o livro pra lá. Meu pai não, ele põe o nome certinho, eu fico assim olhando para ele e pensando “ah pai”. Aniversário dele foi dia 15 de julho, eu fui para lá. Foi uma festa muito boa, festa do meu pai, de 97 anos. Minha mãe eu já não tenho mais e tenho uma irmã, o nome dela é Maria e ela que toma conta do meu pai, eles moram perto, somos só nós duas, eu aqui no Rio e ela lá em Minas. E tenho minha filha que se chama Sara que mora no Paraná. A Sara pra mim é o meu braço direito, esquerdo, tudo. Até para comprar pão na padaria eu dependia da Sara. E um dia meu genro chegou pra mim e falou uma coisa que até no início doeu meu coração, mas depois foi até bom, muito bom o que ele falou pra mim. A casa da minha filha é em cima e eu moro embaixo. Um dia ele pôs a cabeça pra fora da janela e disse assim, “sogra”, ele me chama de sogra, “sogra você é muito dependente da Sara e isso não é bom, se um dia eu precisar sair daqui...” ele nem sabia que um dia ia sair mesmo, “se um dia eu precisar sair daqui vou ter que levar a Sara o que que tu vai fazer? Porque eu vejo você pedir a Sara até para ir à padaria para comprar um pão. Olhei pra ele e falei assim, “Ismael”, o nome dele é Ismael, “a partir de hoje o que a Sara faz pra mim eu mesma vou fazer. Sara desce aí!” Aí a Sara desceu pela escada porque a casa é toda independente e eu disse pra ela “Vai lá no Ponto Frio comprar um celular pra mim, minha filha?” “Mãe você não sabe lidar com celular?” “Qualquer um sabe” “Mas pra quê se você não sabe nem ligar um celular?” Só sabia ligar no aparelho de chamar. Hoje olha como eu tô, eu já

entro no *face [Facebook]*, no Instagram, não sei muita coisa ainda não, ainda tô aprendendo, mas graças a Deus minha filha foi embora para o Paraná, porque ela tá casada com um engenheiro da Petrobrás e funcionário da Petrobrás não sei se você sabe, mas eles mandam trabalhar fora e eles escolheram o Paraná. Minha filha trabalhava com bolo aqui, ela fazia muito bolo pra fora, nos tabuleiros, foi pra lá ela vendeu tudo que era dela, novinho, e graças a Deus ela já comprou tudo novo, coisa que ela não tinha aqui no Rio ela já conseguiu comprar no Paraná. Aí ela disse um dia pra mim que não ia mais trabalhar que agora ela queria estudar. Aqui ela já estudava, ela se formou em administração de empresas, lá ela está fazendo mais uma faculdade e ele continua trabalhando na Petrobrás. Eles foram pra lá dia 6 de janeiro, desse ano. Minha filha *tando* bem eu fico bem também, eu passei o Dia das Mães lá no Paraná. E eu fico muito alegre, porque depois que ela se afastou de mim eu tentei essa...

Independência, não é?

Isso, isso. Antigamente até pra ligar a minha máquina eu dependia da Sara. Hoje eu já ligo a minha máquina, lavo minha roupa, faço tudo. Faço caminhada todo o dia. 06:20 todo o dia eu tô entrando no portão da Mata (Parque Natural do Gericinó) pra fazer minha caminhada. Todo o santo dia eu faço minha caminhada que é muito bom. Nossa vou te falar minha vida mudou muito pra melhorar.

Dona Eliane, por que a senhora acha que criou essa dependência na Sara? A senhora diz que só depois virou essa “chavinha”, né, e ficou mais dependente? Por que carregava isso?

Porque na minha cabeça eu achava que ela nunca sairia de perto de mim, mesmo depois de casada. Porque um dia ela falou pra mim do lado do Ismael, na época era noivo dela, “Ismael, enquanto eu tiver meu pai e minha mãe eu não saio do lado dela, depois que ela morreu é outra história.” Mas ela dizia isso enquanto ela era solteira. Quando a moça quando casa ela tem que obedecer a quem? Ao marido, não é? Se ele foi transferido ela não pode ficar. Ela tem que ir junto. Aí eu me achei um pouco sozinha e eu cheguei e pensei, “gente eu tenho que fazer alguma coisa, porque se eu continuar pensando porque antigamente tudo era a Sara, tudo era a Sara eu vou entrar em depressão e não é isso que eu quero pra minha vida.” Eu tenho que agir. Foi quando eu comecei a fazer caminhada todo o dia, comecei a viajar. Eu viajei, a primeira viagem que eu fiz foi pra João Pessoa, eu e Deus, à noite.

Como foi a sensação de viajar sozinha?

Gostei. E agora em maio em viajei pro Paraná de avião. E agora se eu pudesse eu até pra ir pra padaria eu iria de avião porque eu gostei tanto que eu ia de avião. Eu adorei, é uma viagem muito boa. Tranquila. Rápido. Levei um monte de remédio, levei remédio pra enjoo, quando eu pensei em usar, já tinha chegado em João Pessoa.

Dona Eliana, nesse meio do caminho que a senhora trouxe para a gente aqui, de onde que surge o desejo e vontade de voltar aos estudos?

Eu tive esse desejo de voltar a estudar porque eu fui tirar a minha identidade. Eu tinha uma identidade muito velhinha, na época eu não sabia escrever o meu nome aí eu coloquei o dedo. Aí eu fui tirar uma identidade pra mim. Quando eu cheguei lá o moço falou assim pra mim “olha a senhora sabe escrever seu nome?” aí eu falei assim “mais ou menos, moço”. Aí ele disse “se a senhora não souber eu vou colocar na sua identidade” ... como que é o nome daquela pessoa que não sabe ler nem escrever? *Anafabeta?*

Analfabeta

Isso, analfabeta. Aí eu disse “não!! Não vai colocar isso na minha identidade não! Eu volto pra casa e vou estudar, aí quando eu souber escrever eu volto aqui, mas essa palavra eu não quero na minha identidade. Eu fiquei um pouco triste, eu falei vou estudar. Falei “*moço precisa fazer minha identidade agora não, não quero fazer agora não*”. Voltei pra escola. Foi quando eu comecei a estudar, treinar, fazer o nome direitinho. Quando eu voltei lá pra fazer minha identidade eu já coloquei meu nome direitinho. Aí eu gostei, continuei estudante e vou até o final.

A senhora tá a quanto tempo aqui na escola estudando?

Eu comecei esse ano. Vim aqui nas férias, a moça da secretaria disse que a inscrição era feita pela internet, ela fez pra mim, me deu um papelzinho e disse pra eu ir na prefeitura. Fui lá e me mandaram estudar aqui.

Então a senhora volta para a escola por um desafio, então? Eu não recebo essa “palavra” para mim, então eu vou estudar para poder assinar meu nome.

Sim, mas tem outro desafio. O primeiro desafio foi esse. O segundo foi eu e meu genro. Que no dia do aniversário dele eu comprei um notebook pra ele de presente e eu disse pra ela “Ismael, assim que eu souber ler e escrever, eu vou comprar um notebook pra mim.” Aí ele pegou olhou pra mim e disse “Sogra você não é capaz de *entrar num* computador e falar comigo” “Ah eu vou, mas eu vou, eu vou conseguir aprender e vou fazer isso”. Por isso que quando estiver lendo mesmo, lendo bem firme na leitura, eu vou entrar num curso de informática. Ninguém nasce sabendo não, gente. Eu vou entrar num curso bem direitinho e vou aprender, que eu tenho fé em Deus que eu vou conseguir e vou chamar ele pelo notebook. Eu vou conseguir, eu tenho certeza disso. Tô só esperando eu aprender um pouquinho mais escrever pra entrar num curso de informática.

Entrando um pouquinho na área da matemática dona Eliane, vou te fazer uma pergunta, o que a senhora entende por matemática? Do seu jeitinho, a sua compreensão, o que a senhora entende por matemática?

A matemática eu tô achando um pouquinho difícil para aprender, entendeu? Mas eu chego lá, eu chego lá. Tô estudando a matemática, a professora sempre tá pegando na matemática com a gente, e eu vou aprender sim, não tenho dúvida não, eu tenho certeza disso. Porque tem coisa que ainda mexe muito com a minha cabeça tem que ser devagar, é isso.

A senhora acredita que existe apenas uma matemática no nosso dia a dia?

Não. *[de forma bem imediata]*

Quais outras matemáticas que existem então no nosso dia a dia? A senhora pode me dar uns exemplos? Onde a senhora enxerga a matemática?

Olha minha filha... no dia a dia... *[pensando]*... quando eu vou no mercado. Quando eu quero ir à padaria comprar um pão eu tenho que saber a matemática, o valor, quanto foi aquilo ali, quanto vão me dar de troco, entendeu? É isso.

Então a matemática pra senhora está no mercado...

É porque pra fazer uma compra tem que ver os preços. Eu adoro ir pro mercado ver os preços das coisas. Eu não vou chegar no mercado, por exemplo, preciso comprar um arroz, mas eu tenho que ver se está nas minhas condições comprar aqueles 5 quilos de arroz. Aí se eu pensar “esse arroz aqui tá caro, ele tá mais barato em outro mercado”. É pegar uma promoção, entendeu? Então tenho que saber um pouco de matemática pra pensar na hora.

Sim, é um pensamento, um raciocínio muito importante. Não somente na conta que a senhora faz, mas o simples fato da senhora pensar que é importante verificar onde está mais barato, intuitivamente isso já é um saber matemático. A senhora pode não estar fazendo contas, mas quando a senhora olha para um valor e identifica que ele está diferente do costume e que deve ter locais mais em conta, quando a senhora pensa em economizar suas finanças, já é um pensamento matemático muito importante. Quando a senhora olha para um problema no seu dia a dia buscando solucionar que no caso é economizar, a senhora já está exercitando o pensamento matemático. Então, assim quando eu pergunto pra senhora se existem, se existe só um tipo de matemática, porque assim, a senhora está prendendo uma matemática aqui na escola, né? Com a professora Monique e a senhora vai aprender muito mais ao longo dos tempos. Mas o dia a dia da senhora é cheio de outras observações que por vezes não chegam à sala de aula. Eu acho muito legal a forma como a professora Monique trabalha com os estudantes dela, e é por isso que eu fico muito encantada. Por exemplo, a atividade que ela trouxe para vocês trabalharem com encarte do mercado. Agora eu posso dizer pra senhora, a forma como a

senhora fez aquela conta de 4 kg de inhame por R\$4,89 foi muito significativa para mim. Dona Eliane, já contei pra todo mundo do meu convívio, eu já escrevi uma crônica sobre essa história da senhora, porque eu achei tão significativa a forma como a senhora fez aqueles cálculos. Cheguei em casa, mostrei pra minha mãe, como a senhora fez a conta...

É mesmo? *[surpresa e alegre]*

Porque eu achei fantástico. Assim a senhora usou do conhecimento que a senhora tinha para chegar ao resultado que eu também chegaria. Se eu chegaria mais rápido ou mais devagar que a senhora, não importa, porque no nosso dia a dia a gente não vê o tempo para as coisas realizar as coisas, né? Assim “Ah, quem faz mais rápido.” A gente está na vida, então quando a senhora fala, “Bom, eu não sei, eu não me lembro como faz de 4,89 vezes 4, mas eu sei, fazer 4×4 , 80×4 e 9×4 . Depois eu junto tudo. E até a forma como a senhora faz a própria multiplicação do 4, né? $4 + 4$ é igual a 8, $8 + 8$ é igual a 16. Isso é um saber matemático riquíssimo. Poucas pessoas têm. E assim, eu queria que tivéssemos esse momento aqui para que eu pudesse conversar para a senhora o quanto aprendi de matemática com o seu ensinamento e experiência de vida naquela aula. E queria muito que a senhora soubesse que a matemática não se limita ao nosso quadro e ao que não sabemos dela. Não é apenas o ato de fazer contas. É todo um pensamento.

Olha tava pensando aqui. Até pra fazer um almoço a gente tem que pensar. Eu, por exemplo, até a medida do arroz, eu tenho a medida do café certinha para o meu café ficar no ponto que eu gosto. Isso tudo é matemática, não é?

Sim, isso tudo é matemática, dona Eliane.

Eu tenho a medida do pó de café. Já sei quantas medidas eu tenho que colocar na água que dá o ponto do café que eu gosto e meu marido gosta também.

É o ponto o café então...

Isso, isso...

Então a senhora já sabe quanto tem que colocar de café para o café ficar do seu gosto.

Sim, antigamente eu usava em outro pó de café 3, 4 medidas, hoje com esse mais forte eu uso 2 medidas e o café já fica do jeito que eu quero. E essas duas medidas eu consigo fazer duas garrafas de café de 1 litro, aí eu faço 2 litros por dia. Eu tenho uma mania que eu gosto de anotar tudo o que eu compro. Eu tenho um caderno grande que eu anoto até uma cabeça de alho que eu comprar. Anoto o que eu comprei, o dia e quanto custou.

A senhora anota por quê?

Eu não sei, pra eu não esquecer. Dívida de cartão, qualquer coisa de parcela também. Por exemplo eu fui às Casas Bahia comprar um celular aí eu parcelei, eu chego em casa vou no meu caderno e anoto de 1 a 10, aí eu sei o mês que eu comecei a pagar e até que mês eu vou estar pagando o meu celular.

A senhora acredita que a escola pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Acredito.

Quer falar um pouquinho do porquê a senhora acredita?

Vou falar só mais um pouquinho só, tá bom? Porque depois que eu comecei a estudar a minha mente abriu mais, eu fiquei mais compreensiva. Porque quando a gente está estudando muita coisa vem a nossa cabeça, e tudo é coisa boa. Eu falo por meu esposo que ele precisa estudar. Meu esposo é ignorante, gosta de falar alto, eu já não gosto. Tem muita coisa que a gente aprende na escola. Meu esposo não escreve nem o nome dele.

Seu esposo também saiu da escola cedo, dona Eliane? Ele tem quantos anos?

Sim, ele tem a mesma idade que eu. Agora eu digo eu não estudei mais porque eu não tive oportunidade, eu nunca tive oportunidade, tô tendo agora. Mas no meu tempo de jovem, de criança, minha mãe nunca foi num colégio pra fazer matrícula para a gente não. Meu pai falava “estudar pra quê? Pra fazer bilhete para namorado? Vai pra roça capinar.”

A senhora então nunca teve contato com a escola ou já teve?

Já, mas não aprendi nada, mas também como que eu ia aprender, porque olha... por exemplo: a roça era aqui (em Nilópolis) e a minha escola era como se fosse Nova Iguaçu e eu ia a pé, a pé! Trabalhava o dia todo, o dia inteirinho e naqueles anos, a tempos atrás, no meu tempo de mocinha, não existia essa coisa de estuprador, não existia isso não. Era mato de um lado e mato do outro e aquela estradinha no meio pra chegar na escola e minha mãe tinha uma casa na cidade e o colégio era na cidade e eu morava na roça. Eu saía do roçado correndo pra ir pra escola e chegar as 7:00 (acredito ser 7 da noite), chegava suada na cidade, tomava um banho com aquela vontade de aprender. Tomava um banhinho e ir pra escola.

Isso com quantos anos, dona Eliane?

Ah eu tinha uns 13 anos. A escola era tão pobrezinha, tão humilde que a gente tinha que levar banco de casa. Porque nem banco a escola tinha e um pratinho pra hora do recreio (refeição). Como que eu ia aprender assim gente? Não tinha como... Não tinha condição de aprender.

E logo depois a senhora tinha que voltar pra roça de novo?

Isso... A distância da escola para a casa dos meus pais na roça era como daqui pra Nova Iguaçu andando a pé, numa estrada longa. Eu não tive chance de aprender, eu nunca tive chance... Tá entendendo? Assim eu fiquei... Quando eu completei meus 15 anos eu tive uma filha sem experiência nenhuma da vida...

Foi a Sara?

Não... Essa minha filha mora em Santa Cruz da Serra, tem 51 anos. Sem experiência nenhuma... Com 15 anos, sem experiência nenhuma, sem trabalho, eu não trabalhava. Aí eu era tão nova e meu pai falou assim pra mim “deixa a menina que eu vou criar”. Aí ele e minha mãe que criaram a minha filha o nome dela é Eliane. Eu não tive chance, eu tô tendo chance de estudar agora. (Fala um pouco emocionada). Aí eu peguei, segurei e disse, não vai ser agora que eu vou aprender porque ninguém vai falar pra mim que eu não posso ir a escola. De jeito nenhum. Agora eu tenho chance de aprender é agora. Já que no meu tempo de solteira eu não tive chance, entendeu?

A senhora vem de onde mesmo dona Eliane?

Eu venho da Paraíba. João Pessoa. Vim pra cá com 14 anos. Minha história é essa...

Agora dona Eliane eu gostaria de te perguntar sobre o que a senhora entende sobre aprender? O que é aprender para a senhora.

Aprender é uma coisa muito boa, muito boa mesmo. Poxa... Muito bom a gente aprender as coisas, entendeu? Muito boa. Eu já passei por situação dentro de ônibus por não saber ler. Pedi pro motorista, as vezes eu queria, por exemplo, uma cidade, aí eu não sabia o nome daquela rua, aí tava escrito num papel, aí o nome da rua, aí o motorista falava assim pra mim “ou bem dirijo ou bem eu leio o seu papel, porque atrás tem muita gente aqui eu não posso parar o ônibus pra ler eu tenho que prestar atenção pra frente, se eu olhar pro papel eu posso bater ou atropelar alguém”. Olha a situação! Já passei por casa sufoco. Aí eu fico pensando aqui voltando ao assunto do estudo. Eu fico pensando... Eu não sei o que acontece comigo, por exemplo, hoje tem um ponto de ônibus aqui na frente, ali na frente do bar, depois da UFA (loja de doces da rua), onde o ponto de ônibus é ali onde passa o ônibus de Nova Iguaçu pra cidade? Se eu tiver ali pra pegar um ônibus pra ir pra Madureira, Cascadura, Central, eu leio tudo! Eu já sei... Eu não vou pegar o ônibus errado. Quando ele vem eu já tô lendo. Quando ele vai se aproximando do ponto eu já tô lendo, já tô sabendo pra onde é que ele vai. Tá me entendendo? Antigamente não era assim. Eu passo na rua assim, eu passo por aquelas plaquinhas vende-se, aluga,

tudo isso eu leio. Olha só! Eu não sabia nada disso, não sabia. Aí eu fico sentada, e tem um salão de festas na frente do ponto de ônibus, eu já li aqui mais de 10 vezes, salão de festas, gente aquilo ali é um salão de festas, eu não sabia, quantas vezes eu me sentava ali pra pegar o ônibus sem saber que aquilo era um salão. Hoje eu sei por que tá escrito! Eu queria ir pra Madureira, Cascadura, eu sei o ônibus, tudo eu sei *se eu lê*. Eu tava falando isso pra professora, você tá me entendendo? Eu não me sinto mais... eu sou uma pessoa... antigamente eu me sentia... como é aquela palavra... quando a gente não sabe ler nem escrever? Analfabeta. Hoje eu não me sinto mais assim não. Não! Não me sinto mesmo. Porque eu já sei escrever meu nome direitinho, muito nome de pessoa eu escrevo, quando não é difícil pra mim né, nome fácil, eu escrevo, entendeu? E eu sinto que depois que eu passei a estudar a minha vida tudo pra mim tá só melhorando, tá só melhorando. Cada dia que passa!

É uma independência que a senhora tem, né? De conseguir ler, de ir aos lugares...

Isso!

Ah muito bonita toda essa sua história dona Eliane. A senhora falando é muito lindo ouvir.

Gente, depois que eu passei a estudar, tá, lá perto de casa tem muita casa, mas que não tem garagem, aí tem um moço lá perto de casa que trabalha com Uber aí eu falei pra ele que eu ia pra casa da minha filha e gostaria que ele me levasse no aeroporto quatro horas da manhã. *“Levo, tudo bem, não tem problema nenhum...”* Me deixou lá no aeroporto. Peguei o avião pra São Paulo, eu e Deus, quando cheguei em São Paulo eu comecei a me comunicar. Eu sei falar, eu sei pedir orientação as pessoas, e eu sei também *qual é* as pessoas que eu devo falar. Não é qualquer pessoa que eu vou chegar pra pedir orientação, não. É as pessoas certas. Fui pro Rio, cheguei no aeroporto do Rio, cheguei em São Paulo, saí do avião, aí eu tinha que pegar o avião que ia pro Paraná, outro avião. Aí tinha um menino lá aí ele disse *“Não, o avião vai sair tal horário”* me informou direitinho e Sara ligando pra mim *“Mãe, você já tá dentro do avião?”*, *“Mãe onde é que você está?”*, *“Mãe cuidado pra você não se perder.”* Agora que me perder o que, Sara? Como que eu vou me perder? A sogra dela foi na outra semana depois de mim, a sogra dela foi, quando ela chegou em São Paulo o avião dela foi e ela ficou.

Essa facilidade que a senhora tem em se comunicar com as pessoas ajuda muito também, né dona Eliane?

Ajuda... Aí tinha um negócio do check-in, que quem viaja de avião tem um check-in, na hora do check-in a Sara *“mãe você não sabe fazer check-in”* aí eu falei *“Não sei? Deixa comigo Sara”* Eu vi a fila, perguntei a moça lá qual era a fila pra fazer o check-in, cheguei lá na frente tirei o check-in direitinho, a moça falou assim olhando pra minha passagem *“a senhora tem direito a um acompanhante”* aí eu falei *“tenho?”* *“senta aqui que daqui a pouco vai vir um rapaz aqui para pegar a senhora”*. Aí o rapaz chegou, minha filha, e até dentro do avião o rapaz me colocou. Mesmo que não tivesse eu não ia precisar, eu ia conseguir chegar. E cheguei!

A senhora acredita que a gente só aprende no ambiente escolar? Só na escola a gente aprende?

A gente aprende muita coisa na escola, mas também importante também é a criação. A pessoa em casa. A mãe e o pai ensinar o filho.

Voltando um pouquinho pra matemática, ela pra senhora é fácil ou difícil?

É difícil. Não é muito fácil não.

Por quê?

[Silêncio]

A matemática é o seguinte: tem conta que eu acho fácil, mas quando entrei na escola, eu até falei pra professora, eu achei que a matemática fosse diferente, fosse mais fácil, cada hora que vai passando ela vai modificando os números da matemática, tá me entendendo? Vai modificando. Aí eu tô achando um pouco difícil. Porque a matemática quando eu entrei na escola ela era mais fácil, talvez também porque eu não sabia mesmo, né? Como agora eu já tô querendo aprender a matemática, então ela já tá me puxando mais.

E a matemática do dia a dia da senhora? Ela é fácil ou difícil?

Um pouco difícil também.

Também? Até essa compreensão que a senhora trouxe pra gente do mercado, as medidas... Essas atividades, a senhora acha que são difíceis também?

Não! Isso aí eu não acho difícil não. Não! Porque eu vejo direitinho. Eu pesquiso em qual mercado tá mais barato, todo dia eu tô olhando e memorizando. Por exemplo, eu vou fazer as compras, eu não compro no primeiro mercado que eu parar. Eu vejo o preço naquele mercado, aí eu vou em outro mercado, depois eu vou em outro, aí dos três vai ter um que os preços vão estar menos que os outros. Aí eu compro as coisas que eu quero.

Então essa parte de pesquisar e ver os preços, comparar eles, memorizar, isso para a senhora é prazeroso, é fácil?

Eu gosto de fazer.

A senhora não tem dificuldade nisso então?

Nisso aí não. Eu gosto de fazer isso.

Pra senhora o que seria uma aula de matemática interessante? Que elementos teríamos nessa aula? O que teria que ter nessa aula para a senhora sair dela falando “nossa essa aula foi muito boa”?

Por enquanto ainda não me apareceu não.

Mas não precisa ter aparecido, não. Mas a senhora traria algo para ela ser legal pra senhora?

Aquele jornalzinho dos preços igual era fez aquela vez. Aí a gente tira a matemática dali, dos preços. Eu gosto dessa parte aí.

A professora Monique nessa atividade traz um jornal de mercado, cria uma lista de comprar e pede que vocês façam os cálculos de quantidades e valores que constam nessa listinha de compras. Os valores estão no jornal e a quantidade está na lista de compras. Pensando nessa atividade na qual a senhora se desempenhou muito bem na sala de aula, a senhora traria outras ideias para trabalhar em uma aula de matemática?

[Pensativa]. Dá uma dica?

A senhora trouxe algumas ideias de ações que desempenha no seu dia a dia usando a comparação de preços no mercado, e se levássemos isso para a sala de aula?

Isso seria muito legal.

E se ao invés de um jornal nós trouxéssemos mais jornais pra sala de aula, dos mercados que as pessoas mais frequentam em Nilópolis?

Isso seria muito legal. Poxa, seria muito legal! A gente poderia comparar dentro da própria sala de aula. Por exemplo, íamos ver o açúcar, aí a gente via onde tava mais barato. O feijão... O pó de café. É isso mesmo! Seria muito legal. Aí a gente escolhe os mercados e ali mesmo a gente já vê qual é o melhor pra comprar. Vou dar essa dica para a professora Monique.

A senhora acredita que a sua cultura é importante para a escola?

A minha?

A sua! A dona Eliane é importante para a escola?

Acredito, porque é na escola que eu aprendo as coisas.

Mas e a senhora compreende sua importância em também ensinar a gente?

[Silêncio] Será que eu sou importante pra escola?

É... Então eu já finalizando, por que que eu termino a entrevista com essa pergunta? Eu já expliquei para a senhora um pouquinho do meu projeto de pesquisa, né? Eu estou vindo para cá para conversar com vocês, porque eu quero ouvir novas histórias dentro da matemática. A gente vê as mesmas histórias sendo contadas nos livros didáticos, as mesmas histórias sendo contadas nos vídeos nos áudios. Uma mesma matemática, ninguém fala de uma matemática de uma dona de casa que faz comparação de preços ou que tem uma medida própria para poder fazer o café que ela gosta, pra usar o sabão em pó. Então assim, quando eu decido desenvolver essa pesquisa eu desejo dar visibilidade a essas histórias que estão por aí, mas sobretudo fazer com que vocês se compreendam como agentes transformação no mundo, com suas culturas muito importantes para a sociedade. E assim eu acho que seria tão bonito que outras pessoas pudessem ouvir vocês, sabe? Pudessem ouvir as histórias de vocês. Então por isso que eu termino com essa pergunta. Porque é muito importante. Não só para os seus colegas de classe, para a professora Monique, para a direção, mas para um grupo muito maior de pessoas.

A senhora teve um pouco dessa noção no vídeo pra professora, Monique gravou do açúcar União, não é? A senhora viu o quanto de gente que nem conhece a senhora, não sabe nem quem é dona Eliane, mas que se encantou pela sua história, pela sua história da professora Monique. Então assim, é muito bonito e muito gratificante hoje estar conversando com a senhora e registrando essas histórias.

Então pra encerrar eu gostaria de dizer que a sua cultura é muito importante para a gente.

Obrigada!

Não só pra escola, não só para os professores, mas para todo mundo mesmo. E o que a gente puder fazer para dar visibilidade para ela, a gente vai fazer pra contar essas histórias lindas.

Obrigada!

A senhora gostou desse nosso momento? Gostaria de falar mais alguma coisa?

Gostei. Não, só queria agradecer mesmo. Eu gostei muito e foi muito legal.

Pra encerrar, vamos voltar a nossa primeira pergunta quando eu pedi a senhora que dissesse o que matemática era pra você e você disse que era “fazer conta”. Gostaria que, agora depois de toda a nossa conversa, você pudesse falar se esse conceito mudou, se aprimorou ou se manteve o mesmo. Então eu faço a mesma pergunta: o que é matemática para você?

A matemática é TUDO.

Muito obrigada, dona Eliane, por tudo e por tanto.

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM A COLABORADORA CLAUDIA, 48 ANOS

Boa noite, Claudia! Primeiro queria agradecer a sua participação. Bom, eu estou fazendo com todo mundo assim: antes de eu começar a entrevista, eu entrego um papel e eu queria que você escrevesse em uma palavra, uma frase curta, uma coisa bem breve o que é que você entende por matemática? O que é matemática para você?

[Silêncio enquanto escreve]

Foi, deixa eu ver. Agora essa folha fica comigo. Um desafio, que legal. Bom, então pra gente poder iniciar a entrevista, me conta um pouquinho mais sobre você, sua idade, a sua profissão, os trabalhos que você já desempenhou, um pouquinho sobre você.

Tá. Meu nome é Cláudia. Eu tenho 48 anos. Hoje sou solteira. Trabalho, eu não tenho assim uma formação. Por conta de falta de oportunidade no estudo eu não tive uma formação, mas eu trabalhei em um pouco de tudo, babá, cuidadora de idosos, caixa de supermercado e segue essa linha. O que mais?

Tá ótimo. Esse início é mais para compor nossa conversa. E assim, quais foram os motivos que te afastaram da escola, do ambiente escolar e quais são os motivos que hoje trazem você de volta para a escola?

O que me afastou foi, como é que eu posso te explicar nisso? Foi a falta de... assim... Por eu ter perdido a minha mãe muito cedo, eu tive uma família desestruturada. Eu acho que a palavra certa foi um desestruturamento familiar, né? E aí, desde muito novinha, eu tive que aprender a me virar sozinha, então eu não tive um apoio para continuar no estudo. E quando eu me esforçava para ir sozinha para escola, lá na escola a matemática me dava muito medo, então eu faltava o máximo de aula possível para não ter que olhar para a matemática.

Caramba...

É, e assim foi, segui. Aí depois também, eu me casei. 15 anos e depois tive que virar dona de casa muito cedo. Também não tive o apoio para terminar os estudos nesse casamento, pelo contrário. E foi isso, assim tive que trabalhar.

E nesse meio tempo, é você tinha esse desejo em você de retornar e estudar? Mesmo sem esse apoio você queria?

Sim, sim, eu cheguei... tentei algumas vezes a voltar, uma dessas vezes foi lá em Copacabana que eu estudei no EJA de Copacabana, mas aí de novo eu fiquei pra trabalho, tive que voltar aqui pra baixada. E aí de novo tive que parar. E tô achando essa oportunidade agora, que agora eu moro aqui em Nilópolis aqui pertinho. Então agora eu estou vendo a oportunidade de terminar os estudos.

E então, o que te traz de volta é essa oportunidade. Tem algo a mais que te motiva a terminar os estudos?

Eu só quero eu dizer que eu concluí os meus estudos. Para não ter que ficar com... como é que fala? Não, não chegar em um tempo da vida e dizer *eu não fiz nada*. Entendeu? Já que ninguém me incentivou então eu tô me incentivando agora.

E o que você entende por matemática? Você já falou para mim dos seus medos desde novinha... O que é que você entende por matemática?

Eu nem sei te explicar... A matemática, ela sempre me deu muito medo. Eu acho uma matéria assim para mim, enquanto tem alguns que amam a matemática, eu acho um negócio surreal.

Uhum...

Né? São muitos números, é muita dificuldade. Hoje, hoje. Talvez se fosse na época, novinha, sem a responsabilidade a gente tem hoje, de repente eu teria aprendido, né? Mas como na época que eu tinha

medo eu não tive ninguém para me incentivar, então esse medo ficou dentro de mim, ele continua dentro de mim, né?

Conseguiu superar esse medo?

Então, mesmo vindo para cá, estando aqui nessa escola, eu já tinha, eu tava também com medo, tanto que agora que me passaram para cá para a sala aqui de cima, é na primeira aula com, como é que o nome é o nome? Leandro?

Professor Leandro.

A primeira aula eu tive com ele. Eu pensei, sinceramente, sair da escola de novo, porque é a primeira aula que ele me deu foi aterrorizante.

É porque ele tinha juntado as turmas e estava dando meio que metade sexto ano, metade sétimo.

Eu não sabia. Eu fiquei apavorada com aquilo. Aí eu falei, *não vou conseguir de novo, porque essa matemática não vai deixar*. E depois saiu tudo bem, agora está bem mais simplificado.

E aqui a gente vai caminhando aos pouquinhos, né Cláudia? Um conteúdo de cada vez. E de fato quando a gente não conhece, a novidade dá um pouco de medo, né? Mas se a gente for caminhando, os professores aqui sempre estão dispostos a explicar mais e mais e mais e uma vez... E pensando nesse seu olhar para a matemática, você acredita que haja apenas uma matemática? Só tem uma matemática no mundo?

Não.

Por que não? Você falou um não tá incisivo.

Não porque a gente tem outras línguas outros países e eu acredito que a matemática deles tem um segmento bem um pouco diferente do nosso. Eu não sei, não sei te explicar.

Então assim, outras matemáticas só de outros países?

Isso eu acho que tem uma maneira diferente deles lá também. Por exemplo, como eu trabalhei com chineses, eles têm uma maneira diferente de ver números. Eles não veem números igual a gente vê.

Uhum.

Né? Então eu acho que tem. Sei lá, ou mais simplificado ou mais dificultoso. Não sei, mas eu acho que tem.

E no nosso dia a dia?

Sim, a matemática está em tudo.

Então tem matemática em vários espaços sem ser na escola?

Sim, se eu faço um bolo eu preciso da matemática. Então a matemática está no nosso dia em tudo.

Então já que tem matemática no nosso cotidiano, você pode me dar um exemplo?

Foi o do bolo que eu falei. Pra mim fazer um bolo eu preciso da matemática.

Em que você precisa da matemática no bolo?

Olha por exemplo eu vou fazer um bolo que ele contém 2 xícaras de trigo. É uma matemática. Eu tenho que saber calcular as 2 xícaras. 3 ovos. Eu tenho que saber calcular os 3 ovos. Meia xícara de leite. Uma colher de manteiga. É simples.

E se eu te pedisse 2 bolos, 3 bolos, você conseguiria fazer essa quantidade?

Sim, sim, tranquilo, tranquilamente.

E se eu falasse assim, por favor vamos fazer 5 bolos, você sabe exatamente o que vai precisar?

Eu sei o que eu vou precisar por ali.

Este exemplo de matemática, você até falou anteriormente na nossa conversa aqui, é desenvolvido por você ao longo da sua vida? O exemplo da matemática do bolo, você diz que você usa bastante, né? Tem algum outro exemplo em que você utiliza bastante também?

Bom, agora que eu tô mexendo aqui no comércio, eu tenho que estar com a matemática em dia. As contas, o troco. No comércio também é uma matemática muito usada, por exemplo, é muito usada. Não tem como você mexer no comercio sem saber matemática.

E essas operações no comércio que você utiliza, você utiliza algum recurso? Calculadora ou você faz de cabeça, como é que funciona?

Não, não, a maioria dá para fazer de cabeça. E quando não dá eu uso o telefone.

Contas maiores...

É quando chega a ser uma compra que não dá pra fazer ali na hora porque tem outro pra atender.

Qual é o tipo de comércio que você está trabalhando?

Acho que aqui chama de camelô, não é?

Ah, sim, sim, sim.

Eu tinha um emprego saí do meu emprego e atualmente eu tô desempregada, então como eu sei mexer com artesanato, parti para vender na rua.

Ah, você é aquela aluna que no meu primeiro dia aqui estava falando que choveu e seus artesanatos estavam na sua casa descoberta.

Isso mesmo. Eu comprei uma barraca e hoje eu exponho meus artesanatos nessa barraca.

Onde você expõe a barraca?

Eu coloquei aqui na festa de São João e vendi bastante aqui também.

Caramba, que legal. Bacana! Então assim essa matemática do seu dia a dia. Ela não te amedronta tanto.

Não! A que eu tenho que fazer em casa não.

E você não acha que ao longo do tempo, claro, bem devagarzinho, os conceitos matemáticos, o olhar matemático que você tem aqui para as coisas da escola não podem te ajudar no seu dia a dia?

Pode, claro, foi o que eu pedi para o professor Leandro pra ele não desistir de mim na matemática, né. Porque como eu nunca tive ninguém para ficar me incentivando, me ensinando e tal, eu falei pra ele *pelo amor de Deus, não desiste de mim não, por mais que eu não saiba eu tenho noção*. Por exemplo você vê o desempenho do Carlos, Carlos ele mata todas as charadas de matemática é impressionante, mas ele falou pra mim hoje: *Cláudia, como é que foi a prova ontem?* Eu falei, *cara, pra você que sabe matemática vai fazer dentro de 2 minutos*, porque a de português é muito fácil. Ele falou *é fácil pra você, português pra mim é horrível*. Eu falei *então meu filho bate aqui* porque a matemática pra mim na prova pra mim era uma matemática fácil porque eu já vi na sala da Monique, esse teste que foi feito aqui, mas eu não sabia montar aquela matemática. Eu sabia como é que seria o resultado, mas eu não sabia montar a matemática pra poder dar o resultado. E é uma coisa que ele faz muito rápido até na sala da Monique, mas ele falou pra mim, *mas eu tô com medo do português, porque o português eu não sei*. O que pra mim eu tiro de letra.

Pra você já é mais fácil.

É, o que eu tô tendo muita dificuldade no português, é a vírgula, que eu acho que não sou só eu porque eu vejo um monte de gente reclamando disso.

Sim, pontuação é muito difícil.

Eu sigo uma pessoa no TikTok que dá aula sobre isso de vírgula, sobre a vírgula, eu fico olhando os comentários é surreal. É muita gente que não sabe botar a vírgula. Vai colocando onde a cabeça manda assim...

Eu sei bem pouco também, também tenho um pouco de dificuldade no português, tô sempre estudando também para poder saber mais. Mas olha que bacana, né? São olhares diferentes, uma mesma avaliação, enquanto você tem um pouco mais de dificuldade matemática o Carlos tem mais dificuldade no português. E se essa prova fosse, por exemplo, sobre comércio? Você acha que se sairia bem?

Depende das perguntas.

E fosse dentro de valor, de troco, parcelas.

Tipo assim, na prova de ontem eu lembrei que fiz aquele teste lá na Monique. Só que lá como a gente tava aprendendo, no meu caso eu tava relembrando de anos atrás, eu também não sabia montar aquele teste que ela passou ali. Mas ela ensinou de uma maneira simplificada então eu peguei rápido. Só que hoje eu dia a gente tá com uma memória tão boa que eu esqueci. Mas eu lembrava do resultado. Mas eu não sabia como que montava aquilo.

A questão não era de *marcar X*?

Não.

Era de escrever?

Não, lá tem a pergunta e você bota a resposta. Só que aí quando eu perguntei para a diretora, acho que era diretora. Quando eu perguntei para ela, falou *não, você tem que dar uma montadinha aí para a gente ter uma ideia*. Eu falei *ah ferrou, montar isso aqui, sério?* Ela não faz do jeito que você sabe só pra gente ter uma noção. Aí eu fiz lá mais ou menos do jeito que eu imaginei.

É verdade, mas vai dar tudo certo, fica tranquila. Já deu tudo certo. Claudia, você acredita que a escola ela pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Com certeza.

Por quê?

Pelo aprendizado, né? Você começa a ter um comportamento diferente desde que você tenha também um olhar diferente.

Uhum. Comportamento depende do seu olhar.

Isso. Isso. Porque se você vem para a escola somente pra *Ah, eu tô na escola* e vai empurrando com a barriga e jogando lá pra frente, não, não, eu não acredito que você vá aprender muita coisa desse jeito. Vai aprender um basicão, né? Mas o aprendizado, por exemplo, eu acho que a escola te influencia até a falar bem. Você aprende a falar e a se comportar bem, né? Mas é o que eu tô falando, depende de cada um. Porque por exemplo, tem palavras que são muito bonitas quando falada direito. Quando você pronuncia aquela palavra direitinho ela soa bonito. Né? É uma coisa que nós brasileiros quase não fazemos. Adoramos falar português todo errado, muito rápido e com muita gíria. Mas eu agradeço que a escola ela ajuda a trazer um olhar diferente das pessoas. Como é que fala? Uma maneira de viver diferente, eu acho, eu acho. Tipo, quando você, eu não sei se eu vou poder falar isso, mas quando você mora num bairro muito pobre, muito pobre que eu estou falando que eu já vivi e você vê as pessoas falando de maneira muito, muito grosseira, né? Elas têm, elas têm uma maneira de agir muito grosseira. E aí você fala assim, *Ah, mas se você viveu lá e você também era pobre, você é pobre. Você não teve nem mãe nem pai ninguém para te auxiliar*. Mas o que que acontece, o pouco que eu

consegui, por exemplo, uma pessoa falou assim, *Claudia você nunca estudou você não teve ninguém até que você fala*. Mas não é que falo bem é porque eu convivi com pessoas que tem que tem formação e eu ia observando aquelas pessoas, como elas se comportavam, como elas falavam, e a maneira como elas agiam em cada ambiente. Então eu trouxe isso pra mim, entendeu? Quando eu trabalhei na empresa, trabalhei numa empresa chinesa, né? Eu era copeira nessa empresa, mas era uma copeira que fazia tudo lá dentro. Eu tinha que atender o telefone, eu tinha que marcar reunião, eu tinha que abrir porta e eu aprendi a falar ni-hau. Que quer dizer no chinês, você está bem? E aí eu ficava olhando, nem todo mundo lá era rico, ninguém nasceu em berço de ouro. A maioria das pessoas foram pobres que foram estudando e tal. E eu falei, gente, eles estudaram, eles não tiveram, teve um que nem pai, nem mãe, era igual a mim sabe? E ele se desenvolveu na vida sozinho, ele e a sua força de vontade e a gente via eu ficava olhando pro comportamento dele. Eu falei, caramba, fala bonito, sabe? Ele tem um comportamento diferente, se veste diferente. E eu achava aquilo bacana. Foi porque ele quis mudar de vida e a escola o ajudou. O estudo o ajudou porque o estudar ajuda a pessoa a mudar de vida. Eu acho, comigo, que o estudo ajuda a melhorar de vida sim. Muda o ambiente, muda a sua cabeça. Muda vários aspectos na sua vida. Então eu acho o estudo muito valido.

E continuando nessa pegada sobre os estudos e a importância dele na nossa vida, o que você entende por aprender, o que que é aprender para você?

O que é aprender pra mim. Dá pra você simplificar mais essa pergunta?

Aprender. Quando eu falo assim, aprender, o que é aprender para você? Aprender alguma coisa...

Então aprender para mim é tudo.

Você só aprende aqui na escola?

Não, eu acabei de falar. Eu aprendi muito convivendo com pessoas. Eu não tive formação nenhuma, então era para mim ser um ser humano chucro assim, né, da daqueles bem. Porque eu venho de uma família, hoje, graças a Deus, a minha família é uma família bem estruturada, pessoas ficaram ricas pessoas, pessoas ficaram bem de vida, mas na época que eu era criança era todo mundo pobre, né? Alguns sobressaíram na vida, estudara, sobressaíram na vida e tal, pessoas que eu me afastei, né? Depois que eu casei me afastei por conta das coisas da vida, mas eu aprendi muito. Então aprendi muito com a vida, aprendi muito com as pessoas que eu convivi e continuo aprendendo aqui na escola também estou aprendendo muito.

É legal, porque assim você diz que boa parte da influência da sua vida veio através dos exemplos, né? Que você foi observando e olhando o outro.

Eu sou muito observadora. Eu falo para caramba, mas eu também, eu falo e observo tudo ao mesmo tempo. Em 2 minutos eu consigo observar tudo o que está acontecendo ao meu redor. Eu não sei se isso é uma dádiva que Deus me deu, mas em 2 minutos eu consigo. Eu te descrevo para você tudo que está se passando eu consigo te falar assim, olha aquela pessoa não é boa. Eu consigo. Eu tenho esse... Eu não sou espírita, eu sou evangélica, mas eu tenho desde pequena esse dom de sentir. Eu sinto assim, eu percebo que a pessoa conversa comigo, eu já, não é que eu quero mal de ninguém, entendeu? Mas eu consigo ter essa sensibilidade. Eu consigo sentir quando a pessoa é uma pessoa de verdade, verdadeira,

Que bom!

É uns dons que Deus dá para a gente que a gente não consegue entender.

Sim, e é até importante, até para a sua história de vida conseguir sentir essas coisas.

Eu acho também que a vida também de tanto acontecer coisas com a gente, a gente acaba tendo também essa sensibilidade.

É até pra poder ter esse cuidado com outro, né?

Voltando um pouquinho sobre a questão da matemática eu queria saber se a matemática é fácil ou difícil para você?

Difícil.

Mas aí a gente já falou um pouquinho sobre isso, a matemática escolar pra você sempre foi difícil. Se eu chego para você e falo, bom, vamos trabalhar a matemática dentro do seu ambiente de trabalho, ela se torna fácil para você ou ela continua tendo essas dificuldades?

Depende, depende, ela vai ser difícil para mim se eu, por exemplo, se eu começar a ficar muito nervosa, por exemplo, eu trabalho num ambiente em que pessoas que passam o tempo todo e se pararem 5 pessoas na barraca e 2 estão fazendo o pagamento e eu tenho que atender mais 3, ali eu já começo a ficar ansiosa, nervosa, e aí eu tenho que ir pra calculadora. Eu não vou conseguir fazer aquela coisa de cabeça.

É pra te dar mais segurança, né?

Isso, isso. Entendeu? Nesse sentido, mas se for uma pessoa só eu consigo.

Então, acaba que no seu ambiente de trabalho a quantidade de coisas para dar conta te deixa um pouco nervosa, mas não no fato de ser difícil é que você tem que ter domínio de todo mundo ali, né? Mas com relação a escolar, quais elementos você precisa trazer, talvez um professor precisaria trazer para ela (a matemática) ser um pouco mais tranquila para você e não tão difícil? O que que deveria ter numa sala de aula de matemática, por exemplo, o professor Leandro poderia trazer o quê para as para aula dele pra essa aula ser interessante para você?

Não, eu ia até citar ele. Eu ia dizer que ele tá simplificando pra mim, entendeu? O método dele pra mim tá me ajudando muito. Não sei se aquele método tem nome ou não tem nome.

É o método: professor Leandro. [risos]

É vamos dar esse nome aí pra ele! Mas a maneira como ele está ensinando pra mim tá ótimo. Né, me acalmou mais, tô mais tranquila porque ele gosta de ouvir o aluno. E se a gente fala pra ele *não entendi*, ele vai lá e faz tudo de novo.

Isso pra você é bom?

É bom!

Quando você sente o professor te escutando? Escutando a sua dificuldade?

Isso é muito bom.

Talvez o seu receio da matemática não seja, talvez um pouco, também por que você não foi ouvida muitas vezes nessas dificuldades?

Pode ser, não sei.

Que elementos do seu dia a dia, você traria para nossa aula de matemática? Se o professor Leandro convidasse você para dar uma aula de matemática que elementos você traria para poder ensinar a gente? O que é que você traria para uma nossa aula?

Eu faria sempre rodadas em grupo. De fazer trabalhos em grupo.

Trabalhos em grupo então.

Eu acho muito bacana. Porque um ensina o outro. Igual foi aquele dia do joguinho lá eu achei aquilo muito bacana, porque eu não entendia aquele jogo até a hora que eu entendi. Essa foi boa, não entendia até a hora que entendi.

E trabalhas em grupos são legais, além disso, por mais o quê? Porque que é tão importante nós estudantes da EJA desenvolvermos trabalhos em grupo?

Fora da matemática?

Pode ser de uma forma geral, não precisa ser só em matemática, não.

Então, grupos né. Jogos também tipo aqueles que o Leandro trouxe que eu achei muito bacana aquilo.

Ele está esperando o jogo do milho aí. Ele ficou interessado.

Ele pediu pra trazer, mas gente pra quem eu vou perguntar aquilo? Meu pai, meu pai que brincava disso a noite lá na roça. Então é isso aí, eu gosto muito dos jogos, dos joguinhos. A matemática feita em jogos eu acho muito bacana. Porque era assim que se aprendia antigamente, apesar de hoje estar evoluindo, mas eu acho bacana, acho uma maneira fácil de aprender e prazerosa. E mexer com a cabeça hoje de uma pessoa mais velha é muito diferente de você lidar com a cabeça de um adolescente, que não tem responsabilidade de pagar conta, trabalhar, né, ele vai aprender muito mais rápido. A gente as vezes tá na sala, mas está com uma preocupação lá em casa então isso atrapalha muito.

A senhora no dia do seu artesanato, né?

É. Isso atrapalha muito a gente. Então toda uma paciência e tem toda uma estrutura aí por trás disso. Mas eu acho os joguinhos muito bom. Muito bom mesmo.

E tem alguma coisa, algum tema que você trabalhe no seu dia a dia, algum assunto que a senhora gostaria de trazer para sala de aula para ensinar alguma coisa?

Tema?

É, algum assunto de matemática que a história gostaria de assinar? *Olha eu faço isso aqui em casa ou faço isso aqui no meu trabalho, nas minhas vendas e eu acho que eu poderia trazer para a sala de aula para me ensinar para os meus colegas.*

Não, não tenho não. Sendo muito sincera, não tenho.

Quais são os tipos de artesanato que você faz?

Eu trabalho com reciclado, eu faço trabalhos com boneca. Enfim, de tudo um pouco. Pintura...

E esse artesanato que você faz para vender ele tem alguma forma, alguma regra para ser feita, para ser obedecida, tamanho?

Medidas. Tem medidas. Mas eu começo a medir até um certo ponto, de um certo ponto pra lá eu não meço mais porque já está na cabeça. Eu já consigo olhar e saber qual é. Eu já não uso maia a fita métrica, já não uso mais a régua. Que eu já consigo saber o tamanho exato que precisa ser cortado. Porque eu já peguei o jeito. Então eu uso a fita métrica, no caso, muito pouco. As vezes eu uso por exemplo, se você falar assim *Claudia faz essa bolsa aqui pra mim*, eu vou fazer essa bolsa, estou usando a fita métrica uma vez, depois eu não uso mais. E por aí vai. Comigo né, porque tem gente que faz isso o tempo inteiro, mas comigo é assim, então.

E você acha que essa forma de abstrair e não precisar mais usar a fita métrica e já fazer de cabeça, já saber o tamanho pela observação, já saber qual a medida que você tem que cortar ou costurar, enfim, isso não é um conceito matemático?

É.

E você não poderia ensinar isso pra gente? Porque deve ter muita gente que não sabe isso. Eu não faço a mínima ideia, por exemplo.

Sei lá, eu acho que é tão individual de cada um, por exemplo, tem muitas profissionais da área que elas não conseguem trabalhar sem a fita métrica. Elas não vão conseguir colocar uma medida ali. Eu não sei se explicar porque é que eu consigo, as vezes sai um pouco torto, as vezes sai um pouco da forma. Mas na maioria das vezes eu acerto, mas exatamente porque eu não gosto de ficar mexendo com medida, entendeu?

E para a gente finalizar, eu queria perguntar para você o seguinte: você acredita que a sua cultura, você, é importante para a escola? A Cláudia, ela é importante para escola?

Eu acho que sim. Primeiro, porque eu vim de uma cidade muito distante do Rio de Janeiro né, que ficava perto da Bahia.

De onde você veio?

Ele é muito conhecido como vale do Jequitinhonha, né? Então, já é conhecido como o vale da fome, da morte. Como vale de tudo que não presta, mas é mentira hoje em dia isso não existe nada, mas já existiu. E eu acho que sim, coisas que eu vivi, aprendi, que dá pra ensinar sim.

A bolsa já é a primeira coisa. A gente poderia fazer uma oficina. Eu ia gostar hein. Ia organizar a oficina.

Gosto, a gente tem lá muito artesanato também. Lá na minha cidade tem muito artesanato, tem muitas pessoas boas que mexem com artesanato. Tem a cultura de queijo. Enfim muitas coisas.

Você veio pro Rio para ficar mesmo? Ou pretende voltar?

Não pretendo voltar. Eu gosto do Rio. Mesmo com tudo, eu gosto do Rio.

Então sua cultura é importante e é relevante para a escola!

É importante, sou mineira, uai. Sou mistura de Bahia com Minas. Já viu o que dá isso né? Mistura de Bahia com Minas. *[ambas riem]*

Bom lá no início quando eu te perguntei o que era matemática para você, você escreveu que era um desafio. E depois de tudo o que a gente conversou e a gente partilhou aqui, você gostaria de acrescentar mais uma palavra? Além de ser um desafio, ela é mais alguma coisa para você? Depois de tudo o que a gente conversou, mudou um pouco esse olhar? Ou ampliou ou melhorou esse olhar?

Digamos que melhorou. Porque você me fez ver matemática onde eu não estava vendo.

Então ela melhorou. Não, calma aí, melhorou. Ela se tornou o que agora? Ela era um desafio. Ela se tornou...

Sei lá, mais vontade de aprender. Mais aprendizado. Eu acho muito bonito a pessoa que sabe matemática.

E aí o que você achou do nosso momento?

Eu achei muito bom. Com esse papo eu fico aqui até 21:30.

Ah que bom Cláudia. Você está liberada! Muito obrigada por tudo.

APÊNDICE H – ENTREVISTA COM O COLABORADOR GENIL, 45 ANOS

E aí tá bem? Ansioso pra o que eu vou conversar com você? É só uma prova de matemática com 10 questões bem difíceis de matemática, tá?

Então, vamos.

Brincadeira. [risos]

É, primeiramente, eu queria agradecer muito o seu sim, como falei com todos os estudantes. É para a minha pesquisa de mestrado, então se ela vai acontecer, é porque vocês estão permitindo que aconteça. Se colocando para falar comigo, conversar um pouquinho das suas experiências e, além disso, a sala de aula também, para mim, é muito importante. Estar ali e ver como vocês interagem, respondem, até na aula de português, pra mim é muito importante. Então assim, obrigada desde já por ter aceitado estar nesse momento para conversar comigo. Eu queria começar te fazendo uma proposta. Eu vou dar esse papel para você, você vai poder escolher uma canetinha colorida e eu quero que você escreva para mim uma palavra que vem a sua mente quando eu falo matemática. O que é matemática para você? Pode ser uma palavra, uma frase.

Matemática, no caso, é pra escrever abertura. Como que é?

Abertura. A – B. Você já escreveu o AB né, então agora é o E – o R – o T – o U – o R – o A. Abertura.

Isso. Muito bem. Por que que a matemática é abertura pra você?

Porque ela abre ideias.

Gostei, pode falar um pouquinho melhor por que ela abre ideias?

Porque tudo começa com a matemática, né? Tudo começa pela matemática. É você pensar, você agir, tudo começa por ela. Porque a gente se preocupa muito com a questão do português, a letra, mas se a gente for analisar, tudo começa pelos números não pelas letras. Tudo é calculado pelos números. Até para você fazer qualquer tipo de coisa, não é só escrever, é pela numeração. A quantidade que vai ser feito, o tempo que vai ser levado. Tudo depende dos números. É por isso que eu tenho essa ideia, é que a matemática ela, ela abre horizontes, ela abre assim caminhos que geralmente a gente não tem. É tudo questão de um cálculo.

No seu cotidiano, a matemática, ela também foi ou é essa abertura?

Também.

Talvez, então, seja por isso que você enxerga a matemática dessa maneira...

Dessa forma.

Porque no seu dia a dia, no seu contexto...

Eu tenho que usar a matemática. Eu tenho que usar matemática de acordo até para o meu próprio trabalho, eu tenho que estar usando o tempo todo a matemática. O escrever é muito pouco. Mas a matemática ela é fluente o tempo todo. Uma numeração para levantar uma coisa pra fazer uma marcação pra tirar um nível, pra botar uma numeração. Tudo é pela matemática. Não é só escrever *ah eu quero botar tanto de metros aqui*, mas como é que eu vou botar os metros e escrever, tem que fazer a numeração para que ele venha bater tudo correto. Tudo é pela numeração, então. E no meu cotidiano em si a matemática ela é aflorada o tempo todo. Não tem como parar.

Uhum. Entendi. Conta um pouquinho para a gente sobre você, sua idade, sua profissão.

A minha idade é 45 anos. Minha profissão hoje, trabalho com o pedreiro. Na parte da construção civil. Mas trabalhei antes durante 10 anos num restaurante. Comecei como lavador de prato, depois fui passando um tempo para preparação de legumes, dali foi indo chegando a ajudante até chegar a

cozinheiro. Aí dali trabalhei durante esses 10 anos, depois de 10 anos eu decidi ir pra construção civil pra aprender como levantaria uma casa. Na época, assim que eu me casei, a gente não tinha ainda a casa e eu falei assim, *eu vou aprender essa profissão* para mim não ter que pagar, eu vou aprender. E nessa que eu aprendi, fazendo um curso e trabalhando com pessoas profissionais, eu acabei depois indo para esse ramo. E dali fui automaticamente se automelhorando. Buscando cursos, aprimorando a minha mão de obra. Mas assim, eu ainda penso que o patamar ainda da minha vida profissional ainda é a gastronomia, que é um sonho ainda que eu tenho de voltar novamente ainda pra gastronomia novamente e para isso e voltei a estudar justamente para isso. Pra galgar novos horizontes, não uma coisa pequena que na época quando eu comecei, mas assim uma coisa bem grande.

E essa coisa grande seria uma faculdade de gastronomia?

Com certeza, com certeza. Isso seria assim, é meu sonho ainda. Independente, por mais que eu não exerça há muito tempo, mas é o meu sonho.

Você está afastado há 10 anos da profissão de cozinheiro, mas continua em casa, incrementando e arrasando...

Com certeza. Assim, em casa de amigos. Quando a gente vai fazer algum evento, as pessoas até falam assim *po você vai fazer o que hoje?* Eu acho até interessante que vamos botar assim, por mais que o tempo, é evidente, não está exercendo esse tipo de função, mas a gente nunca esquece o que se aprendeu. E isso tá sempre a florado ali na gente, ali, quando é uma coisa que é um dom que vem desde lá de trás de você, é como se estivesse fazendo agora. E não é aquela coisa de questão de fazer. *Ah, vou fazer para qualquer um.* Você faz sempre com amor, com uma dedicação, não importa. Eu posso tá fazendo pro presidente como eu posso estar fazendo com meu melhor amigo, eu vou fazer da minha melhor forma e me dar o meu melhor para aquela coisa que esteja fazendo. Então, quando assim, eu tô sempre fazendo, isso aí é uma coisa que eu não abro mão.

Legal, isso é muito bacana, Genil. Agora eu queria perguntar a você quais motivos te trouxeram de volta para a escola? Você falou agora há pouco que você tem o sonho de você cursar uma faculdade e se especializar na gastronomia, então esse é o seu desejo maior, tem mais algum motivo pelo qual você retornou a estudar?

Mas porque na época assim... *[breve silêncio]* Eu. Eu. É assim, eu falo não com tristeza. Não vou dizer nem que é tristeza, mas era um incômodo para mim de às vezes as pessoas tá lendo alguma coisa e me pedirem para fazer alguma coisa, e eu dava uma desculpa. Dava uma desculpa, eu não faço ou eu não quero ou eu não tenho tempo. Às vezes as pessoas, ou até coisas assim que tinham oportunidades de crescer alguma coisa, e eu não, deixava ali passar sempre à minha frente. Porque eu não tinha como seguir avante. Então vamos botar assim, aquilo sempre me incomodou, pra mim, aquilo me fazia muito mal porque as vezes até dentro de casa mesmo eu pedia o auxílio da minha esposa, mas eu mesmo falava, *não, não quero isso para mim.. Eu quero uma coisa que eu mesmo venha fazer.* Eu mesmo venha estar dependente daquilo ali. Ah, por mais que alguém venha me ajudar, mas eu sei aquilo ali. Então aquilo ali me incomodava muito. Eu me sentia muito envergonhado perto das pessoas. *Po o que é que você acha disso aqui?* Eu dizia *não, eu não acho nada não.* Eu sempre dava uma desculpa que era o meu ponto de refúgio. Eu vou tentar fugir disso aqui porque ou então, *ó fulano, vamos fazer uma dinâmica é, vamos estar lendo alguma coisa,* então eu sempre me fechava. *Não, não agora não dá.* Ou então *bota fulano.* Porque eu tinha medo de alguém descobrir. Eu sempre falava *po tu sabe, eu sei. Qual a série que tu tem?* E eu *ah eu tenho tanta.* Mas eu mesmo mentia para mim mesmo. Mas eu falava assim, tenho que mudar isso. Eu tenho que mudar. E eu vou mudar, sim. Eu tinha muita vergonha, às vezes de voltar pro colégio. Porque eu achava assim que poxa eu vou lidar lá com pessoas muito mais velhas que eu e me via assim uma pessoa nova, eu achava isso, eu olhava assim e pô, vou chegar lá e alguém vai olhar para mim, poxa, esse garoto aí, ele podia estar fazendo qualquer outro tipo de coisa menos aqui, tentando aprender a ler, tentando aprender a escrever. Mas quando eu dei o primeiro passo eu não me preocupei mais com isso. Eu tenho que fazer a minha parte, não importa quem esteja lá ou quem eu vou encontrar, eu tenho que fazer por mim. Foi aí onde que eu criei uma coragem, conversando toda vez com a minha esposa eu falei, *pô, não, eu vou, eu vou, eu vou retornar, mas eu quero fazer isso por mim.* Não era pelos meus filhos, não era pela minha esposa, mas

eu falei, eu quero me sentir bem comigo mesmo. Por isso que eu retornei no colégio. Não só a questão de sonho de cursar a faculdade de amanhã ou depois estar dentro de um restaurante sendo um chefe de cozinha, mas a pauta maior foi *eu preciso voltar para que eu venha me sentir bem*, porque como é que eu vou falar que eu tô bem ou ajudar alguém se eu não consigo nem eu mesmo me ajudar.

Hum, Hum.

Entendeu? Aí foi aonde que eu dei o primeiro passo. Minha esposa também me incentivou muito e aí eu falei, não, agora eu só saio daqui mesmo quando eu estiver mesmo apto para qualquer tipo de coisa. Mesmo que eu, vamos dizer assim, *ah, eu não consegui cursar uma faculdade*, mas eu consegui fazer o que era o primeiro passo, é conseguir terminar os meus estudos. Isso aí eu acho que pra mim vai ser um mártir da minha vida. *Ah, Genil, se você não fez uma faculdade, você não conseguiu chegar no teu sonho*. Mas eu consegui chegar num patamar maior, foi conseguir concluir os meus estudos. Comecei com pouco, mas consegui terminar com muito.

E esse sonho por vezes é até mais especial, né? A titulação a gente pode até não ter e a gente continua sendo ser humano incrível. E você com esse sonho de ser melhor para você, para além da outra pessoa, de buscar essa realização pessoal, esse passo já é um sonho, então realizá-lo está para além de uma graduação, de um curso, de qualquer outra coisa, está para a realização de uma coisa que te incomoda e que você tomou a decisão. Um grande passo, né, Genil? Já é um grande passo. Você abandonou os estudos muito novo?

Abandonei, abandonei. Eu comecei a trabalhar muito cedo. Eu sou o filho de 6 irmãos. Meu irmão se casou muito cedo, foi embora. E eu sendo novo, eu sustentei praticamente uma casa com 15 anos. Eu já sustentava a minha casa toda.

Seu pai era presente?

O meu pai era presente, sim, era sim, mas meu pai era um cara assim, era um ótimo pai, nunca nos agrediu nem com palavras, nem levantava a mão, mas meu pai só tinha um vício que era a bebida, mas assim eu não me incomodava, eu não me incomodava com isso. Mas eu aprendi a ter responsabilidade muito cedo. E aí eu observava meu pai e eu falava assim: *eu não vou ser assim. Eu quero uma coisa boa pra mim*. Então eu vi as minhas irmãs, e eu não tinha aquela condição de falar *ah vou deixar pra lá*. Eu falei *eu vou trabalhar, eu vou trabalhar e vou conseguir sustentar todo mundo aqui*. Foi o que eu fazia e então, vamos falar assim, eu abandonei o colégio já com entre 13 para 14 anos, e eu larguei. Aí dessa que eu larguei não voltei demais. Porque eu tinha, assim, uma obrigação, cuidar da casa, cuidar das minhas irmãs, cuidar da minha mãe, então assim, meu pai era presente, mas ele não fazia o que era correto de um pai, não dizendo que ele fazia errado, mas eu esperava mais. Por exemplo, *ó, você não é para estar trabalhando, o teu momento agora para você estudar*. Então eu falei uma coisa, eu vou tomar frente que o meu pai não tomou. Eu vou ser o homem da casa. Foi o que eu que eu fiz. E nisso acabei indo, indo, indo adquirir uma maioridade, e dali o que que aconteceu, eu também casei muito cedo, e eu acabei deixando isso de lado. Não foi uma coisa que era uma prioridade. Eu fui me acostumando do jeito seu estava.

E os seus trabalhos, nunca te exigiram escolaridade?

Nunca exigiram, mas mesmo assim, mesmo não exigindo, aquilo ali ainda me incomodava, porque eu falava assim *eu posso ter uma coisa melhor*, ou então eu olhava para o trabalho, e me autodiminuía, *não, eu posso trabalhar na obra, eu posso trabalhar em limpeza, que essas coisas não vão exigir tanto de ler, então eu vou fazer isso*. Até um ponto que quando eu cheguei na parte de restaurante que começou a exigir. E a primeira coisa que eu fiz, eu acho até isso como lembrança muito boa, a primeira coisa quando eu entrei no restaurante, eu fui falar com o chefe de cozinha. Ele me fez um teste comigo, aí ele falou assim, *rapaz você*, eu achei tão interessante que eu lembro até hoje que ele comigo: *o dom que você tem faculdade... nenhuma vai te ensinar*.

[olhar esperançoso e feliz]

Mas aí eu fiquei com medo. Eu falei, quer saber uma coisa? Eu cheguei em casa, aí eu falei assim pra minha esposa, *poxa, eu vou passar a cozinhar agora, mas sendo que o cheque de cozinha ele não sabe*

que eu tenho essa dificuldade. Ela foi e falou assim, chega perto dele e fala. Já que ele se sentiu tão assim a vontade contigo chega perto dele e fala. Belo dia, eu cheguei perto dele e falei com ele assim eu queria conversar com o senhor. Aí ele tudo bem na hora do almoço a gente conversa, mas eu já sei o que que é. Ele até sorriu, ele já sei o que é, mas nem por isso do que você falar para mim, você não vai deixar de cozinhar. Aquilo ali... [risada] aquilo ali me encheu de uma forma tão grande que eu falei assim, meu Deus do céu, uma pessoa que tá num patamar tão alta me viu como uma pessoa importante. Como muitos lugares não me vê. Aí chegou perto de mim, Genilson, você não precisa nem me dizer, você não tem muito estudo não, né? Eu falei, eu não tenho nenhum, seu Jorge. Aí ele chegou e falou, mas o que que está faltando para você ir buscar?

Eu falei, *eu acho que coragem. Aí ele chegou, mas a coragem tá dentro de você, só basta você lutar pra conquistar. Se depender de mim ninguém vai descobrir, mas você precisa fazer alguma coisa por onde. Aí foi onde depois dos 10 anos trabalhando acabei saindo e também fui deixando pra lá. Mas assim o começar cedo foi mais por essa questão de começar cedo e eu me acomodei por isso, por isso que eu parei de estudar. Por causa dessa questão de compromissos dentro de casa. E eu não tinha pessoa que falasse assim você para de trabalhar e você tem que voltar a estudar. Eu não tinha isso. A responsabilidade era sempre a maior. Você tem que trabalhar pra sustentar a casa.*

Você se dava essa responsabilidade, né? Não precisava nem outra pessoa te falar que você era responsável.

É isso aí.

Você mesmo se responsabilizava pelo seu lar, pela sua família, por tudo. Entendi. Você já falou um pouquinho, mas você quer completar no que você entende por matemática? Você falou que matemática é abertura, é o começo de tudo. Quer completar um pouquinho mais?

Eu acho que não tenho mais nada. [risada]

Então matemática é essa abertura, né?

Sim.

E você acredita que existe só uma matemática, um tipo de matemática?

Não, eu acho que existe várias outras, várias outras. Com certeza.

E de que maneira essas outras matemáticas elas aparecem? Pode ser no seu dia a dia, em qualquer coisa. Assim, onde é que você vê essas outras matemáticas acontecendo?

Espera... tempo... assim... é... eu posso dizer assim... pra tu ter calma com as coisas... com questão de espera... com questões, assim, de princípios.

Onde que a matemática está presente nesses princípios?

Eu digo mais assim de princípio, com questão de você esperar coisas com o tempo que podem acontecer, ou não. Com tempos de espera pra vida de questões de escolhas. Eu acho que a matemática está no dia a dia dessa forma, nessas questões, para mim.

No caso, no tempo, né? Nas nossas escolhas, um caminho a se seguir.

Isso aí.

Seria dos caminhos a se seguir para se chegar a algum lugar, essas escolhas.

Sim. Isso aí.

E uma matemática do seu cotidiano que você desenvolve? Que você fala assim: isso aqui é matemática! Ou que já desenvolveu, porque nós temos aqui um mestre, um chefe de cozinha, então, né?

Vamos botar aí. Do cotidiano. A espera de fazer um prato de uma comida.

É, e é até interessante. A gente sabe que para montar um prato, fazer uma comida, a gente tem que ver e saber a receita. Como é que era para você? Com a dificuldade na leitura, criar um prato, elaborar um prato que às vezes você não sabia como é que fazia. Como era essa experiência?

Geralmente, o que que eu fazia. Eu levava o cardápio para casa e pedia à minha esposa, no caso, para reler o cardápio e eu calculava o tempo de cada coisa que era para ser feito. E eu marcava o tempo que levava de cada coisa para ser feita. Um exemplo assim que eu fazia. Ela lia e eu ia marcando na minha mente o tempo de cada coisa e nisso eu fazia eu ia numerando os pratos. Eu não falava o nome dos pratos eu ia numerando os pratos ao decorrer do dia que era pra ser feito. E nisso eu não me perdia. Eu não sabia ler o que era, mas eu marcava o número. *Pô eu quero o prato tal aí eu já eu sei o que é pra ser feito.*

E você tinha apoio das pessoas que trabalhavam com você?

Tinha sim, de algumas.

Por exemplo, mesmo elas não sabendo da sua dificuldade, mas elas compreendiam que se elas falassem para você, é o prato número 2 te ajudaria?

Já sabia imediatamente o que era pra ser feito.

Mesmo que você já soubesse, ó, bife de batata frita, é o número 3, eles falavam o número para você ou o nome do prato?

Eles falavam o nome do prato.

E você que mentalizava.

E eu já sabia o que ia entrar dentro do prato. A montagem do prato e tudo o que tinha que ser feito. Até o próprio chefe de cozinha falava assim, *cara, tu pegou tudo...*

[Risos e sorrisos enquanto recorda]

Eu fico olhando assim fico lembrando que tudo isso foi uma coisa muito boa, uma experiência muito boa. Porque foi uma pessoa que me ajudou muito. Aí ele falava assim, *caramba cara, você não sabia o nome dos pratos, mas você adotou uma coisa que ninguém aqui faz.*

Ele até falava assim, *mas pra quê que você leva o cardápio?* O senhor vai saber por que que eu levo o prato, um dia desses o senhor vai saber. Aí eu falava com ele:

- *Eu tenho os pratos pra ser feito por número.*

Aí ele:

- *Mas como assim por número se lá é o nome.*

- *Quando o senhor chegava pra mim e falava, por exemplo, eu quero uma costeleta com molho não sei de quê, eu já sabia o que era o acompanhamento do prato, qual era o tempero que tinha que ser colocado, qual era o molho que tinha que ser colocado. Eu já sabia isso tudo. Só quando tinha alguma mudança, mas era uma coisa boba. Ah só mudou o molho, mas era diferenciável. Mas eu calculava por número.*

Eu tô encantada com isso Genil. Agora eu entendo por que que quando eu perguntei para você o que era a matemática e você me responde que matemática é espera, agora tudo faz sentido. Faz todo sentido mesmo! Porque de fato é isso, a gente olha para o problema e compreende que ele é apenas um problema e que é preciso ter calma e espera para solucionar ele.

É isso aí mesmo.

[Fala com sorrisos e gestos de consentimento]

Essa é a essência do projeto que a gente tá desenvolvendo. São pessoas que estão no cotidiano, que estão no mundo e que olham para a matemática, e dão significado a ela, dão essência, utilidade. Você tinha os números a seu serviço e pensou bom nos números eu sou bom...

[Ambos riem]

Então vou pegar a minha dificuldade e transformar em números. E você faz essa transformação.

Enfim, Genil, parabéns por esse olhar, esse dom, parabéns mesmo. Continuando nossa conversa, queria saber se você acredita que o ambiente escolar pode te ajudar na construção de um melhor futuro, de um futuro melhor?

Com certeza.

A gente até conversou sobre um pouquinho antes, né? Que você diz que existem níveis de sonhos na sua vida, mas estar aqui e ter essa realização pessoal para além de qualquer coisa profissional e tudo mais é o que realmente importa.

É, porque o que acontece, às vezes as pessoas voltam pro colégio, com a questão de se preocupar de mostrar pra alguém. Eu me preocupo muito comigo mesmo. Não com esse sentimento de egoísmo, não, não, é que eu quero me sentir bem.

Sim, sim, isso mesmo!

Eu quero estar bem. Porque as vezes as pessoas voltam por causa de sonho, eu quero tá num bom trabalho, eu quero realmente tal coisa. Não, não, a primeira coisa que eu quero realizar é saber o que eu tô fazendo. Que eu não precise pedir ajuda. A gente sabe que a gente vai ser ajudado por pessoas, mas que eu venha a olhar assim, parar pra ler, para lá parar pra escrever, eu mesmo sozinho. E ver assim: eu consegui!

E hoje a sua rede de apoio é muito grande, né? Você fala muito da sua esposa o quanto ela te ajuda e apoia. Você tem filhos?

Sim, tenho. Um casal.

Quantos anos eles têm?

O meu primeiro filho é uma menina e tem 27 anos. E o meu segundo, é meu filho, filho tem 21 anos. E ainda tenho um netinho, também.

Sua filha tem quase a minha idade! Muito legal isso.

Agora, uma perguntinha sobre a palavra aprender. O que que é aprender para você?

É ter conhecimento. Pra que você não deixe ser levado por qualquer tipo de ideia.

E você, acredita que a gente só aprende no ambiente escolar?

Não, acho que aprende também em outros lugares. No caso em outros lugares você consegue aprender de uma forma bem um pouco menor. Na parte escolar eu acho que você consegue aprender numa coisa bem maior, porque você passa a ter experiências.

Na escola, você tem experiências.

Passa a ter mais experiências. Num outro lugar você acaba estudando um assunto só dentro do seu tema, aquela área ali pequena. Que você não consegue demonstrar outras coisas pra outras pessoas. E na parte escolar não, na parte escolar você passa a ter experiências com outras pessoas. Você teve experiência e você passa a experiência para outros, também.

Entendi, entendi. E achei muito bacana o seu olhar para o aprender tanto dentro como fora da escola. E agora voltando para matemática, matemática é fácil ou é difícil?

Difícil no começo.

Matemática é difícil no começo?

No começo porque quando você não entende o que ela é. Quando você passa a entender ela, você toma uma coisa bem mais fácil até.

De que matemática estamos falando? A da sala de aula?

Sim a da escola.

[risos]

A matemática da construção civil ela é difícil?

Não, ela não é difícil não.

Pra mim ela é difícil. Não entendo quase nada do que vocês fazem, mas a matemática escolar não é uma dificuldade pra mim. Por que você acha que isso acontece?

Por causa do dia a dia. No dia a dia. A gente lida com esses números o tempo todo, então é uma coisa que está na mente da gente assim. *[estala os dedos]* Agora, a questão, a escolar a gente já não tem. É igual assim, *ah temos que montar...* Caramba, grosso modo eu sei que calcular é isso, isso, isso. Mas não é daquele jeito, você acaba montando uma coisa para dar uma numeração. Agora pra gente não, a gente vai olhar, vai medir e vai saber *olha vai dar X*. Mas na escolar você tem que achar o problema.

Na área de construção civil vocês acabam tendo medidas de cabeça, né? Oriundas da experiência de vocês.

E bem rápido. Não é uma coisa que a gente fica, *ah deixa eu ver*, não, não, não, - *ó fulano o que que eu tenho que fazer aqui?* - *Você tem que fazer isso, e é a numeração tal e vai dar X*.

Você gosta dessa área de trabalho? É um lugar onde você se identifica também?

Sim, sim, me identifico bastante, porque você pega uma coisa assim que está ruim no começo e você deixa agradável.

Genil, o que seria para você uma aula de uma aula de matemática interessante? Tipo, poxa, hoje eu ia adorar a aula de matemática se ela tivesse tal coisa. E aí?

Deixa eu ver aqui. Seria de cálculo.

De cálculo?

É.

Como assim uma aula de cálculo? Me dá uma ideia.

Como se fosse assim, acrescentar números pra calcular... pra dividir eles.

Então contas de operação, né? Mais, menos, multiplicação, divisão...

Isso aí.

Cálculo só o número, só operação ou probleminhas também?

Problemas também, pra pensar.

Então probleminhas são interessantes para serem resolvidos, isso?

Isso mesmo, beleza.

Pensando no seu cotidiano, se eu te falar assim, poxa, eu queria que você desse uma aula de matemática lá pra segunda/terceira fase. Eu quero essa aula com o que você sabe do teu cotidiano. Pode ser o chefe Genil, o chefe da construção civil... É uma aula de matemática. Que elementos você traria pra essa aula pra você ensinar alguma coisa de matemática?

Como calcular uma metragem.

Como calcular uma metragem? Como?

Vamos pensar assim, você medir a extensão de um quadrado. E quanto daria ele para você colocar pedrinhas ou cristais? Quantos cristais caberiam naquele quadrado ali de 2 por 2? Qual seria a quantidade?

Que aula top! Acho que a gente pode preparar uma aula dessa hein. Vou falar para a Monique que temos uma aula legal para trabalhar nas aulas de matemática.

Que isso, gostou mesmo?

Muito! Eu venho pra te ajudar, apoio moral. [ambos riem] Pra gente finalizar, Genil, gostaria de te fazer mais uma pergunta. Você acredita que a sua cultura é importante para a escola? A sua cultura, quem você é, é importante para a escola?

[alguns instantes de silêncio]

Acredito que sim, acredito sim que é importante.

Por quê?

Eu acho que é uma porta aberta para saber quem eu sou. Eu acho que é isso.

E com certeza é muito. Genil, não saber ler ou ter dificuldade, não é ser menor do que ninguém. Pelo contrário. O que nos torna grandes são os nossos desafios, os nossos sim's. E eu tenho certeza de que você sempre foi gigante. Você sempre se agigantou perante as coisas. Tanto é que o seu chefe dizia que você tem um dom que nenhuma grande faculdade poderia te dar.

E assim, é a questão do respeito, não é? O respeito de ambas as partes não só da parte da professora, que são vocês, como do aluno também. Não é uma questão de *ah, eu estou fazendo uma coisa por obrigação ou tenho que estar lá porque eu tenho que ensinar*, não. Eu tô lá porque eu quero estar lá. Porque, poxa, hoje eu tô chateado e vou estar com os meus alunos, então eles vão me fazer sorrir, me fazer alegria. Então é um conjunto, um agregado para ambas as partes.

Com certeza, sem sombra de dúvidas, são relações de afeto.

E você falando assim me vem à cabeça que já me bateu o desânimo e a vontade sair da escola, mas aí eu pensava *eu comecei não posso parar. Eu comecei, eu não posso parar*. Então, botar assim, às vezes eu falava assim, *ai será que realmente eu vou*, eu mesmo me pegava pensando assim, ninguém falava isso pra mim, eu me pegava *po será que eu vou chegar realmente em algum lugar? Vai dar tempo de chegar em algum lugar? Vai... tu começou*. Eu já cheguei aqui desanimado, aí a professora até perguntou *e aí, Genil tá tudo bem?* Não professora, tá tudo bem. Mas graças Deus a gente fala isso né. A gente tem que falar pra si mesmo a gente é importante.

Com certeza.

E aí eu retorno com o meu papelzinho. Depois desse nosso bate-papo, você iniciou dizendo que a matemática era abertura depois do nosso bate-papo, eu queria que você escrevesse uma segunda palavra. Talvez depois da nossa conversa tenha aflorado outras palavras, outras frases sobre o que seria matemática e eu queria que você escrevesse. Se precisar de ajuda em alguma palavra é só falar. O que é matemática? Depois de tudo isso?

Não sei se eu escrevi certo.

Não tem problema nenhum. Deixa eu ver.

Uma vida.

Genil muito obrigada, tá? Que conversa linda. Só gostaria de agradecer a sua vida e suas palavras essa noite. Com certeza permanecerão em meu coração sempre. Espero que você tenha gostado desse momento.

Amém. Foi muito boa. Gostei mesmo.

Só tenho mesmo a agradecer, Genil. Fica com Deus.

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM A COLABORADORA GLEIDE, 61 ANOS

Podemos começar?

Podemos!

Primeiramente, gostaria de agradecer o sim da senhora para participar desta pesquisa. Ter a senhora aqui é muito especial. Vamos lá, primeiro eu queria propor à senhora uma atividade que eu venho falando com todos os estudantes. Eu queria que a senhora escrevesse nessa folha aqui, pode ser do jeitinho que a senhora quiser, se precisar de ajuda pode me pedir, tá?

Tá, porque eu como um pouquinho de letra.

Não tem problema, pode escrever do seu jeitinho. O que a senhora entende por matemática? O que é matemática para a senhora? Pode ser em uma palavra, em uma frase, o que que matemática é pra senhora?

Muito complicada, muito complicada.

Muito. Como que é? Às vezes me dá um branco.

M

É M, né?

Uhum. M – U – I...

É MUI... TO

Isso, T de Tatu. T – O.

Tá. MUITO COM... COM...

PLI

PLI é P – L – I

Isso, muito bem.

CA-DA. Muito complicada.

Isso, muito bem. Então matemática é muito complicada para a dona Gleide.

É, sim.

Tudo bem, eu vou guardar aqui sua palavrinha e a gente vai bater um papinho agora, vamos lá. É, eu queria que a senhora começasse contando um pouco sobre você. É, sua idade? A profissão que desempenhou, que desempenha...

Tá! Eu tenho 61 anos. Eu vou fazer é 62 agora em outubro, né? Eu chamo Gleide, né? Sou casada, né? Pela segunda vez, tenho 3 filhos, 5 netos maravilhosos, o mais novinho fez um aninho. E sou feliz, né? E mais o quê, né? Eu sempre trabalhei fazia tapete de retalho. Aí então, o meu primeiro casamento, eu fui obrigada, quando eu me separei do meu primeiro casamento, eu fui obrigada a trabalhar fora. Pra poder ir criar os meus filhos, né? Aí então eu comecei a trabalhar fora. Eu parei de trabalhar fora depois que a minha mãe teve um AVC. Que aí eu larguei tudo para poder cuidar dela, entendeu? Aí voltei de novo trabalhar em casa, que aí fazia tapete, faço crochê, né? Aí pra poder cuidar dela, entendeu? Pra poder cuidar dela. Eu tinha casado já. Eu não conhecia bem o meu segundo marido, eu conhecia porque era um amigo. Era amizade, né? Então aí um dia que ele chegou, eu cuidava da minha mãe, cuidava do meu pai, cuidava de uma tia. Aí então eu fiquei com a cabeça, né, só a misericórdia de Deus. Aí um dia eu fazendo uma comida eu botei detergente no arroz. Aí meu pai falou assim, “filha, sai um pouco para poder esfriar a cabeça, você tá com a cabeça quente”. Aí eu falei “mas o que é que eu vou fazer?” Aí eu lembrei desse meu amigo que é o meu marido. Aí liguei para

ele, falou, “ó vamos sair. Eu preciso esfriar minha cabeça, me leva no shopping, eu nunca fui ao shopping”. Tenho 50 anos e nunca fui ao shopping. “Eu nunca fui ao cinema, me leva”. Aí ele falou, “o que você nunca foi no cinema?” Eu falei “não”, aí ele falou, “então tá bom, então eu levo” e ele me levou, né? Daí a gente começou a namorar. Aí ele falou assim, “ó, você não é mulher para ficar namorando pra ficar, você é mulher para casar e eu quero me casar com você. Né porque eu gosto de você, eu não tenho muito, mas o que tem dá para a gente sobreviver bem direitinho”.

Uhum.

Aí eu falei para ela “Ah, não, mas eu não gosto de você não. Eu só gosto de você como eu amigo”. Aí ele falou, “mas eu te amo, né? Se você gosta, o amor é trabalhar ou amor é construído, a gente pode construir o amor”. Eu falei “vou pensar”. Aí eu conversei com meu pai, conversei com meus irmãos. Meu filho ficou assim porque meu filho não queria, né, tinha ciúme, né? Aí eu aceitei o casamento, a gente casou, mas sendo que eu passava muitos dias fora de casa, né? Eu só ia em casa de 15 em 15 dias. Aí eu lavava a roupa dele, arrumava a casa, deixava as coisas em ordem e voltava para a casa da minha mãe. Aí quando a minha mãe faleceu, né? Aí sim, eu fui conhecer quem era o marido, né? Quem, como ele era, como que é? Entendeu? E quando eu conheci eu fiquei apavorada, né? Aí eu pedi o divórcio, né? A gente teve várias discussões, tudo, né? Aí eu pedi o divórcio. Voltei para casa da minha mãe, né? Mas aí a minha mãe já não estava, nem a minha mãe, nem o meu pai. Voltei lá para a casa dela, fiquei lá só 3 meses. Aí a gente teve uma reunião de casais, né, na igreja, né? Porque eu sou uma cristã.

Uhum.

Aí na igreja eu tive que falar que eu estava separada, porque eu sou uma diaconiza da igreja, então aí eu tinha que levar para poder ver o que é que tinha acontecido num casamento, para mim, poder pedir o divórcio, né? Porque a gente só pode se divorciar se tiver adultério. Aí eu falei não, é porque dentro de casa ele não me ajuda, dentro de casa, ele só quer comprar de quilinho. É um quilinho de arroz, um quilinho de feijão. É isso, é aquilo, compra carne, frango estragado. Aí comecei a falar tudo o que ele fazia dentro de casa. Aí ele perguntou “eu fazia isso?” aí eu respondi “Fazia. Você me chamou pra construir um amor e o amor não é isso”. O amor é conversa, né? O amor é dedicação, entendeu? Aí ele falou, “não, eu vou mudar, eu quero mudar, eu vou mudar, eu quero de voltar”, falei “então tá bom, eu vou te dar outra chance”. Aí a gente voltou, graças a Deus ele mudou, tá bem, a gente conversa, vai no mercado, faz compras por mês.

Não faz mais o quilinho, né, Gleí?

Não faz mais o quilinho. *(ambas riem)*

E vai melhorando. E tá melhorando cada dia mais.

Tá certa e dona Gleide nesse meio tempo, né? Nessa sua vida que a senhora já contou um pouquinho, quais foram os motivos pelos quais a senhora evadiu, né? Saiu da escola e agora porque a senhora voltou?

Quando eu tava com o meu primeiro marido, o Aquilo ele ainda era pequenininho, tinha uns 3 aninhos, eu voltei a estudar. Eu fui no Drummond... como é que fala...

Carlos Drummond de Andrade

Isso eu comecei a estudar lá. Porque lá, assim que começou a construir o colégio, eu fui pra lá ajudar, né? Cozinha, limpar o chão, por quê? Pros meus filhos poder estudar, porque o meu marido tinha um nariz muito grande, e ele não queria que as crianças estudassem o colega, só colégio pago.

Uhum.

Mas sendo que ele botava no colégio pago, aí passava um mês, dois meses e quando chegava três meses ele já começava a parar de pagar.

Entendi.

E as crianças passavam vergonha.

Uhum.

Então, aí, quando fez o Drummond, eu tirei as crianças e fui e levei as crianças para lá, então eles estudaram lá. Então aí depois eu falei, não, eu vou voltar a estudar. Aí eu comecei a querer estudar à noite. Aí eu fui estudar à noite, mas aí eu deixava meus filhos trancados dentro de casa. Deixava eles trancados dentro de casa e um dia, eu tava no colégio, né, aí nessa eu já tava fazendo a quarta série, aí num certo dia, o meu marido começou a gritar lá na porta do colégio com a minha filha. A minha filha tinha cortado a testa, né? Por quê? Porque ela pulou o portão e se machucou.

Caramba.

Aí ele começou, né, a falar que ia, né, me denunciar, né? Porque as crianças estavam sozinhas, que estava trancado e tudo. Mas é que eu tinha, na avenida onde eu morava, eu tinha meus irmãos que morava na avenida, meu irmão, minha cunhada. Então eu deixava eles de olho, porque se acontecesse alguma coisa eles estava lá.

Sim, sim, para poder acudir, né?

Aí resolvi aquele escândalo. Aí eu fui saí do colégio, entendeu? Falei assim, não, não vou mais estudar. Aí eu saí do colégio. Aí ficou esse tempo todo eu fora do colégio, aí quando foi no início do ano, a minha neta Isabela falou assim para mim “Vovó, a senhora sabe esse dever aqui?” Aí olhei e falei assim “Ah, Isabela, a vovó sabe não.” “Poxa, Vovó, a senhora não sabe, vovó?” Eu falei “não, vovó não sabe”. “Então, a senhora faz o favor de voltar a estudar”. Aí eu fiquei olhando, eu falei “tá certo, filha, a vovó, vai dar um jeito nisso”.

Aí eu fui pra casa e fiquei pensando nisso que ela tinha me falado, né? Eu falei, é verdade, meu Deus, eu quero voltar a estudar. Porque ler eu leio um pouco, entendeu?

Sim.

Eu leio, mas assim, muitas das vezes eu não sei o que eu estou lendo. Agora eu já melhorei bastante depois que eu vim já melhorei bastante. Aí então eu falei Jesus do céu, como eu quero entender a Tua palavra. Entendeu? Eu quero entender a Tua palavra. Ah, então eu vou voltar a estudar meu Deus. Aí eu fui ao Pasquale, a moça falou, “olha, vai lá no Marilândia”, né? Eu pensei é mesmo no Marilândia porque foi o primeiro colégio que eu estudei quando eu era jovem, né? Quando era jovem, não, eu sou jovem.

(risos)

Quando eu era mais nova, né? Quando era mais nova, aí eu fui lá no Marilândia, aí o Marilândia foi e falou que não tinha mais EJA, né? Que em Nilópolis não tinha mais. Aí eu fiquei, falei assim, poxa vida, logo agora que eu estou com vontade de voltar a estudar, que eu preciso e não tem. E agora? Aí chegou uma professora. Aí a professora disse assim “você vai na Secretaria, eu vou te dar o papel, você vai na Secretaria e se inscreve porque vai ter um colégio de EJA aqui em Nilópolis”.

Uhum.

Aí ela me deu um papelzinho pra eu poder entrar pelo site para inscrever. Aí eu liguei pro meu filho, aí eu falei assim, “Filho, você está aqui no Rio ou tá em São Paulo?” Ele “não mãe, eu tô em São Paulo”. Aí eu falei “Filho, escreve pra mim que eu quero voltar a estudar”. Ele “O que? A senhora quer mesmo?” Eu falei “Quero, quero voltar a estudar”. Eu falei “mas tem que fazer pelo site as inscrições. Então faz para mim”. Ele “Tá bom, mãe”. Aí eu fui, e mandei por foto para ele, aí entrou. Ele escreveu aqui no colégio e lá em outro colégio, lá perto do Pronil. Aí ele me deu o papel, aí falou, “mãe, a senhora vai ter que ir à Secretaria para poder se inscrever”. Aí eu fui à Secretaria. Lá ela me disse que só ia ter EJA em Olinda, aí eu falei “Ah então vou pra casa embora, então”. Aí ela disse “Não, você vai pra lá estudar sim, porque lá tem uma professora ótima pra você. A professora Monike, lá tem uma professora. Aí eu vim. Pedi a Deus pra encontrar uma pessoa que eu conhecesse nesse colégio, porque eu não conhecia ninguém, aí encontrei a Tati. A Tati eu já fui passadeira dela quando cuidava da

minha mãe. Aí eu disse pra ela que eu tinha voltado pra estudar, só que ia começar tudo de novo pra mim poder, né, escrever melhor, ler melhor, aí ela me inscreveu e que era pra eu voltar no primeiro dia. Aí eu fui ao colégio e era o primeiro dia de aula e eu já fiquei, mas fiquei pensando “meu Deus e a passagem? Meu marido me deu o dinheiro, pra vim embora, né? Eu falei “gente, eu não vou ter dinheiro pra ficar indo e voltando todo o dia” E agora, meu Deus. Aí a menina foi e me deu uma blusa, a Andreia. Só que agora tão embargando pra poder chegar aqui, né? Mas eu tenho lutado e vou lutar até o fim.

Dona Gleide, a senhora acredita que a escola ela pode te auxiliar na construção de um melhor futuro? Pensando daqui pra frente, a senhora acha que a escola ela pode te ajudar?

Eu acho, eu acho que sim, porque acho que sem estudo a gente não pode fazer nada, né?

Uhum.

A gente não pode fazer nada, não pode ter um trabalho melhor, entendeu? Eu me arrependo muito de quando eu ia pra escola muita das vezes invés de ir pra estudar eu ia mais pra brincar com a garota, correr atrás de namorado, entendeu? Aí um dia eu me lembro, meu Deus do céu, lá no Marilândia, é quando eu ia pra escola, aí tinha uma turminha, a gente tinha uma turminha. Aí então, nessa turminha aí umas entravam pra escolas e outras não. Aí ficava mais na praça, né? E ali na praça a gente ficava começando tudo. Aí um dia a minha mãe pegou. Eu lá na praça. Minha mãe me deu uma surra e me levou pra escola. Aí quando ela chegou lá na escola, a professora foi conversar com ela. Quando eu cheguei em casa eu levei uma surra. Se a partir de hoje você não for pra escola, eu vou saber. Se você não for mais pra escola você não vai mais.

Então a senhora em casa sempre teve apoio da sua família? Assim, apoio no caso colocando os estudos como uma obrigação?

Sim, sim. Minha mãe sempre quis mesmo que a gente estudava. Tanto que eu tinha irmãs, eu tenho 5 irmãs adotiva. A gente era 8 e todas nós estudavam, entendeu? Mas sendo que com dificuldade, sendo com dificuldade, mas a gente ia. Meus três irmãos mais velhos, era a escola interna, entendeu? Era internato. Mas os outros tudo tinha estudo e vinha para casa tudo, entendeu? E quando não tinha caderno, a minha mãe pegava um caderno e dividia. O lápis, ela partia no meio, uma borracha, tal...

E a senhora sai da escola por que motivo? A senhora de fato quis?

Não, quando eu saí da escola que eu era adolescente, pequena, é porque ao invés de ir pra escola eu não ia pra escola. Eu ia pra fazer bagunça.

Então a senhora mesmo optou por sair?

É, é. Isso aí. Aí agora eu só vim ver a dificuldade, a necessidade, mais velha, né, entendeu? Mais velha com mais idade.

Entendi, entendi. E o que que a senhora entende por aprender? Pensando em toda a sua trajetória de vida, né? Em tudo que a senhora já passou, vivenciou também de experiências que, com certeza, foram muitas, né? Mesmo fora do ambiente escolar, a senhora de fato aprendeu muito, né?

Olha, eu aprendi muitas coisas da minha mãe, eu aprendi a valorizar, aprendi a ouvir as pessoas, valorizar o trabalho, entendeu, o nosso esforço. Aprendi a vestir a camisa do trabalho, né? Eu também aprendi quando fui trabalhar fora, essa, minha patroa, hoje é uma amiga minha, né, ela falava assim “Gleide a gente, qualquer lugar, qualquer trabalho, até da escola mesmo, né, a gente tem que investir a camisa”.

E essa sua patroa também te ensinou? A senhora aprendeu também com ela?

Aprendi. Aprendi fazer uma mesa. *(Dona Gleide ri)*

Quando eu fui lá uma vez, a segunda vez que eu comecei a trabalhar com ela, com a Marta, ela saiu e falou assim “Gleide, faz um macarrão com salsicha”. Aí eu falei “Tá bom, pode deixar que eu vou fazer”, “Faz e arruma a mesa”. Eu falei “Tá, tá bom.” Aí eu fiz o macarrão, uma panela de macarrão que ela tinha saído pra fazer compra. E a casa dela era imensa, só de corredor a casa dela tinha mais de 15 metros.

Caramba.

E eu fiz, fiz o macarrão, eu fiz a tempero, tudo do jeito que ela me tinha me ensinado, né? Mas sendo que eu botei o macarrão, arrumei a mesa, botei aquela mesa linda, eu botei dentro de um tabuleiro. Porque eu tava acostumada, porque eu nunca tive pirex, né? Aí eu coloquei tudo no tabuleiro.

Uhum.

Daqui a pouco chegou a ela e chegou a dona Lisa, a sogra dela, que era a patroa da minha mãe. Chegou e viu a mesa arrumada. Aí ela “óóó, Gleide o que é esse tabuleiro?”, “Ué Marta fiz errado?” “Não, não, não, tu fez errado não. Aqui, ó, aqui esse pirex, tem um monte de pirex aqui. Você pega e põe dentro desse pirex.” “Então tá bom que eu não sabia”. Aí ela foi, me ensinou. Aí a primeira vez que eu fui trabalhar lá, aí eu lavando a louça, tudo, fiz o almoço junto com ela, tudo, ela me explicando. Aí ela falou assim, “Vem sentar na mesa para almoçar”. Aí eu falei “Não, Marta, eu não vou sentar não, daqui a pouco eu vou”, Aí ela ficou “vem, vem, vem, vem.” E eu fiquei na cozinha, mas eu fiquei na cozinha, fiquei chorando.

Aí ela abriu a porta, “vem cá, por que você não vai pra mesa almoçar? Vamos almoçar”. “Não Marta, a comida não desce”. “Ué, porque a comida está ruim?” Eu falei “Não, porque os meus filhos estão em casa e não tem comida pra eles”.

Meu Deus.

“Não tem comida pra eles, eu saí de casa, e não tem comida pra eles. Eu deixei eles em casa, não sei se eles tomaram café, se meu pai levou café pra eles”. Aí ela disse, “não vem comigo, vem comigo que a gente vai resolver isso agora”. Aí eu comi um pouquinho. Aí ela disse “Não, acabou, vamos resolver isso”. Aí ela tirou tudo o que tinha dentro da geladeira dela, do freezer, da geladeira, “Liga pra vizinha da tua mãe, liga pra vizinha da tua mãe e pede para o teu pai encontrar com você que você vai levar tudo pra casa”. Aí eu levei. Levei de um tudo. Levei carne, tudo, tudo, tudo, eu levei pra casa. Aí ela começou né? Me ensinando, fazia “você faz assim, ó, você faz assim”, entendeu? Aí eu falei, não é que foi diferente da minha mãe porque a minha mãe ela fazia para vender, a minha mãe, ela fazia as coisas pra vender, né? Aí então que a minha mãe ela fazia empada fazia salgado, né? A gente tinha um negócio de fazer bolo, entendeu? Porque eu aprendi a fazer bolo, logo de casamento, entendeu? Uma vez eu queria fazer um aniversário com meu pai. E eu não sabia fazer bolo. Aí uma vizinha minha me ensinou a fazer bolo pro meu pai. Aí eu fiz um bolo pro meu pai de 70 anos, né? De lá para cá, a gente começou a fazer bolo para fora, eu fiz esse bolo do meu pai, aí fiz um casamento, aí do casamento eu comecei a fazer bolo pra fora...

A partir de uma necessidade.

A partir de uma necessidade eu comecei a fazer pra vender. E depois ensinei meu irmão, né? Hoje ele, ele é enfermeiro. Aí então aí a gente começou a fazer bolo, né, para vender pra casamento. Então, meu Deus do céu, tanto que o bolo do meu casamento foi o que fiz, meus dois casamentos.

(risos)

E a senhora acredita que a gente só aprende no ambiente escolar? A gente só aprende na escola?

Não, não. A gente vai aprender em casa também.

Em outros espaços?

Em outros espaços também.

Onde que a senhora, por exemplo, aprende hoje, nos dias de hoje?

Hoje, hoje, eu aprendi muito na escola, com a professora ensinando, com uma situação de um colega, com a vida de um colega, entendeu? Eu tenho aprendido, entendeu? E também tenho aprendido também na minha casa, na igreja. Eu fiz um curso de mulheres única, entendeu? Logo assim, quando eu me separei do meu segundo marido e a gente tava em crise, né? Esse curso que eu fiz me ajudou muito, entendeu? Pra poder levantar o meu casamento, entendeu? Ah, então não é só na escola, entendeu? A gente pode aprender em outros lugares também, entendeu?

Sim. E agora falando um pouquinho sobre matemática, vamos lá. O que que a senhora entende por matemática? Não sobre a concepção, se matemática é fácil, é difícil, a gente vai chegar lá. Mas assim é o que que a senhora entende por matemática? Que que matemática é pra senhora?

Ai, o que matemática é pra mim? Difícil, não é?

(todas riem)

Muito difícil. Quando eu preciso fazer uma conta, eu vou direto nisso aqui *(mostrando o celular)*

A senhora usa a calculadora como recurso para fazer a conta?

Sim, porque eu faço pano de prato.

Sim, sim.

Né? Eu faço o pano de prato aí. Então o que que eu faço? O meu irmão fez um cartão para mim, né? Aí então eu não sei muito, trabalhar com cartão aí então eu vou na loja, compro as coisas... Primeiro eu vou perguntar com ele, aí ele “vai, ó, faz a conta, bota tudo no papel”, entendeu? E aí eu tenho que fazer, tem que fazer conta, bota tudo no papel pra fazer a conta. Quanto que vai fazer o pano? Ah, eu vou fazer por R\$ 10,00 que a minha toalha que é assim de botar no fogão, de botar na mesinha, entendeu? E os panos de prato que eu faço a R\$ 7,00. Porque é para as pessoas mesmo usarem, entendeu? Aí ele fala, “e aí, você tem que fazer as contas dos panos de prato, das coisas, aí eu *(dona Gleide ri)* “eu vou”.

Mas a senhora usa bem a calculadora? A senhora consegue usar bem os números, as operações?

Consigno, consigo, consigo, sim. Ah, tanto que eu até falei pra professora quando a professora falou que ia ter prova de matemática, eu falei, “professora, a gente pode usar o celular?” *(Dona Gleide ri)*

Não, porque a calculadora é um recurso, uma ferramenta importante, Gleide. Tem gente que não sabe usar calculadora.

É, é.

Às vezes a gente acha que a calculadora é para facilitar o processo, mas tem gente que não consegue entender.

Agora eu uso a calculadora na de vezes.

Uhum. Que é pra saber a quantidade, né?

Eu uso mais a de vezes, entendeu?

Uhum.

E a de... meu Deus, essa conta eu gosto, mas foi o que eu falei da professora “ah professora teve um professor de matemática que me ensinou essa conta e lá eu aprendi a fazer a conta, mas agora não está vindo nada, e eu não estou sabendo fazer a conta”. Que é a de subtrair... aquela assim... divisão. Que eu não tô sabendo fazer essa conta, entendeu? E ela tá me auxiliando, me ajudando nessa conta.

Mas a senhora usa a ideia de divisão para alguma coisa no seu trabalho?

Não

O conceito de divisão?

Não, não consigo.

Mas a senhora no seu dia a dia, a senhora precisa usar a divisão para alguma coisa?

Não.

Só multiplicação... a soma... e um troco? A senhora faz de cabeça? Como a senhora está trabalhando com financeiro, né, como é que a senhora é com troco?

Eu faço um monte de pauzinho.

(dona Gleide ri muito nesse momento)

A minha mãe era analfabeta, pai e mãe, né? Mas matemática... Ela fazia os pauzinhos, a gente tinha um guarda-roupa, desfiz do guarda-roupa há pouco tempo agora. E assim a porta do guarda-roupa é tudo marcado de pauzinho e de caneta que ela fazia. Ela vendia AVON. Ela vendia assim, aí então pra ela não, pros outros não enganar ela, ela ia nos pauzinhos. Ela fazia tudinho, entendeu? Mas aí eu faço isso também.

(dona Gleide ri)

A senhora acredita que só tem uma matemática no mundo? Só um tipo de matemática?

Só uma? Bem as que eu conheço são 4 operações, que eu saiba só tem essas.

Mas não pensando nas ferramentas que a senhora usa, né? Não na matemática das 4 operações, mas assim o pensamento matemático. A senhora acha que existe somente um, ou seja, todo mundo resolve as coisas da mesma maneira, sempre.

Ah eu acho que não.

Todo mundo tem a mesma ideia?

Não, não, não. Eu acho que não, eu acho assim que cada pessoa tem uma ideia diferente. Tem uma matemática diferente, né? Tem uma matemática diferente. Tem umas que está mais, tem umas que sabe menos.

Uhum. E será que uma pessoa que não sabe matemática, dentro da ideia que nós temos de matemática, ela consegue realizar alguma operação matemática do dia a dia dela?

Ah consegue... Eu acho... Eu acho que ela consegue sim.

Por que a senhora acha que ela consegue? Ela vai fazer o quê para poder resolver um problema? Se ela não sabe a matemática que a gente aprende na escola.

Bem, a professora Monique?

Não, uma pessoa do nosso dia a dia que não conhece a matemática aqui da escola. A senhora acha que ela vai conseguir resolver algum problema que envolva matemática no dia a dia dela?

Bem aí no caso. Se a pessoa não conhece a matemática da escola, no caso, ela não vai saber resolver.

A sua mãe não teve acesso a matemática escolar e era muito bom em cálculo que a senhora disse.

Porque ela tinha ajuda dos pauzinhos. *(dona Gleide ri)*

Quem foi que ensinou os pauzinhos para ela?

Olha... Foi Deus. Porque a minha mãe, a minha mãe era uma pessoa que ela não sabia, mas se você lesse pra ela, entendeu, assim como a palavra de Deus. As minhas irmãs, eu tenho duas irmãs que eram professora, né, irmãs de criação, né? Uma agora largou de ser professora pra ser a cozinheira do colégio. Aí então ela quando ia pegar, né, porque a minha mãe era presidente das irmãs da igreja, aí

então, quando ela ia pregar, ia trazer a palavra de Deus, aí as minhas irmãs, lia um versículo para ela, entendeu, e minha mãe pregava naquele versículo, entendeu? Então a minha mãe tinha uma mente, sabe, maravilhosa, entendeu? Eu tava até falando com o meu marido, eu queria ter a cabeça da minha mãe, a mente dela. Se a pessoa falar comigo, daqui a pouco, se me perguntar, já esqueci.

Eu usei o exemplo da sua mãe que você trouxe pra gente, pra nossa conversa, né, a necessidade a fez encontrar um método. Mesmo a sua mãe, como a senhora disse não sendo alfabetizada, né? E tendo as suas dificuldades, mas encontrava a parte do que ela precisava, uma forma de dar certo.

É verdade.

Já que a senhora me disse que tem mais matemática no dia a dia, né, a senhora trouxe aqui pra nossa conversa o exemplo da sua mãe, eu queria saber se você desenvolve alguma matemática no seu dia a dia? Você trouxe um pouquinho a ideia dos panos de prato que a senhora faz as contas no telefone, a senhora falou mais a questão financeira, né? A senhora tem mais outras ideias matemáticas que a senhora desenvolve no seu dia a dia? Outras coisas...

Olha, pra contar, contar. Eu não gosto muito não. Porque o croché a gente tem que contar os pontos, entendeu? Aí eu não conto os pontos do croché, não.

(dona Gleide ri, muito)

Aí então aí eu fico minha cabeça, como hoje mesmo. Lá hoje tentando fazer uma flor, né? Que eu tô fazendo uma flor pra mim botar num bolo. Aí eu tava lá fazendo a flor, aí saía torta, saía torta, e eu falei “ai meu Deus do céu, tá saindo tudo torto”. Aí desmancha tudo de novo. Aí eu comecei a contar. Aí ficou certinho. Aí fui eu contando cada lado, trinta pra um lado, 30 pro outro.

Aí a senhora faz primeira a primeira vez, vê se dá certo na quantidade de pontos...

Aí eu faço a primeira vez sem contar só na minha cabeça, né? Faço, aí eu olho, aí começo a fazer a flor, né? Aí eu vejo que não tá do jeito que eu quero, aí eu desmancho, desmancho tudo, aí eu faço tudo de novo, mas aí, contando.

Sim. Aí, contando a senhora vê direitinho.

Aí contando aí sai direitinho, entendeu? Aí sai direitinho. Aí eu fiz a folha, aí ficou porque é meio ponto, ponto alto e como se fala, é meio ponto, ponto baixo, meio ponto e ponto alto e ponto altíssimo, entendeu?

Caramba.

Aí eu falei “ai meu Deus do céu, tem misericórdia”.

Legal, a senhora traz um exemplo de crochê que eu não tinha pensado que tinha matemática no crochê. A senhora tem que um dia trazer crochê para ensinar a gente que eu quero aprender, eu quero aprender essa matemática no crochê.

E agora entrando naquilo que a senhora me respondeu, lá no início, matemática é fácil ou difícil?

Difícil, difícil. Eu acho difícil, mas é um difícil, importante, né?

Explica pra mim, dona Gleide, por que é um difícil importante? *(ambas riem)*

É um difícil, importante, a gente tem que fazer. Assim é a necessidade de fazer. Então aí a gente tem que fazer, entendeu? Pra poder fica bonitinho, ficar direitinho. Então é aquela importância de fazer.

E aí, agora eu queria começar, assim vamos pensar numa sala de aula, né? Vamos pensar na sala de aula da professora Monique. Que elementos da professora Monique teria que trazer pra que a aula de matemática fosse interessante para a senhora. Pra senhora falar assim “caramba, Monique, hoje essa aula de matemática foi top”.

Ela teve uma aula de matemática que ela trouxe uns pauzinhos, entendeu? Ela trouxe pra gente, logo no início do ano, ela trouxe pra gente pra gente fazendo contas com aquilo, entendeu? Aí ela trouxe pra gente, pra gente fazer logo no início, entendeu? E eu gostei. Agora outra coisa também, que eu gostei também foi um dever que ela passou de matemática também, né, falando sobre mim, sobre o meu cartão, né? Gleide tinha que fazer a conta. Eu também gostei dele.

Eu acho que eu estava nessa aula. Achei a ideia muito legal mesmo. O problema tinha o nome de vocês.

Gostei também do cartão, né? Eu falei, gente, olha, uma boa ideia que a professora deu, eu gostei também, entendeu? Porque é uma coisa diferente.

A senhora gostou de ver o seu nome num problema de matemática?

Eu gostei, eu gostei muito. Eu acho legal, ontem a gente teve uma brincadeira lá na sala do jornal, que ela falava a palavra e a gente via no jornal, tinha que recortar e levar lá pra ela. Mas ontem também não estava muito bem, né? Que a bronquite estava atacada, eu tava cansada, tava com muita dor de cabeça e espirrando muito, aí então aí eu também quase não só, só acertei 2 palavras, né? Mas eu gosto desse negócio que a gente tem interação, entendeu? Isso também ela faz, entendeu? Chamar gente no quadro “ó tu vai falar isso pra gente escrever”, entendeu eu gosto também. É diferente, a professora Monique é uma professora diferente. Porque eu vendo, pensando, das outras professoras que eu tive, nenhuma delas puxava pelo aluno, entendeu? Nenhuma delas puxava nenhuma chamava pra ir ao quadro, entendeu? Ó mesmo que você não saiba, mas você vai, né? Eu te ajudo, dá aquela força, né.

Com certeza... [silêncio] Vamos lá, então, agora é a sua vez. Pensando no seu dia a dia, no cotidiano. Em tudo que a gente conversou hoje aqui eu queria que você trouxesse um elemento do seu dia a dia para dar uma aula de matemática.

Pra dar aula?

É, mas quem vai dar aula é você.

Eu?

Eu vou falar assim, Gleide, hoje você vai dar uma aula de matemática do assunto que você quiser. O que é que você traria do teu dia a dia para ensinar para a gente lá na turma da professora Monique?

Crochê.

Crochê. (ambas riem)

Se você não falasse, eu ia ficar baixinho falando *crochê, crochê, crochê, crochê, crochê*. A senhora usaria o crochê para ensinar matemática pra gente?

A gente poderia ver uma toalha, uma blusa ou um top, ou um sutiã, ou uma saia. Eu preciso comprar linha, agulha, entendeu? Eu pelo menos uso linha, agulha, tesoura pra cortar linha, né?

E as medidas a senhora sabe de cabeça, dona Gleide, ou a senhora tem que verificar com uma régua ou com uma fita?

Não, eu faço pelas trancinhas, entendeu? Pelas correntinhas, como fala, entendeu? Fazer uma saia para você e aí eu faço as correntinhas, entendeu? Aí eu vejo a sua medida, aí pela medida, aí eu faço.

E essa medida a senhora vê de cabeça ou a senhora faz com a fita métrica?

De cabeça, de cabeça, eu olho pra cintura da pessoa e faço.

Uhum. A senhora faz a correntinha...

Já verifico na cintura e dali eu vou fazendo, ou pra diminuir ou pra aumentar, entendeu? É só eu ver o modelo, “ah eu quero um modelo assim” aí eu olho e vejo “não, eu sei fazer”. Aí eu vou lá e faço. É

que nem as roupas pra consertar, porque eu conserto alguma roupa. Então tem algumas professoras aqui que eu falei, “ó, eu sei fazer, aí eu sei fazer”. Então aí eu vou lá e faço, entendeu? Mas primeiro eu alinhavo, entendeu? Aí eu trago pra ver se tá bom, tá certinho. “Então eu posso costurar?” Porque eu entrei na aula de corte e costura sim, mas sendo que quando eu estava nesta loja de corte e costura que a minha mãe me mandou eu era solteira ainda. Aí eu ia todo dia, aí um dia, a professora falou assim, “olha só a gente vamos fazer um modelo de roupa simples, um vestido simples, mas sendo que a gente vai trocar os panos com a parceira. Você vai fazer o vestido, pra fulano, fulano vai fazer pra você”. Aí eu falei, “caramba, tá bom?” Aí eu peguei o pano da menina, que era muito bom, e o meu era chita. Aí eu fui, olhei pra menina, tinha as medidas das meninas, só que eu diminuí muito. Aí, então ficou muito apertado o vestido. Olha, mas foi o auê que a menina fez. Eu saí de lá, correndo, “eu não vou, eu não quero”. E até hoje eu não consigo cortar, entendeu? Eu não consigo cortar. Eu posso, se me der um vestido cortado, eu monto o vestido todo, mas cortado. Eu faço pra mim, pra mim eu faço, pego o vestido, boto, corto, eu faço, entendeu? Agora, com os outros dá aquele medo, aquela coisa eu falei, “Ah, meu Deus”.

Caramba dona Gleide, mas a senhora vai superar, eu tenho certeza! [silêncio] E pra gente finalizar, dona Gleide, eu queria fazer uma última pergunta para a senhora. Você acredita que a sua cultura é importante para a escola?

Ah, eu acho. Que é, na verdade, agora que eu tô quase na mídia, né?

(ambas riem)

Ai, meu Deus do céu.

Como assim a senhora está quase na mídia?

Ué, assim que eu estou no Face, a professora vive colocando a gente no face. Outro dia eu encontrei com uma colega, ela disse “eu vi você no face”. Aí eu “como assim me viu no face?” Aí ela disse “vi você no face, você tava com blusa de escola”. Mas eu espero de fazer a minha formatura, consiga ir até o fim!

A senhora vai sim, com certeza.

Eu falei, não, eu vou e quero, eu quero porque eu quero chegar um dia na minha igreja e pregar e pregar bem.

Isso aí com certeza. Vamos lá agora, depois da nossa conversa, né? Dessa nossa, quase 1 hora de conversa, falamos bastante, e foi muito bom. A senhora começou falando para mim que matemática, ela é muito complicada, né?

É.

Depois da nossa conversa, depois que a gente falou sobre matemática, trouxe um pouco da ideia, eu queria que você escrevesse uma outra palavra. Talvez se tenha mudado um pouquinho, melhorado um pouquinho a impressão da matemática. Que que matemática é pra você? Pós nossa entrevista?

Ai, Deus, como eu escrevo.

A senhora que escrever o que?

Melhorou um pouquinho.

Melhorou um pouquinho, então vamos lá!

M-E, L-H-O, R-O-U

Às vezes me dá um branco...

Ih, isso é natural, dona Gleide.

ROU com U no final. Isso.

Obrigada, dona Gleide.

Ah, de nada.

A senhora gostou? A senhora gostou desse momento?

Gostei.

Que bom que a senhora gostou. Eu fico muito feliz...

Eu espero que tenha servido pra tua pesquisa.

Serviu demais. Foi lindo, muito obrigada.

APÊNDICE J – ENTREVISTA COM A COLABORADORA VILMA, 55 ANOS

Boa noite, dona Vilma, tudo bem com a senhora? Podemos começar nossa conversa? Bom, como eu estou fazendo com os seus colegas, eu vou pedir para você escrever um negócio pra mim.

Eu não sei escrever.

Mas aí eu te ajudo.

Ah tá.

Eu vou falando as letras caso você precise para ir conseguindo escrever.

Você falando então eu vou escrevendo.

Então combinado! Eu estou ajudando também assim o pessoal. Eu quero que você escreva para mim o que você entende por matemática?

Humm...

Quando a gente fala a palavra matemática o que vem na sua cabeça?

Ah... matemática ela é a luta do dia a dia, né? A soma de todas as coisas que a gente já fez. Do que já passou.

Você quer escrever então “luta do dia a dia?”

É.

Então vamos lá. Luta, é L – U – T – A. Aí separado do, D – O. Aí dia, D – I – A. Aí separado A. E de novo D – I – A.

(silêncio)

Muito bem. Ótimo, pra gente começar essa palavra ela é a melhor que a gente poderia ter. Vamos lá. Vilma conta um pouquinho para mim sobre você, sua idade, as profissões que você já desempenhou ou que você desempenha atualmente. Quem você é? Conta pra gente um pouquinho.

Olha meu nome é Francisca Vilma da Silva, tenho 55 anos, tentei estudar no início antes de ter o meu filho mais velho, mas não deu certo porque com 20 anos eu engravidei, né? Aí começou a luta, né? Aí minha irmã me expulsou enfim, começou tudo. Aí eu não consegui unir as coisas, ou trabalhava ou estudava. Aí eu fui para casa de família. Aí fiquei com trauma daquela barriga. Primeiro porque não foi uma barriga querendo, né? Aí fiquei 4 anos rejeitando meu filho e depois aí aceitei.

(dona Vilma nesse momento começa a chorar e faz movimento de enxugar as lágrimas)

Aí fiquei 8 anos sem engravidar. Depois de 8 anos eu tive o meu segundo. Meu segundo já foi com tudo o que tem direito. Ai depois de 5 anos veio a minha filha caçula. Aí foi a luta, criando todo mundo no sufoco. Meu mais velho meus ex-sogros me ajudaram. Desde os 15 anos que eu trabalho. Eu vim pra cá pra ajudar minha irmã com o filho dela. Minha irmã veio primeiro, aí depois voltou lá, pediu meus pais se podia me trazer. Eu esperava um não dos meus pais, aí minha vida já começou a dar ruim por aí, porque meus pais me liberaram pra vim com ela. Eu não queria.

Aí eu fui olhei para trás e falei assim é, para cá eu não volto mais, não voltei mais. Meus pais faleceram, não vi. Vim para cá e nunca mais cheguei a botar os pés no Norte. Se as pessoas me perguntarem “Vilma, como é que é o Norte? como é lá, como que é Sobral?” Eu não vou saber contar para você, porque eu vim de lá tão boba, tão tonta, porque o meu pai achava que mulher não precisava estudar porque era besteira, era só pra casar e ter filho. Eu via as filhas das vizinhas lá, as minhas próprias primas indo para a escola. E a gente com vontade não podia. A minha irmã ainda aprendeu um pouco. Depois chegou aqui, continuou. Meu irmão mais velho também aprendeu um pouco, mas

como eu era a caçula de doze, então eu não cheguei a estudar. Aí eu vim começar aqui, aí tentei e não deu certo. Porque minha irmã ela me trouxe para cá, mas não me explicava, nada vezes nada. Né, nada vezes nada, pelo contrário, da minha atitude com a minha filha, né? Não sei se foi o tempo, a escola, só sei que minha filha com 22 anos da de dez a zero em mim na minha época, né? Porque minha irmã me trouxe de lá pra mim, cuidar do filho e da casa dela, só. Quando na cabeça dela, que eu vacilei que não foi vacilo, só eu sei o pai do meu filho, sabe como é que foi. Aí os pais dele, a mãe dele, ficou falando que não acreditava, porque eu com 20 anos virgem, né? Aí ela duvidou os 9 meses que era neto deles, aí o pai dele mesmo sentando, não falou exatamente como ele fez, mas ele disse que tinha sido o meu primeiro e que o filho era dele mesmo. E ele estava esperando para servir o quartel, então não tinha condições né? Eu com 20 e ele com 18 esperando pra servir. E a mãe dele, o pai dele, não, o pai dele sempre foi gente boa. A mãe dele batia na mesma tecla. Aí fiquei os 9 meses com eles. Passando o terror, né? Aí quando eu terminei o resguardo o meu filho mais velho, eu fui trabalhar na Tijuca. Ia na segunda e chegava no sábado. Aí daí saí da casa da minha irmã e me enfiei casa de outra família na Tijuca. Aí da Tijuca, na época, as firmas de limpeza aceitavam sem leitura, né? Era bem diferente, né? Hoje eu já luto pra entrar no Pronil na firma de limpeza e não posso, né, porque exige estudo. Mas aí eu trabalhava na casa dessa família na Tijuca e eu tinha feito a inscrição na firma de limpeza. Eu cheguei à noite, minha irmã falou assim, “chegou um telegrama aqui para você”. Aí era de lá dessa firma de limpeza. Aí eu não pensei duas vezes porque eu ia segunda e voltava sábado de manhã né? E eu trabalhava muito, enquanto eles estavam acordados, eu estava trabalhando, então era muito cansativo e não tava curtindo o Bruno, né. Aí eu fui, escolhi entre a casa de família e a firma de limpeza. Fiquei 5 anos e 4 meses, na firma de limpeza. Aí foi quando a minha situação foi melhorando depois da firma de limpeza e tal, não que a casa de família me pagasse mal, eles me pagavam direitinho, entendeu? Mas era para dormir mesmo, o serviço pra dormir você trabalha em dobro, né?

E o Bruno acabava ficando com os avôs, né?

É, ficava com os meus ex-sogros. Eles me ajudaram. Me ajudam. Bruno mora com o avô até hoje. Tem 35 anos, a avó faleceu. Ele se separou da esposa e moram os dois juntos, né? Com o Bruno eu não precisava chegar com nada.

Então, no final ela se convenceu de que ele era filho realmente do filho dela.

É, é, porque no final veio com a cara dele, sabe aquele ditado “filho de puta tira a mãe da culpa?” Aí a mãe dele falava assim, a avó do Bruno falava assim, “se o menino é meu neto mesmo?” Aí eu já cheia daquela situação, lavando roupa, esfregando o chão pra ela com maior barrigão, enfim. Ela me usava em tudo que ela podia lá, né, mas eu não tinha opção.

Sim.

Aí fiquei morando com eles até meu filho nasceu quando eu terminei o meu resguardo eu fui pra essa casa da Tijuca, aí eu falava para ela, “ah, eu não sei, espera nascer”. Aí ele veio, a família dele todinha, mas tirou a foto do avô e colocou e primeiro neto homem e já viu, né? Foi muito estragado. Até hoje. Ele é. Aí nessa parte, graças a Deus, eu dei sorte, os avós deles me ajudaram muito.

Graças a Deus.

E eu aí, depois de 8 anos, tive o Lucas. Depois o Lucas com 5 a Cecília nasceu. Graças a Deus, muita coisa boa. Não é que o João tenha sido ruim, ele não, não era ruim. Na pandemia que foi que... Mulher nova, né?... A gente querendo proteger a pandemia e eles pulando o muro, procurando perigo, né?

Complicado. E quais motivos trouxeram a senhora de volta para a escola?

Olha... Na verdade, era a vergonha, né? Por eu não ter chegado nunca a um serviço diferente, né? Porque tem uma hora, né que o serviço doméstico seja ruim, mas com o tempo vai cansando e você não tem mais aquele pique. Como quando é nova, né? Aí eu me separei, fui morar sozinho. Aí uma colega minha foi e falou assim, “Ah, tem uma escola assim, assim, assim” eu falei, “mas esse ano não vou entrar não que a minha cabeça tá a mil, o ano que vem, quando eu estiver mais tranquila eu vou”. Aí eu resolvi encarar. Perdi. Eu tinha vergonha, que primeiro eu sempre quis ter um explicador, alguém antes pra me ensinar alguma coisa pra mim poder entrar na escola, na minha cabeça era assim.

Aí quando eu descobri que tinha muito idoso, junto, igual a mim, né? Aí eu fui resolver, encarar. Entendeu? Aí eu vi a minha neta com 5 anos, sabendo ler e escrever, vi meus filhos aí, o que que eu pensei? Eu tive o Bruno e fiquei no sufoco. Aí tive o Lucas as coisas foram melhorando, aí tive a Cecília, foi melhorando mais ainda, mas eu imaginei o que quando eles aprenderem, todos os três foram com 3 anos, todo mundo terminou tudo. O Lucas já está na segunda faculdade, o Bruno não quis faculdade, o Bruno só mesmo trabalha mesmo normal. A Cecília também diz que ainda vai fazer fisioterapia. Por enquanto, ela trabalha na loja. Foi morar com o namorado não deu certo, mas encarou, continuou morando sozinha, tá morando, super adulta, muito, muito cabeça mesmo. E colocou, acho que é o DIU, não que filho, né? Super madura mesmo, nem parece minha filha. Eu acho que o rapaz serviu pra tirar ela de dentro de casa, sabe.

Da zona de conforto, né?

É daquela assim... Por ser a minha filha, menina que eu sempre sonhei eu acho que eu sufocava muito ela, né? Então ela saiu daquele mundinho que vivia eu, ela e o pai dela. Então ela cresceu. Muito adulta, tá a 4 anos no shopping. Tem a casinha dela lá do outro lado lá. Não deu certo com o rapaz, eu já tinha falado para ela, ela falou “Vou tentar, se não der certo pra casa dos meus pais eu não vou voltar não”. Aí eu falei “tá bom”.

Ai, que bom.

Aí eu achava que quando eles comessem aprender, todos os três, o Bruno estudou em colégio particular, Bruno teve maior mordomia, a Cecília e o Lucas foram encarar a creche, né? Porque foram os dois que eu criei mesmo, de verdade, o Bruno teve ajuda, né? Ficou mais que os avós do que comigo, porque foi o primeiro. O Lucas minha irmã me ajudava, mas tudo o que Lucas precisava era comigo, né? Até para o final, mesmo a engenharia que ele quis fazer, faculdade de engenheiro, eu que banqueei tudo, né? Os livros e tudo. Aí ele foi e ficou fez a faculdade e tal. A Cecília disse que ainda vai fazer, vai fazer 23 anos, né, ainda tá nova.

Tá bem nova, sim.

Converso à beça com ela. Aí eu achei que eles iam me ajudar no básico, me ensinar, mas eles nunca tiveram paciência de me ensinar. Então eu tive que encarar mesmo. Aí eu acho que é assim, eu tive um pouco de dificuldade, porque a gente chega a uma certa idade, a cabeça da gente não é a mesma, né? Quando a gente é mais jovem, né? Mas a professora fica me elogiando, “olha, você tá bem, você tem que botar na sua cabeça que você sabe ler, você sabe ler você que fica colocando na sua cabeça que você não sabe”, entendeu?

Com certeza.

Aí na matemática, eu consigo resolver.

Na matemática você é boa.

Mas assim pra tirar daqui [*apontando para o coração*] eu falo para ela, “Professora, no dia que eu aprender e ler escrever, nossa, eu acho que eu vou botar tudo o que tem... aí eu vou esvaziar, sabe, aí eu acho que vai ser igual um saco cheio de entulho, vou pôr tudo numa folha de caderno tudo o que tá preso aqui dentro, sabe. Aí eu vou dizer: consegui. Aí eu vou soltar fogos quando acontecer”. Até agora eu tô com dificuldade de botar no papel.

Mas você voltou esse ano, não foi?

Foi em fevereiro.

Ah, então tá no iniciozinho. A senhora ainda vai ter uma caminhada muito bonita ainda, tem ainda uma caminhada muito linda.

Foi dia 6 de fevereiro que eu comecei.

E a senhora acredita, depois desse nosso início de conversa, que a escola ela pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Com certeza. É a única coisa que ninguém tira da gente. É o ensino, né? Não são coisas materiais, entendeu? Não quero mais me envolver com ninguém. Eu quero cuidar de mim. A partir de hoje eu quero cuidar de mim. Fez um ano em maio que eu estou morando sozinha, do jeito que eu tranco a minha casinha fico, saio de manhã chego de noite, é uma correria? É. Eu trabalho com uma senhorinha um dia sim e um dia não. Pego as minhas faxinas na Vila Militar, tenho uma na Barra, em Madureira e assim eu não paro não.

Uhum. A senhora já viu para a aposentadoria da senhora?

Ah, eu fiz 55. Eu pago meu carnê do INPS. Falta um ano pra contribuição. E pago meu carnê do Sinafe, meu aluguel, minha luz. Aí o meu filho conseguiu um serviço tem 5 meses. Aí ele pega a cesta básica, me dá, né? Se eu pego o dinheiro emprestado com eles eu faço questão de resolver. “Não mãe, precisa não”, eu pedi emprestado, entendeu, precisar eu pego de novo.

(Risos)

Eu sou muito orgulhosa, entendeu? Não é nem por orgulho, mas eu fui criada de uma tal maneira e eu fui jogada tanto na cara que aí eu fico assim, pedi emprestado, vou devolver. Eu prefiro chegar assim e falar “fulano você tem alguma coisa na sua casa que eu possa fazer pra você me dar um qualquer”, eu não vou na sua casa, bater na sua porta e te pedir nada. Eu gosto da troca. Eu sempre gostei. Então eu fui criada assim com meus pais. Se eu tenho cebola, eu tempero. Se eu não tenho, eu faço aquela comida sem cebola, mas eu não vou na porta de ninguém. De ninguém, eu não gosto, me dá um nervoso de pedir. Eu gosto de fazer para as pessoas. Eu me sinto bem fazendo para as pessoas, mas eu já não me sinto bem fazerem pra mim, então se fizerem de uma maneira ou de outra enquanto eu não retribuir eu não sossego. Aí eu gosto assim.

Entendi! E o que a senhora entende, dona Vilma, por aprender? O que é aprender para a senhora?

Olha minha filha, aprender para mim é tudo que eu não sei. Entendeu? Você quer ler uma placa, você pega o endereço. Agora tá tão complicado você pedir uma informação para alguém. Antes você pegava o endereço, “quem tem boca vai a Roma”. Cheguei em casa lugar que eu não tinha a mínima ideia de que lugar era aquele. Mas eu tinha um papel escrito na mão, o endereço, eu chegava lá, perguntava, né, um policial, enfim, uma barraca de jornal, você se informava.

E chegava num lugar.

Cada um ia te dando uma direção e você chegando lá, né? Então o aprender é tudo, né? É tudo, é muito lindo a criança que começa. Poxa, tem criança aí, claro que já nasce já com a cabeça pronta, né? Impressionante, né? A minha neta, com 6 anos, Jesus... lê, escreve, pega um computador, pega um celular, eu babo com a Alice, né? Então, aprender é a coisa mais linda, e é um ouro que ninguém tira da gente. Já pensou você tirar daqui *(apontando para a cabeça)* e passar para um caderno? Depois lê aquilo ali que você escreveu? É muito bonito. É muito bonito, entendeu? Eu acho.

E a senhora acha que a gente só aprende na escola, no ambiente escolar?

Olha a primeira lição é dos pais, eu trago muitas coisas, mesmo os meus pais tendo sido analfabetos que todos eles Deus já levou, mas o pouco que a minha mãe e o meu pai tinham de vida eles passaram para a gente e segundo, o caráter. O caráter, tudo de bom veio do pai, da mãe quando os filhos escutam. E tem o mundo também, tem a cartilha. Se você não aprender com o pai e a mãe, você aprende com o mundo.

Então o mundo ensina?

O mundo ensina, todo dia, a partir do momento que você abre os olhos, se você não seguir um caminho reto, for querer dobrar para o lado ruim, você só vai aprender coisa ruim. Agora se você tiver escutado aquilo que teus pais te falaram e seguir o caminho do bom, do bem, o mundo vai te ensinar

coisas boas. O mundo tem os dois lados, ou caminho bom ou ruim, vai de você escolher qual é o caminho que você quer seguir.

Bonito...

Né?

Então, assim, alguns exemplos de lugares que nós podemos aprender que a senhora, de fato, aprende também, outros lugares sem ser a escola.

Olha, de preferência... a casa dos outros... você chega numa casa limpa pra fazer um serviço, pode ter milhões de coisas espalhadas. É a maneira que aquelas pessoas têm de ter as coisas deles ali. É seu? Não é. Então você vai limpar aquela cara, você vem para limpar e vai deixar as coisas tudo certinho. Você vai sair daquela casa de cabeça erguida, vai botar a cabeça no seu travesseiro e vai dormir. Por quê? Porque tá com a consciência tranquila. Ninguém vai bater na tua porta atrás de você, porque você pegou qualquer coisa, qualquer objeto.

Qual aprendizado a gente tira com isso?

É respeitar o que é dos outros. Respeitar o espaço dos outros, as coisas dos outros, né? E o próximo. Porque você tem que pensar no amanhã, se você vai no primeiro dia, faz uma besteira, aquelas portas se fecham para você e o amanhã Deus pertence.

Com certeza. E em todas as vertentes, né Dona Vilma?

Todas. Todas. Todas as profissões. E em todos os lugares, né? É num divertimento, você vai se divertir, você vai curtir aquele momento, amanhã você vai ter coisa boa pra dizer “poxa, fui pra um tal festa, curti, me diverti. Foi muito legal”, né? Você tem que saber entrar e sair dos lugares que você frequenta. Em geral.

E agora falando um pouquinho sobre matemática, que eu sei que a senhora já gosta, tem um pouco de afinidade com matemática...

Mas é só o básico minha filha... só o básico.

Mas não tem problema, o básico também se vai pra muito lugar...

Essas contas que a professora coloca, né, quando chega na parte de pedir emprestado, né, eu até fico brincando com ela “aí, professora, eu tô dura. Olha, tem como emprestar”, entendeu? Então básico é porque, eu sempre dentro do mercado eu sempre tive vergonha de ficar... eu... encher o carrinho se eu sei que no meu bolso não tem aquele valor. Então eu fazia o que é, eu ia pegando as mercadorias, ia somando para não ter que ficar tirando na hora porque eu tinha vergonha. Não é vergonha, depois eu via que simplesmente as pessoas se enrolaram com o valor que tinha e “fulano cancela”. Tão comum isso, mas na minha cabeça era vergonha eu tirar aquelas coisas do carrinho pra diminuir, entendeu? Então eu ia pegar as minhas compras a minha irmã até falava assim, “ó, eu tenho tanto, mas eu sei que na tua mão vai esticar”. Eu ia no mercado com a minha irmã. Aí eu ia somando, pegando aquele valor das coisas, “isso aqui é tanto, isso aqui é tanto” assim de cabeça. “Isso aqui é tanto, isso aqui é tanto...” Aí eu chegava lá a menina falava, aí eu falava “caraca, o dinheiro certinho”. Eu falei “ih vou jogar na loteria, porque acertei legal, né”?

Certinho, né? Então a senhora mesmo com as dificuldades a senhora já tinha um artifício da conta na matemática?

É, e também nas minhas faxinas, nunca passei produto errado em móvel nenhum, porque desde cedo eu sabia pra que produto serve praquele móvel.

Hum, Hum.

Então eu sei exatamente os produtos certinho.

E como é que a senhora sabia qual o produto correto para passar?

É, vamos supor, produtos de cozinha, né? É o bruto. Lugares que leva água, bastante água, né? Cloro, sabão em pó... Agora tem vários, né? Engraçado, é isso que eu fico boba, porque no mercado eu consigo ler os produtos. Eu sempre soube ler. Veja, produto para limpar vidro, sabão em pó as marcas todinhas até falavam para mim “isso é besteira, é igual leite, tudo a mesma coisa”. Mas realmente é diferente, as cores são diferentes, tem um que é super clarinho, aí minha irmã falava “esse aqui pra roupa colorida desbota” ... Aí por aí ia...

Vai aprendendo com o tempo, né?

Aí nas limpezas, o pessoal falava assim, “olha, você não sabe nem ler nem escrever, mas você tem outros tipos de inteligência”, né? Aí eu sabia separar as coisas, os produtos de limpeza, as roupas eu sei quando uma roupa de um acabamento bom nas lojas. Eu falo pra minha filha, olha pra você ver se uma roupa vale esse valor, é pelo acabamento dela por dentro. Por quê? Porque a minha mãe era costureira. Minha irmã é costureira, já tem tempo que minha irmã não faz nada porque se acomodou. Eu falo até pra ela “eu não tive paciência pra estudo”, eu sempre gostei de pegar uma casa bagunçada e deixar... eu me sinto super bem quando eu termino de dar uma geral para olhar para trás tá tudo no lugar. Minha filha fala assim, “é porque você tem toc”. No mercado, eu fico ajeitando as caixas de leite, me dá um nervoso quando a pessoa pega um produto aqui e solta ali e o negócio tá ali, podendo levar de volta. Eu falo “gente tudo bem que tem o pessoal aí pra organizar, mas vai cair a mão? Aí enquanto eu tô na fila, eu vejo um negócio errado vou lá botar no lugar. Minha filha, “caraca, mãe, para com isso você tem toc”.

Sim... E a senhora acha que só tem um tipo de matemática no dia a dia?

Não, eu falo com a professora que o português muda, mas a matemática não. A matemática em si, ela não muda muito, né?

Eu acho que tudo tá envolvido a matemática. Você cria um filho, tem que ter aquela matemática para fazer no dia a dia com ele, né? Tudo. Se você vai cortar um pão, tem 2 filhos, ali já tá a matemática. Você tem que dividir aquele pão com os 2, né? O leite, as mamadeiras que vão fazer um monte de mamadeiras lá para dar... (*risos*) então a matemática está incluída em tudo, praticamente em tudo, né? O português não, o português, mudam, mudam.

A matemática então não. A matemática já tá nesse cotidiano. Nessas relações todas. A senhora trouxe vários elementos do seu trabalho que tem matemática, na escolha do produto, na quantidade de produto...

A quantidade que a pessoa usa do balde...

Sim... No preço...

Na economia, né, porque você vai na casa do fulano, “ah fulano é rico vou usar a quantidade que eu quiser”, mas porque isso, se não tem necessidade? Aí vai fazer isso só por maldade? Mesmo porque um monte de sabão vai te dar mais trabalho.

Eu aprendi isso, morando sozinha. (*ambas riem*)

Pra tudo tem as medidas, né. Tudo tá incluído a matemática, tudo. As máquinas de lavar não tem as gavetinhas? Eu não lavo assim. Eu não gosto. Eu acho que lava pouco assim pra máquina. Porque eu acho assim, roupas leves é uma quantidade, roupa de cama já é outra, calça de jeans já é outra. Então eu vou pela quantidade e pela sujeira que tá na roupa. Então aquilo tá na matemática, você não vai usar a mesma matemática de uma roupa de cama e uma toalha de banho para umas roupas comuns tipo as nossas. Porque a roupa vai ficar russa cheia de sabão, né? Então eu tenho uma maneira diferente de lavar. Eu boto uma máquina para encher, boto a quantidade de sabão, ligo ela praquela batida, e depois que eu boto a roupa.

Ah, a senhora enche a máquina primeiro, coloca o sabão quando ela bater...

Eu não preparo a máquina do jeito que tem que ser, igual o manual. Eu acho que ela vai ligando, vai girando, e vai jogando aquele sabão na roupa e onde o sabão bate vai manchando, então há muito

tempo eu faço isso. Eu preparo a água, deixo a máquina encher naquela quantidade, aí antes dela ligar, eu coloco sabão, a quantidade de sabão. Vejo a quantidade de roupa, o tipo de roupa, cada cor, e aí eu vou batendo, aí eu faço todo o processo. No enxágue se eu acho que foi pouco tempo, aí eu volto ela de novo pra dar um enxágue, depois por último é o amaciante. Eu demoro muito lavando roupa e faço assim quando me dão

E a senhora já vem falando isso a maior tempão, né? Sobre o jeito da senhora de se sentir parte daqueles espaços que a senhora trabalha, né?

Acho que é muito gostoso, porque além de você se sentir bem, você sabe que a pessoa tem confiança em você, né? E você faz, olha para trás, “cumpri meu dever”. Aí eu deixo a chave no mesmo esconderijo, são três casas que eu trabalho assim. Tem uma moça que eu trabalho pra ela a um tempo, ela chegou e pensou que tivesse entrado no apartamento errado. Ela viu o sofá dela seco. Nesse dia eu fui trabalhar até de noite. Eu gosto de trabalhar assim, quando é perto e quando eu tenho liberdade e a pessoa não tá em casa, eu gosto. Adoro ir limpar casa de noite. Eu gosto. Eu já lavei ônibus na garagem São Francisco de madrugada. Ih já fiz de tudo, minha filha, de tudo.

E essas pessoas em que a senhora trabalha, elas sabem que a senhora está estudando, voltou a estudar ou não?

Sabem, não assim as da faxina, sabem por que eu saio num horário bom.

E voltando um pouco para a ideia da matemática, ela é difícil ou fácil pra senhora?

Ah... Daqui por enquanto, a que a professora tá passando, olha até agora tá sendo... tá dando pra tirar resultados bons. A matemática que a professora Monique tem passado pra gente até agora. É que nem eu falei pra ela, essa basicazinha no resolver a conta é tranquilo. Aí quando tem que escrever, mas aí agora eu já vou começando a juntar as letrinhas...aí eu já vou juntando as dezenas, centenas, unidade. Mas no montar a conta e dá o resultado da conta aí eu tô conseguindo.

E assim, o que pra vocês seria uma aula de matemática interessante? Que elementos a gente teria que colocar em uma aula de matemática para ela ser interessante para a senhora? Caramba, essa aula aqui hoje foi muito boa.

Quando a aula ela tem põe um pouco de brincadeira...

Ah... aula que tem brincadeira é boa?

É, é boa, a professora fez uma dos pauzinhos, já fez uma de umas peçazinha que uns tinha 10, o outro 100, uns de pequenininho, unidade que eu rapidinho fiz um jogo de cinturada no final deu certo. Ela “caraca, me arrepiei toda, ela fez um jogo de cintura que deu certo no final”. E as brincadeiras dos palitos, né? Brincadeira de dado que ela traz às vezes dado, aí joga pra gente. Então esse tipo de brincadeira, além da gente quebrar um pouco aquela coisa da gente ficar colocando os miolos para funcionar, tem o divertimento, né?

Além de raciocinar, também se diverte.

E relaxa, e dá uma relaxada. E no final da tudo certo.

(risos)

E no final da certo e fica uma brincadeira legal, que nem semana passada, eu falei, “poxa, legal, professora, vamos fazer mais vezes esses tipos de matéria?”. Que fica legal todo mundo ri, brinca, um ajuda um ao outro, que nem tem duas abelhudas lá que se sentam do meu lado. *(risos)* em dia de matemática. Hoje tá vazio.

É que é véspera de feriado.

É. É. Mas tem muita gente desistindo. Uma pena né, mas a gente entende que a correria, né? Quem trabalha lá embaixo é bem difícil. Quando é vou lá pra Barra, eu subo esse morrinho aqui de Olinda, eu olho 2 vezes em direção lá de casa, olha... aí eu falo, “não vou para a escola”, é complicada. Não é

nem o serviço, você acredita, é os transportes. É o trem, BRT. É os transportes que faz a gente desistir de muitas coisas, né? Com certeza, mas infelizmente faz parte, né?

Uhuh, entendo muito bem isso. Ó, agora é sua vez, agora é você é a professora de matemática? Pensando em alguma coisa do seu dia a dia, do seu cotidiano, se eu falasse para você assim, “olha, dona Vilma, você vai dar uma aula de matemática para nossa turma lá para a segunda e terceira fase”. Que aula de matemática você daria? Que elementos do seu dia a dia, do seu cotidiano, você traria para nossa aula para ensinar alguma coisa para nossa turma? Não pensa assim na aula da professora Monique não, pensa no seu dia a dia. O que que você traria para sala de aula para você ensinar alguma coisa?

(silêncio)

Pode ser o tempo que eu levei dentro dos transportes...

Hum, o tempo que se leva no transporte público?

É, é de casa até o local do trabalho, né? O tempo que eu levei pra fazer o meu serviço lá... Ida e volta do transporte, né? Eu acho que é onde a gente perde mais tempo, nos transportes do que trabalhando. E quando a gente assiste acidente? Nossa, a nossa cabeça fica a mil.

Não e eu acho que é muito interessante a senhora trazer essa ideia do tempo, porque muitas poucas pessoas têm essa noção, né? E fazer um trabalho com relação ao tempo, ida e volta do trabalho ia ser até bacana, porque quando a senhora traz a sua experiência, outros colegas vão trazer a experiência deles, né? Isso aí pode começar movimentar a turma.

O tempo todo. E tem diferença você ir dentro do seu próprio carro, fazendo o seu itinerário. Se aquele caminho tá ruim, você só descobriu de manhã pela internet, você já toma outra rota, você já toma outra direção, porque você sabe que por ali você vai ganhar tempo e vai dar certo pra você chegar no mesmo lugar que você chega todo dia naquele transporte. Mas e quando você depende do motorista? Quando você é o passageiro de um trem, de um ônibus, você não pode pegar aquela direção e fazer o mesmo jogo. Você depende dele, né? E aí, o tempo na fila, o tempo dentro do transporte, o tempo de trabalho. Aí na volta você pensa, poxa, será que vai estar do mesmo jeito que estava ou vai ter melhorado? Vou levar menos tempo ou vai ser pior? Aí você entra dentro do trem não tem os cabos, não tem sinalização, não tem isso, não tem aquilo, tá chovendo, as linhas tão debaixo d'água. O relógio não para. O relógio não para.

E assim, a senhora contando um pouco sobre dessa experiência eu emendo até numa pergunta também, a senhora acha que a sua cultura, ela é importante para a escola?

Qual?

A sua cultura. A Vilma, dona Vilma, a Dona Francisca Vilma da Silva de 55 anos, ela é para a escola?

(ambas riem)

Eu acho que a mesma importância que a escola é para mim, eu acho que eu sou para ela. Né? Porque ao mesmo tempo que eu estou tirando conteúdo da escola, eu tô passando um pouco do que eu sei do meu dia a dia, da minha experiência, né? Das coisas que eu já passei. Se tiver alguém precisando de um conselho e quiser me escutar, eu estou aqui para ouvir, pra falar, se a pessoa tiver a fim de me ouvir. E eu acho que tudo na vida é uma troca. Tudo na vida é uma troca, né? Uma mão lava a outra e as duas lavam o rosto. Todo mundo precisa de todo mundo. Seria muito bom se fosse fácil. Falar é fácil, mas o dia a dia da gente do ser humano tá tão difícil. Olha eu tô adorando a nossa conversa. Eu sempre gostei de conversar com pessoas inteligentes, pessoas que tivessem coisas para me ensinar, entendeu? Eu dou valor a todo mundo, mas eu sempre gostei, olha eu me sentava lá no quintal, lá em Sobral, no Norte, eu já me sentava com os adultos. Pequena no meio dos adultos...

Caramba que legal! Vamos lá, então, pra a gente finalizar a nossa entrevista, que foi muito boa, uma hora quase de entrevista... Falas à beça. A senhora como primeira palavra, disse pra mim

que matemática era a luta do dia a dia. Depois de tudo o que a gente falou sobre matemática, sobre aprender, sobre o nosso cotidiano, eu queria pedir que a senhora escrevesse uma outra palavra, se talvez, depois da nossa conversa, a matemática tem um outro olhar para você.

É sim, passou a outro sentido... É a luta do dia a dia, é um aprendiz, né? Faz parte, por exemplo, o que a gente está ganhando hoje, será que amanhã vai dar para a gente comprar com ele o que nós compramos hoje? Eu acho que não tem como. Porque todo o dia que você vai no mercado tá tudo diferente. Você comprou o produto hoje, amanhã você vai lá e o mesmo produto que você quer, está em outro valor, né? Então, a gente tem o que? Que esticar, né? Se você ontem esticou, amanhã, você vai esticar. Na minha cabeça, no momento, matemática pra mim, no momento e pode até ser pra sempre, porque eu gosto muito, eu gosto muito de números, eu gosto muito de somar. Eu gosto muito de ver até onde vai que eu estou ganhando. Se o que eu tô ganhando der para continuar pagando, tudo que eu estou precisando, meu aluguel, minha luz e meus carnês, então pra mim tá bom. Então, a matemática para mim vai sempre fazer parte do meu dia a dia, porque eu não sei fazer nada se eu não somar antes.

(ambas riem)

Tudo o que eu vou fazer eu tenho que calcular. Se eu tenho uma atitude para tomar eu não vou de cara. Então, se você pensa duas vezes já é uma matemática, né? A matemática é uma soma... Até o pensamento.

(ditou-se a frase da dona Vilma para que ela escrevesse)

Muito bem, dona Vilma, muito obrigada. A senhora gostou?

Gostei.

A senhora ficou feliz com esse momento?

Me senti numa psicóloga. *(risos)*

Ah que bom! Fiquei muito feliz agora!

APÊNDICE K – ENTREVISTA COM O COLABORADOR CARLOS HENRIQUE, 49 ANOS

Oi, Carlos, seja bem-vindo a nossa conversa. Fique à vontade para conversar e falar sobre o que se sentir à vontade. Aqui não tem certo ou errado e sim estamos juntos pra conversar.

Tá bom!

Primeiramente, eu tô fazendo com todos os estudantes isso, eu peço que vocês escrevam em uma folha inicialmente, o que que é matemática para você. Em uma palavra, em uma frase de forma breve, o que é matemática para o Carlos?

Matemática pra mim é trabalho.

Trabalho?

É.

Então vai aí, mete bronca, escreve para mim aí.

Eu trabalho com números, entendeu? Então é por isso.

Show, muito bom. Então eu vou deixar guardadinho aqui que matemática para você é sinônimo de trabalho. Vamos começar então, Carlos. Conta um pouquinho de você para mim, assim: sua idade, profissão, os trabalhos que você desempenha ou que você já desempenhou... Apresenta um pouquinho de você para gente.

Vamos lá! Eu sou o Carlos Henrique. Tenho 49 anos, já tenho quase 50, tá. Eu sou casado com uma boliviana, tô com ela a 19 anos, ano que vem eu faço 20 com ela. Eu trabalho desde os 14 anos. Comecei nas Sendas com o marrequinho, com 14 anos, nas Sendas. Fiquei lá um bom tempo nas Sendas, então assim eu fui me dando muito bem com o público, né. Aí trabalhei e tal, e depois entrei na casa da Espanha, ali no Humaitá. Fiquei lá 8 anos, foi lá que conheci a minha esposa. Trabalhei com festa, festa, festa, lá eu era porteiro, aí eu comecei a gostar de festa, aí comecei a trabalhar em festa, garçom, segurança, aí tô nisso aí a mais de 20 anos. Aí essa pandemia aí me derrubou, porque antes disse eu comecei a me organizar, comprei meu carrinho, com minha esposa ajudando, né! Compramos nosso carrinho, aí essa pandemia me deixou no chão. No chão mesmo. Na empresa em que eu trabalhava eu tive que sair, fiquei com uma dívida enorme, aí acabou a pandemia e eu comecei a me levantar um pouquinho. Então assim, comecei a me levantar, aí comecei a abrir um buffet. Aí trabalho com buffet e tal, aí montagem, aí se alguém me ligar “vamos trabalhar”, eu tô indo. Aí assim, eu tô aqui porque resolvi estudar. Por causa da minha esposa, né?

Uhum.

Ela veio por causa da colega dela, aí eu falei, não vou estudar nada não, tô com cabeça mais pra isso não, aí eu fiquei vendo o esforço dela e pensei em tentar. Aí eu comecei a vim e tô gostando e como eu peguei uma ótima professora, professora Monique, aí fui ficando, ficando, e fiquei e tô ficando. Só que as vezes não dá pra vim sempre porque sempre tem festa e, graças a Deus, tenho sempre trabalho, trabalho, trabalho, aí não tem como eu vir todo o dia, mas tô aí. Ah eu não falei né. Eu tenho dois filhos. Um dia 17 anos até levei pro quartel hoje pra se apresentar hoje, e tenho uma menina de 12 anos.

Muito legal sua história de vida, Carlos, e significativa também dentro de tudo o que a gente viveu. Bom, vamos lá então. Continuando. Você falou um pouquinho que sua esposa te motivou a voltar para a escola, teve mais algum?

Minha esposa, foi. No começo quando ela veio pra cá, ela me falou, “*vambora*”, mas eu falei que não, aí a minha filha disse pra eu vir também.

E surgiu do nada essa fala dela? Ela falou do nada isso?

Do nada. No começo eu não dei bola, aí eu tô vendo o esforço dela e pensei “quer saber de uma coisa eu vou também” aí vim!

Ah, então ela também estuda? Ela também tá aqui?

Sim, ela estuda aqui, a gente estuda junto e trabalha junto.

Ela é de que fase?

Ela tá na última turma, na 8ª fase.

Nossa que legal! Ela começou antes de você então. Já estava aqui a algum tempo aí te convidou a retornar os estudos também.

Isso.

Que bacana, Carlos.

Aí eu me interessei.

E tá gostando?

Tô, tô. Quando eu tô em casa eu penso “vou pra escola, vou pra escola”.

Tá certo! Agora vamos conversar um pouquinho sobre o que você entende por matemática. Você até já falou um pouquinho na hora que você escreveu, né? Mas de um modo geral, o que você entende por matemática?

Olha matemática... é... conta. É meu pai sempre me ensinou assim. Se entrasse em casa podia até apanhar de palmatória. “Tem que aprender matemática”. Aí eu errava, palmatória na mão. *(Bate nas mãos simulando uma batida da palmatória)*. Ficava até meia noite estudando matemática. Eu até tomei raiva de estudo por causa disso. Por causa do meu pai. Ele me batia. Mas assim eu me interessei por matemática porque ele me ensinava, me explicava, “tem que aprender matemática pra ninguém te enrolar em dinheiro... em conta...” entendeu? Aí eu comecei a pegar.

Então você sempre gostou dessa disciplina?

Sim, sempre. Português... ciências... odeio. *(ele ri)* Odeio. Mas matemática eu gosto. Gosto muito. Só que tem série, tem coisa na matemática, agora também que tá meio puxado. Daquela divisão, por exemplo, *dez vezes não sei o que dividido por tanto multiplicado por tanto*, essas assim...

Ah sim, uma expressão numérica.

Isso, aí isso me complica. Mas assim matemática é melhor.

Mas se você tiver que fazer esse cálculo às vezes de forma mental, pausado, você vai fazendo, né? Devagarzinho...

Vou fazendo, vou fazendo, devagarzinho e tal. Puxando na memória assim e é isso, vou tentando.

E você, acredita que existe apenas uma matemática?

Não, não tem várias, o professor da sexta série estava explicando isso pra gente esses dias. Não sei se você estava presente quando ele falou com a gente que assim em cada ano tem diferença no estudo da matemática.

Mas aí ele trouxe a ideia da escrita matemática de outros povos de muitos anos atrás né? E hoje em dia, no nosso cotidiano existe apenas uma matemática?

Não, não, tem várias.

Tem vários tipos de matemática?

Uhum.

Então me dá um exemplo para contextualizar a nossa conversa. Onde existe matemática fora, por exemplo, da nossa sala de aula?

Fora da sala... Matemática é por exemplo, conta, dinheiro, uma soma de uma dívida, ir ao mercado e pensar se o dinheiro vai dar. Vamos fazer a soma, entendeu? Mais ou menos isso.

Mas sempre é uma matemática voltada por uma questão financeira? Sempre haver com dinheiro? Ou em outras áreas que não envolvam dinheiro, a matemática também está presente? O que você acha disso?

Ela está presente! Em número, contas, por exemplo, uma festa. 100 pessoas, quantos garçons vão usar? Quantas mesas vão servir? 25 mesas um garçom, vamos fazer as contas, com 100, quatro garçons. Entendeu? Então assim bebida também, a gente faz conta, por exemplo, você faz uma festa com bebida, cerveja, essas coisas, aí eu faço as contas de quantos litros vai sair na festa, quanto de bebida vai sair na festa.

E dá pra fazer essa conta?

Dá, dá.

Com noção de pessoas?

Dá.

Como é que é, então?

Assim, cada pessoa consome mais ou menos umas 5 cervejas. Então você vai fazer as contas mais ou menos de 100, por que você sabe que 100 não vem, então você faz a conta como se 60 bebem e 40 não bebem cerveja. Ai a gente faz a conta de 25 a 30 litros de cerveja.

Isso aí levando em consideração que cada pessoa beba 5 cervejas.

É. Aí você vai vendo. Faz as contas e vê. As vezes não sai tudo, as vezes sai menos, as vezes sai mais.

Aí vocês já vão preparados para essa questão de precisar a mais? Pra essa margem e erro?

No caso vamos sempre preparados pra mais. E deixo de reserva, eu fiz aquela conta de quarenta, eu deixo mais ou menos uns 10 reservados. Ou vai sair ou vai sobrar. Então a conta tem que bater certinho.

A conta tem que conseguir preservar o evento, né?

Exatamente.

Tá legal, bacana. A próxima pergunta você acabou de me responder. Seria perguntar se esse outro tipo de matemática é desenvolvida por você nos seus espaços de inteiração. E por tudo o que você falou, com certeza é, né? Você exerce o pensamento matemático o tempo inteiro.

Então eu também cálculo a quantidade de valores por pessoa. Por exemplo, 100 pessoas, se for com bebida, eu cobro R\$80,00 por pessoa, então faz as contas. Aí eu vejo assim, pra não acharem que eu tô crescendo o olho eu dou porcentagem.

Você dá um desconto.

É. Eu falo esse dinheiro vai ser muito pra mim, não quero isso, eu quero ganhar mais gente, então vou dar 10%, 15% de desconto.

Até porque você precisa ter a segurança das coisas que você vai comprar pro evento, né?

Exatamente. Eu cobro sempre a mais. Por exemplo. O preço da carne, pra um churrasco, aí eu faço conta, eu boto assim, a carne no mercado está R\$24,00 um exemplo, eu vou botar R\$30,00 cada tipo de carne porque quando eu compro a peça a vem não vem cinco quilos ela vem cinco quilos e pouco, seis quilos, nunca dá o peso certo, então a gente faz sempre as contas a mais.

Uhuh, sempre a mais, entendi. Até para não faltar no evento, né?

Para você ver que a matemática vai servir sempre o tempo inteiro.

O tempo inteiro. Com certeza. E você acredita que a escola ela pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Pode, pode. Eu vejo pelos seus filhos. Meu filho é o último ano dele, nunca repetiu de ano, nenhum dos dois. Assim no começo, nota baixa, por causa de coleguinha e tal, a gente sempre chamando atenção. Aí na segunda a nota já veio melhor e por aí em diante.

E quando eles começaram a estudar, seu filho mais velho tem 17 anos, né? Quando eles começaram a estudar você não sentiu vontade de voltar pra escola? Durante esse período de formação deles?

Não, não, todo mundo falava. Vai estudar, vai estudar. Mas não batia isso na minha cabeça aí agora com a minha esposa vindo, indo pra escola que me deu vontade de vir também. Vou tentar, vou lá ver.

E o que que você entende, Carlos, por aprender? O que é aprender para você?

Aprender assim coisas novas, coisas que nunca passou na minha cabeça, uma matéria que eu nunca tive, tem várias matérias diferentes. Então assim, eu tô aprendendo agora. Se eu me lembro, na 3ª série não tinha não passava o que eu tô vendo agora, então tô vendo muita coisa nova. Tanto na 5ª que eu também vi ali e tal.

E você acha que a gente só aprende no ambiente escolar? Só na escola que se aprende?

Mais ou menos isso, é só na escola.

Não se aprende então em mais lugar nenhum?

Não, aprende assim, você vê as pessoas falando... Eu trabalhei muito tempo com um espanhol, então assim eu aprendi muita coisa com o espanhol. Às vezes eu tenho essa mania de falar rápido porque eu aprendi com eles. Com a minha esposa também quando ela tá revoltada comigo. *(risos)*

Mas então, aprender, ele está no seu dia a dia também?

É, sim, tá no meu dia a dia.

É porque assim são dois olhares diferentes, né? A gente só aprende na escola, então o único espaço que eu posso aprender, como você disse, coisas novas, coisas que você antes nunca tinha visto, só na escola que a gente aprendia isso? No nosso dia a dia, no nosso cotidiano, a gente não aprende?

Mais do que na escola, não. Não, a gente pode até aprender algumas coisas assim, mas é mais na escola. Assim pode ver que eu não sei falar gíria. Tem pessoa que fala, carioca que fala gíria e até pergunta porque eu não falo. Eu fui criado com meus avós, então assim eu aprendi a respeitar os outros, não com gíria, mas com conversa. Não sei se você reparou, mas eu tenho língua presa, as vezes eu falo um pouquinho enrolado ou então com umas letras que não sai direitinho, entendeu?

Entendi, e matemática ela é fácil ou difícil para você?

Por enquanto tá sendo fácil.

Matemática está sendo fácil?

Como eu te falei, a mudança que as vezes a gente se perde, essa divisão aí, nova aí, que é um atrás do outro que a gente se perde. Não sei se você já viu no Luciano Huck aqueles adolescentes somar, somar rápido, isso aí eu não sei. Mas somar, fazer uma conta, eu sei. Às vezes eu erro, mas eu penso, “ih errei não é assim”, já aconteceu isso, várias vezes.

Entendi. E o que que seria uma aula de matemática interessante? Uma aula de matemática é que você olhasse assim pro quadro e pensasse “caramba, isso aqui eu gosto”.

Divisão... divisão... divisão eu gosto.

Então uma aula de divisão seria uma que é mais uma aula de matemática legal?

Isso, seria legal.

Mas não teria nenhum elemento nessa aula, o professor não precisaria trazer nada para a sala de aula para aula ser interessante?

Não, trazer o conhecimento dele, né? O conhecimento dele porque ele tem mais do que eu, né?

Só o conhecimento dele, só uma caneta, o conhecimento dele e a divisão? Isso já faz a achei interessante para você? Por quê?

Não sei, não sei explicar sobre isso.

Porque assim é interessante sua fala, porque quando a gente vai conversando, todo mundo diz que uma aula de matemática interessante é aquela que o professor traz um jogo, traz uma atividade diferente, da quase que uma pirueta na sala de aula e você foi tão simples em dizer que uma aula, para você, divertida, é uma aula que tenha divisão.

Depois que eu vim pra 5ª tem umas duas três aulas teve o professor que trouxe joguinho, coisa de matemática, esses joguinhos que ele ficou contando e fazendo de cabeça, depois que ele me ensinou que eu fiquei “ih vou fazer isso também”.

Ah, bacana. Agora é sua vez. Vamos lá. Pensando no seu dia a dia, no teu cotidiano, nos teus trabalhos eu quero que você pense em elementos do seu dia a dia que você poderia trazer para a escola pra dar uma aula de matemática. Do seu dia a dia. “Hoje vou dar uma aula de matemática lá para a turma da professora Monique”. Para a professora Monique e para turma. O que que do seu dia a dia você poderia trazer pra turma para ensinar alguma coisa?

Ih agora você me pegou. Muitas vezes... a maioria das pessoas não é boa em matemática, eu também não sou. Eu tento fazer. A maioria não é boa em matemática, mas aí eu tento, se eu fosse fazer eu botava mais divisão porque as pessoas as vezes não sabem.

Mas e os elementos do seu dia a dia que você traria pra ensinar? O conteúdo todos ali podem tentar explicar à sua maneira, mas e o jeitinho particular do Carlos ensinar? O que você traria para ajudar nessa aula?

É isso, eu ia somar, somar né.

E no seu dia a dia em que é que você soma?

Então... Desculpa eu não entendi. (*rindo*)

Não tem problema a gente vai de novo. Você chegou para mim contando a história de como é que você trabalha no seu buffet, as inúmeras operações que você faz, o seu jeito particular de pensar no exercício do seu trabalho, por que isso não pode ser trabalhado em uma aula de matemática com a professora Monique?

Eu também nem pensei nisso também.

Né? O que você poderia levar pra sala de aula que surja a partir do seu trabalho no buffet? Estou dando um exemplo, mas se tiver outro você pode ficar à vontade. Mas desses elementos que você já trouxe para a gente aqui e falou um pouquinho qual você gostaria de transformar em uma aula de matemática?

Eu poderia explicar como que faz a quantidade de carne que cada pessoa come num churrasco, por exemplo, é 50 gramas de cada pessoa aí é só fazer a soma e aí você vai ver quantas pessoas vai comer a carne, entendeu?

E para finalizar, você acredita que a sua cultura é importante para a escola?

Minha cultura?

Você acha que é?

Eu acho que não.

Por que não?

Não... é que... as vezes... por exemplo... minha cultura.... *(silêncio)*... não sei... não, eu não acho, não. Não acho nada.

Não acha nada?

Não, não, não. Não, não acho. Eu me perdi agora. *(silêncio)*

Então, assim vamos falar do Carlos. Todo o conhecimento do Carlos em buffet, em trabalhar com pessoas, em fazer comida, em conseguir ter noção de como contemplar uma festa, porque eu tenho ideia de que não é fácil, imagino que não seja fácil.

Não, não é fácil.

Não só o momento da festa, mas todo uma organização por trás. Um cara que trabalha para caramba, que se dedica para caramba na vida dele, não só na vida, mas na família também, que você trouxe pra gente um pouquinho dos seus filhos.

Eu gosto de comer bem, gosto de comer bem. Então assim, para comer bem, tem que trabalhar.

Com certeza.

Entendeu?

E você acha que esse cara não é importante pra escola?

Ah, com certeza.

Com certeza é Carlos, com certeza é. A sua cultura, o seu conhecimento, o seu saber, da sua esposa que também está aqui na escola é muito importante pro ambiente da escola. Porque é obvio que quando vocês vêm para cá, vocês vêm muito assim na figura do professor, né? Isso é natural, o professor tem o conhecimento, só que não é assim. Vocês também têm muito conhecimento. Se quando as crianças, seus filhos... Sua filha está com 12 anos, né? Ela está no sétimo ano.

Está no sexto, 12 anos.

No sexto ano, né? Então, ela, com a idade dela, com certeza, numa conversa na escola, ela fala um monte de coisas que ninguém sabe não é verdade?

Isso é verdade.

Então porque o Carlos, com 49 anos, não tem nada para contribuir na escola?

É tanta gente que tem aqui que a gente acha que não, né.

Você e todos os outros estudantes... Tem muito conhecimento. A EJA, ela tem é esse diferencial, vocês chegam com muito conhecimento, conhecimento de vida, trajetória de vida, identidades, porque vocês já têm experiência de vida.

Às vezes eu fico até emocionado, é até complicado, porque quando você falou isso, meu pai, meu pai que é meu avô né, ele expulsou cada filho quando fez 18 anos, 20 anos, tenho algumas irmãs que saíram foram embora antes porque namorou e...

Ele mesmo mandou embora?

Cada um seguiu seu rumo. Mas assim eu vou dizer a minha história, vou começar de novo. Com 19 anos meu pai me expulsou de casa e eu segui meu rumo. Chegou pra mim e disse “ó você tem um mês pra encontrar uma casa pra morar”. Na mesma hora que ele falou isso eu peguei as minhas coisas e saí. Fui morar um ano sozinho. Pagando aluguel. Depois ele me deu um terreno, ele esperou, eu sabia que ele tinha um espaço, mas não me deu. Ele esperou um ano. Quando chegou um ano, me chamou “tem aquele terreno aqui, você tem três meses para levantar alguma coisa, se você não levantar eu vou te tomar”

Aí bum, fiz o negócio, levantei, morei e fiquei morando sozinho. Aprendi a fazer comida, cozinhar.

Então você conseguiu construir em três meses.

Consegui. Em três meses levantei. Tive uma irmã que me ajudou me deu “ó tenho um tijolo aqui”. Aí eu levantei, pintei e eu fui casar com 30 anos forçado, 30 pra 31 forçado. Minha esposa e eu a gente tava namorando “ou você me assume ou eu vou embora agora pra Bolívia”. E estamos aí até hoje. Vai fazer 20 anos. É o que eu sempre falo pro meu filho, “ó, eu não te forço você a trabalhar”, não forço entendeu? Tô te dando do bom e do melhor. Ele também faz por onde. Eu sempre falo pra ele, minha vida não foi mole, antes das Sendas eu trabalhava na Central engraxando sapato, na casa do menor aprendiz. Ficava ali na rua, na rua da Central do Brasil engraxando sapato.

Isso antes dos 14.

Isso antes, eu entrei pras Sendas, não me esqueço nunca, foi dia 14 de agosto, como eu faço em janeiro, eu entrei nas Sendas dia 14 de agosto.

Com 14 anos?

Com 14 anos.

Mas era de carteira assinada?

Era de carteira assinada.

Carteira assinada com 14 anos?

14 anos.

Caramba. E Carlos você conta pra gente sobre o seu retorno pra escola, o seu pai que era muito incisivo com você para você decorar as coisas de matemática, mas o que foi que te afastou da escola?

Meu pai de sangue mesmo me batia. Meu pai de sangue me batia pra poder aprender. Tinha até meia noite e pouca aprendendo. Eu apanhava de palmatória, ele era baiano né, aí eu apanhava de palmatória. Aí meu pai/meu avô ficou sabendo e me pegou de volta, porque quando eu nasci meu pai só foi me ver quando eu já tinha 3 anos de idade. Com 5 anos eu fui morar com ele, com 8 anos eu comecei a apanhar aí meu avô me pegou de volta. Então assim minha vida foi meio complicada, né? Então meu avô falava assim, ou estuda ou trabalha. Aí eu comecei a trabalhar. Acordava 5 horas da manhã pra capinar o quintal e por aí vai.

Aí por essa opção não é de estudar ou trabalhar, aí você abandonou a escola?

Abandonei a escola. Parei de ir.

Ninguém, de fato, te tirou.

Não, não, não. Eu até cheguei a estudar a noite. Ali perto da praça Granito, até tentei estudar a noite, mas eu não tava com cabeça, era paquerador, então assim, não valia nada, aí eu larguei a escola.

Entendi. Bom Carlos, é isso. Espero que eu tenha ajudado a transformar esse seu olhar de que a sua cultura não é importante pra escola. Ajudei um pouquinho?

Todo mundo é importante, né. A educação é importante.

Vocês têm muita coisa para contribuir. O nosso projeto é um pouquinho nessa ideia. A gente quer trazer para vocês esse espaço de autorreconhecimento, sabe? Se reconhecer também como parte da escola. A escola é muito necessária, porque vocês estão nela.

Bom, então pra gente finalizar, eu vou te propor mais uma coisa. No início, antes da gente conversar, você disse para mim que matemática era trabalho. Matemática é trabalho. Depois da nossa conversa, de tudo que a gente falou sobre matemática, sobre a nossa vida, sobre a sua vida, sobre a sua trajetória, eu queria te propor escrever uma outra palavra que representasse a matemática para você. Não sei se mudou alguma coisa. Eu entendo que a ideia de trabalho é muito forte para você. Ao longo de toda a nossa conversa, você falou muito sobre trabalho, mas se alguma outra palavra surgiu ou pode surgir...

Não nenhuma... Bom... Filhos.

Por que você pensou na palavra “filhos” assim?

Porque meus filhos, assim, pra mim é tudo. Eu nunca pensei em ter filhos, nunca pensei em ser o pai que eu sou hoje. Ainda mais pelo que eu vivi com o meu pai de sangue que mesmo me respeitando eu nunca desrespeitei ele. E hoje eu consigo passar tudo o que eu vivi pros meus filhos.

Ah que bom ouvir isso, Carlos. Muito obrigada pela nossa troca. Foi muito especial aprender com você.

APÊNDICE L – ENTREVISTA COM A COLABORADORA DENISE, 57 ANOS

E aí, você está bem?

Sim, tô bem.

Que bom! Eu tava com saudade de você, Mó tempão que eu não te via.

É porque eu moro sozinha e faço negócio de salgado, doce, essas coisas, pra ajudar, né, no mês. Aí quando aparece as coisas eu vou fazer, e eu faço muito na casa das pessoas. Eu não faço diretamente em casa, muito difícil.

Você vai para a casa da pessoa para fazer...

É para as coisas, entendeu? E fiquei com um problema no dente também, que eu *abstrai* um dente, aí levei ponto, entendeu? A dentista, ficou muito preocupada, falou para mim não sair de casa, para mim não fazer nada que tava muito calor.

Que dente é complicado, né.

Por causa da idade também, né? Ela ficou com medo de coisar, eu tomei três anestésias, levei quatro pontos. Aí ela falou “tem certeza que não tá sentindo nada”, aí eu “não, não tô”.

Tá tomando bastante líquido, colocando gelo...

“Não fica no sol”, “não anda não sei o quê”, “não faz isso”, ela ficou muito preocupada comigo. Eu tô acostumada com essas coisas, porque de onde eu venho não tem isso, né. Lá a gente não para um minuto. Mas aí ela falou tanto, tanto, tanto que eu achei até melhor parar mesmo.

E você pega o conteúdo rapidinho.

Pego sim, eu gosto de estudar.

Ai, que bom, ó, vamos começar. A primeira coisa que eu queria propor para você, que eu fui propondo para todos os colegas, era que assim, em uma palavra ou em uma frase, algo bem curto, você escrevesse aqui nessa folha, o que matemática é para você? O que matemática representa na sua vida ou o que é que você acha que a matemática é?

Em uma palavra?

Uma palavra ou frase, fica à vontade.

(silêncio enquanto escreve)

Pra mim é isso, move tudo.

Matemática, move tudo. Bonito. É uma boa frase pra gente começar a nossa conversa. Denise conta um pouquinho de você para mim. Sua idade, sua profissão, profissão que você já teve...

Tenho 57 anos, sou pensionista do INSS. Tenho 3 filhos, 5 netos. Mas assim, eu sou bem ativa. Sou de escorpião, gênio bem difícil, bem quieto e mineira, um tipo mais observador. Eu me acho assim autêntica. Eu não sei gostar quando eu não gosto, entendeu? Se eu não me sentisse a vontade com você eu não estaria aqui. Iria pedir mil desculpas, mas eu não ficaria.

E que motivos te trouxeram de volta para a escola, Dê?

Todos, todos. Primeiro, porque eu quero aprender, entendeu? E assim, eu fui criada pelo meu pai, entendeu? E o meu pai sempre falou pra mim assim “você é minha doutora”, sabe? O pai sempre disse isso, e isso ficou muito dentro de mim. Desde pequenininha. Doutora Denise. E isso ficou lá dentro. E eu gosto de estudar, sempre gostei. É por que com as dificuldades da vida, essas mudanças de pra lá e pra cá. Tive filho com 19 anos aí fui trabalhar e ficou mais difícil. Mas eu gosto, e eu sempre quis,

terminar os estudos, entendeu? Continuar a estudar. Ainda mais agora que tá tudo tão bonito de se ver. Tudo tão pra frente.

Você começou agora na escola ou está desde o ano passado?

Não, eu comecei esse ano. Depois das férias. Eu fiz a inscrição na ação social que aconteceu lá perto de casa. Aí passei, fui nessa ação social e perguntei “eu posso estudar?” aí ela falou “pode, pode sim”. Aí eu fiz a matrícula lá e ela me encaminhou pra vir pra cá.

E assim, você se afasta da escola quando é mais nova, por demandas da vida mesmo?

É, só isso. Foi por isso mesmo. Sabe aí depois que meu pai faleceu aí ficou muito difícil. Eu trabalhava em casa de família desde os 11 anos. Eu não tinha nem altura para o fogão. Eu botava um tijolo assim pra cozinhar, porque eu amo cozinhar, eu adoro cozinhar.

Ah, que legal.

Cozinhar, lavar, passar, eu adoro coisas de casa. Eu mesma faço minhas coisas todas. Eu moro sozinha.

Se organiza toda... Entendi.

Gosto de tudo limpinho, organizado. E gosto de trabalhar, de estudar. Depois eu trabalhei. Quando na época do meu pai, eu estudei, fiz até a quarta série. Na mesma escola com a mesma professora. Antigamente era assim. Você estudava da primeira à quarta série. Eu fiz até a quarta série, aí depois ficou difícil. Meu pai se mudou dali, nunca mais eu pude ter uma vida certa, para poder ter uma escola, entendeu? Porque ele separou da minha mãe, aí ele dizia que a minha mãe tinha morrido e a minha mãe não morreu. Aí ele ficava mudando, mudando, mudando para lá e pra cá, pra minha mãe não achar gente. É aí depois que a gente cresceu que a gente foi ter uma estabilidade pra poder ficar em um lugar só. Mas aí veio as coisas acontecendo, né? A gente tem que trabalhar, né?

Dos quatro irmãos, você é a mais nova?

Não, eu sou gêmea. Nós somos 4, Deise e Denise, a mais velha é a Cida, e o rapaz que morreu, entendeu? Meu irmão que faleceu.

Ah sim, entendi.

(Silêncio)

E o que você entende por matemática?

Saber, saber, matemática te faz saber. Te faz aprender. Porque tudo é soma, tudo é divisão, tudo é multiplicação. A matemática, ela se engloba em tudo, sabe, até nas palavras você tiver que contar uma sílaba, você conta de um até as quatro, né? Quer dizer, a matemática é um saber. Ela move tudo.

Você até botou isso na sua frase inicial, né? Matemática move tudo.

Até para você aprender... Quantos vogais tem? Cinco. Tem que contar de um a cinco, então, começa daí.

E você acredita que só existe uma matemática?

Não, eu acredito que tem várias formas de matemática. Várias, formas.

Você pode me dar um exemplo?

(silêncio)

Acho que a vida, entendeu, a vida. É o que eu falo, a matemática move tudo.

No seu cotidiano, no seu dia a dia, me dá um exemplo da presença da matemática no seu dia a dia, fora do ambiente da sala de aula.

Primeira coisa, o horário. Você tem que ver as horas. Tem que saber cronometrar seu dia. Você vai adequando seu dia com a matemática. O seu dia começa que horas? Você tem que saber. É movimento, a matemática está em todo momento.

Você acredita que a escola ela pode te auxiliar na construção de um futuro melhor?

Muito, muito, diretamente e indiretamente.

Como assim, diretamente, indiretamente?

Diretamente porque é presencial, né? Sendo presencial já tá me ajudando muito. Porque desde o momento que eu já boto aquele movimento na minha cabeça que eu tenho que ir pra escola, que eu tenho que organizar meu dia, meu horário para mim poder vir para escola, isso já movimenta a minha vida de uma forma positiva. E indiretamente porque mesmo que eu não continue, as coisas que eu aprendi vão ficar ali, pra mim, entendeu?

Então, estar aqui na escola, é você almejar esse futuro, né?

E continuar, porque antes tinha empecilho de eu continuar. Hoje não. Hoje eu dependo de mim, da minha vontade. Porque hoje tudo é mais fácil. E o acesso é mais fácil, o querer, agora é só eu. Agora não tem mais filho, não tem mais marido, não tem mais pai, tem mais mãe, agora é eu.

E agora você vai buscar...

Aquilo que eu quero pra mim.

E o que você quer é estudar?

É estudar.

E existe sonho por detrás disso, Denise? De querer estudar. Existe um depois? E depois de terminar os estudos?

Continuar, aprender, fazer igual todo mundo faz. Eu vejo na televisão “fulano tá fazendo doutorado”, “fulano tá se especificando nisso, naquilo”. E eu ainda pretendo descobrir o que eu quero ser quando crescer. Que eu ainda não sei. Em termos de estudos, entendeu? Eu ainda tô assim, buscando aquela vontade pra mim descobrir o que eu quero fazer depois que acabar os estudos. Pra continuar. Pra não me desmotivar.

Com certeza.

Você fazendo o que você gosta, você vai embora, você quer, quer, quer, quer fazer, fazer, fazer, fazer... Eu gosto de ler, eu gosto de escrever, gosto de ouvir, sabe?

Hum, Hum.

Eu não sou pessoa de ficar vendo novela, Facebook. Minha rede social é a mais prática possível. Só pra movimentar meu dia. Eu não tenho Instagram eu não tenho nada, não gosto. Eu gosto de aprender. E como eu fui ao longo da vida, a gente via muita reportagem, jornal nacional, só reportagem, meu pai era disso. Então tudo isso ficou. Eu não tenho aquela paciência que todo mundo tem de ficar no celular. A não ser assim eu vou lá e vejo uma receita, algumas coisas que falam aqui na aula eu vou lá, anoto e vou lá pesquisar, porque tá diferente da forma que eu aprendi, então eu vou lá pra ver, porque você tem que de uma certa forma se modernizar. Por isso que eu presto atenção no que ela (*a professora*) tá falando, para entender. Não interessa o que eles estão lá falando o que interessa é a forma como ela fala que entra na minha mente para eu poder aprender.

Então você também usa as redes sociais para pesquisar coisas da escola? Que vão te ajudar nos estudos?

Pra pesquisar coisas que vão me jogar pra frente.

Para esse futuro que você não sabe como vai ser, mas que você quer continuar trilhando, né?

Isso aí.

Legal. É, continuando nessa linha do que te motiva e tudo mais, o que você entende por aprender? O que é aprender para você?

Ó, é uma coisa muito boa, mesmo muito. Gosto demais da conta de aprender, entendeu? Mas é tudo. Porque assim, eu tenho sou do tempo que cozinhar era como meu pai me ensinou, entendeu? Arroz, feijão, é os temperos normais, entendeu? O meu princípio é esse. Porque eu cozinho a moda é antiga, entendeu? Claro que eu sei fazer as coisas novas, por quê? Porque eu fui lá e comecei a pesquisar e ver como é que faz agora as coisas diferentes. Não é mais como antigamente. Quando eu comecei a cozinhar era fogão a lenha. Olha quanta coisas mudou. Agora já sei usar o micro-ondas, usar uma panela de arroz, tudo digital, entendeu? Isso tudo é a forma de aprender, é isso que eu gosto. É de aprender. Na escola, no dia a dia, eu gosto de aprender.

É engraçado, porque a primeira palavra que você usou na nossa entrevista depois que se apresentou foi que você quer aprender. Então assim, a todo tempo você deixa isso muito claro, né? Que a sua sede, a sua vontade é de aprendizado. E você acha que a gente só aprende no ambiente da escola, Denise? Só na escola que a gente aprende.

Não, não.

Você trouxe até alguns elementos, né? Você aprende sozinha, estudando, pesquisando. É possível aprender fora da sala de aula e fora também dessas pesquisas que você faz?

É, é possível, se você for participativa, entendeu? Se você for uma pessoa participativa, aberta, você aprende ouvindo as pessoas. Se você participa de uma atividade que nem eu participo da dança do Carimbó, então você aprende todo o dia. Se você faz o fuxico você aprende todo dia, porque lá tem *n* pessoas que são diferentes de mim, entendeu? Você aprende em todo lugar e todo o tempo você aprende porque nós somos diferentes, né? O meu jeito às vezes não é o jeito da pessoa, entendeu? E isso você tem que tá aberta pra aprender. Se eu segurar a blusa assim (*segurando a blusa com a parte aberta para baixo*) ela não vai cair? Aí chega uma pessoa e me diz “não Denise, assim vai cair, segura assim” (*mudando o saco de posição com a abertura para cima*), isso é uma forma de aprender. Se eu me fechar, pro mundo das coisas e pra tudo o que tiver na minha frente, eu não vou aprender nada. Eu gosto de aprender. Tudo me leva a aprender.

As pessoas também te ajudam a isso, né?

Muito, muito.

No teu dia a dia, no teu cotidiano?

Eu aprendo com os meus filhos, meus netos. Todos os dias.

Fuxico é o quê?

Fuxico é um artesanato que você faz com as linhas e retalho. Linha, agulha e retalho.

É aqueles que ficam igual um botãozinho?

É isso. Que você faz a *bundinha* e com a metragem certinha. Tudo direitinho. Porque tem de vários tamanhos. E com isso você vai formando. Você faz toalha, você faz colcha, você borda, você pode fazer o que quiser. Depois juntando os fuxicos você consegue fazer uma coisa maior. É, isso aí. É porque eu não subi com o meu celular, mas eu tenho várias coisas, depois te mostro.

Eu vou querer ver, com certeza eu vou querer ver. E Carimbó, você dança?

Carimbó, sim.

E a dança é recheada de matemáticas, né.

Sim, é muito alegre. Viver aprendendo te faz ficar alegre, feliz. Porque não é dizer que eu não tive adversidades, eu tive muitas, tive muitas, mesmo. Passei por muita coisa. E eu acredito nessa teoria que você erra, aprendendo. Porque ninguém nasce sabendo, de alguma forma você tem que aprender. Até quando as pessoas me magoam, eu não fico magoada, até porque, assim, eu não tenho religião. Eu tenho muita fé em Deus, mas não tenho religião. Já acordo feliz, penso, poxa, ontem eu não agradei, ontem eu não me voltei pra ver o que eu fiz ontem, porque eu gosto muito disso também, gosto de lembrar o que eu fiz ontem, o que deu ontem. E eu tô sempre feliz, as pessoas falam “nossa você tá sempre feliz”, “mas gente, sô, tem que ser assim”. Porque você tem que ser feliz. A vida é uma receita de bolo, se você deixar de colocar qualquer coisa, o bolo não vai dar certo.

Com certeza. E aí, trazendo um pouquinho agora para a matemática, ela para você é fácil ou difícil?

Para mim, é fácil. Para mim é fácil.

Que elementos ela tem pra ser fácil pra você?

Lógica, ela tem a lógica. A matemática tem a lógica. Você pode fazer ela de todo jeito, de toda forma, mas se você não seguir a lógica não dá certo. Eu não posso contar de 1 a 100 de trás pra frente. Eu tenho que contar de 1 a 100, certo.

E o que que seria uma aula de matemática interessante para você, Denise? Que elementos uma aula de matemática tem que ter para você falar assim, nossa, que aula bacana, que aula interessante?

Primeira coisa, a forma de falar, entendeu? Porque se não falar direito eu não entendo. Uma língua fácil, entendeu? Tem que ser o mais simples possível, entendeu? Uma explicação mais simples possível, simples e como exemplos, entendeu?

E esses exemplos, assim, abstratos ou exemplos do cotidiano?

Abstratos. Da matemática. A gente não tá falando da matemática?

Sim, sim, sim.

Então se tiver exemplos, entendeu, tipo, $2 + 2$, por que que é dois mais dois? Porque $1 + 1$ que aí forma o 2, aí depois você forma de novo, $2 + 2$, entendeu?

Porque a professora que eu tive quando era pequena ela era muito paciente, sabe? E ela falava as coisas de uma forma que a gente entendia.

E quando a gente traz esses elementos de matemática que você está trazendo, exemplo, a forma de falar, mas com questões do cotidiano, do dia a dia, é interessante ou não?

É, é sim, eu gosto. Eu gosto mesmo é de tudo.

Tudo o que se refere a matemática, de problema pra resolver a senhora gosta, né dona Denise?

Gosto, gosto.

Isso é muito bom.

A parte mais difícil pra mim é português. Sabe por quê? Por causa da pontuação. Eu não sei colocar a pontuação, entendeu? É isso que eu queria aprender. Quando usar a pontuação, entendeu? Essa é a forma que mais me deixa triste para estudar é isso, é a forma da pontuação. Eu não sei colocar. Eu sei que quando eu quero fazer uma pergunta bota exclamação.

Interrogação, né?

É, isso, interrogação. Quando você tá surpresa, você bota exclamação. Mas e o resto? A vírgula, quando tem a vírgula, quando não tem. Quando você tá escrevendo e acaba de escrever aí você coloca o ponto porque acabou. Mas e o resto? Porque tem muitos pontos. Muita coisa.

Pois é, tem várias outras funções das pontuações, né?

É, é, se for uma escrita assim muito difícil, eu não consigo ler corretamente. Isso me perturba, entendeu? Porque eu não sei. Eu não sei se é porque eu tenho que ver a pontuação lá na frente...

A senhora pode tentar ler mais pausado e aí vai observando como as pontuações elas estão sendo colocadas. Realmente é a vírgula é mais chatinha de ser colocada mesmo. E assim, agora é sua vez. Pensando que você vai dar uma aula de matemática para sua turma. Que elementos do seu dia a dia que aula que você daria, o que que você traria do teu dia a dia para dar uma aula de matemática?

Culinária, pesos e medidas.

Nossa, direta assim, culinária, pesos e medidas, vou até anotar. Me dá uma explicação aí, como é que você começaria essa aula.

Bem simples, vamos fazer o café. É, vamos botar meio litro de água, 2 colheres de sopa de pó de café. Quantas xícaras vai dar? 4 xícaras de café, viu?

Nossa, a senhora já sabe quantas xícaras de café dá?

É com meio litro de água. A xícara de café. Culinária tem muita matemática. Tem o tempo que você usa. Quanto tempo você deixa no forno? 40 minutos? 30 minutos? Eu daria uma aula de culinária. Aí eu usaria as medidas pra ficar tudo bonitinho, tudo direitinho. Porque antigamente a gente cozinhava tudo de olho. Mas não é assim. Eu trabalhei quase 3 anos no PROJAC, então, na cozinha do PROJAC, eu era a saladeira, pra aprender a gente fazia cursos porque a gente tem que aprender a manusear as facas, os alimentos, lavar, aí tem lá, a lavagem do hipoclorito, já tem lá a quantidade e tudo começa ali. Até pra lavar uma alface você tem a matemática. Porque você tem a dosagem pra usar. Também trabalhei muito com serviços gerais, que você tem que trabalhar matemática também, quantos litros você vai usar, a quantidade, quanto que tem que dar por semana o material. Quanto que você vai usar a semana toda. Quanto vai render o material porque você não pode ficar pedindo toda hora material. “me dá uma água sanitária?”, “me dá isso”, Ué, como é que você gastou essa água sanitária toda, entendeu? Você botou pura no chão? Não, não pode, entendeu? Trabalhei de cobradora de ônibus. Trabalhei de cobradora. Mexia com o quê? Com o dinheiro. Chegava no final do dia, tinha que fazer o quê? O caixa. Tinha que dar certinho. Quanto que você saiu? Quanto que você levou de troco.

Eu lembro dos cobradores sempre avisando e falando sobre isso, muito difícil né.

Muito difícil. A gente tinha que ter tudo anotado direitinho.

Eu vi uma vez que um cobrador tinha até uma colinha de quanto ficaria de troco para cada valor de passagem.

É, isso aí. A gente já fazia a tabela já. Quando você começa você faz a tabela e bota ali do seu lado pra você poder sempre ver. Pra te facilitar. Porque agora que é cartão, porque antigamente era tudo dinheiro. Eu fui muito bem, eu fui muito feliz. Fiz muitas amizades. Mas tem muita gente que não fez, amizade. Porque assim eu sempre trabalhei em carro de horário. Carro de horário é o ônibus que passa sempre ali no mesmo horário. Então sei que você vai pegar o ônibus ali todo o horário todo o dia ali. Chega um belo dia e você fala pra mim “poxa falta 10 centavos” poxa não tem como eu não deixar você passar. Mas tinha coleguinhas minhas que “não, não vai passar”. Poxa já fizeram festa de aniversário pra mim. Aí chega alguém pra mim e fala “poxa Denzinha hoje tá apertado tive que deixar o dinheiro da passagem pro pão”. Aí eu falo pode passar. Porque as vezes a pessoa outro dia pode falar “olha deixa esse troco aí” A passagem é R\$4,95 e ela dá R\$5,00 “ah quero esses 5 centavos não”. Vai dizer que você não tira dali o valor da pessoa que passou e não pode pagar?

Ao longo do dia inteiro né?

É, ao longo de 8 horas trabalhadas... Por que não ajudar? Então eu fui muito feliz, sabe? Muito feliz mesmo. Em todo lugar que eu trabalhei eu fui muito feliz.

Mas a senhora emana felicidade falando dessas profissões.

Muito, muito, muito. Eu não vejo problema. As pessoas veem problema em tudo. As pessoas implicam com tudo, sabe. Eu não acho isso legal. Eu acho que você deixa que aprender, sabe. Deixa de aprender. É essa vontade de aprender minha que me faz ser assim, entendeu? Eu tenho vontade de aprender, entendeu? Muita vontade de ser e aprender.

A senhora é uma linda, sabia? E para a gente finalizar essa linda entrevista, queria perguntar para a senhora, se a senhora acredita que a sua cultura quem você é importante para a escola?

Muito mesmo. Todos nós aqui. Porque senão tivesse o aluno não precisava do professor. Por que o professor vinha da aula pra quem? Então, eu sou importante, entendeu? Todos nós aqui somos importantes. Da mesma forma que eu acho lindo ser professora. Não me vejo sendo uma professora, mas eu acho lindo. Procuo fazer a letra igual à da professora porque o jeito que ela escreve eu acho bonito, sabe. As letrinhas, tudo certinho, acho lindo. O jeito que ela fala. A Monique é uma pessoa muito legal, sabe? Muito legal mesmo. Você não vê ela em momento nenhum constrangendo a gente. Em momento algum. Porque o que tira de verdade, realmente um aluno da idade da gente da escola é o constrangimento. E ela em momento algum fez isso. E isso motiva muito, entendeu? “Ah porque a gente não vai encontrar todos os professores dessa forma”, mas já valeu apenas entendeu, ter encontrado primeiro ela.

A porta de entrada ser a professora Monique foi muito importante, né?

Porque se fosse uma pessoa diferente dela, a gente teria desistido. No primeiro dia, na primeira semana, entendeu?

Ai, que bacana. Foi um prazer a nossa conversa dona Denise. A senhora gostou? Gostou de bate-papo? A gente falou 42 minutos, caramba.

Prazer foi meu, eu gostei muito.

Pra gente poder encerrar, a senhora escreveu uma frase já no início da nossa conversa. A senhora disse que a matemática move tudo. E depois da nossa conversa, desse nosso bate papo, eu queria propor que você escrevesse uma outra palavra ou frase que venha a sua mente sobre o que é matemática pra você. Tem alguma outra palavra ou frase que venha a sua mente?

(silêncio)

A matemática é saber, é o desenvolvimento.

Muito obrigada dona Denise. Suas palavras são de inspiração.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **Movimentos itinerantes em marcha: justiça social e matemáticas menores na Educação de Jovens e Adultos**, conduzida por Mariana Barbosa Cassiano. Este estudo tem por objetivo identificar matemáticas menores que florescem das experiências de onze estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola municipal Vereador Orlando Hungria do município de Nilópolis, no Rio de Janeiro, trazem de sua vida cotidiana.

Você foi selecionado(a) por estar matriculado na modalidade de ensino da EJA no turno noturno da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria e por se acreditar que a pesquisa a ser desenvolvida tem muito a acrescentar na valorização da cultura escolar da EJA, bem como valorizar os saberes desenvolvidos pelos estudantes em seus contextos socioculturais. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Pode ser que você sinta cansaço ao responder às perguntas da entrevista; pode sentir desconforto ou constrangimento durante as gravações de áudio e vídeo; também pode ter alterações na autoestima provadas pela evocação de memórias dada a natureza da pesquisa; pode também ter alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sua cultura e a valorização de aspectos socioculturais.

Entretanto, os possíveis riscos quanto à sua participação nesta pesquisa podem ser considerados como mínimos, por se privilegiar um espaço de escuta atenta de todos os sujeitos envolvidos, desenvolvendo-se a empatia e a partilha de saberes durante os encontros propostos, para que o participante não se sinta desconfortável com nenhuma das perguntas, podendo sinalizar caso não queira responder a alguma (este pedido será atendido imediatamente pelo pesquisador). Caso ocorra algum desses riscos pontuados acima, pensa-se como estratégia o acolhimento deste sujeito por parte da pesquisadora em questão, assim como pretende-se manter o total anonimato até o final do processo, caso este seja um desejo do participante.

Sua participação na pesquisa não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes, por se utilizar o espaço da Escola Municipal Vereador Orlando Hungria e todo material será custeado pela pesquisadora.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em participar das entrevistas a serem realizadas pela pesquisadora com relação à suas experiências de vida, seja no ambiente de trabalho, contexto social, cultural, vida familiar e em comunidade. Nosso objetivo é registrar saberes matemáticos plurais e diversos que valorizem os estudantes da EJA dentro de suas realidades de vida e potencializem esta modalidade de ensino dentro de todo o cenário educacional. As entrevistas acontecerão dentro do ambiente escolar, em uma sala de aula vazia, disponibilizada pela direção da escola. Cada entrevista terá duração máxima de 45 minutos. Sendo necessário mais tempo, será marcada uma nova data para a continuação da entrevista, de modo a não cansar os participantes. A entrevista será direcionada pela pesquisadora Mariana Barbosa Cassiano e apenas a mesma juntamente com o participante estarão na sala de aula. As entrevistas serão semiestruturadas, terão algumas perguntas norteadoras e outras que poderão surgir a medida em que o diálogo se consolida entre pesquisadora e depoente. O participante pode ficar à vontade para não responder a qualquer pergunta que se sinta constrangido ou desconfortável.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação, salvo decisão previamente manifestada pelo participante, em questionário assinado, expressando o desejo de ter seu

nome e informações divulgadas a fim de vinculação para a pesquisa que culminará na exposição itinerante.

A entrevista será gravada para posterior transcrição. Na divulgação dos resultados será necessário utilizar sua imagem em foto e/ou vídeo e/ou a gravação feita em áudio. Você precisa concordar com esse procedimento de cessão de direito de imagem e som.

O pesquisador responsável se compromete a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Caso você se sinta prejudicado, o parágrafo IV.3, os itens (g) e (h) da Resolução 466/12 garante os direitos de ressarcimento e indenização (se necessário): "g) explicitação da garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes"; e "h) explicitação da garantia de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa." Há também base na Resolução 510/16, no Artigo 9, nos itens VI e VII: "VI ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa".

Contatos do pesquisador responsável: Mariana Barbosa Cassiano, professora, Rua Antônio Cardoso Leal, 56, Centro, Nilópolis, Rio de Janeiro, maribcassiano@gmail.com, (21) 98351-8881.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, sala 3018, bloco E, 3º andar, - Maracanã - Rio de Janeiro, RJ, E-mail: coep@sr2.uerj.br — Telefone: (021) 2334-2180. O CEP COEP é responsável por garantir a proteção dos participantes de pesquisa e funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, de 10h às 12h e 14h às 16h.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2023.

Nome do(a) participante: _____ Assinatura: _____

Nome do(a) pesquisador: _____ Assinatura: _____